



DÉBORA MARIANO

MARCELO SANTOS

OS SEGREDOS DE UMA NOITE





Os Segredos de uma Noite

**Débora Mariano
e Marcelo Santos**

Capítulo Um – Conto de farsas

Bom e ruim. O último dia de aula é sempre assim, dúbio. Bom, porque Melanie poderia, enfim, dar um tempo em matemática, física e gramática. Não necessariamente nas matérias, mas em Nair, Cida e Vitória, os professores que as lecionavam e que, hora sim, hora não, achavam pequenos motivos para perseguirem-na. Ruim, porque iria ficar longe da escola, da biblioteca e dos amigos. Claro, não precisaria sentir saudades das amigas mais próximas, porque essas

ainda estariam presentes,
certamente, em quase todos os dias
das férias. Ainda teriam as tardes no
shopping, os fins de semana na
praia, os shows e as festinhas de
aniversário. Mas sentiria falta, sim,
da sala de aula em geral. Das brigas
por maquiagem ou qualquer outra
razão ainda mais banal, das disputas
pelos melhores lugares nos jogos e
apresentações da equipe de natação,
das brincadeiras que só ela e as
amigas conseguiam entender.
Daquela menina doida, Renatinha,
que não tirava o mesmo moletom
com capuz. Do menino que, toda
semana, recebia um novo apelido e

que só sabia dormir na carteira. Da outra menina, Mayah, que só sabia falar da mesma bandinha de rock. Afinal, eles todos também eram para Melanie como uma banda; não poderia faltar um que a música desafinava.

- Mel, já deu minha hora. – disse Carol, oferecendo o rosto para o beijinho de saída – Não esquece; depois das sete, no MSN, hein?

- Combinado. - respondeu Melanie, enquanto retribuía o beijo.

- Olha lá. Todo mundo vai entrar na mesma hora.

- Ok! Pode deixar.

Carol saiu distribuindo

beijos e sorrisos. Alegre e comunicativa, a amiga de Melanie era sempre o centro das atenções. Nascera para ser miss popular. Já Melanie, sabia que jamais poderia ocupar esse posto; era mais introspectiva, mais na dela. “Amigas por acidente”, era como considerava essa relação. Até estranhou ter feito amizade justamente com a mais popular de todas as meninas. Quando chegou ao colégio, Melanie ainda usava a cor roxa no cabelo. Na verdade, a maioria de suas roupas contém, mesmo que em pequeno detalhe, a sua cor predileta. Mas, por essa época, seus cabelos

tinham voltado ao castanho-escuro, embora o roxo ainda não houvesse saído da sua vida. Sempre está lá, ou na estampa da camiseta, ou no inseparável All Star.

Melanie sentiu que estava na sua hora; deu uma olhada geral na galera, sugeriu um tchau meio sem graça e saiu. A garota sentia o coração pesado ao atravessar, pela última vez naquele ano, o portão da escola. Olhou com candura os desenhos, pintados pelos próprios alunos, no muro do colégio. Ela não havia participado da criação do desenho que fora feito no início do ano, nas aulas de arte, mas

simpatizava com ele. O tema escolhido fora preconceito, e ela sabia muito bem como as pessoas poderiam ser rudes, quando ainda não a conheciam. Melanie tinha consciência de que mais difícil do que fazer as novas amizades era ter que as abandonar pelos próximos meses. A garota entrara no meio do ano, quando todos estavam bem entrosados, e ela, outra vez, sentia-se uma intrusa na colmeia.

A mãe, Flávia, tinha o péssimo hábito de mudar de emprego e, conseqüentemente, de cidade. Isso dificultava para Melanie, que sempre precisava iniciar novas

amizades.

Era um processo cansativo; afinal, existem pessoas de todo o jeito. Algumas favorecem a aproximação, já outras parecem ter algum tipo de repelente natural sobre a pele. Namorado, então, nem pensar! Se quisesse manter um namoro mais duradouro, teria que ser com algum dos garotos das séries de TV.

Melanie cruzou a rua e logo avistou o carro da mãe: um Fiesta quatro portas, prata, já há quase cinco anos na família, com um saliente amassado do lado direito perto da porta. Flávia disse que um descuido qualquer batera no carro

e fugiu. Mas Melanie sabia que a história podia ser outra, já que conhecia muito bem a condição de barbeira da mãe.

- Quero que a garotinha fique sabendo que faz 20 minutos que estou a esperando.. – disse Flávia, querendo parecer irritada; Melanie sabia que não devia fazer nem cinco.

- Último dia, mãe. Esqueceu? – respondeu ela, ainda parada do lado de fora.

- Quer um convite impresso para entrar?

- Não. Só estou dando uma

última olhadinha. Quem me garante que será neste colégio que irei estudar no ano que vem?

- O futuro a Deus pertence minha filha. Agora rapa pra dentro, que a mim só pertence o direito de chegar na hora.

A tal “olhadinha” a que Melanie referia-se tinha nome: Bruno. Típico garoto-ímã, aquele que atrai todas as atenções para si. Durante esses meses, ele fora seu sonho de consumo da vez. Bonito, de sorriso conquistador e popular. Além de Melanie e de suas amigas, 99 % das mulheres do colégio se

interessavam por ele. No restante, podia-se colocar a diretora, as professoras, as atendentes e as faxineiras. Se bem que aquela estagiária demonstrava ter uma queda bem acintosa para o lado do bonitão... Melanie, antes de sair, vira que Bruno ainda estava no pátio, perto da cantina, na já tradicional rodinha de amigos. Ela desejava, naquele instante, antes de entrar no Fiesta, poder vê-lo só mais uma vez! Poderia manter a imagem final guardada na memória, durante os próximos meses.

- Meu Deus, Mel! Tenho

hora! – alertou Flávia, agora irritada de verdade – E ainda tenho que passar na escola do Nicolas.

- Ok! Calma, que já estou indo.

Melanie deu a volta no carro, mas sem perder a atenção no portão de saída. Foi o mais devagar possível; mas era um Fiesta, um carro pequeno, não um Hammer. Nem sinal de Bruno. Teria que entrar de qualquer jeito.

“Ah! Que bobagem! Ficar esperando um cara que não me deu moral nenhuma nesses cinco meses.” – pensou Melanie enquanto entrava

no carro.

- Até que enfim! - disse Flávia, ligando a chave e a seta para saída – Pensei que queria criar raízes aí fora.

- Já disse; só estava me despedindo. – respondeu ela, um pouco chateada – Agora, então, já pode ir, Schumacher.

Flávia balançou a cabeça sorrindo. Instantes depois, estavam as duas seguindo pelas avenidas de Curitiba. O colégio de Melanie dava uns 20 minutos, mais ou menos, da escola na qual Nicolas, seu irmão, estudava. Que, por sua vez, dava 20

minutos da casa em que moravam. A escola do garoto ficava entre os dois pontos. Nicolas, na verdade, era meio-irmão de Melanie, filho de Edgar, ex de Flávia que a abandonou uns dois anos atrás, para voltar com a ex-mulher que já o tinha abandonado para ficar com outra mulher, antes de conhecer Flávia. Parece doideira, confuso; mas é a vida. O garoto estava do mesmo jeito, parado, sozinho, encostado ao muro, esperando. Ele viu o carro e correu para encontrá-las. Flávia nem havia estacionado direito, e Nicolas já estava a postos para entrar.

- Viu? Isso é ser eficiente.
- disse Flávia, com orgulho contido.

- Não, mãe. Isso é ser antissocial. - refutou Melanie, enfatizando a conduta do irmão, já que, toda vez, ele estava no mesmo lugar, sozinho, esperando as duas; enquanto os seus colegas permaneciam sempre em grupos esperando os pais.

- Nossa, menina! Morderam você na escola hoje?

- Difícil, mãe. Para morder tem que se arriscar a chegar perto.

- E pensar que você está estudando para, um dia, quem sabe,

virar chefe! – disse Flávia, já olhando pelo retrovisor se o filho havia colocado o cinto – Ai daquele que for seu subalterno!

“Bem que poderia ser aquele garoto metidinho da escola...” – pensou Melanie, considerando ser uma boa alternativa para se vingar de Bruno.

- Como foi na escola hoje, filho? – perguntou Flávia, mais uma vez olhando para o filho pelo retrovisor.

- Até que foi bom. – respondeu Nicolas – Me acertaram uma pedrada na cabeça.

Flávia olhou rapidamente para trás, quase se desconcentrando do trânsito. Ela tentava visualizar algum ferimento. Melanie olhou para o irmão pensando: “Se esse foi um dia bom, dia ruim é só se cair um satélite da Nasa na cabeça dele.”

- Machucou você, meu filho? – perguntou a mãe, preocupada; agora olhando a cada instante pelo espelho.

- Não, mãe. Eu estou legal. – disse ele, despreocupado.

- Por que fizeram isso? – perguntou Melanie.

- Eu bati em um menino.

Melanie riu e recebeu um olhar de reprimenda da mãe.

- Por que você fez isso, garoto? – perguntou Flávia, não escondendo a irritação.

- Ele falou que você e meu pai não moram juntos por culpa minha.

Flávia mordeu os lábios. Melanie percebeu que a situação mexia com o ânimo da mãe. Nunca foi uma situação fácil, nem para ela, nem para Nicolas. Apostara num relacionamento que só lhe trouxe complicações. Mas o que mais o fedelho poderia querer? Ele sempre

podia ver o pai quando quisesse; era só ligar. Edgar morava em outra cidade, mas ainda assim era perto. Agora, ela não tinha a mesma sorte. Nem mesmo a voz do pai por telefone poderia ter. Nem uma foto sequer para olhar. Assim mesmo, de vez em quando, sentia falta do homem que nunca conhecera.

A casa em que moravam, nessa época, era um pouco menor. Melanie, mesmo assim, apreciava-a mais do que a anterior. Na entrada da cidade, de quem vem de Campo Largo, pouco depois do Parque Barigui. A cor bege-claro da casa

contribuía com a preferência da garota. Tinha apenas dois quartos e o básico; sala, cozinha, banheiro, mas já era suficiente para Melanie sentir-se bem. Não tinha boas lembranças da última casa em que vivera, na última cidade de onde vieram: Londrina. Sofreram uma invasão que traumatizou a todos. Um marginal entrou na casa, mesmo eles estando dentro, dormindo. O bandido não roubou nada; nem mesmo a polícia soube explicar como ele entrara, já que nada foi arrombado. Mas Melanie ainda se lembrava da real presença de uma

peessoa, dentro do seu quarto, observando-a ao dormir. A garota acordou por dois motivos: era uma noite quente de verão, e ela sentiu o corpo todo gelar de repente. E, também, por ter o sono leve, pôde sentir uma respiração descompassada e ofegante próxima a ela. Estava escuro. Não conseguiu visualizar o rosto daquele que estava oculto pelas sombras. O pequeno fecho de luz que entrava pela janela apenas revelava sua postura. Com um terno, parecendo requintado, ele estava sentado ao lado do armário, com as pernas

elegantemente cruzadas. Melanie teve o ímpeto de clamar por socorro. O invasor pareceu perceber e levantou-se. Ela fechou os olhos e gritou. Quando novamente abriu-os, o invasor não estava mais lá. Flávia acordou e correu em desespero para o quarto da filha; chamou a polícia e, tempo depois, os policiais vieram, remexeram tudo e nada encontraram. Chegaram a sugerir que fora apenas um sonho, um pesadelo. Mas Flávia tinha o discernimento de saber quando a filha não falava a verdade. O que, certamente, não era o caso.

Melanie não se contentou somente com o crédito recebido da mãe. Utilizando seu instinto, adquirido por algumas horas assistindo CSI, encontrou algo que os policiais não perceberam. Debaixo da cadeira, bem escondidas no assoalho, algumas gotas de um líquido que lembrava sangue. Melanie sabia que, até antes de se deitar, não havia ali gota de coisa alguma. Talvez o tal invasor estivesse ferido. Ou, pior, ferira alguém. Dias depois, ela sentiu falta de um objeto: uma caixinha de música que mantinha guardada. Era

de sua mãe, que passou para ela quando nasceu. Estava guardada porque tinha quebrado, e a sua melodia, tão familiar à Melanie, não podia mais se ouvir.

Como de costume, a chave da porta sempre emperrava. Flávia girava com cuidado, com medo de quebrá-la. Depois, daria um trabalhão ter que trocar a fechadura, por causa do pedaço da chave que ficaria emperrado. Era serviço para homem, e o único da casa mal sabia consertar os Transformers que possuía. Melanie já entrou abandonando a mochila no sofá

enquanto procurava o controle remoto da TV. Nicolas correu para o banheiro.

- Hei, mocinha! – disse Flávia, apertando o botão da secretária eletrônica – Não sabe onde guarda isso, não?

- Claro que sei, mãe. – respondeu ela, pegando de novo a mochila – E “isso” é uma mochila.

Flávia apenas fez mais um gesto apontando a porta do quarto. Melanie seguiu arrastando a mochila, enquanto ouvia a voz mecânica da secretária avisando que tinham duas mensagens. Curiosa,

como sempre, ela parou no corredor para ouvir.

“Oi, Flávia... É a Leonora...” - Leonora era colega de trabalho de Flávia. “Seguinte, uma e meia tem reunião aqui na imobiliária.”

Flávia já trabalhara em muitos ramos de atividade. Inclusive já fora revendedora de cosméticos e até trabalhou com massoterapia. Agora, era corretora de imóveis. Uma de suas tantas habilidades adquiridas forçosamente.

“E já vou adiantando...” - a mulher diminuiu o tom da voz

como se cochichasse - “O Seu Mathias está fulo da vida com você. Acho que você já deve saber o que irritou tanto o homem, não é?”

Flávia até gostaria de não saber. Mas o seu fraco desempenho, depois de tantas promessas de ótimos negócios, alardeado por ela no início da contratação, seria a razão do mau humor do chefe.

“Beijão, querida, que já estou indo almoçar. Até depois.”

Melanie pensou, depois do click final da mensagem, que seria bom que o almoço daquele dia fosse com talheres de plástico.

Imaginando já, antecipadamente, que o mau humor de Flávia eclodiria por qualquer detalhe. Talvez a segunda mensagem pudesse amenizar a situação. Poderia ser uma boa notícia. Melanie lembrou que sua mãe tinha um tique nervoso, principalmente quando era por motivo de raiva. Flávia piscava, sem parar. A garota reparou que a mãe já parecia o cursor do Word, quando apertou o botão para ouvir a segunda mensagem. O que vinha do telefone assemelhava-se a uma respiração, quase inaudível, somado ao barulho de quando alguém passa

o aparelho de uma orelha para outra. Mais nada. Por alguns longos segundos, o mesmo som.

- Tem gente que não tem o que fazer. — disse Flávia, considerando ser um trote, ou algo assim.

Ela apontou o dedo indicador no botão de apagar.

“Olá...” Uma voz fraca. Grave, daquelas que se demora um pouco a identificar se é de homem ou mulher, fez-se ouvir. “Sou eu...”

Era uma mulher, aparentando idade avançada. Ela não mencionou o nome, mas Melanie

percebeu que Flávia já a havia identificado, pois foi se soltando levemente no sofá, como se estivesse com medo de cair.

“Sei que não deveria ligar... Mas não sei o que fazer...”

Flávia levou a mão à boca. Sua mão tremia. Nicolas saiu cantarolando do banheiro e seguia para sala. Melanie segurou-o pelo braço, quando passava por ela, e tapou-lhe a boca.

- O que foi? – disse Nicolas.

Melanie apontou para a mãe e fez sinal para que o garoto

permanecesse em silêncio.

“Tudo está mudando por aqui... Não tenho mais condições de passar por tudo aquilo de novo...” A mulher pronunciava com dificuldade as palavras entre tosses fortíssimas. “Preciso que você me ajude agora... Por favor... Assim como eu lhe ajudei um dia...” A mulher foi tomada de uma tosse ininterrupta que a dificultava de pronunciar qualquer palavra. A única frase que se pôde ouvir antes de o telefone desligar foi um “Venha, Flávia! Depressa!”

Flávia desligou, empurrando a secretária eletrônica, com repulsa. Parecia que tinha criado nojo dela.

Afundou as mãos nos cabelos e permaneceu imóvel. Para Melanie, já era mais do que suficiente perceber o estado que a mãe ficara depois de ouvir a mensagem, mas a mulher idosa sabia para quem tinha ligado. Ela disse um nome no fim da gravação. Disse o nome de Flávia. Com certeza, não era um trote.

Durante seus 16, quase 17 anos, de vida, Melanie já estava mais do que habituada ao jeito da mãe. Sabia o que a deixava feliz, triste, magoada e com medo. Definitivamente, o medo a estava dominando. Ficou sentada lá no sofá por um bom tempo, quase na mesma

posição. Melanie improvisou o almoço, um macarrão básico e uma salada rápida, já que isso era sempre a mãe que providenciava. Flávia não almoçou, nem veio à mesa. Melanie serviu Nicolas e até colocou comida em um prato para si mesma, mas já sabendo que seria perda de tempo. Não tinha fome também. Melanie ficou pensando em quem seria aquela mulher... E por que apenas de ouvir sua voz, em menos de um minuto de gravação, Flávia ficara transtornada daquele jeito. A garota não sabia nem por onde começar a encontrar respostas, além das que poderiam ser dadas

pela própria mãe. Mas ela não teria coragem de perguntar nada.

Então, a garota esperou Nicolas terminar. Durante esse período, ficou ali, sentada, separando com o garfo a comida no prato. Detestou o clima pesado que se instaurou na casa àquela hora. Estava absorta em seus pensamentos quando Flávia entrou na cozinha, com uma expressão nada amistosa.

- Vou sair. Preciso resolver algumas coisas. – disse ela, arrumando o interior da bolsa como que procurando algo – Cadê minhas chaves?

- Está na sua mão, mãe. –
respondeu Melanie, notando que
Flávia estava ainda bastante nervosa
- Tudo bem com você? – arriscou
perguntar a menina.

- Está sim. – respondeu
ela, esforçando-se para soar
verdadeira – Fique tranquila. Só
cuide bem do seu irmão.

- Isso eu faço sempre. –
completou Melanie, percebendo
tardamente que não era uma boa
hora para instigar a mãe.

Flávia deu um beijo em
Nicolas que estava fazendo um
desenho sobre a mesa e, na

sequência, ficou de frente à Melanie; abraçou-a apertado. A garota ficou com os braços esticados, imóveis, envolvidos pelos da mãe. Ela estranhou essa repentina manifestação de afeto. Flávia olhou-a nos olhos e saiu. Melanie considerou que aquele, realmente, não estava sendo um dia normal.

Tinha passado mais de meia hora, quando Melanie lembrou-se do combinado com a galera da escola de estarem todos no mesmo horário no Messenger. Mas não tinha mais importância. Ela agora se preocupava com a demora da mãe,

que já deveria estar em casa há uma hora. Sentou-se na frente de casa, na elevação da mureta, segurando o celular na esperança de receber uma chamada, já que o telefone da mãe só caía na caixa-postal. Algum imprevisto acontecera... Flávia nunca se atrasava. Melanie deixou Nicolas vendo TV. Ele ficava entretido por horas, assistindo ao Discovery Kids. O seu desejo era ver logo o carro prateado dobrar a esquina. Era horário de verão, e a cor avermelhada do horizonte estava se dissipando, dando lugar a um céu negro, cravejado de brilhantes.

Alguns minutos se passaram, e a garota levantou-se. Sentiu-se um pouco tonta. Aquela sensação de ficar vendo pequenas luzes depois que se levanta subitamente se apossou dela. Labirintite, coisa assim. Um barulho estranho chamou sua atenção. Pareciam duas espadas trocando golpes.

“Ah, esse peste! Tá assistindo filme violento de novo.” – pensou, seguindo para dentro de casa. “Depois sai batendo nos colegas de escola e não sabe por que.”

Entrou na sala, e o som

cessou. Nicolas estava deitado no sofá vendo os desenhos. Ele nem tinha se mexido! Não poderia mudar rapidamente de canal, mesmo porque o controle da TV estava longe. Era estranho, mas Melanie deu de ombros e saiu novamente.

A rua da casa onde moravam era bem tranquila. Arborizada. Inclusive, tinha uma grande árvore bem na frente do muro, quase de frente ao portão. Isso dificultava para quem estava fora olhar quem a parte de dentro, e o mesmo acontecia ao inverso. Por isso, ela estava do lado de fora do

muro, na calçada. Quanto antes visse a mãe chegando, acabaria logo sua angústia.

Passou mais uma hora, e já roía as unhas sem parar. Entrou novamente, e Nicolas dormia, mesmo com o som alto da TV. Saiu outra vez. Melanie estava muito nervosa e ficava ainda mais a cada tentativa em vão para o celular da mãe. O único movimento de carros e de pedestres era a alguns quarteirões adiante, numa rua transversal. Uma avenida. Na frente da casa, a única agitação além do da garota era dos pequenos besouros batendo,

insistentemente, contra as lâmpadas dos postes. De repente, ela ouviu um ruído, como som de passos. Olhou para a direção de onde o som partira e viu um sujeito parado na esquina. Ele parou de perfil, em cima do meio-fio, igual quando alguém espera para um carro passar, mas não havia carro algum vindo por aquela rua. Colocou as mãos nos bolsos. Estava bem vestido: jeans preto, camisa branca e usava sapatos caros. Tinha cabelos castanhos. Quase loiros. Desgrenhados, mas na moda. Bonito. Charmoso. Até demais. Tanto que Melanie não

conseguiu tirar os olhos dele.

“Nossa! O que o irmão mais novo do Brad Pitt está fazendo aqui?” – pensou Melanie.

Ele riu. Baixou a cabeça levemente e olhou-a por baixo.

“Credo! Será que eu falei alto demais?” – pensou de novo.

Ele continuou olhando. Ela, evidentemente, só o observava com o canto dos olhos. O homem tinha um sorriso enigmático. Uma mistura de cinismo e pureza. Satisfação e desejo. Era mais do que um garoto-ímã. Era irresistível.

Ele tirou algo do bolso;

parecia um chaveiro de carro. Apertou o botão, e o alarme de um veículo estacionado um pouco mais longe desligou. Nervosa pela demora da mãe, Melanie nem havia notado o carro importado estacionado. Um Lamborghini Gallardo, vermelho. Imponente. Daqueles que é difícil ver por aí. A garota olhou na direção do belo estranho. Ele permanecia olhando.

“O que ele está pensando? Por que não para de olhar pra mim?” – pensou a garota. Logo ela, uma garota simples. Sentada sozinha em frente a sua casa. De cabelo preso e

cara lavada. De calção jeans, camiseta básica e chinelo. Chinelo? Ela sentia-se uma piada!

Melanie estava a ponto de entrar. Ela queria ficar ali, observando e sendo observada por aquele estranho, mas sentia vergonha de si mesma. Ficou pensando por que as pessoas ficam tão desleixadas quando estão em casa. Nunca se imagina que situação como essas irão acontecer? De repente, o Fiesta prata quatro portas convergiu para o lado da casa. Era Flávia. “Graças a Deus!” – agradeceu Melanie.

Aliviada, ela olhou na direção da esquina, e o belo estranho não estava mais lá. A garota percebeu o farol do Gallardo ligar. Flávia estacionou bem em frente a sua casa. Melanie levantou, pois o Fiesta ficara bem na sua frente. O carro importado estava vindo. Ele, o estranho, passou com o vidro do carona abaixado e olhando para Melanie. Lançou sobre ela mais uma vez seu sorriso enigmático. Depois, seguiu pela direção contrária de onde Flávia tinha vindo. A mãe, desconfiada, desceu do carro e percebeu a direção que os olhos

da filha endereçavam.

- O que é isso, Mel? –
disse ela, batendo a porta.

- Isso o que, mãe?

- Quem era esse aí? –
perguntou Flávia, desconfiada.

- Como eu vou saber?!
Devia estar só passando pela rua. –
respondeu, desconversando.

Flávia fez um sinal para
que Melanie olhasse para o seu
carro. A garota, então, deu-se conta
de que tinha uma pessoa dentro:
Leonora. Melanie bloqueava a saída
da amiga de trabalho de Flávia. A
filha até tinha estranhado a mãe não

ter pedido para que ela abrisse o portão para guardar o carro. Melanie retirou-se da frente da porta, e Leonora saiu. Era bem baixinha e magra. Estava usando um tailleur marrom, com uma saia evasé e um coque no cabelo. Parecia que tinha tomado banho de perfume.

- Oi, Leonora. – Melanie cumprimentou a mulher chamando pelo nome; ela havia dito que detestava quando a chamavam de “Dona” ou “Senhora”.

- Oi, lindinha. – respondeu Leonora tão efusiva que Melanie pensou que a mulher apertaria as

suas bochechas.

- A Leonora está aqui, porque veio me dar uma ajudinha. — disse Flávia.

A moça sorriu tanto que a garota pôde ver o amálgama dos seus dentes do fundo.

- Vamos entrar, então. — sugeriu Flávia.

A amiga do trabalho entrou primeiramente; ela passou por Melanie que quase tonteou ao sentir o forte perfume entrar em suas narinas. Flávia entrou atrás e olhou para filha com uma careta, seguido de um sinal abanando o nariz. A

garota imaginou o que a mãe devia ter sofrido dentro do carro. Melanie estava prestes a entrar quando olhou na direção de onde o belo estranho estivera parado. Algo no chão lhe chamou a atenção. Ela olhou para a porta de entrada da casa. Leonora e a mãe já tinham sumido.

“Vou ver o que é.” — pensou ela, já mudando o primeiro passo na direção da esquina.

Quando chegou perto, abaixou-se e pegou um objeto. Era uma rosa. Uma linda rosa vermelha. Melanie cheirou-a. A sua fragrância era marcante. Seria possível que

havia se misturado com o cheiro do belo estranho? Ao menos, tinha cheiro de mistério. Ela entrou escondendo a rosa. Conhecendo bem a mãe, sabia que seria submetida a um batalhão de perguntas. Flávia estava junto ao sofá, custando a acordar Nicolas. Leonora pôs-se sentada no estofado menor, olhando um álbum de fotos.

- Faz tempo que ele dormiu aqui? – perguntou Flávia, lançando aquele olhar do tipo “Não lhe pedi pra cuidar dele?”

- Acho que sim. – respondeu Melanie, ainda com as

mãos atrás das costas – Eu estava lá fora esperando você dar um sinal de vida.

Nicolas acordou ainda muito sonolento. Flávia considerou por bem não discutir com a filha. Afinal, tinha uma pessoa praticamente estranha dentro de casa. Era também por uma falha muito pequena para se iniciar uma discussão, uma vez que as duas tinham conhecimento de que Nicolas vivia se jogando nos cantos para dormir. E, mais ainda, que Melanie tinha razão. Ela, Flávia, sumira e não dera satisfação alguma a

respeito, até aquele momento.

- Então, senta aí que precisamos conversar. – disse Flávia, sem escolher as palavras.

“Ah! Não.” – pensou, imediatamente, Melanie, já ciente do que essas palavras queriam dizer. Já as tinha ouvido diversas vezes.

- Não! Vou ficar de pé. – respondeu ela, já prevendo a própria reação – Pode falar.

- Trouxe a Leonora aqui, – Flávia continuou – porque vamos precisar ficar longe uns dias, e ela vai cuidar da nossa casa.

A mulher parou de ver as

fotos e ficou olhando para Melanie; parecia querer ouvir palavras de agradecimento por seu gesto.

- O quê?! – perguntou a garota num tom mais alto, levando as mãos para frente, esquecendo que segurava a rosa – Longe uns dias?! Como assim?!

Leonora levantou e veio em sua direção. Ela envolveu a rosa com as minúsculas mãos.

- Nossa! Que linda! – disse a mulher, cheirando-a.

Melanie ficou atenta, preocupada que a tocasse com mais força e a despedaçasse. Leonora

olhou-a, sorrindo, e voltou a sentar. Melanie imaginava se a atitude da mulher era a de alguém que nunca recebera uma rosa sequer em toda a vida...

- Aconteceu uma coisa, e preciso que vocês me acompanhem. — continuou Flávia, olhando para rosa.

- Mas para onde a gente vai? — perguntou Melanie, colocando as mãos para trás novamente.

- Quando a gente chegar lá, você verá, Julieta. — respondeu a mãe, com a cara torta.

“Só que a Julieta, pelo menos, sabia o nome do Romeu.” – pensou a garota.

- Bom... Sendo por alguns dias. Beleza.

- Só por uns dias, sim. Eu já conversei com a Leonora e expliquei tudo para ela como funciona aqui. Ela vai dar comida para os peixinhos do Nic. Vou deixar dinheiro para as contas que forem vencer... Essas coisas.

Leonora gesticulou com a cabeça, demonstrando que tinha tudo anotado.

- Se tiver uma

recomendação, pode dizer. – falou a prestativa moça.

Melanie olhou-a com um olhar grato. Afinal, ela cuidaria de seus pertences. Com certeza, essa viagem repentina era algo relacionado ao trabalho da mãe. Ela prometera mundos e fundos para o tal Seu Mathias. Agora, estava mais do que na hora de cumprir. Claro que, obviamente, se estivessem de volta o quanto antes.

Mesmo acordando mais tarde do que nos outros dias, Melanie sentia-se um trapo. Obrigou-se a dormir tarde, já que a

amiga da mãe, Leonora, foi embora depois da meia-noite. Ficaram ela e Flávia jogando conversa fora e tomando vinho. Era um vinho que Flávia guardava já desde os tempos de Edgar. Depois de uma garrafa inteira, o volume das conversas e risadas alterou-se, ficando cada vez mais alto. Nicolas, para variar, dormia até com uma britadeira funcionando a mil ao do lado da cama. Melanie já não tinha essa sorte. Mesmo que seu quarto fosse blindado, ela não conseguiria dormir com tanto barulho. A risada de Leonora era estridente. E, quando

ela começou a falar as primeiras bobagens, de caráter mais adulto, Flávia sugeriu que precisava dormir. Chamaram um táxi, e a desmedida e feliz Leonora foi para casa cantarolando.

O momento do café-da-manhã não era o que Melanie tinha planejado durante toda a semana. Imaginou, no seu primeiro momento de férias, que iria acordar feliz, pronta para um dia cheio de atividades com as amigas. Mas não sem antes, de manhã ainda, dar uma passadinha na biblioteca municipal, para garantir uns dois bons

romances. Depois, compraria mais outros dois em uma livraria. Afinal, o dinheiro que ela ganhava da mãe, para cuidar da casa e do irmão enquanto Flávia trabalhava, possibilitava-a gastar um pouquinho com suas maiores paixões. Dependendo do livro, ela lia em três ou quatro dias. Mas levava muito mais tempo para se livrar da sensação, boa ou ruim, que ele trazia-lhe. Adorava se fazer passar pelas heroínas daquelas histórias... Mesmo das mais tristes.

Tombou seu corpo na cadeira e ficou olhando para a xícara à sua frente. Melanie

desejava ter, naquele momento, o poder da telecinesia. Colocaria, assim, seus olhos sobre a garrafa térmica, e ela seria aberta, seguindo já quase deitada até a sua xícara; iria enchê-la de café. Nicolas tomava o café como todos os dias, fazendo os mesmos barulhos irritantes. Flávia estava de pé, parada, com uma xícara na mão, olhando pela janela. Ela nem notou a filha chegar. Estava entretida com seus pensamentos.

- A mamãe falou que nós vamos viajar. – disse Nicolas.

“Grande coisa.” – pensou Melanie, respondendo-o com uma

careta.

A mãe virou-se, enfim, percebendo sua presença.

- Dormiu bem? – perguntou Flávia, tomando, em seguida, um gole do café; pela cara que fez, o café já devia estar frio há muito tempo.

- Dormi. – respondeu Melanie, não querendo importunar a mãe com seus problemas.

- Ainda tenho umas coisinhas para resolver. Depois a gente pega a estrada.

- Posso saber do que se trata?

Ela permaneceu pensativa.

Parecia que ainda não tinha uma resposta.

- São coisas... – ela pensou mais um pouco – ...do meu trabalho.

- E por que a gente precisa ir também?

- Porque são meus filhos. Vou ficar uns dias fora e quero vocês debaixo da minha visão.

- Eu quero ir junto. - disse Nicolas.

“Puxa-saco!” - pensou Melanie, enquanto observava a mãe passando a mão pelos cabelos arrepiados do irmão.

- Preferiria ficar aqui. – disse Melanie, mesmo ciente de que

não haveria outra solução para ela - A sua amiga não vai cuidar da casa? Então, cuida de mim também.

- De jeito nenhum. – Flávia respondeu já dando indícios de que o mau humor da manhã a tinha alcançado bem naquela hora – Vocês dois vão comigo. A Leonora só vem dar uma passadinha aqui, dia sim, dia não.

Melanie considerou melhor não prosseguir com a discussão. Ela sabia que iria perder. O argumento da mãe era sempre o mais eficiente: o tom de voz mais alto.

Flávia, antes de sair pela manhã, avisou os filhos de que,

dependendo das circunstâncias, não viria para o almoço. De fato, ela não veio. Já tinha passado das duas da tarde, e Melanie estava completamente aborrecida, em frente à TV, passando um a um dos canais. Nada lhe prendia a atenção. Até que surgiu na sua mente a imagem do estranho da véspera, à noite. Possivelmente, fora a primeira e única vez que o veria. Foi até o seu quarto. Colocou uma calça jeans. Depois procurou uma blusinha de que gostasse. Jogou longe o chinelo e colocou um tênis. Parou diante do espelho. Solto os longos cabelos castanho-escuros e ajeitou com

cuidado os fios. Pegou seu estojo de maquiagem e fez uma produçãozinha básica. Estava pronta para sair. Passou pelo pequeno corredor em direção à sala; notou que Nicolas jogava no computador. Esse era mais um dos seus hábitos saudáveis.

- Já volto. – avisou para as paredes, já que Nicolas nem se mexeu, além de apertar os botões do teclado, enquanto mordida a língua com o canto da boca.

O movimento durante o dia era mais vigoroso. Carros e pessoas passavam mais constantemente. Durante quase meia hora em que ficou ali, Melanie não viu nem sinal

do carro vermelho ou do seu dono. Sentiu-se uma idiota, ali fora, esperando um homem passar. Um cara que nem mesmo conhecia. Entrou chateada.

“Vou para outro mundo mais feliz.” — pensou ela, já seguindo para sua coleção de livros, desejando tomar o lugar de uma das suas fiéis companheiras em seus mundos perfeitos. Não deu tempo nem de pegar o primeiro livro, e o telefone tocou.

“Minha mãe”. — pensou.

Nicolas estava concentrado demais na disputa do

jogo, já que ele era sempre o primeiro a sair correndo e atender. Melanie foi até o aparelho e atendeu.

- Alô! - do outro lado da linha, o silêncio - Alô! – repetiu.

Nenhum sinal.

- Ok! Vou desligar.

Melanie utilizava sempre a mesma tática; falava que iria desligar e continuava ouvindo. Numa dessas, a pessoa manifestava-se. Ninguém respondeu. Só tinha uma alternativa; desligar de verdade. O telefone já estava a alguns centímetros distante da sua

orelha, quando ouviu um pigarro. Era um pigarro que ela já tinha ouvido antes. Era o da mulher da ligação do outro dia.

- Quem é? – perguntou Melanie, um pouco nervosa.

A mulher talvez tenha percebido a alteração na sua voz e entendeu que a garota a tinha reconhecido.

- Você é a filha da... – a mulher hesitou um pouco e concluiu com aquela voz rouca, cavernosa – Flávia?

- Sou. – respondeu Melanie - O que a senhora quer com

a minha mãe? – a garota jogou logo a pergunta.

- Querida, tem muita coisa que preciso resolver com sua mãe. – a mulher tinha dificuldade para dizer frases com mais de três ou quatro palavras, sempre as finalizando com uma tosse – Ela ouviu meu recado ontem?

- Ouviu sim. Nunca vi minha mãe daquele jeito.

- Onde ela está agora?

- Foi trabalhar... Eu acho.

- Você sabe me dizer se ela está vindo me encontrar?

- Acredito que não,

senhora. Acho que só foi trabalhar.

- Ela comentou algo sobre uma viagem?

- Comentou. Nós vamos viajar em breve.

- Disse para onde vocês irão?

- Não, senhora.

- Então, ela está vindo para cá mesmo. – a mulher falou como se estivesse afirmando para si mesma – E vai trazer a filha.

- Claro que eu vou junto. Minha mãe não me deixaria... – nem deu tempo de terminar, e Melanie ouviu o barulho do telefone sendo

desligado.

A mulher mal-educada desligara na sua cara.

Quando Flávia chegou, Melanie considerou melhor não mencionar o telefonema da mulher misteriosa. Não gostaria de ver a mãe do mesmo jeito que ficara ao ouvir, na véspera, aquela mensagem.

- Então, meus lindos? – entrou dizendo Flávia, enquanto beijava a cabeça dos filhos – Sentiram falta da mamãe aqui?

- Eu senti. – disse Nicolas sorridente, ganhando mais um beijo da mãe.

Melanie olhou para o irmão e balançou a cabeça. “Como consegue ser tão puxa-saco, moleque?” – pensou.

- Alguém ligou pra mim? – perguntou Flávia.

- Não. – respondeu Melanie, sem mirar os olhos da mãe. Se assim o fizesse, com certeza, entregaria que estava mentindo.

- Ligaram sim. – revelou Nicolas, com ar superior – Aquela mesma mulher que não para de tossir.

“Ferrou!” – pensou Melanie, encolhendo-se no sofá.

“Esse fofoqueiro ouviu.”

- Quem de vocês que atendeu? – irritou-se Flávia.

Nicolas acenou com a cabeça, apontando Melanie.

“Peste! Você me paga!” – prometeu Melanie, fuzilando com os olhos o irmão.

- Não acredito, Melanie! – explodiu Flavia – Você não iria me dizer nada?

- Claro que não, mãe. – respondeu ela, gesticulando – Não se lembra de como você ficou da última vez?

- Você não pode esconder

essas coisas de mim! – esbravejou Flávia, segurando a filha pelos braços – Nunca mais tente esconder nada de mim.

- Calma, mãe! – respondeu, assustada, Melanie – É só uma ligação.

Flávia soltou-a e percebeu o quanto tinha se alterado.

- Ela ligou, eu atendi, ela perguntou por você, e eu disse que você não estava. – explicou Melanie – Ela desligou. Só isso.

Flávia passou as mãos pelos cabelos e respirou fundo. Em seguida, olhou para Melanie e

passou a mão pelos cabelos da filha.

- Está bem. – disse Flávia calmamente – Se por acaso essa mulher ligar de novo, e eu não estiver em casa, não fale mais com ela. Entendeu?

Melanie anuiu com a cabeça positivamente.

- Só *eu* falo com ela. – Flávia mordeu os lábios – Só eu!

A mãe respirou fundo outra vez e pegou a pasta da imobiliária. Teve a intenção de sair da sala. Antes de passar pela porta, virou-se para os filhos.

- Nós vamos amanhã. –

anunciou – Não posso mais esperar.

E saiu. Melanie olhou para o irmão. Nicolas mostrou-lhe a língua.

- Isso mesmo, seu cobrinha. – sussurrou Melanie – Qualquer dia desses, eu corto fora essa língua afiada.

Nicolas deu de ombros e voltou a ver TV. Melanie colocou os neurônios para funcionarem. O que Flávia tinha de tão grave para esconder? Afinal, ninguém estouraria assim só por um simples telefonema. De qualquer forma,

poderia estar próxima de descobrir alguma pista, pois a tal viagem do dia seguinte não parecia mais ser em função só do trabalho da mãe; parecia ter a ver com a mulher da ligação.

Capítulo Dois – Distante

Melanie sabia que a mãe não tolerava dirigir à noite, nem quando chovia. Eram quase dez horas; chovia forte, e elas estavam no interior do Fiesta, na estrada. A garota recebia no próprio corpo toda a tensão que sua mãe sentia ao se concentrar no pequeno vislumbre da

rodovia, possível através da densa camada de água que escorria pelos para-brisas. Estava no banco do passageiro, fingindo-se tranquila, ouvindo música em seu Mp4. Mas, por muitas vezes, apertou o pé contra o carro, como se fosse ela mesma que estivesse dirigindo. A mãe mostrava-se muito concentrada para notar isso; aliás, Melanie considerava que, já há muito tempo, ela não vinha notando muito do que a filha fazia. Estava para sair de mais um emprego. O quarto, em menos de dois anos. Flávia sempre demonstrou ser irrequieta, contrastando com o jeito passivo de

Melanie. Mas, dessa vez, a garota pressentia que algo não ia bem; só não sabia o que.

- Tenho que ir para outra cidade. Preciso resolver algumas coisas, mas é por pouco tempo. Preciso que você e Nicolas entendam. – Melanie relembrava o que dissera a mãe, enquanto assistiam à novela, naquela noite.

“Como eu posso entender? E os meus planos? E as coisas que eu teria que resolver? Como ficarão?” - pensou Melanie ao lembrar a conversa.

“Que m...” – pensaria em um palavrão quando ouviu um ainda

pior da boca da mãe. Sentiu os solavancos. Ela havia saído da estrada outra vez e quase batera em um barranco. Tirou os fones e tentou parecer natural, apesar de estar com muito medo. A mãe olhou-a, rapidamente, com aquele olhar querendo dizer:

“O que foi? Falei! E daí? Eu posso; sou sua mãe.” - mas disse outra frase:

- Mel! Veja aí como está o seu irmão.

Melanie olhou para trás e constatou que Nicolas dormia pesado.

- Está bem! - respondeu

Melanie – Para variar, está dormindo.

Flávia ouviu e continuou concentrada. A luz forte de outro carro que seguia na direção contrária cegou Melanie por alguns instantes. Instintivamente, ela colocou as mãos sobre os olhos.

- Eu sei que está cansada também. – disse Flávia, sem tirar a atenção da estrada – A gente já está chegando.

Ela pareceu hesitar, e Melanie percebeu. A garota ficou em silêncio. A mãe tentou alcançar seus pensamentos, examinando-a com o canto dos olhos.

- Entendo que você está chateada por toda essa viagem repentina. – continuou Flávia – Mas eu precisava mesmo fazer isso. E, afinal, já estamos aqui. Não dá mais pra voltar. Pelo menos, não por enquanto.

Melanie continuou em silêncio, engolindo muitas palavras que gostaria de dizer. Mas sabendo que em algo, realmente, a mãe tinha razão. Não dava mais para voltar.

- Quem sabe você até gosta de lá... – prosseguiu Flávia – Vai ser por poucos dias. Além do mais, é muito bonita a cidadezinha.

“Cidadezinha”. Isso fez

Melanie lembrar-se de certa vez, quando ainda devia ter a idade do irmão. Uns oito ou nove anos, talvez. E ouviu o nome daquela cidade pela primeira vez. Monte Seco. Lembrou, porque riu ao ouvi-lo, achando-o engraçado. A mãe, na época, falava com alguém no telefone também. Melanie não sabia quem era. Depois de algum tempo, ela começou a ficar irritada e repetia em tom áspero que jamais voltaria a pôr os pés em Monte Seco. Jamais. Depois disso, nunca mais ouviu a respeito. Até um dia atrás, quando soubera que a tal cidade de nome engraçado não mais parecia tão engraçado assim.

- Não consigo entender uma coisa... – resmungou Melanie – Por que nós vamos pra esse fim de mundo?

- Já lhe falei. Eles precisam da minha presença por lá, pra resolver algumas coisas. - respondeu ela - Fique tranquila, pois quando tudo se acertar, em seguida a gente dá meia-volta. Arrumei um lugarzinho bem família pra ficarmos. Vai ser bom pra vocês também.

- Nada disso. – respondeu Melanie, no ato - No que isso vai fazer bem pra mim?

- Vai sim. Você vai ver.

- Claro! Vou ver as minhas

férias afundarem. Eu bem que poderia ter ficado na casa de uma das minhas amigas.

- Meu Deus, Melanie! Você está parecendo uma criança mimada.

- Flávia olhou rapidamente para a filha e voltou a concentrar-se na estrada – Eu sei que você não é assim.

Melanie sabia que nisso Flávia também tinha razão; ela não era de agir assim. Tinha mais consciência e juízo do que muitas de suas amigas. Mas essa reviravolta repentina, além de mudar seus planos, fez com que mudasse. Ficou mais amarga. Mais triste.

- Como as aulas ainda vão demorar uns dias pra começarem, vocês dois vão ter tempo de sobra pra conhecer a cidade e fazer novos amigos antes de voltarmos. - Flávia parou bruscamente de falar, percebendo o desinteresse de Melanie na conversa - Por que não tenta dormir? – prosseguiu.

- Não vou conseguir.

A mãe colocou a mão sobre a perna da filha e logo a retornou ao volante.

- Tá bom. – suspirou, não conseguindo esconder a tensão – Só continue prestando atenção no seu irmão.

Melanie percebeu, nesse instante, que, além de estar preocupada com o perigo da estrada, a mãe também sentia medo. Algum problema tirava a paz de Flávia; e ela demonstrava não querer dividir com ninguém o que a estava preocupando. Tinha também outro agravante; recaía sobre ela a responsabilidade de as coisas darem certo novamente. Se seus planos não correspondessem, teria que procurar outro emprego quando retornassem.

Nas próximas quase duas horas que se seguiram, Melanie permaneceu em silêncio, ouvindo as poucas palavras esboçadas pela

mãe, a respiração do irmão no banco de trás e o barulho da chuva que diminuía gradativamente, até cessar por completo. Pararam em um posto de combustível, e Flávia não demorou a descer para pedir informação, colocar gasolina e comprar alguma comida para comerem. Nicolas acordou.

- A gente já chegou? – perguntou ele, bocejando.

- Ainda não.

- Falta muito?

- Acho que não. Mamãe foi ver.

- Será que fica muito longe?

- repetiu a pergunta.

- Não sei, garoto. - Melanie esbravejou.

- Quero ir ao banheiro.

Melanie lembrou-se de quando se mostrava mais atenciosa no cuidado do irmão. Ao contrário de muitas crianças que ficam enciumadas com o nascimento de um irmão mais novo, ela amou-o desde o primeiro dia. Apesar de, ultimamente, ele estar se tornando um peso, ela, assim mesmo, amava-o sem medidas. Fazendo o papel de irmã mais velha, a garota olhou para a porta de onde, supostamente, seria o banheiro; estava semiaberta. Era

perto do local em que seu carro estava estacionado.

- Desce e vai lá. – apontou a direção - Só não demore.

Nicolas abriu a porta do carro e seguiu até o banheiro, arrastando os braços, parecendo um pouco arqueado pelo sono. Ele sempre fazia isso toda manhã; era sua marca registrada. Melanie observou-o entrar no banheiro e olhou para a loja de conveniência na tentativa de avistar a mãe. Não a viu. Provavelmente, ela estaria comprando comida ou conversando com o atendente. Encostou a cabeça

no vidro e fechou os olhos. Instante depois, sentiu a cabeça pendendo para frente e segurou-se para não dormir; não havia percebido o quanto estava cansada. Seu corpo doía, os olhos pesavam. Quase adormecia quando foi tomada por uma sensação que nunca antes havia experimentado. Como um choque, uma corrente elétrica envolvia-a por inteiro. Acordou de sobressalto, olhou na direção do banheiro em que Nicolas estava e viu flashes de luzes saindo pela fresta da porta. Era estranho, como se fosse o flash de muitas máquinas fotográficas ao

mesmo tempo. Olhou à loja de conveniência e não viu sua mãe. Desceu cambaleante do carro, as luzes continuavam dentro do banheiro. Melanie notou que uma placa de publicidade, que anteriormente se agitava histérica pelo vento, agora estava parada. Nem vento mais tinha, nem barulho de nada; tudo se mostrava muito quieto. Seguiu para o banheiro e só conseguia ouvir o barulho dos próprios passos; tinha a impressão de caminhar em *slow motion*.

- Nicolas!

Chamou pelo irmão antes

de entrar. Ele não respondeu. Aproximou-se da porta e, devagar, foi abrindo-a. As luzes intensificaram-se. Melanie morria de medo, mas precisava entrar. Podia ouvir o bater acelerado do seu coração. Tremia. Entrou chamando por Nicolas de novo e não ouviu resposta. Então, escutou algo indescritível, talvez como se muitas espadas travassem uma disputa. As luzes eram muito fortes e piscavam intensamente. Segurou-se na parede para não cair e gritou:

- Nicolas!

Tudo girou ao seu redor.

Ela sentiu suas pernas bambearem.

- Não tema!

Uma voz suave, quase inaudível, sussurrou levemente em seu ouvido. Sentindo como se fosse desmaiar, Melanie teve a percepção de que algum ser sobre-humano amparava-lhe, encostando-a à parede. Tentou olhar ao redor e verificou que estava bem escuro; as luzes haviam cessado. Sentiu alguém passar e esbarrar em seu corpo combalido, mas não conseguiu identificar o que era; apenas viu o vulto saindo pela porta.

- Mel!

Ela ouviu a voz do irmão enquanto se recuperava, escorando-se na parede.

- É você, Nicolas? – perguntou ela, ainda bastante zozza.

- Claro que sou eu.

Nicolas veio ao seu encontro. Melanie já podia vislumbrar os olhos inocentes do irmão. Ele abraçou-o, e os dois saíram do banheiro.

– Estava muito escuro lá dentro. Aquele homem ali ficou comigo pra eu não ficar com medo. – Nicolas apontou em direção a uma caminhonete velha que estava

estacionada. Deu tempo de Melanie ver o homem que entrava nela.

- Quem é aquele homem?

- Eu não sei. Ele estava lá dentro. – respondeu Nicolas - Ele perguntou um monte de coisas pra mim.

Ouvindo um barulho de motor, Melanie olhou de novo para onde estava a caminhonete; o homem encarou-a e, mesmo um pouco distante, ela conseguiu ver a negritude dos seus olhos. Ele sorriu. Era um sorriso sarcástico. Acenou na direção deles e saiu para a estrada.

- Você já sabe, Nicolas.
Não pode falar com gente que você não conhece. É perigoso.

- O que é perigoso?

Flávia chegou e escutou apenas o fim da frase. Melanie compreendeu que não deveria falar nada à mãe, pelo menos, não por enquanto. Percebeu que, se falasse sobre o episódio do banheiro, Flávia iria querer sair atrás de polícia, ou pior, do próprio homem da caminhonete.

- Lugar escuro, mãe. -
Melanie tentou contornar — O
Nicolas queria fazer xixi no

banheiro. - ela olhou para Nicolas para que ele concordasse com a história - Estava escuro lá dentro. Aí, falei pra ele fazer ali no cantinho mesmo.

Nicolas acenou com a cabeça, dando crédito à narração da irmã, Flávia não acreditou muita na história, mas fez sinal para que entrassem no carro. Os filhos obedeceram, e ela também entrou segurando uma sacola, que pôs sobre o colo de Melanie, enquanto colocava a chave na ignição.

- O rapaz me falou que faltam menos de três quilômetros de

asfalto e mais uns cinco de estrada de chão por um desvio, e chegamos.

Melanie abriu a sacola plástica e viu bolachas, chocolates e refrigerantes.

- Eu sei o que você está pensando. - disse Flávia, dando a partida e colocando a marcha – Mas hoje eu faço uma exceção. Podem comer essas bobagens. É só isso que eles tinham lá mesmo.

Instantes depois, eles já estavam novamente na estrada. Só que, agora, Melanie refletia e considerava que sua mãe havia se enganado. Ela realmente olhava para

o interior daquela sacola, mas, na verdade, o que ela pensava era sobre tudo que acontecera há pouco, no banheiro.

O carro foi parando. Isso fez com que Melanie despertasse. Abriu com dificuldade os olhos e ainda deu tempo de ver a mãe estacionar. Olhou para trás, e Nicolas encarou-a sorrindo.

- Chegamos. - disse o garoto, parecendo realmente não se importar por toda a mudança pela qual estava passando.

— Já era hora. - respondeu Melanie, tentando identificar onde

estavam.

- Vamos ficar aqui esses dias. - disse Flávia, apontando para uma casa grande e velha.

Melanie olhou com despreço para o lugar. Pareceram-lhe aquelas pousadas administradas por velhas senhoras, com cara amarrada e olhar desaprovador a tudo que o hóspede faz, principalmente os da idade dela e do irmão.

- Vamos descendo. — sugeriu Flávia — Porque, amanhã, vai ser um dia muito cheio, e precisamos descansar um pouco.

Desceram e seguiram em direção à entrada. Flávia carregava uma pequena bolsa com documentos e roupas. Passaram em silêncio pelo portão e continuaram até a porta da pousada. Era uma casa enorme de madeira e, apesar da pouca luminosidade, Melanie notou que fora pintada com um verde-musgo que a deixou ainda mais desagradável. Ostentava uma área que se estendia por toda a frente. Alguns poucos vasos pendurados com samambaias eram os únicos enfeites. A porta de entrada era grande, e seu tom amarronzado

ajudava a denunciar o mau gosto do proprietário do local. Ouviu-se o barulho da chave sendo girada. Melanie olhou na direção da fechadura e concluiu que, com certeza, sua fabricação não era deste século. A porta abriu lentamente, e o rosto sorridente de uma menina, de uns seis ou sete anos, apareceu.

- Dona Flávia? –
perguntou a garotinha.

- Isso mesmo! – respondeu ela, retribuindo o sorriso.

- Oi! Eu sou a Raíssa!
Fizeram uma boa viagem? - a
menina escancarou a porta – Minha

avó está esperando vocês.

A menina deu as costas e entrou. Olhando para Flávia, Melanie identificou o motivo do seu leve sorriso de contentamento. Possivelmente, a mãe estaria fazendo comparações em sua mente. Era o que sempre costumava fazer quando se deparava com uma garotinha precoce. Pelo que Melanie sabia, e a mãe não a deixava esquecer, ela já fora espontânea e prodígio desse jeito, uma Lisa Simpson.

Entrando por último, Melanie perguntava-se que assuntos

teriam a mãe para resolver numa cidade como aquela... Não poderiam ser resolvidos por telefone? Por e-mail, quem sabe? Correu os olhos pela grande sala de entrada. Móveis antigos, quadros antigos; tudo antigo. Uma TV pré-histórica, daquelas que parece preto-e-branco, estava desligada no canto. Se a TV era assim, computador, então, se existisse um por ali, é claro, deveria funcionar à manivela. Melanie olhou para o sofá coberto por uma capa com estampas florais, e este pareceu exercer sobre a jovem uma força de atração muito grande. Vencida, ela

sentou-se pesadamente no desconfortável estofado, cruzou os braços e paralisou os músculos do corpo, permanecendo inerte. Flávia e Nicolas adentraram pelo corredor que levava aos demais cômodos da casa, seguindo a efusiva Raíssa. O que uma menina na idade dela estaria fazendo acordada até aquela hora? Na verdade, isso não interessava à Melanie. Afinal, agora, ela só nutria o desejo de dormir. Seus olhos pesaram novamente, e ela foi soltando-se vagarosamente no sofá, encostando a cabeça na lateral e recolhendo as pernas sobre

ele. Fechou os olhos.

- Não tema!

Melanie deu um sobressalto e sentou-se no sofá. Seu coração disparou; ela não soube discernir se ouvira aquela mesma voz suave sussurrar no seu ouvido novamente, ou se apenas lembrou o momento em que a vivenciara naquele banheiro do posto de gasolina.

- O que foi?

Ela olhou na direção de onde partiu a voz infantil que agora a indagava. Raíssa, com a cabeça levemente inclinada para o lado,

depositava-lhe os olhos azuis inquisidores, fixados nela.

- Nada! - respondeu Melanie, sem ainda compreender o que sentira.

A garotinha sorriu, e Melanie notou a perfeição dos seus dentes. “Pelo menos, eles devem ter dentista na cidade.” – pensou Melanie.

- Aqui não! Mas tem um que vem toda a semana. Dr. Marcos. – disse Raíssa, enquanto olhava a garota deitada sobre o sofá. Depois meneou a cabeça e saiu saltitante.

“Como ela adivinhou o

que eu pensei?!” – Melaine ficou curiosa, mas nem deu tempo de digerir o que acabara de acontecer, e sua mãe, ladeada de um Nicolas sonolento, entrou na sala. Uma senhora idosa, segurando a mão de Raíssa, entrou na sequência. Vestia uma camisola e um penhoar azul; ela sustentava um ar nada severo, bem ao contrário do que Melanie havia imaginado. Óculos de aros grandes, cabelos totalmente brancos. Possuía um andar confiante, apesar da idade avançada.

- Essa é a minha filha Melanie. - frisou Flávia, apontando

na direção de Mel, que imediatamente se levantou, esboçando um sorriso endereçado à velha senhora.

- Seja bem-vinda, minha filha. – disse a mulher, num tom cordial.

- A Dona Carmélia é a proprietária daqui já há muitos anos. – completou Flávia – E vai cuidar muito bem da gente.

Sem saber o que dizer, ou não querendo mesmo, a garota concordou com um aceno de cabeça.

- Vocês devem estar muito cansados. Querem ir pro quarto,

agora?

- Por favor, Dona Carmélia. – concordou Flávia.

- Por aqui. - a velha senhora apontou o caminho.

“E o restante das nossas coisas no carro?” - pensou Melanie, enquanto seguia a feliz comitiva. “Deixa lá. Acho que nem ladrão existe neste fim de mundo.”

- Você é engraçada! – disse Raíssa, rindo.

Melanie olhou surpresa para a menina um pouco à sua frente. Raíssa estava observando-a, com os luminosos olhos azuis.

- Fim de mundo... – repetiu a pequena.

Melanie nem tentou se aprofundar na tentativa de entender como a garotinha conseguia adivinhar seus pensamentos. Estava muito, mas muito cansada. E o término daquele dia estafante era o que ela mais desejava no momento.

Na manhã seguinte, Flávia havia dormido mais do que o costume. Estava, realmente, cansada. Dirigiu por muitas horas, quase atravessaram o estado. Nicolas também acordou tarde. Como poderia caber tanta sonolência num só corpo? Melanie perguntava-se.

Ela, por sua vez, acordara antes de todos e pôs-se, em seguida, a olhar pela janela. As manhãs em lugares assim, tão bucólicos, são lindas! Melanie até estranhou o desejo que sentiu de sair por ali e dar uma volta. A impressão criada do lugarejo, na noite da véspera, poderia se dissipar com a luz do sol. À noite, fica difícil visualizar as belezas que uma cidade tem, por mais minúscula que possa ser. Monte Seco não deveria ser diferente... A garota precisaria, então, tirar a prova naquela manhã.

Antes mesmo de chegar à cozinha, Melanie sentiu o

característico e delicioso aroma de café. Parecia que ela estava em uma fazenda. Só faltava ouvir o som de uma vaca, ou o relincho de um cavalo. Ela passou por um longo corredor e olhava as fotos penduradas na parede, imagens antigas. Possivelmente com pessoas da família da proprietária. Parou diante de uma que lhe chamou a atenção; era um grupo pequeno de pessoas enfileiradas e sorrindo. Certamente, todos da mesma família. Passou a imaginar, apontando com o dedo sobre a pessoa, o que cada um poderia representar dentro do círculo familiar. O homem de

bigode, que usava chapéu e um terno velho, deveria ser o pai. A mulher de vestido simples era a mãe. O senhor mais velho, com a bengala e suspensórios, era o avô. À frente, duas menininhas muito sorridentes. A mais velha que usava um vestidinho mais claro abraçava a possível irmã mais nova. O seu rosto era um pouco conhecido para Melanie; parecia que já tinha visto a foto dela... A mais nova sorria, mostrando os dentes que faltavam. Ela era bem engraçadinha. Antes de seguir à cozinha, outro detalhe chamou-lhe a atenção. Lá no fundo, outra mulher, mais velha, com a cara

fechada, observava a família que estava em primeiro plano. Ela tinha um olhar nada amigável.

“Se queria ser penetra na foto, pelo menos, sorrisse.” - pensou Melanie.

- Bom dia, criança! – cumprimentou Dona Carmélia.

Melanie virou-se e deu de cara com a amistosa senhora no fim do corredor que dava acesso à cozinha.

- Bom dia, senhora! – respondeu, ainda tímida, Melanie.

- Gosta de fotos antigas?

- Mais ou menos. – respondeu, sem graça – São da sua

família?

- Digamos que sim. – respondeu a senhora, ajeitando o quadro que parecia estar um pouco torto – Se moraram nesta cidade, mesmo temporariamente, nesta pousada, então são da minha família.

Melanie sorriu por se sentir incluída na família da boa senhora. A mulher retribuiu o sorriso.

- Quer saborear um cafezinho que eu mesma torrei? – perguntou, com certo orgulho, Dona Carmélia.

Melanie respondeu positivamente, com vários balançares de cabeça.

- Eu garanto que você nunca tomou um café tão saboroso.

Dona Carmélia deu meia-volta e entrou na cozinha, seguida por Melanie. A garota experimentou o café, os pães, os bolos, as bolachas caseiras e outros quitutes colocados à sua frente pela sorridente proprietária. Como poderia dizer um “não” àquela senhora? Saiu da cozinha como se tivesse almoçado. Estava indo tomar um ar, quando se deparou com Flávia e Nicolas no corredor.

- Opa! Achamos a desaparecida! – brincou Flávia, olhando para Nicolas.

- Eu estava na cozinha. –
respondeu Melanie – Vou dar uma
volta por aí. Reconhecimento de
território.

- Não vá se perder. –
brincou mais uma vez Flávia,
seguindo com Nicolas à cozinha.

- Como se isso fosse
possível!

Flávia abraçou o filho, e
seguiram pelo longo corredor.
Melanie estava na porta de entrada
quando olhou para trás e viu a mãe
parada diante da mesma foto. A
garota abriu a porta e saiu. A
pequena cidade era ainda menor do
que ela imaginara quando a mãe

comunicara de sua intrépida decisão. Minúscula, sufocante. Andou algumas quadras, e a cidade terminou. O carro mais novo que viu era o deles; e ele já contava com mais de 10 anos de uso. Mas, ainda sim, tinha os seus atrativos. Poucos, mas tinha. As casas, na maioria muito simples, eram aconchegantes. Ao redor da cidade, podiam se notar vários montes que quase a circulavam, formando uma barreira natural. Um fator preponderante era ter poucas pessoas na rua; bem poucas.

Melanie, depois de andar

algumas quadras, já estava voltando pela rua paralela e avistou uma placa com letras escritas à mão; dizia: Mercadinho do João.

“Oh! Criatividade do povo do interior.” – pensou ela, entrando no mercado.

Uma prateleira pregada na parede continha os itens da mais extrema necessidade: arroz, feijão, sal, açúcar, trigo; em geral, só alimento. Também algum material de limpeza e higiene. Uma mesa virou um improvisado balcão e, atrás dele, um homem, possivelmente o “João”, atendia uma garota, que aparentava a

mesma idade sua. Melanie aproximou-se e notou que a pequena freguesa olhava-a de canto. Parecia envergonhada. O homem lançou, em sua direção, um olhar seco e balançou a cabeça, como dizendo:

“O que você quer?”

Melanie deu um sorriso amarelo, indicando que ele atendesse a outra garota primeiramente. Ele voltou a atenção aos produtos em cima do balcão e relacionava-os em um caderno.

- Pode levar, menina. – disse ele para a garota à sua frente.

Ela juntou os produtos

rapidamente e saiu, quase correndo, sem mesmo olhar para Melanie. O homem fez o mesmo gesto que havia feito anteriormente. O balançar de cabeça indicando: “O que você quer?” Ela concluiu que deveria ser o jeito sutil e amigável que ele costumava atender às pessoas.

- O senhor tem Trident? – perguntou ela, olhando pelo balcão na tentativa de encontrar o que desejava.

- Não. – respondeu, secamente.

“Não?” – pensou Melanie – “Até no Pólo Norte deve ter

chicletes!”

- Obrigada, então. —
agradeceu Melanie pela simpatia do
homem e saiu, desejando-lhe todas
as bênçãos do mundo.

Na rua, Mel avistou ao longe
a menina seguindo na direção da
pousada e apertou o passo, tentando
alcançá-la. Quando chegou a alguns
metros de distância, ela gritou:

- Hei! Espere.

A menina olhou para trás e
começou a andar mais rápido.
Melanie diminuiu a passada.
“Nossa, será que tenho lepra e não
sei?” — pensou desgostosa.

Ela ainda viu a garota

arredia entrar na casa ao lado da pousada. “Acabei de sair e já estou aqui de volta.” – concluiu Melanie, ao verificar que estava, novamente, em frente à pousada.

A garota torceu o lábio e procurou um lugar mais tranquilo, como se tudo ali já não fosse calmo, para sentar e dar um tempo antes de entrar. Evitaria um irônico “Já voltou?”, vindo da parte da mãe. Ela olhou mais adiante, seguindo pela rua que dava na autoestrada, um campo aberto, com uma grande árvore solitária no centro. Era um pouco longe; teria que vencer uma subida não muito convidativa, mas,

pelo menos indo até a árvore, gastaria mais uma meia hora de tempo ficando por lá, antes de entrar.

Melanie estava debaixo de uma árvore que crescera sozinha, naquele espaçoso terreno. Quem a plantara não imaginou que uma visitante futura pudesse não saber identificar de qual procedência pertencia. Mel representava a garota da cidade grande, perdida e sozinha, que viera parar num lugar tão tedioso. “Não vai fugir de mim, vai?” – gostaria de perguntar para a árvore.

Ela obrigou-se a sentar e a

encostar-se no tronco largo da árvore. Poderia ficar ali um bom tempo, ouvindo música, mas acabou esquecendo o Mp4 na pousada. O jeito era ficar olhando para o movimento da estrada que, de vez em quando, recebia um carro, passando em alta velocidade.

O vento soprava os galhos da árvore solitária, e esta parecia dançar, contente, pela presença incomum de uma pessoa usufruindo de sua sombra. Melanie olhava para a pousada e pensava por quanto tempo teria de permanecer ali, naquela cidade. Suas amigas deveriam estar cheias de planos.

Ela, por enquanto, não fazia parte deles. Pensou em levantar e voltar ao quarto, para ficar ainda mais aborrecida, mas algo mudou sua intenção. Passando a uns 100 metros à sua frente, estava o maior homem que ela já tinha visto. Um poste ambulante, que devia ter bem mais que dois metros. Ele até caminhava com dificuldade. Melanie ficou de boca aberta vendo aquele homenzarrão passar ao longe.

- Wladmir! Espere!

Mel percebeu que alguém chamava o grandalhão. Ele parou e, muito lentamente, foi virando-se. Parecia que tinha uma grande

dificuldade em se equilibrar. A garota viu quem o havia chamado. Era um sorridente rapaz. Moreno, de cabelos castanho-escuros, quase na altura do ombro. Era bonito. Estava sem camisa e vestia uma calça cáqui. Ele parou ao lado do imenso homem e parecia um anão. Melanie riu. O garoto mal alcançava a cintura do outro!

- Não fica chateado, não, Gigante. – Melanie ouviu o rapaz falar – Mas é que não precisa você ficar atrás de mim toda a hora.

“Hum. Devem ser de circo; sei lá.” – pensou Melanie.

O rapaz devia ser algum

artista que o grandalhão precisava proteger, ou coisa assim. Tem muita situação estranha neste mundo... Nesse caso, Melanie olhou bem para o homem para tirar a prova de que ele não estaria usando uma perna de pau. Quem sabe? Não dava indícios disso. Sua excessiva altura pertencia a ele mesmo. Um carro surgiu na estrada, e o motorista, quando avistou o grandalhão, foi diminuindo a velocidade e passou ao lado dos dois com a nítida expressão de espanto.

- Vamos embora, Gigante. – disse o rapaz, olhando o carro seguir e retomar sua velocidade normal –

Já está chamando a atenção de novo.

O homem grande concordou com um aceno de cabeça. O rapaz sorriu e pulou em suas costas. Foi uma cena engraçada, e Melanie não aguentou; mesmo sem querer, riu alto. Os dois olharam para a garota, que até então não tinham notado debaixo da árvore. Ela corou e baixou os olhos. O rapaz desceu das costas do grandalhão. Ficou parado por alguns segundos, olhando para Melanie, que espiava discretamente e estava ficando angustiada pelo olhar insistente do rapaz. Ele não se moveu até fazer um gesto esquisito, sorveu o vento que seguia na sua

direção e que passava por Melanie, balançando as folhas da árvore.

“Que cara estranho.” – pensou ela.

- Temos que ir. – disse o grandalhão, e Melanie identificou seu sotaque; era russo.

- Já vamos, Gigante. – disse o rapaz, ainda olhando para Melanie.

- Ir agora! – frisou o russo.

O rapaz olhou para o homem e, em seguida, desviou seu olhar para Melanie. Parecia que tinha a intenção de falar alguma palavra, mas se arrependeu. Lentamente seguiu até onde estava o grande

homem que, equilibrando-se em suas enormes pernas, andava pela estrada em direção à cidade. Melanie notou que o rapaz, a cada dois ou três passos, olhava para trás, até entrarem em definitivo em Monte Seco.

“Cada maluco!” – pensou, aliviada.

A garota esperou uns dez minutos, mais ou menos, e levantou-se. Nem sinal da dupla de esquisitos. Já estava mais do que na hora de retornar à pousada.

Capítulo Três – Julian

O garoto ficou parado quase uma meia hora, alheado, olhando para o horizonte. Em sua mente, irrompia a imagem perfeita: a linda menina, com seu All Star roxo, sentada debaixo da árvore solitária. Ainda em seus ouvidos, ele experimentava o som magistral de sua risada. Ela possuía uma fragrância peculiar, um cheiro que ele jamais havia apreciado.

- Está pronto, garoto. – disse o homem da oficina – Só levar.

Ele voltou a olhar para o

interior da pequena oficina montada no quintal de uma casa e viu a velha caminhonete da família. O russo de dois metros e dezoito centímetros sorria, magnificente, ao lado da F-100 azul.

- Obrigado, Seu Carlos. – respondeu o garoto – Minha avó manda o dinheiro e o mel depois.

Esse conserto, assim como os das outras vezes, seria pago metade em dinheiro e metade em mel, produzido na fazenda em que o garoto morava.

- Não se preocupe. – respondeu o homem, batendo na caminhonete – Ela está firme como

antes.

- Valeu, Seu Carlos. Por isso que a minha avó gosta muito do senhor.

- Mande um abraço pra ela. Só diga que não fui eu mesmo levar a caminhonete e fazer uma visitinha, porque não seria bem recebido... – o homem deu uma pausa – Você sabe por quem...

- Que é isso, Seu Carlos? Minha avó ficaria feliz em receber o senhor. Ninguém dessas bandas vai visitá-la; o senhor sabe.

- É. As pessoas daqui não a conhecem como eu. Levam suas vidas se baseando nessas histórias

antigas.

- Eu sinto isso na pele todo dia.

O homem concordou com um aceno de cabeça, pondo fim na conversa.

O garoto Julian dirigia a velha, mas firme, F-100, pelas ruas de terra que dariam na fazenda onde morava com a avó e seus outros familiares. Wladmir, o gigante, ficava sempre na carroceria, por dois motivos: era muito mais confortável para suas longas pernas e porque amava sentir o vento fresco no rosto. O vento era o único toque de carinho que recebia. No seu país,

o vento congelava; quase quanto o olhar das pessoas.

Julian conhecia aquelas curvas da estrada de cor, desde menino transitava por elas. Mas não era esse o motivo pelo qual dirigia quase que automaticamente; era por não parar de pensar na garota de quem nem mesmo sabia o nome. O rapaz olhou pela janela traseira da caminhonete e viu Wladmir rindo sozinho, recebendo o vento no rosto.

- Me responda, Gigante... – disse Julian - Como alguém pode saber quando está diante da garota da sua vida? Daquela que não existe outra igual?

Wladmir encolheu os ombros. Definitivamente, não saberia responder ao garoto. Ele nunca tinha feito uma pergunta desse assunto para o russo.

- Wladmir não saber responder. – disse, sincero, o russo.

- Mas você nunca esteve diante de uma garota que você nunca tinha visto antes e sentiu o mundo parar? – disse Julian.

Wladmir abaixou os olhos. Tinha sentido algo semelhante uma vez, na Rússia. Mas seu tamanho desproporcional, somado ao seu rosto disforme, não permitira que sua amada sentisse o mesmo. Apesar

de compreender o que Julian estava tentando dizer, ele não saberia transformar em palavras.

- Fala pra mim, Gigante. –
continuou Julian – É normal isso que eu estou sentindo?

- Já disse não saber.

- Me dá uma luz. – disse Julian, olhando para trás – Você é único com quem posso falar essas coisas.

- Mas, garoto, nunca falar antes essas coisas com Wladmir.

Julian pensou por alguns instantes.

- Tem razão, amigão. –
completou Julian – É que isso é

novo pra mim também.

Julian avistou o grande portão que dava acesso à fazenda da família. Estava na hora de voltar à rotina de sempre. Mas, amanhã, seria outro dia e poderia voltar até aquela árvore. Quem sabe a garota de cheiro agradável estaria sentada debaixo de seus galhos?

Um singelo canto de pássaros próximo à janela. Foi isso que acordou Melanie naquela manhã. Para quem dormia sem se incomodar com barulho dos motores de ônibus. Afinal, já chegaram a morar quase ao lado de um terminal rodoviário. E, toda a manhã, aquela

correria de pessoas transitando, falando alto, xingando o motorista, distribuindo-se para lá e para cá, e até os insuportáveis alarmes, quando se usa a ré nos ônibus, já fizeram parte da trilha sonora dos sonhos de Melanie.

Procurou o celular para ver as horas e notou que estava sozinha no quarto. Na verdade, depois de alguns dias, já se acostumava ao novo habitat. Velho e com coisas velhas, assim como o restante de tudo na pousada. Bem diferente do seu quarto. Não que ele fosse uma maravilha, mas, pelo menos, tinha a sua cara. Sonolenta, ela concluiu que

os outros dois membros da família deviam ter acordado há tempo. Apesar de não saber que horas eram, sentiu que dormira muito, como se fosse por quase toda a sua juventude. E dormir é o que mais fazia nesses dias, considerando que não havia nada para se ocupar naquela cidade. A TV pegava apenas o canal de novela e com uma imagem, quase sempre, indefinível. A rádio FM de uma das cidades mais próximas só tocava música sertaneja. As pessoas, então, sem condições de interação. Até as da sua idade, as poucas com quem manteve contato, não caberiam no

seu círculo de amizades. Não que ela se imaginasse chata, no sentido de renegar alguém de ser meu amigo, mas as próprias pessoas não cediam muito para aproximação. Certo dia, tentara puxar papo com a menina que morava na casa ao lado da pousada. Ariela, a garota do mercadinho. Mas ela nem sequer a respondeu corretamente. Raíssa disse-lhe que era por Ariela sentir-se mal por ser gordinha. Melanie não ligava para isso. Tinha uma amiga assim na escola. E aqueles dois estranhos, então? O cara grande e o garoto sem camisa. Bom, pelo menos o garoto ficou encarando-a. De repente

queria até fazer amizade, mas não falou nada, e Melanie sabia que, em se tratando de garotos, era muito tímida. Não seria ela a puxar papo.

Então, só lhe restava ficar no quarto, fechada, ou lendo os mesmos dois livros que trouxera. Melanie já tinha acabado “Razão e sensibilidade” e lia, novamente, “A menina que roubava livros”. Ou relia os livros mais uma vez, ou o que era mais triste, ficaria olhando pela janela, por horas, na direção de casa. Tomou um banho demorado e trocou de roupa. Ficou paralisada diante do espelho, olhando a si mesma, tentando imaginar um átimo

do que o futuro poderia lhe reservar. Desembaraçou mecanicamente os longos cabelos, o brilho que provinha dos seus olhos castanhos não era o mesmo de antes; ela definitivamente era uma garota de cidade cosmopolita. Desceu imaginando as possíveis outras caras que teria de encarar e cumprimentar. Afinal, a pousada contava com outros hóspedes. Se pudesse, ficava no quarto o dia todo. Quem sabe fosse até uma boa ideia dar meia-volta, mas seu estômago não iria concordar e também desejava saber o que estariam fazendo a mãe e o irmão.

Antes de entrar na cozinha, percebeu que a foto que tinha observado na véspera não estava mais ali; fora substituída por uma mais recente da menina Raíssa. Melanie não conseguiu imaginar o que teria acontecido. Entrou na cozinha e percebeu o homem careca, que sempre mantinha a gola da camisa polo abotoada até em cima, concentrado, lendo um jornal. Dona Carmélia estava onde se podia apostar que uma senhora igual a ela ficaria: ao fogão, já iniciando os trabalhos para o almoço. Pensou em perguntar sobre a foto, mas não o fez. Considerou melhor indagar

quando Dona Carmélia estivesse sozinha. Do outro lado da mesa, Nicolas e Raíssa perceberam sua presença.

- Até que enfim, dorminhoca.

- falou Nicolas.

“Se estivéssemos sós, ele iria ver quem é a dorminhoca.” - pensou Melanie; mas apenas se limitou a fulminar o irmão com o olhar.

A senhora idosa olhou para trás e, sobre os óculos, encarou-a. O careca nem se mexeu.

- Bom dia! Quer café, criança?

“Criança. Detesto quando ela

me chama assim.” – pensou mais uma vez Melanie.

- Criança não, vó! – exclamou a menina Raíssa – É Melanie! - a garotinha inclinou-se na direção da avó e, colocando uma das mãos no canto da boca, sussurrou - Ela não gosta que a chamem assim.

Dona Carmélia percebeu a interrogação no rosto de Melanie sobre as atitudes da neta.

- Raíssa, vai brincar lá fora. – disse a mulher.

A menina bufou e saiu, seguida por Nicolas. Dona Carmélia colocou uma xícara na frente da

jovem.

- Pode se servir.

Ela apontou uma garrafa térmica sobre o centro da mesa, que estava quase toda ocupada por pães, bolos, broas e demais quitutes que possivelmente não seriam tão apreciados por Melanie como foram na primeira manhã.

- A senhora sabe da minha mãe?

- Ela saiu faz um tempinho. Disse que iria resolver algumas coisas importantes.

Melanie tomou seu café silenciosamente. Evitando até de fazer o barulho da xícara

repousando no pires. Quem sabe, assim, ninguém falaria com ela. Foi mais rápida do que de costume e saiu. Passou rapidamente pela área de entrada e seguiu até o portão; não queria ouvir a voz de Nicolas, nem de sua nova amiga. Quando chegou à rua pensou: “Ou saio para dar uma volta por aí, ou retorno pra clausura que é aquele quarto.”

A rua que passava atrás da pousada era a principal da cidade. Foi por ela que seguiu até chegar à pracinha. Cruzou com poucas pessoas pelo caminho. Todos a olharam com certa curiosidade contida. Ficou esperando que

alguém lhe cumprimentasse; ninguém se preocupou em fazê-lo; então, ela também não. Sentou no único banco que não estava totalmente quebrado. Colocou seus cotovelos sobre as pernas e ficou imaginado quando aquela bola de vegetação, que o vento carrega no deserto, iria passar pela sua frente.

“E se eu for até aquela árvore?” — pensou, entediada — “Não. Vou ficar aqui mesmo.”

O que faz uma pessoa se interessar por outra? E quando isso acontece inesperadamente, o que está por trás?

Melanie era uma garota que

nunca acreditara em coincidências. Para tudo existe um porquê, ela pensava. E, talvez, estivesse certa. Menos de dez minutos depois, foi só ela desviar seu olhar, por instantes, para outra direção que algo chamou a sua atenção. Era quase meio-dia, o sol reinava absoluto no céu. Ela sentia o suor sobre a sua testa. Então, não foi capaz de avaliar a razão pela qual aquele homem seguia solitário, na sua direção, vestindo um longo e pesado casaco preto. Ela procurou o adjetivo mais infame possível para classificá-lo, mas não conseguiu. Com um sol escaldante daqueles, quem ousaria

trajar uma roupa pesada como essas?

“A gente vê cada coisa neste mundo!” - pensou.

Achou melhor olhar novamente para o encasacado antes que ele estivesse bem perto, assim poderia rir da cara dele em seus pensamentos depois que ele passasse por ela. Olhou com o canto dos olhos, e ele estava mais perto do que ela havia suposto. Na verdade, bem perto. Moveu a cabeça rapidamente para o outro lado e permaneceu assim. Sentiu-se incomodada de repente. Não pelo fato de ser uma pessoa totalmente

estranha que passaria em sua frente. Ela poderia fingir que se concentrava em alguma cena e ignorar. Mas algo diferente, angustiante, realmente mexeu com a menina.

- Olá!

Sentiu a voz do encasacado bem junto dela. Olhou na direção dele e o viu parado quase à sua frente. Era o garoto que acompanhava o homem grande. Notou que ele estava sem camisa, de novo, debaixo do casaco. E só depois vislumbrou o seu rosto. Era jovem, imberbe e não deveria ter mais do que 20 anos. Seus olhos

tinham uma tonalidade diferente, quase como um cinza-claro. Certamente era bonito, daqueles de encher os olhos. Possuía um magnetismo, evidenciado pelo sorriso cativante que se somava ao estilo incomum que possuía. Melanie imaginou-o na escola, no primeiro dia de aula. Mas não vestido do jeito que estava agora. Se estivesse com uma calça jeans, mesmo que surrada, e uma camiseta qualquer, aí sim, causaria suspiros em Melanie e em seu grupo de amigas. Mas ele estava ali, somente diante dela, esperando uma resposta.

- Oi. — respondeu Melanie,

mas sua voz quase não saiu.

- Você tem horas aí? –
perguntou o desconhecido.

“Muito original!” – ironizou
Melanie em seus pensamentos.

- Tenho! - respondeu a
garota pegando o celular no bolso de
trás – Faltam vinte pro meio-dia.

- Hum. – ele pronunciou,
ficando em silêncio alguns instantes
como que procurando alguma
palavra para dar sequência à
conversa.

Melanie limitou-se a ficar
olhando para o display do celular.

- Eu sou Julian.

Ela viu sua mão estendida

em sua direção. Hesitou um pouco, mas a apertou.

- Melanie. - revelou a garota, enquanto soltava, tímida, a mão do rapaz.

- Eu a vi embaixo daquela árvore depois da estrada. – disse ele, na tentativa de continuar a conversa. – ela apenas moveu a cabeça - Vai ficar muito tempo na cidade?

Mel respondeu negativamente, de novo com um aceno de cabeça.

- Vai morar aqui? – insistiu o rapaz.

“O que é isso? O cara é do

FBI? Vai ficar me interrogando?” - pensou Melanie.

- Por uns dias. – respondeu ela, imaginando um “infelizmente” no fim da frase.

- Então, seja bem-vinda a Monte Seco.

Pela primeira vez, ela sentiu-se encorajada e olhou fixamente na direção do seu rosto. Encontrou seus olhos, encarando-a.

- Obrigada. - respondeu ela agora, ainda atônita com a sensação desconfortável que estava sentindo. Sempre passava por isso, justamente quando alguém chamava sua atenção.

- Está na pousada?

- Sim.

- Eu moro naquela direção. –
apontou para onde havia vindo –
Uns dois quilômetros mais ou
menos. Saindo da estrada. Depois
do velho seminário.

Ela esboçou um leve sorriso
como que entendendo a explicação.

- Você parece incomodada
com alguma coisa... – continuou
Julian.

Melanie esboçou mais um
sorriso sem graça.

- Bom. Já vou indo. – disse
Julian, desapontado - Desculpa se
incomodei você.

Melanie percebeu o quanto estava sendo hipócrita. Desde que chegou, só sabia reclamar dos habitantes do lugar, considerando-os antissociais. Agora, estava agindo da mesma maneira e justamente com a única pessoa que quebrara essa regra. Mas não o fazia por mal; sentia-se desconfortável nos primeiros contatos com rapazes desconhecidos. Ela precisaria passar por cima da timidez e tratar convenientemente o rapaz.

- Não. Eu que peço desculpas. — disse Melanie, levantando-se.

— Não se preocupe. —

completou, sorridente, Julian - Às vezes eu falo demais.

- Isso é bom, já que por aqui ninguém costuma usar o dom da palavra.

- As pessoas são muito caladas, realmente. Mas isso é o que, geralmente, acontece em cidades como essa. As pessoas são mais reservadas.

- Então... Estou há alguns dias aqui e já estou agindo assim.

- Cuidado! Logo você estará falando “Ô, de casa” ou “Ô, diacho”.

Melanie riu, contida. O rapaz, além de bonito e educado,

parecia ter bom humor. O melhor atributo para um homem, considerava ela. Ele percebeu o seu sorriso e encarou-a profundamente; parecia que queria penetrar na sua mente.

- Bom... Preciso ir agora. Estou indo até o mercadinho. – falou Julian, imaginando ser melhor não chatear mais a garota, para não perder a oportunidade de falar com ela em outra hora - Até depois.

- Até depois. – respondeu ela, desviando o olhar.

Julian analisou-a por inteiro, mais uma vez, e saiu. Melanie observou-o, retornando ao caminho

anterior. Ela demorou a perceber que, apesar do calor, estava com as mãos congeladas. Ficou de cabeça abaixada por alguns segundos e, lentamente, olhou na direção de onde ele seguia. O rapaz caminhava com um porte ligeiramente elegante, como se flutuasse sobre o chão. Ela acompanhou-o com o canto dos olhos até ele desaparecer no fim da estrada.

Melanie já estava de volta à pousada. Olhando no espelho, ela sabia que havia ficado impressionada. “Até depois.”; foram as últimas palavras do rapaz. Ficou imaginado quando isso seria. Passou

toda a tarde pensando no estranho, que usava um sobretudo, no auge do calor do dia. Ele disse-lhe seu nome: Julian. Mais do que tudo, ficou impressionada consigo mesma, normalmente esse era o tipo de rapaz que não a atrairia. Era bonito e atraente, mas geralmente se entendia bem com os menos bonitinhos. Não tinha tanta pressão sobre eles, e ela não precisaria disputá-los com a miss escolar.

Por volta das três da tarde, Flávia retornou. Melanie, como sempre, estava absorta, debruçada sobre o peitoril da janela. Agora não mais depositava sua atenção na

direção da cidade onde morava e, sim, na direção da pracinha em que conhecera Julian.

- Roendo as unhas de novo, menina? — alertou Flávia, percebendo Melanie concentrada na janela — Pare com isso; já lhe falei. Vai comer todos os dedos assim.

Melanie tirou o dedo da boca. Realmente tinha esse hábito horrível.

- De novo trancada neste quarto, menina? — repreendeu-lhe, mais uma vez - Vai definhar assim.

- Já saí. — respondeu Melanie - Fui dar uma volta hoje de manhã.

- Hum! Bom sinal. Alguma surpresa?

- Comigo não. E com você?

- Se está me perguntando o que eu fui fazer, – respondeu Flávia, jogando-se na cama – fique calma que já está tudo se resolvendo, e já estaremos sumindo daqui. – a mãe dera ênfase, prolongando ainda mais no “sumindo”, somado a um gesto de decolar, como se eles fossem sair dali de avião.

Melanie analisou aquelas palavras. Era tudo o que ela desejava ouvir. Antes, obviamente, daquela manhã em que, enfim, decidira sair. Algo mudou sua

vontade urgente de partir: Julian.

Capítulo Quatro – Cidade dos segredos

Ao contrário dos primeiros dias e das primeiras horas vivenciados na pequena cidade, Melanie observava que o tempo parecia, teimosamente, correr mais depressa. Há alguns dias, deparara-se com um desconhecido e, agora, suas perspectivas já eram outras. Quanta diferença aquele sobretudo fez! Se fosse um rapaz do estilo gótico de cidade grande, vá lá. Mas

um caipira desfilando em plena luz do meio-dia, como se estivesse no filme do Batman?! Com certeza, seria motivo para um comentário maldoso feito na rodinha de amigas quando voltasse. Mas era mais do que isso. O comentário, entre elas, poderia até acontecer, mas não seria engraçado. Melanie foi algumas vezes até a praça, em horários alternados e não teve a mesma sorte de, ocasionalmente, encontrar Julian. Sentou-se debaixo da sombra da árvore solitária e nada. Quando a mãe saía e, em seguida, retornava, Melanie ficava agoniada, temendo

receber a notícia de que teriam de voltar. Não antes de, pelo menos, vê-lo uma última vez. Flávia aproximou-se da filha, que estava entretida olhando de novo pela janela.

- Eu vou ter que dar um pulinho na cidade vizinha. Quer ir comigo? Eu pago um sorvete.

“Um sundae!” - imaginou. Seria até uma boa oportunidade de reciclar os pensamentos.

- Ok! Estou dentro!

- É coisa rápida e, depois, só tenho que passar no mercado pra Dona Carmélia. Afinal, a mulher

está me dando uma mão cuidando dos meus fedelhos enquanto eu resolvo minhas coisas.

- Ah sim, mãe! – afirmou Melanie - Como se eu desse trabalho.

- É. Realmente você não tem nem reclamado muito. O que é muito estranho.

- No caminho, vai me contar o que veio fazer aqui?

- Você nunca se interessou pelo meu trabalho. Por que, agora, esse interesse repentino?

- Bom... É que antes não precisei perder meus preciosos dias

de férias!

- A proposta é simples. Vem comigo, e a gente faz um bom programa de mãe e filha. Que tal?

- Não me pressione, porque não sei se você notou, mas tenho milhares de coisas para fazer. Vou ter que desmarcar vários compromissos. — disse Melanie, sarcástica.

- Realmente, garota, você merece um dia de descanso. — respondeu Flávia, mais sarcástica ainda.

Melanie considerou que, naquele dia, realmente, a mãe estava espirituosa. Até que seria bom acompanhá-la.

- Ok, mocinha! Combinado.
Vem comigo, então?

- Claro! Mas tem uma condição.

- Lá vem!

- Quero créditos para o meu celular. Preciso ligar urgentemente para minhas amigas. Tenho novidades. E outra: não posso perder contato com a civilização.

Flávia riu. Melanie sabia que isso era um “sim” e sorriu também. A mãe entendeu que, efetivamente, a filha precisaria desse mimo. Estava longe de casa, das amigas, da Internet e, como na pequena cidade não tinha sinal de

celular, estava longe disso também. Para alguém da idade dela, isso era essencial.

A cidade vizinha parecia mais amistosa. Maior, pelo menos. Tinha mais do que apenas uma minúscula farmácia, ou um diminuto cubículo no lugar de garagem, que o proprietário denominava “mercado”. Ali, o mercado não era super ou hiper como os de Curitiba, mas era possível transitar no seu interior sem precisar esfregar-se, entre as gôndolas, com alguma senhora de ancas mais vistosas. Era um alívio. Flávia estacionou em frente ao estabelecimento.

- Esta aqui é a lista da Dona Carmélia. – disse Flávia, retirando um papel do porta-luvas e entregando à filha – Você poderia ir adiantando as compras, enquanto eu vou até o cartório.

- Nada disso. – respondeu quase que imediatamente Melanie – Vou com você.

Era a oportunidade de ter um pequeno vislumbre do que realmente contribuía para sua mudança momentânea para Monte Seco.

- Assim a gente termina tudo mais cedo e volta logo, Mel. – continuou Flávia.

- Não, mãe. – prosseguiu

Melanie – Eu vim com você até aqui para acompanhá-la por onde você for. Não vou ficar aqui escolhendo...
– Melanie olhou a lista de compras
– ...sabão em pó do mais barato.

Flávia mordeu os lábios e balançou a cabeça. Tinha consciência do gênio que a filha possuía. Era insistente. Teimosa demais, muitas vezes.

- Ok! Ok! – concordou Flávia, ligando o carro – Vamos nós duas juntas ao cartório.

Melanie não escondeu o sorriso de satisfação. Não por ter sido atendida, ou por ter se livrado de procurar pelo sabão mais barato

e, sim, por receber a chance que esperava para desvendar alguns segredos que a mãe vinha escondendo. Isso parecia interessante. Instantes depois, o Fiesta quatro portas de Flávia estacionava em frente ao cartório. Melanie analisou o local enquanto entravam pela estreita porta de ferro, já quase totalmente tomada pela ferrugem. Lugar pequeno, abafado. Em outra situação, Melanie preferiria ficar no carro, ouvindo música, do que ter que entrar num local como aquele. Mas, agora, era diferente. Iria acompanhar a mãe e ficaria de olhos bem abertos,

captando toda a informação que lhe auxiliasse no desvendamento do mistério. Um homem de meia-idade, magro, com óculos de lentes excessivamente grossas, demonstrou interesse em atendê-las. Melanie seguiu Flávia até o balcão.

- Bom dia! Posso ajudar? – falou educadamente o homem.

- Sim! – respondeu Flávia – Eu liguei ontem para cá e falei com uma pessoa. Deve ter sido com o senhor.

- Ah sim! – continuou o prestativo cartorário – Mas não consegui localizar o documento que a senhora mencionou.

Flavia fez uma expressão de desapontamento, imitada por Melanie.

- Como eu lhe disse ontem ao telefone, – continuou o homem – sofremos um acidente, alguns anos atrás. Nosso cartório teve boa parte dos seus documentos perdidos em um incêndio. Mas alguma coisa, mesmo pegando fogo, ainda foi possível resgatar. É possível que esse registro que lhe interessa esteja entre eles. Vou precisar de mais um tempo para tentar encontrá-lo. É preciso certo cuidado com o manuseio desses documentos.

- O senhor poderia me

precisar um prazo?

- Mais alguns dias. Uma semana, quem sabe.

- Ta bom. Não tem outro jeito mesmo. Eu espero. Obrigada.

- Eu que agradeço pela sua paciência.

O homem sorriu educadamente. Um minuto depois, as duas já estavam na rua, entrando no carro. Melanie, nitidamente chateada, bateu a porta com força desnecessária ao entrar e sentar no banco do carona.

- Por que a birra? — perguntou Flávia, surpresa com a atitude da filha.

Melanie não respondeu, mas tentava também identificar o motivo que a deixara irritada. Seria por não ter descoberto nada sobre os segredos da mãe? Ou por saber que, em alguns dias, retornaria para casa e, assim, acabariam as suas chance de rever Julian?

“Meu Deus! Por que tudo o que eu penso tem a ver com esse cara agora?” - perguntou a si mesma. Mas Melanie já sabia a resposta. Sabia o que sentia por ele.

A lista que Dona Carmélia tinha passado para Flávia não era das grandes. Mas quase todos os itens continham a mesma

recomendação: o mais barato. Mãe e filha encheram praticamente um carrinho com os pedidos da dona da pousada. Durante esse tempo, Melanie aproveitou para ligar para algumas amigas, já que ali tinha sinal de celular. Flávia ria, ouvindo as fofocas serem despejadas repetidamente, a cada nova ligação. Parece que os bônus que a filha acumulara iriam dissipar-se naquela única tarde. Melanie divertia-se, e isso para Flávia era o mais importante. A filha estava rindo e feliz.

Quando chegaram ao caixa, Melanie prometera que aquela seria

a última ligação e seria bem rápida. Só iria dizer um “oi” à amiga e editar os acontecimentos na hora de contar as novidades. Flávia concordou, já sabendo que não seria uma ligação tão breve como o prometido. Melanie começara a discar quando se deparou com uma imagem que a deixou perplexa. Loucamente desejava rever Julian, mas não ali, em outra cidade, e o que era mais degradante, rindo e abraçado a outra garota.

O que fazer quando os olhos revelam-nos algo que não estamos preparados para ver? Melanie sentiu-se enjoada. Enraivecida

conseguiu mesma por depositar seus sentimentos, suas intenções, num rapaz como aquele. Por que se sentiu atraída por ele? Por quê? O que ele tinha de tão especial? Mel não sabia responder. Exceto que ele possuía uma namorada. Flávia percebeu que algo estava acontecendo. Ela podia ouvir a voz da amiga de Melanie dizendo, repetidamente, “Alô” ao telefone. A filha estava em outro mundo, concentrada em alguma cena do lado de fora do mercado.

- Tudo bem, filha? – perguntou, preocupada.

- Sim, claro. – respondeu Melanie, parecendo voltar de um

transe hipnótico.

- O que aconteceu?

- Nada, mãe. Nada.

- Sua amiga está no telefone.

Melanie compreendeu que a amiga tinha atendido a ligação. E desligou imediatamente.

- Depois eu falo com ela.

Caminhando mecanicamente, ela seguiu para fora do mercado, dando tempo de analisar o casal que caminhava abraçado. Julian vestia uma jaqueta preta.

“Tirou aquele sobretudo horrível, pelo menos.” – pensou -
“Mas continua com o mesmo mau gosto. – concluiu, avaliando a garota

provinciana que usava roupas ultrapassadas e ostentava um longo cabelo avermelhado.

Capítulo Cinco - Angelique

Havia os dois lados em residir numa localidade como Monte Seco. Julian e os seus familiares não eram bem-vistos pelos demais moradores do lugar. Existia um distanciamento proposital de ambas as partes. O garoto e os demais de sua numerosa família preferiam o isolamento; moravam em uma grande fazenda, com muitos hectares de terra, cercados por um muro e muitos mistérios. De tempos em tempos, novas histórias eram criadas

sobre acontecimentos que envolviam um ou mais dos habitantes dali. Algumas eram boatos reciclados de casos antigos; outros, possivelmente verdades. Julian estava mais do que habituado a tudo isso. Não mais se importava de chegar a lugares e ver algumas pessoas saindo às pressas ou cochichando a seu respeito. Por outro lado, quase sempre o que acontecia em Monte Seco não saía dali. Isso era bom. Na situação em que viviam Julian e a família, jamais poderiam fazer parte de um grande centro.

A responsabilidade de

suprir a família com o que faltava não era sua, mas, assim mesmo, Julian doava uma parcela do seu tempo para ajudar no que fosse preciso. A avó, Agnes, o havia incumbido de ir até a cidade mais próxima a fim de comprar para ela o tecido necessário para um novo vestido para Angelique, sua prima.

Angelique era uma garota bonita. Moderna algumas vezes e rústica em outras. Nascera com a cor negra nos longos cabelos lisos, mas os tinha em tom avermelhado no momento. “Fiz luzes.”, disse ela quando surgiu ativa na fazenda,

depois de ter ido à capital. Vestia-se com roupas simples, como as demais mulheres da família. Roupas feitas por elas mesmas; mas, algumas vezes, quando sentia vontade, retirava as mais atuais, mais da moda, que mantinha guardadas e desfilava para si mesma diante de um espelho. Suas atitudes quase sempre geravam um sentimento de desaprovação dos mais velhos e de inveja dos mais novos.

Julian sabia o que aconteceria naquela noite; não poderia evitar. Por isso, precisaria

estar dentro dos muros antes do pôr-do-sol. Teria que ir bem cedo à loja que a avó indicara para comprar o tecido. Tinha a hora marcada para pegar o ônibus e já estava atrasado. Angélique entrou sorridente em seu quarto. Lugar simples, com uma cama, um guarda-roupa pequeno e uma mesinha na qual Julian guardava alguns pertences. Tinha uma pequena coleção de bonés americanos dos Yankees, que nunca usava. Ficavam ali guardados, sobre a mesa. No porta-retrato, uma foto sua com os pais falecidos. Em uma foto menor, estava Julian, com uns três anos de idade, usando o primeiro boné do

time de beisebol de Nova Iorque, dado pelo pai.

- Sabe qual cor trazer; não sabe? – perguntou Angelique.

Julian continuou vestindo a roupa sem responder.

- Não precisa me ignorar. – continuou a garota, cruzando os braços – Sei muito bem aonde o senhor vai.

- Não sei do que você está falando. – respondeu Julian.

- Azul ou verde-esmeralda.

- Azul ou verde-esmeralda o quê, menina?

- Não! Já sei, melhor... Hum! Deixa me ver... Prateado.

Julian balançou a cabeça, calçando os sapatos.

- Vermelho, não. Apesar de gostar da cor, eu já tenho muitos vermelhos.

- Já lhe disse, Angel, não sei do que você está falando.

- Vai dar uma de desentendido? Eu sei que a vovó o mandou comprar um presente pra mim. E nós dois sabemos que ela só sabe lhe pedir pra comprar tecido pra fazer um vestido. Todo aniversário é assim.

- Então, se você já sabe, por que está me chateando?

- Porque o que você

comprou anteriormente era um corte horrível.

- Só segui as orientações que me passaram.

- Por isso, eu vou com você hoje.

Julian olhou fixamente para a prima.

- Não. — enfatizou - Vou sozinho.

- Não faça assim, cabeça! — disse a garota — Esse pode ser o seu presente de aniversário pra mim.

- Eu lhe compro outro presente. Não estou a fim de mais encrenca com o seu pai.

- Ele nem vai ficar sabendo.

– insistiu Angelique – A gente vai e volta logo. Ele nem vai perceber.

- Vou falar só mais uma vez.

– falou mais sério, colocando a jaqueta preta - Vou sozinho e ponto final.

Angelique colocou as mãos na cintura, sorrindo. Ela já sabia o que realmente iria acontecer.

O retorno em silêncio de Melanie tinha duas finalidades. Primeiramente, para evitar ter de explicar à mãe a razão do aparente *stand by* sofrido ao perceber Julian abraçado a uma garota de cabelos vermelhos. E, em segundo lugar, ponderar que, de repente, estava

sendo um pouco exagerada em relação a ele. Afinal, acabara de conhecê-lo. Não sabia quase nada a respeito dele. Então, como poderia sentir ciúmes numa situação como essa? Mas, infelizmente, era o que realmente sentia.

- Hum! Problemas no planeta Melanie? – perguntou, provocando, Flávia.

Melanie não queria comentar nada, mas certamente a mãe continuaria a provocá-la até ela se manifestar.

- Não, mãe. Minha vida é perfeita.

- Não sei se você sabe, mas

eu a conheço bem melhor do que você mesma se conhece. Por isso, sei quando você não está bem de verdade e quando está só de onda.

Ela olhou para a mãe, confirmando que se sentia como se estivesse perdida no meio do oceano, sem farol para orientá-la.

- Não esqueça que já estive no seu lugar. – continuou Flávia.

- Ah, não, mãe! Não vai começar com o discurso do “quando eu tinha sua idade”.

– Não é discurso, Mel. É troca de experiências. Possivelmente, eu não passei pelo mesmo problema por que você está

passando, mas tive, sim, problemas para resolver.

- Eu sei. Mas tem coisas que, talvez, eu precise passar sozinha.

- Sim, concordo. Mas, se você pode contar com alguém que se importa, ajuda bastante.

Só uma atitude Melanie poderia tomar, naquela hora: dar um sorriso de agradecimento à Flávia. Afinal, a mãe sempre se manteve firme ao seu lado em situações adversas. Sempre fora seu farol.

A caminhonete da família aguentou muitas e muitas viagens até as cidades aos arredores de Monte Seco. Agora, a velha F-100 de

guerra não dava ares de suportar mais uma. Devido a isso, ir de ônibus era a solução para que Julian fosse buscar o que não tivesse em Monte Seco, ou seja, quase tudo.

Foi uma tarde agradável em companhia da prima, mas desde que Julian viu aquela garota da cidade grande, não conseguia mais parar de pensar em seus lindos cabelos, esvoaçados pelo vento e trazendo às suas apuradas narinas o cheiro suave que pairava sobre ela. Tinha os olhos cheios de vida e carregava junto dela algo que Julian não conseguia identificar. Apenas o que ela guardava dentro de si despertava

um domínio sobre ele. Julian até desejou procurá-la novamente, mas as tarefas da fazenda estavam tomando muito de seu tempo. Viu-a duas vezes depois do primeiro encontro, mas sempre de longe. Como já sabia que ela estava residindo na pousada, teve receio de aproximar-se, e ela o rechaçar. Talvez a garota já soubesse de uma ou até mais histórias que contavam a respeito de sua família. Seria melhor ficar com a ilusão de que ela, ocasionalmente, também pensava nele.

Horas depois, estavam os dois voltando da cidade vizinha. A

sensação de observar as paisagens, que passavam rapidamente pela janela do ônibus, fazia com que Julian, por alguns instantes, esquecesse os acontecimentos que sobreviriam à noite daquele mesmo dia. Cada casa que ele avistava à beira da estrada fazia com que pensasse na vida normal que ele jamais teria. Seria maravilhoso viver em um lugar como aquele, sem se preocupar em esconder seus segredos, sem a possibilidade de trazer perigo a alguém, mesmo que involuntariamente. Poder conhecer uma pessoa como Melanie e dedicar-se a ela, sem a remota

chance de fazer-lhe mal...

Eram quase cinco horas da tarde. Julian e Angelique desceram do ônibus, retornando da cidade vizinha. Ela carregava, feliz, um embrulho envolvido em papel de presente. Eles precisavam se apressar para retornarem o quanto antes à fazenda. Algum tempo depois, cansados, os dois chegaram à casa principal. Marcus, pai de Angelique, esperava do lado de fora. A garota já conhecia muito bem as expressões paternas. Sabia quando ele não estava contente com alguma situação. Essa era a sua expressão no momento, encarando o

sobrinho.

- Onde você foi? – perguntou Marcus à Angelique.

Marcus era irmão de Cassius, pai de Julian. O garoto tinha conhecimento de que era um homem impiedoso, mestre da traição. Considerava Julian, assim como a seu próprio irmão falecido, um obstáculo a ser ignorado. Não gostava da aproximação da filha com o filho do irmão.

- Só fui acompanhar o Julian.

- Ele não sabe se virar sozinho?

- Claro que sim, pai. Mas, de vez em quando, eu gosto de sair

desta cidade. Ver coisas novas.

- Da próxima vez, eu levo você para ver essas coisa novas, ou o Elias a leva.

Elias era o filho mais velho de Aurélio, braço direito de Marcus. E tinha a mesma idade de Julian.

- Não se preocupe. – disse Julian – Na próxima vez, eu vou sozinho.

- Será melhor para você mesmo, se cumprir o que está dizendo. Caso contrário...

Julian considerou melhor não revidar a provocação do tio. Estava cansado pela viagem, e a discussão não levaria a lugar algum, mesmo

porque Marcus sempre encontrava um modo de provocá-lo. Nenhum dos três precisou falar mais nada, enquanto Julian e Angelique entravam na casa principal. Todos já sabiam, e muito bem, o que cada um pensava.

Quando Julian retornara à fazenda, no dia em que conhecera Melanie, Marcus sentiu o cheiro da garota no sobrinho e reconheceu, imediatamente, que ela trazia algo diferente, perigoso, que precisava ser combatido. Algo que, com certeza, Julian não percebera. E, naquela noite, era hora de pôr isso à prova.

Capítulo Seis – La bella luna

Na pousada, a hora do jantar era muito cedo. Melanie acostumou-se a comer em horários desordenados e, algumas vezes, na frente da TV ou do PC. Ficar em volta de uma mesa, jantando ao lado de gente estranha, não era muito a sua praia. A comida era boa; tempero caseiro, mas, ainda assim, sentia falta de comer pizza, ou ir ao McDonald's do shopping. Estava ali há poucos dias e já sentia falta de tanta coisa!

Depois do jantar, sempre

migrava para o quarto. Ficava sozinha. Sua mãe permanecia com Dona Carmélia e com outra mulher que ela não sabia o nome, vendo as novelas naquela TV do período cretáceo. Nicolas juntava-se à Raíssa que, quase sempre, encontrava alguma atividade interessante para fazerem na outra sala menor. Mas, agora, ela sentiu uma vontade diferente, a de sair. Estava chateada; a lembrança de Julian abraçado a outra garota assombrava-a. O desejo de sumir daquele lugar reapareceu com anseio redobrado. Mas, no momento, sentia vontade de estar do lado de

fora. As paredes estavam sufocando-a. Atravessou o salão de entrada e foi seguida pelo olhar atento das mulheres que, ladeadas, ocupavam o sofá. Colocou a mão na maçaneta e girou. A porta não abriu, estava trancada.

- Hoje não, querida!

Dona Carmélia, num tom fraternal, advertiu. Melanie olhou na direção das mulheres e notou em sua mãe o mesmo ar de surpresa.

- Por favor! Hoje ninguém sai. — explicou Dona Carmélia, no mesmo tom suave — Por isso está trancada.

E olhou para Flávia.

- Não gosto de fazer esse tipo de coisa. E nem quero assustar ninguém. Mas tem algumas noites em que alguns arruaceiros de cidades vizinhas, ou sei lá de onde, vêm fazer algazarra aqui. Mexem com as pessoas na rua; então, pra evitar confusão, nós ficamos todos em casa. — ela fez uma breve pausa — Sem exceções.

- E nunca ninguém viu quem são? Ninguém chama a polícia? - perguntou Flávia, preocupada.

- Já acontece há muito tempo. Ficamos dentro de casa, assim como os dois únicos policiais que temos.

- Isso quando o Waldemar não vai encher a cara lá no Castelinho. – completou a outra mulher, com os olhos vidrados na imagem distorcida da TV – Daí, só tem um policial.

- Não fique chateada, querida. Vai haver outras noites pra você sair. – continuou Dona Carmélia – Por que não senta aqui conosco?

- Isso, filha. – completou Flávia, indicando a poltrona ao lado – São os últimos capítulos.

- Não. – respondeu uma desapontada Melanie – Vou pro

quarto ouvir música.

A garota retirou-se em direção ao quarto e percebeu que a conversa continuou. Ela conhecia sua mãe. Sabia que Flávia não ficara satisfeita com as explicações. Com certeza, iria querer descobrir mais sobre esses acontecimentos. Melanie também conhecia a si mesma; ela sabia que não seria esse tipo de obstáculo que a prenderia quando, enfim, resolvia sair.

Não se considerando uma pessoa medrosa, Mel acreditava que, dependendo da situação, conseguiria se garantir. Era horário

de verão, mas já estava bem escuro; parecendo que os sons noturnos que vinham de todos os lugares da cidade amplificavam-se àquela hora. Ela sentia uma leve brisa refrescante em seu rosto. Estava na esquina de trás da pousada, olhando na direção daquela pracinha. Nunca havia se imaginado andando sozinha por uma rua semiescura e ainda mais com a tal ameaça de que gente baderneira viria aprontar por ali. Mas, como a velha senhora sabia que seria justamente naquela noite? Vai ver ela era como aquelas ciganas e, nas horas vagas, fazia previsões.

Melanie colocou as mãos nos bolsos de trás do jeans e caminhou querendo aparentar tranquilidade. Estava com sua calça preferida. Ainda não a tinha usado desde que chegara; aquela que somente se coloca em ocasiões que se consideram especiais. A garota não se deixaria abater por qualquer situação que lhe provocasse medo, mas gelou por inteira quando pôs os pés na pracinha novamente. Se de dia era um lugar ermo, à noite parecia cenário de uma história macabra. Melanie até concordou que gostava de filmes de terror, mas não

de vivenciar um.

“Meu Deus! O que eu estou fazendo aqui?” – pensou ela, recriminando a si mesma.

Não foram poucas as vezes em que, assistindo a algum filme de suspense, xingou a protagonista por sair sozinha ou entrar em lugares escuros. Agora estava ela ali, na mesma situação. Sentou-se no banco e, seguidamente, olhou para onde Julian havia surgido. A rua era pouco iluminada até uma altura; depois, era breu total. Olhou para o céu e imediatamente compreendeu o porquê de parecer que a praça estava tão iluminada. Não eram

somente as luzes opacas da iluminação pública que a deixavam luminosa; era a luz da lua também.

“Nossa!” – pensou – “Que lindo!”

A lua brilhante clamava por atenção no céu estrelado. Grande. Luminosa, num tom azulado. Lua azul. Melanie tirou seu Mp4 do bolso, colocou os fones, deixando o volume bem baixo, no caso de surgir outro barulho por perto. Ouviu uma música, depois outra e uma terceira. Desligou o aparelho e tornou a guardá-lo no bolso. Nem suas músicas prediletas faziam-lhe companhia. Já estava a ponto de

levantar e retornar à pousada quando ouviu o som mais horripilante de toda a sua vida. Entrou em seus ouvidos e atingiu o âmago do seu ser. Sombrio. Um uivo sombrio. Melanie levantou num rompante, seu coração acelerou tanto que teve dificuldade de respirar. O ser causador do uivo estava ao longe, mas sua presença era viva, fervilhando nas suas veias. Ela quis correr, mas suas pernas travaram. Quase tombou para trás. A sensação de que flashes de luzes circulavam-na voltou a acontecer. Piscavam ao seu redor e seguiam na direção do uivo, que agora se repetiu mais

próximo e ainda mais congelante. O som das espadas também se fazia presente. Muitas espadas entrelaçando-se em um campo de batalha.

Melanie sentia-se perdida. Estagnada. Estava sozinha no meio da noite. Sentiu que um vulto aproximava-se, ofegante. Cada vez mais perto. Ela não conseguia nem mexer os olhos; parecia estar em um transe. Não podia gritar por ajuda. Não podia correr. Uma mão pesada caiu sobre o seu ombro.

- O que você está fazendo aqui?

Não conseguiu olhar para o

rosto de quem a segurava, mas reconheceu a voz: Julian.

- Você não deveria estar aqui.

Melanie sentiu o corpo vascolear.

- Melanie!

Ouviu seu nome, e um forte chacoalhar despertou-a do transe. Ela olhou para o rosto de Julian e procurou seus olhos; um gemido de pavor saiu da sua garganta quando os encontrou. Nunca havia presenciado olhos tão grandes. No centro, um vermelho tom de sangue envolvido pela escuridão. Outro uivo, agora bem próximo, ecoou

sobre luminosidade azulada da lua. Julian ergueu a cabeça e farejou o ar, olhou para Melanie e apertou doloridamente seus braços.

- Você não pode ficar aqui. – esbravejou e empurrou-a na direção contrária ao uivo – Corra e não olhe pra trás.

A garota hesitou e começou a chorar. A voz de Julian, num tom mais grave, advertiu-a.

- Corra!

Com excessiva dificuldade, Melanie deu os primeiros passos. Ela não se atreveu a olhar para trás, mas sentiu que Julian agitava-se, grunhindo. Então, correu

desesperadamente. Ao alcançar a quadra da pousada, ouviu novamente o uivo, agora seguido de outro. Entrou ainda em pânico pela janela e não se deparou com ninguém dentro do quarto. Possivelmente sua mãe ainda estava vendo TV, e Nicolas brincava com Raíssa.

Pôs-se debaixo das cobertas; tremia muito. Levou alguns longos minutos para começar a acalmar-se. Aos poucos, colocou o rosto para fora do cobertor e olhou por todo o interior do quarto. Quando seus olhos depararam-se com a janela, percebeu que a havia esquecido aberta ao entrar, afoita; quase

esmoreceu. O vento soprava fracamente a cortina para dentro do quarto. Melanie prendeu a respiração, fechou os olhos num reflexo desesperador e, lentamente, foi posicionando-se na cama. Firmou um dos pés no chão e pareceu-lhe que assoalho de madeira não continha fundo. Custosamente ficou ereta e seguiu na direção da janela. Clamou silenciosamente pelo auxílio dos céus, ação que raramente fazia. Considerava-se autossuficiente nessas questões. Agora percebia que certos momentos acontecem para mostrar o quanto pensava e agia

errado.

Não havia barulho algum do lado de fora. Os uivos tinham cessado. Só o vento e o cadenciado balançar dos galhos das árvores do quintal faziam-se ouvir. Mesmo assim, Melanie permanecia apavorada. Olhou para fora. Sabia que não devia, mas fez assim mesmo. Não avistou movimento algum fora do comum. Sentiu um impulso de fechar rapidamente as folhas da janela e trancá-las, mas se deteve. Curvou-se levemente com o intuito de observar as laterais da grande casa. Olhou para um dos lados e não viu nada. Refez o mesmo

processo para o outro; e também nada avistou. Suspirou aliviada e colocou-se novamente para dentro do quarto.

Não existia ameaça alguma lá fora; concordou que já estava na hora de fechar a janela e esquecer o que acontecera. Quando as duas folhas estavam quase se juntando pela pequena fresta, ela avistou-o saindo das sombras. Imponente. Ele estava na calçada do outro lado da rua. A jovem menina sentiu, no momento em que seus olhos encontraram-se, uma ligação universal com aquele que a observava. Novamente aquela

sensação apossou-se dela. Parecia que o quarto estava tomado por luzes que surgiam e desapareciam em segundos. A sinfonia das espadas em combate fazia-se presente. Mas, agora, não se sentia mais ameaçada. Melanie sabia quem era ele. Era o belo estranho do Gallardo vermelho. Mas o que ele fazia ali, parado, olhando fixamente para ela? Trajava um terno preto. Estava elegante. Cabelos negros brilhantes e com um tom azulado pelo brilho da lua que o tornava sedutor.

Mel não sentiu medo, apenas impulsionada a ficar observando aquele desconhecido pela noite toda,

se necessário fosse. A única sensação sentida eram as batidas do próprio coração, que a conduziam ao excitamento de ficar admirada por aquele que, lá no fundo, trazia-lhe segurança. Mas seus pensamentos foram cortados pelo som nefasto do mesmo uivo sombrio que havia escutado minutos atrás. O estranho do lado de fora mexeu levemente a cabeça para o lado de onde o uivo tinha partido. Ela seguiu seus olhos que se projetaram na direção da lua. A imensa lua que reinava no céu. As luzes intensificaram-se ao redor de Melanie, e o som das espadas

pareciam golpes dados com força brutal, golpeando sem pararem. O estranho olhou para ela novamente e acenou num gesto cortês em sinal de despedida. Ela não sabia o que fazer, apenas retribuiu acanhada o gesto. Ele recuou e desapareceu nas sombras. Melanie fechou rapidamente a janela e jogou-se debaixo das cobertas outra vez. Agora não temia mais pela própria vida, mas, sim, pela do belo estranho que acabara de despedir-se.

Capítulo Sete – O endereço

Mezzo ansiosa, mezzo curiosa; era assim que Melanie sentia-se em relação a tudo que vivera na noite anterior. Sua mente fervilhava de emoções que nunca tinha experimentado. Não recordava da última vez em que sentira algo tão empolgante e amedrontador. Cada minuto deste novo dia estava sendo consumido por pensamentos do que ocorrera. O uivo, a lua, Julian; o medo que a possuiu e aquele estranho que parara diante de sua janela. Quem era aquele? Tinha muitas perguntas; só não sabia onde encontrar as respostas. Ou será que

sabia?

Enternecida, Melanie estava na calçada na rua atrás da pousada, exatamente onde o homem estancara na noite anterior. Ficou ali olhando para a janela do próprio quarto, tentando imaginar o que ele estaria pensando enquanto a observava. Ariela, a menina que morava ao lado da pousada, aproximou-se receosa. Melanie, percebendo que a garota hesitava, lançou-lhe um sorriso da maneira mais verdadeira que pôde. Ariela não retribuiu, mas parou perto de Melanie.

- Oi. — tentou, amigavelmente, a forasteira.

- Oi. – respondeu Ariela, timidamente – Você é Melanie, né?

- Mel, se preferir.

- A Raissinha me falou de você, da sua mãe e do seu irmão. Falou também que vocês vieram ficar uns dias e que vieram de Curitiba. Eu sempre quis conhecer Curitiba.

Melanie surpreendeu-se por tantas palavras saírem daquela boca. Achou que não passaria do “oi”.

- Ela me falou que vocês são uma família legal. – continuou – É tão difícil encontrar gente legal nesta cidade... Neste buraco.

Melanie sentiu um regozijo e

pensou o quanto começava a gostar da menina que estava à sua frente.

- Não é tão ruim assim. – emendou Mel, querendo fazer acreditar que estava realmente dizendo a verdade.

- Eu sou Ariela. Mas, na escola, me chamam de muitos nomes. - contou com a voz nitidamente pesarosa – Um diferente a cada semana.

Melanie sentiu-se condoída. Mas não deixou transparecer, já que estava ciente do trauma que Ariela carregava.

- Não esquente, Ariela! Tem muita gente maldosa e em todos os

lugares.

Melanie tirou um Trident de menta do bolso de trás da calça. Tirou um, pôs na boca e ofereceu outro para Ariela. A menina olhou para o chiclete e, timidamente, aceitou-o.

- São meus últimos. – disse Melanie – Procurei e não achei por aqui.

- Aqui não tem muita coisa mesmo.

- Eu tenho dois vícios na vida. – confidenciou Melanie para Ariela, que estalou os olhos – Roer as unhas e Trident de menta.

Ariela sorriu pela primeira vez, denunciando seus sentimentos em relação à Melanie; ela também gostou da forasteira. Enquanto trocavam informações uma com a outra sobre suas vidas, Melanie ficou atenta à possibilidade de encontrar um jeito de incluir suas dúvidas sobre Julian. Ou do homem de terno preto da noite anterior. De repente, Ariela saberia alguma informação.

- Quem você conhece de interessante por aqui? – arriscou.

Ariela demorou mais do que o normal para responder, como

se estivesse fazendo uma imagem mental de todos os moradores da cidade.

- Para ser sincera, ninguém.

Melanie ficou decepcionada! A garota demorou tanto só para deixá-la no vazio.

- Você quer saber de alguém em especial?

“E agora?” - pensou - “Falo alguma coisa?”

- Mais ou menos. — respondeu.

Ariela franziu a testa e cruzou os braços.

- É um cara, não é?

- É. – respondeu Melanie, incerta sobre qual dos dois mais desejaria saber – O nome dele é Julian.

- Eu sei quem é... – Ariela fechou a cara – E sei também que ele não é muito apropriado pra uma menina... – ela ficou procurando as palavras - ...assim como nós.

- Por que não?

- Eu não gosto de falar de ninguém. Assim como não gosto que falem de mim. Entende?

- Como eu faço pra falar com ele? Você sabe onde ele mora?

- Sei. Mas não acredito que você vá poder falar com ele, não.

- Por que não?

- Melhor do que tentar lhe explicar é lhe mostrar.

Meia hora depois do almoço, estavam as duas de bicicleta na estrada que Julian tinha apontado à Mel. Ariela emprestou à nova colega a bike da prima que vinha algumas vezes por ano passar férias com ela. E também confidenciou que a menina humilhava-a muito. Pedalaram e riram muito no trajeto. Melanie

sentiu-se surpresa e admirada ao descobrir o quanto essas sensações faziam-lhe falta. Não recordava também da última vez em que saíra pedalando descompromissada por aí, nem de rir por qualquer bobagem que acontecesse. Em poucos dias, tornara-se uma pessoa muito áspera e crítica. Parecia que tudo estava errado e na hora errada. O tempo passava, e ela via seus antigos sonhos dissiparem-se na sua frente, como areia levada pelo vento.

Chegaram ao velho seminário. Ariela parou, encostou a bicicleta e sentou-se no barranco;

nitidamente demonstrava cansaço. Melanie acompanhou a atitude da nova amiga. Ela não se espantou em perceber o tom lúgubre do lugar. Parecia abandonado. Esquecido no tempo. Ao derredor, o mato fazia-se onipresente. Ela analisou cuidadosamente o lugar; no mínimo, deveria ser tombado pelo Patrimônio Histórico da humanidade.

- Isso era um seminário, certo?

- Há muito tempo atrás, foi sim.

- Sabe alguma coisa do

lugar?

- Bom... Segundo contam, é do tempo dos escravos, coisa assim.

- Nossa! Então, é velho mesmo.

- Falam também que era esconderijo...

Ariela silenciou abruptamente, percebendo que iria passar adiante algo que deveria guardar apenas para si mesma.

- Esconderijo? Como assim?

Esforçando-se para procurar uma explicação, ela

levantou e subiu novamente na bicicleta.

- Esconderijo de animais. De bicho... Coisas desse tipo.

Melanie levantou-se também e, em seu rosto, pairava a dúvida sobre a resposta que obteve de Ariela. As duas seguiram pela estrada que as levaria onde Julian morava. Só que, agora, pedalavam em um silêncio constrangedor. O trajeto que fizeram pela estrada principal foi de mais ou menos 20 minutos pedalando tranquilamente. Quando entraram na estradinha secundária, já estavam se falando e

rindo. Melanie entendeu que não poderia exigir fidelidade de alguém que acabara de conhecer. Ambas não tinham a obrigação de escancararem seus segredos uma para outra. Pelo menos, por enquanto ainda não.

Antes de adentrarem na propriedade, Ariela parou; Melanie fez o mesmo ao lado da nova amiga. Ariela apontou na direção em que Julian residia. Melanie sentiu o queixo cair. Ela avistou algo como uma muralha alta, inabalável, coberta de vegetação que se estendia monumental de uma extremidade a

outra. Parecia um forte. Uma prisão. Nem ao menos podia-se ver o que existia no seu interior, aquilo que o muro guardava tão imponente. No centro, um portão de madeira reforçado. Parecia pesado. Intransponível.

- O que é isso?

- É aí que ele mora.

- Ok! Mas que lugar é esse?

- É uma fazenda, eu acho. Eu só cheguei até aqui, e muito poucas vezes. Acho que essa é a terceira.

- Mas o que tem lá dentro?

- Pessoas... — Ariela
diminuiu o tom de voz - ... estranhas.
É o que comentam.

- Estranhas como? O que
mais comentam?

- Muita coisa. Você vai
aprender a ouvir um monte de
histórias esquisitas por aqui. Isso aí
não é nada.

- Você não acha fora do
normal uma coisa dessas?

- Acho. Por isso que eu lhe
disse que ele não servia pra você.

Melanie sentiu-se
desconfortável com a insinuação de
Ariela.

- Não. Eu só fiz amizade com o cara. Nada mais.

Ariela deixou escapar um sorriso.

- Está bem. Cada um sabe de si, não é?

Ela deu a volta com a bicicleta.

- Vamos voltar, agora? Não me sinto bem neste lugar.

- Não; — respondeu, decidida, Melanie — quero ir mais perto. Quero ver o que tem lá dentro.

- Me desculpe, mas você vai sozinha, então. Eu não passo daqui.

- Não acredito que está com medo!

- Eu já disse; daqui não passo. Nem adianta querer me provocar.

A curiosidade instalou-se em Melanie, e ela ficou imaginando como faria para entrar ou, então, como chamaria por Julian. Subiu na bicicleta e olhou para Ariela, demonstrando sua intenção de seguir em direção à muralha.

- Você vai mesmo? – perguntou Ariela.

- Vou chegar lá perto e chamar pelo Julian. – respondeu -

Deve ter algum jeito de me ouvir.
Você me espera aqui, pelo menos?

- Um pouco, eu espero.
Agora, se você conseguir entrar e
demorar, eu volto pra casa.

Melanie acenou com a
cabeça, selando o acordo. Ariela
posicionou-se para ver a forasteira
que seguia lentamente pela
estradinha em direção ao portão.
Minutos depois, parada, diante do
íngreme portão, Melanie,
tardamente, percebeu que talvez sua
ideia não tivesse sido boa. Não
havia frestas, nem fechadura.
Deveria estar trancado por dentro.

Seria prudente ela gritar por Julian? Pensou em recuar e avistou Ariela ao longe; ela ainda estava lá, imóvel. Se retornasse sem nenhuma tentativa, possivelmente a garota iria achar que ela estaria com medo. Mas o pior era que, realmente, sentia algo próximo ao medo; só não queria admitir. Melanie tomou coragem e gritou o nome de Julian, mas a voz saiu fraca, quase inaudível. Então, encorajou-se ainda mais e gritou com mais ímpeto. Sua voz ecoou. Ela olhou para a amiga distante, e esta lhe acenou indicando que, ao menos, havia ouvido. Certo

tempo passou, e Melanie decidiu voltar. Agora já poderia, pois provara à amiga que chamou pelo rapaz, mas ninguém do lado dentro do muro a ouviu. Subiu outra vez na bicicleta e, antes mesmo de pedalar, escutou o barulho amedrontador do portão sendo aberto.

Capítulo Oito – A fazenda

Quando os primeiros raios de sol elevaram-se no céu, Julian acordava, no mesmo lugar de sempre. Mas não era uma manhã como as outras. Uma pequena fenda entre as rochas era a entrada de um salão esculpido com maestria dentro

do monte. Monte Seco. Os mais antigos, incluindo os da família, diziam que, quando chovia, o local era cercado pela chuva que nunca o atingia. O ar que procedia da chuva apenas conseguia regá-lo. Segundo os mais antigos que os antigos, o lugar era místico, ou pior ainda, amaldiçoado. Daí surgiu o nome pelo qual a cidade era conhecida. Mas Julian não se importava com os comentários, pois este sempre fora o local que escolhera para acordar quando as noites que aprendeu a detestar aconteciam. Ele, melhor do que ninguém, sabia o que era sentir-

se amaldiçoado. Era seguro e trazia-lhe paz de espírito. Brincava ali, solitário, naquela caverna quando menino. Seus segredos estavam guardados naquele lugar. Os segredos que ele mantinha afastado das pessoas da cidade e, principalmente, das da família.

Enquanto caminhava de volta para casa, Julian remoía os acontecimentos da noite anterior. O rosto aterrorizado da menina de cabelos longos e olhos castanhos era uma imagem fixa na sua mente. O que ela estava fazendo na praça àquela hora? Ninguém saía às ruas;

ninguém. De longe avistou Wladmir, aquele que o seguia por quase toda a parte, mas, principalmente, nas noites como as da véspera; por ordem do pai e, conseqüentemente, da avó, depois que este falecera. Julian sabia que Wladmir, o russo de dois metros e dezoito centímetros de altura, ficava furioso quando o perdia de vista. Fora privilegiado com a altura excessiva, mas sua capacidade de raciocinar não acompanhava esse dom. Tanto no país de origem como no Brasil, o russo conseguia atrair olhares curiosos e comentários carregados

de maldade. Por essa razão, raras vezes saía da fazenda. E, sempre que o fazia, era para seguir o neto da mulher que agora o abrigava.

Wladmir havia seguido Julian, mantendo-se afastado, na tarde em que ele conversou com Melanie. Viu o rapaz iniciar a conversa com a estranha. Ninguém da família aprovaria. Mas não foi só isso que o deixou preocupado. O russo não compreendia o porquê de Julian ter ido na véspera, à noite, à cidade e, justamente, em hora imprópria. Na hora da dor. E pior, esteve com a mesma garota

novamente. Julian pensou em escapar. Sabia que o russo não conseguiria alcançá-lo se assim desejasse. Mas Wladmir já deveria estar furioso o suficiente. Não queria mais irritá-lo. Então, esperou.

- Garoto mau. Por que fugiu de Wladmir? - esbravejou rudemente o russo, cuspiendo saliva sobre Julian.

Wladmir possuía uma voz firme que ainda carregava um forte sotaque.

- Calma, Gigante. Eu precisei sair.

O russo amenizou a

expressão do rosto. Destoando de sua aparência assustadora, o gigante tratava os da família com candura, principalmente Julian que, mais do que um protegido, passou a considerá-lo como um irmão caçula.

- Perigoso sair. —
continuou Wladmir.

- Eu sei, Gigante. -
concordou Julian.

- Ninguém pode saber que você conversar com garota estranha.

- Foi por isso que saí. Ela corria perigo. Você sabe.

- Wladmir entende.
Família não.

- Eu não poderia deixar nada acontecer a ela. E você sabe muito bem, Gigante, o que aconteceria se eu não fosse até ela.

O russo meneou a cabeça e apontou na direção da fazenda. Julian compreendeu o pensamento do gigante.

- Wladmir não gostar do que garoto fez.

- Nem eu, Gigante. Nem eu.

Os dois seguiram, juntos, pelo descampado.

Alguém, vendo pela primeira vez a movimentação

realizada na fazenda, poderia imaginar que aquela família que ali residia era normal, como tantas outras no interior deste país. Mas ela possuía um diferencial. Mais do que esconder, seus integrantes tinham que conviver com os segredos que os uniam. Eram amantes de Luna.

A matriarca, Agnes, carregava sobre si a responsabilidade de manter os acontecimentos dentro dos muros que cercavam a fazenda. Era uma mulher idosa, mas ninguém saberia dizer, ao certo, de quantos anos.

Talvez nem ela mesma recordasse. O que se dizia a seu respeito era que já pusera os pés em grande parte do globo terrestre. Inclusive na Rússia, de onde seu filho primogênito Cássius trouxera Wladmir, ainda jovem. Morou em boa parte dos países nórdicos e até no continente asiático passou, antes de aportar na terra que a acolheu definitivamente. Quando seu marido, ferido mortalmente por um inimigo na Grande Batalha, incumbiu-a de chefiar a família, Agnes trouxe os sobreviventes para Monte Seco e, com muita dificuldade, fundou a

fazenda que agora ocupavam. Nascida no seio de uma família de poderosos licantropos, em um vilarejo próximo a Via dos Lobos, essa senhora europeia carregava o indelével sentimento da vingança contra os nefastos e antigos inimigos.

Quando Julian, seguido por Wladmir, adentrou o pátio de frente à casa principal, os familiares paralisaram seus afazeres para acompanharem a incursão do jovem rapaz até onde estava a anciã, que já o aguardava na área de entrada. Ele percebeu que, naquele

dia, não ouviria somente um dos velhos e conhecidos sermões da avó. Algo mais iria acontecer, já que a curiosidade instaurada pela sua chegada não o deixava com dúvidas. Julian diminuiu o passo com a intenção de obter mais tempo para pensar em algo que o auxiliasse a convencer a avó sobre suas atitudes. Wladmir empurrou-o, tentando demonstrar a todos que não compactuava com ele. O russo também tremia com medo de que a senhora mandassem-no verberar. Julian, temeroso, parou em frente à grande casa. Rústica, alta, sem

pintura e com trepadeiras que quase alcançavam os beirais. Fora erguida com o esforço dos primeiros que ali se instalaram. Agnes saiu da imensa área frontal, desceu o degrau e seguiu até onde o neto permanecia parado, olhando para o chão.

- Você sabe o que fez? – perguntou Agnes.

- Sim, eu sei...

Julian nem terminou a frase e sentiu a mão da avó golpear-lhe a face. Não saberia mensurar quanta força aquele braço inválido pelo tempo possuía. Revirou-se e quase foi ao chão. Depois, tentou se

recompor. Olhou para frente novamente e sentiu um espasmo de ódio quando viu surgir por detrás da avó a figura do tio. Marcus ostentava um sorriso sarcástico direcionado ao sobrinho. Julian lembrou que fora ele, o tio, a razão de ter que sair da fazenda para socorrer a garota.

- Calma, minha mãe. – sugeriu Marcus, abraçando a mulher – A senhora não tem mais idade pra essas coisas.

- Calma? É isso que me sugere? – Agnes afastou o braço de Marcus - Eu tenho tentado proteger

esta família há muito tempo. Já passei por muita coisa que vocês nem podem imaginar. Não vou deixar que as coisas acabem assim.

- Eu sempre lhe digo... O castigo é a melhor solução para esse lobinho.

Julian fulminou o tio com o olhar. Marcus sempre o menosprezara. Cassius, o seu pai, esse, sim, ele temeu. Talvez essa fosse a razão de descontar tanto no sobrinho. Na sua mente, Julian voltou a visualizar o rosto congestionado da garota, quase desfalecia em seus braços. Se não

estivesse lá, naquele momento, Marcus não a deixaria viver.

- Quietos, Marcus! –
irritou-se ainda mais a velha senhora
– Deixe que eu resolvo.

Marcus lançou outro sorriso repleto de sarcasmo na direção do sobrinho. Ele também sabia que Julian fora quem interveio em seu ataque.

- Quantas vezes eu falei para você que está proibido de sair destes muros nas noites de Luna?! Você entendeu?

Julian assentiu com a cabeça.

- Você! – ela apontou para Wladmir – Resolvo com você depois.

Wladmir abaixou a cabeça em submissão. Agnes deu meia-volta e entrou na casa, sendo seguida por Marcus. Simultaneamente, cada um dos familiares retornou às tarefas que executavam antes da chegada de Julian. Wladmir, com os olhos receosos, andava de um lado para o outro, falando em russo, totalmente sem rumo. Julian tinha o entendimento de que a avó realmente possuía toda a razão em chamar sua atenção, a sua decisão de expor-se

fora arriscada. Mas também tinha absoluta certeza de que salvar a vida da garota foi o certo a fazer.

Ninguém transpassava aquela muralha. Poucas, muito poucas pessoas, que não eram familiares, podiam entrar. Na verdade, ninguém da cidade ousava aproximar-se do local, desde que se ergueram os muros, e estes novos moradores vieram morar ali. Humano nenhum era bem-vindo, quanto mais se pertencesse à raça odiosa dos inimigos.

Era o meio da tarde daquele dia, e

Julian já havia suposto que a situação voltava a normalizar. Foi quando uma voz proveniente do lado de fora clamou pelo seu nome, tirando, definitivamente, a paz do lugar.

Capítulo Nove – Leve desespero

A lentidão do grandioso portão abrindo-se fez com que Melanie sentisse espasmos por todo o corpo, decorrentes da situação aflitiva a que ela mesma havia se imposto. Se tivesse ficado na pousada, ou então acolhido o conselho da nova amiga, não estaria

ali, paralisada, tentando ter um vislumbre do que estava para surgir de dentro da muralha. Incomodada com a situação, a garota olhou para trás, na direção da amiga; ela permanecia no mesmo lugar, e Melanie imaginou que Ariela estaria também quase colocando o coração para fora da boca. Ao retornar sua atenção para o portão, Melanie viu o avantajado Wladmir surgir. Mal encarado, trajava roupas que pareciam de outra época e que deveriam ter sido confeccionadas de modo artesanal. O copioso homem olhava para ela com animosidade.

- O que querer? – disse Wladmir, sem rodeios.

Um amontoado de palavras revirou-se em sua mente, mas com certeza não teria condições momentâneas de responder. Ficou sem reação diante de tal criatura assustadora. O alívio para a voragem de sentimentos que a tomava por completo foi avistar por, detrás das pernas do avolumado homem, a figura mirrada de Julian, que carregava em seu semblante um misto de surpresa e preocupação. Seu desassossego era por ela, Melanie, estar ali e, principalmente,

porque todos os familiares sabiam da sua presença.

- O que você está fazendo aqui?! — perguntou Julian, visivelmente nervoso.

- Nossa! Essa parece ser a sua frase favorita.

Melanie lançou ao rapaz um sorriso tímido. Julian permaneceu apreensivo.

- Você me apontou a direção em que morava. Não achei que faria mal vir visitá-lo.

As palavras de Melanie adentravam na mente de Julian, mas este não as absorvia; estava com o

pensamento voltado à possibilidade de Agnes chegar a qualquer momento.

- Me desculpe. – lamentou Melanie – Vejo que não foi uma boa ideia ter vindo.

- Tem razão. É melhor você ir embora. - Julian segurou em seu braço quase a forçando a retornar - Depois a gente se fala, e eu lhe explico melhor o que está acontecendo.

Melanie olhou desapontada para Julian enquanto subia na bicicleta. Mais uma vez, sentiu-se profundamente arrependida

por ter cometido o erro de tê-lo procurado.

“Que idiota!” - pensou de si mesma. Afinal, não era de fazer esse tipo de tolice.

Nem havia dado tempo de dar a primeira pedalada e, bruscamente, suas ponderações foram interrompidas. Em um salto surpreendente, sobre-humano, Marcus irrompeu de cima do muro e caiu diante da garota.

“Como isso é possível?” - pensou Melanie, completamente aturdida.

Impetuoso,

Marcus

circulou a garota. Aproximou-se e farejou-a. Melanie tremeu ao sentir o calor do corpo do homem que, agora, estava posicionado bem atrás dela.

- Marcus! Deixe-a em paz.
— gritou Julian.

O tio encarou-o com desdém enquanto passava a mão sobre os cabelos de Melanie.

- Já acha que está em condições de dar ordem, lobinho? – Marcus rangeu os dentes, penetrando profundamente em seus olhos – Está pensando que é como seu pai?

Julian cerrou os punhos.

- Você não tem ideia de como as coisas são. – continuou Marcus – Você é tão ingênuo que não consegue perceber o que está diante do seu nariz.

Marcus farejou novamente Melanie; depois, fechou os olhos como se tivesse tomado de um êxtase. Melanie, totalmente imóvel, olhou para Julian e suplicou ajuda. Ele avançou na direção do tio. Marcus deu um sorriso escarecedor e posicionou-se para receber o seu ataque. Um bramido ecoou em todo o vale: a voz de Agnes.

Quando os lobos foram

perseguidos, e lentamente extintos em quase toda a Europa, ao longo dos séculos XVIII e XIX, restou apenas a tenacidade de sobreviver aos que migraram para outros continentes. Esse sentimento fazia-se presente na senhora de longas cãs que se prostrava diante dos seus descendentes. Sua voz interveio com decisão, não só neste, mas em todos os períodos em que comandou a família. Seja como for, na derrota ou no triunfo, Agnes tomava o domínio da situação, e nisso fora extremamente bem-sucedida. Até agora.

- O que pensam que estão fazendo?!

Agnes soltou um brado carregado de amargor. Marcus e Julian retraíram-se e olharam imediatamente na direção da matriarca. Os familiares que seguiam a senhora enfileiram-se junto ao portão. Melanie observava, com o corpo inteiramente rijo, a aproximação da senhora que tinha toda a autoridade na fala. Agnes aproximou-se de Melanie e esquadrinhou-a na íntegra.

- É por isto que estão a ponto de desonrar todos nós? – disse

a mulher, apontando para Melanie.

“Que maravilha! Virei “isso” agora!” – pensou Melanie.

Agnes encarou o neto, apontando para os demais que estavam junto ao portão.

- Isso é mais importante que os laços de sangue que você possui, menino?

- Desculpe-me, vó. Mas ela não tem culpa de nada.

Agnes fez uma pausa e demonstrou, visivelmente, que estava no limite. Ela fechou os olhos e parecia querer desfalecer. Wladmir segurou-a; Agnes empurrou o gigante sob os olhos curiosos de

todos que ali estavam.

- Não quero sua ajuda, imprestável!

A velha mulher voltou a encarar o neto.

- Nosso instinto... – ela batia no peito – Isso jamais pode mudar. Entendeu?

Julian anuiu com um leve balançar de cabeça.

- A família tem que sobreviver pra você sobreviver. Aqui do lado de fora está o perigo. – Agnes apontou mais uma vez para Melanie – E você já o trouxe para o nosso portão. Quer colocá-la para o lado de dentro também?

Melanie tentou imaginar que perigo poderia proporcionar àquela gente toda. Ela, sim, era uma menina indefesa quase perdendo o pouco de força que ainda a estava mantendo de pé.

- Você tem ideia quem é essa criatura? Quer que os lacaios que a protegem venham bater à nossa porta e começar tudo de novo?

“O que foi isso que a velha senhora quis dizer? *Lacaios*?” – pensou Melanie, sem entender. “Que lacaios?”

Ela não possuía lacaios algum a protegendo. Possivelmente, a senhora havia se enganado sobre

ela, confundindo-a com alguma outra garota da cidade.

- Deixe que venham, mãe! – garganteou Marcus.

- Cale-se, Marcus! – irritou-se Agnes – Você não tem a mínima idéia do que está falando!

- Se vierem, vão ter o que merecem.

- E nós também! Quantos dos nossos irão perecer? - Agnes olhou demoradamente para aqueles que estavam apreensivos junto ao portão - Não quero passar por isso de novo. - a mulher tornou a procurar os olhos do neto - Portanto, mande essa criatura vil desaparecer daqui.

- Agnes olhou para Melanie - Não sei o que você está fazendo na nossa cidade, mas nunca mais ponha os pés aqui. Nunca mais.

A matriarca fez sinal para que Marcus a acompanhasse. Agnes, seguida do filho e de Wladmir, seguiu em direção à fazenda. Julian e Melanie permaneceram paralisados. A garota não conseguia entender o porquê de sua presença causar tanto furor na senhora. A velha parou junto ao portão e, sem se virar, exclamou:

- Julian! Venha, agora!

Agnes retomou a caminhada e foi seguida pelos demais. Julian

olhou pesaroso para Melanie; ele não conseguia pronunciar palavra alguma. Na verdade, palavra nenhuma teria algum sentido agora. Ele tinha a convicção de que nada amenizaria o que Melanie estaria sentindo; deve ter sido demais para ela tudo que acontecera. Julian fez meia-volta e seguiu, passando pelo portão. A garota, recém-chegada à cidade, jamais imaginou que passaria por algo assim. Muitos acontecimentos e atitudes não faziam sentido. Situação insólita que a deixava sem reação alguma. Apenas tinha uma certeza: a de que, naquele momento, um pesado portão

fechava-se diante de seus olhos.

Capítulo Dez – Eu contra a noite

Seu rosto ainda permanecia contraído, talvez pela tensão dos momentos que acabara de sentir, algumas horas atrás. Melanie permanecia sentada, completamente absorta, no sofá, em frente à velha TV; as imagens indefinidas passavam diante de seus olhos, mas a garota não as captava. Concentrava-se em sua mente, tentando esmiuçar cada pequeno instante vivido. Flavia estava ali

bem ao seu lado e, já há alguns instantes, percebera que algo não estava de acordo.

- Tudo bem com você, Mel?

Melanie, lentamente, voltou à cabeça na direção da mãe.

- Tudo. - respondeu automaticamente, voltando a olhar à tela da TV.

Mas Flavia, como toda mãe, que sabe reconhecer quando algo não vai bem com o filho, insistiu.

- Tem certeza? Você pode falar comigo.

- Está tudo bem, mãe. - respondeu ela, ainda olhando para a TV - Pode ficar tranquila.

- Eu entendo que esses dias não estão sendo fáceis pra você. Por isso, se quiser conversar comigo sobre alguma coisa, eu estou aqui. Ok?

Melanie pensou que, de repente, a mãe estaria sabendo de algum daqueles acontecimentos. Quem sabe seria correto perguntar sua opinião? Mas o que Flávia acharia se, de uma hora para outra, contasse os momentos tensos por que passou? Melanie considerou melhor não falar nada; já bastava ela estar enlouquecendo com tudo isso.

Dona Carmélia adentrou a sala.

- Querem jantar agora, meninas?

Flavia levantou-se e estendeu a mão na direção da filha.

- Vamos, querida?

- Não, mãe. – respondeu Melanie – Estou sem fome.

- Quer que eu traga?

- Obrigada, mãe. Não estou a fim mesmo.

Dona Carmélia aproximou-se de Flávia e segurou-a pelo braço.

- Venha você. – falou a bondosa senhora - Se ela sentir fome depois, você prepara alguma coisa para ela.

Preocupada, Flavia olhou

para a filha que permanecia imóvel; tinha mais do que certeza de que não adiantaria querer forçar alguma atitude ou reação com a filha. Ela iria comer sim, mas quando sentisse vontade.

Era hora do jantar. Melanie sabia que, logo na sequência, viriam as longas horas de novela após novela, e ela poderia, enfim, ter um tempinho só para ela. Esperou alguns minutos depois que todos foram para cozinha e seguiu para o quarto. Deitada na cama, olhando para os nós do teto de madeira, Melanie reviveu, em sua mente, momentos cruciais dos eventos da

tarde daquele dia. Recordava o homem, de quem não conseguia lembrar o nome, pois a velha o tinha dito só num determinado momento. O que ele estaria disposto a fazer com ela? Como pôde ter se lançado daquele jeito no ar? Foi um salto impossível para um humano. Estava ela a certa distância do muro, e ele, aterrissou bem na sua frente.

E Julian? Por que a tratou daquele jeito depois de ter sido tão gentil? Por que esse rapaz causava-lhe uma atração tão forte? Nutria esse sentimento tão inusitado por uma pessoa que acabara de conhecer. Ela mal o conhecia e,

ainda assim, sentia a necessidade de saber mais sobre ele. E o lugar em que ele morava? Nossa! Que lugar estranho. Parecia uma fortaleza. O que aquelas pessoas teriam para esconder?

- Todos nós temos coisas a esconder.

Ela olhou na direção de onde a voz fazia-se ouvir. Uma voz firme, com leve sotaque, que ela não conseguiu identificar ser originário de qual país. Melanie estremeceu, havia alguém sentado na cadeira, no canto do quarto. Era alguém trajando um caro terno preto. Pernas elegantemente cruzadas. Oculto pela

penumbra, não deixando à mostra o rosto. Parecia um déjà vu. Ela lembrou-se, quase que imediatamente da situação semelhante que vivera quando teve seu quarto invadido, em Londrina. Nesse instante, foi tomada pela mesma sensação a que estava acostumando-se a sentir. As luzes, agora, estavam ainda mais fortes, ofuscando a sua visão. Os sons de um campo de batalha penetravam na mente da garota. Ela ouvia as espadas, os gritos e os urros de dor daqueles que recebiam seus golpes mortais e, nitidamente, como se estivessem acontecendo ali, naquele

instante. Era ensurdecedor!

- Não tem por que ficar com medo de mim. Não irei lhe fazer mal. Eu prometo.

Tarde demais. Melanie sentia-se aterrorizada. Desde que foram para aquela cidade, muitas situações fora do comum estavam acontecendo a ela. Agora isso; um estranho dentro do seu quarto, novamente, depois de tantos anos, prometendo que não lhe faria mal. Mas Melanie já estava sentindo-se mal. Muito mal.

- Melanie, — O estranho continuou - doce Melanie. Quer saber quem eu sou?

Ela, instintivamente, sentiu vontade de gritar, de sair correndo, desesperada. Mas apenas conseguiu consentir com um leve balançar de cabeça.

As últimas horas foram intensamente difíceis. Tanto que Julian limitou-se a pronunciar poucas palavras. Todos que passavam por ele encaravam-no, deixando transparecer o que estavam pensando a seu respeito. Sem nada mencionarem, queriam que ele compreendesse que suas ações inconsequentes foram desaprovadas por todos da família. Há muito tempo viviam em tranquilidade. Não

estavam mais acostumados a lutarem pela sobrevivência. Quando sentiam a sede sobre o brilho de Luna, eram saciados pelas mulheres e serviçais; os poucos, assim como Wladmir, que viviam no seu meio.

Era uma casta diferenciada; podia transformar-se em qualquer noite se preciso fosse. Isso foi útil antes desse tempo, quando viviam em guerra com os odiosos. Nos dias atuais, apenas se sujeitavam à poderosa lua cheia que, inevitavelmente, traz todo o furor da maldição. A única escolha que podiam ter era esconderem-se do lado de dentro da grande muralha e

permanecerem aos cuidados atentos dos guardiões. Raras eram as mulheres da família que se transformavam. Devido a isso, podiam se manter longe das correntes. Os homens não tinham essa alternativa.

Cassius, filho primogênito de Agnes, era detentor de duas grandes virtudes. Fora um guerreiro louvável, cultuado pelos seus e temido pelos inimigos. Era também um estudioso de grande talento, capaz de conduzir os experimentos que causaram a mutação benéfica nos membros da família. Sua utopia

era a de descobrir uma cura, um livramento para todos. Estava prestes a conseguir algum resultado quando, em uma emboscada, fora atacado por um grupo de inimigos e aniquilado. Ninguém ainda conseguia entender o que realmente acontecera. Cassius não era de facilitar ao ponto de ser apanhado. Desde então, os cuidados com os membros do clã foram redobrados.

Julian sentia na pele o peso de ser filho de Cassius. Todos almejavam que ele fosse como o pai, mas o rapaz era diferente; não se sentia atraído pelas atividades ou

ações que fizeram do pai uma lenda. Ele não desejava seguir esse caminho. Queria ser um jovem normal. Não queria ser uma lenda.

Angelique entrou no quarto de Julian e aproximou-se do primo. Ele estava atado às correntes.

- Não vai ficar com os outros? – disse ela, ao entrar.

- Não sou uma boa companhia pra ninguém hoje. Inclusive pra você. – respondeu, cabisbaixo.

- Que pena. Porque recebi a missão de ficar do seu lado.

- Era só o que estava

faltando! Trocaram você pelo Gigante.

- Isso aí. O monstro vai ter que ficar lá no alojamento.

Julian recostou a cabeça na parede e, da janela, olhou para o céu estrelado. A noite estava chegando. E a dor também.

O tremor das mãos de Melanie, apertando com força o cobertor, fez o estranho que invadira o seu quarto repetir a pergunta.

- Então, Melanie. Quer saber quem eu sou?

Melanie repetiu o mesmo gesto, autorizando-o a apresentar-se.

No momento, ela sentia-se impossibilitada de pronunciar qualquer palavra. O homem compreendeu sua condição e inclinou-se para frente, revelando a sua face.

- Eu sou Camuel.

Incrível. Melanie não saberia descrever o que acabava de sentir. Era o belo estranho, o mesmo que a observava do lado de fora na noite anterior. Os mesmos cabelos hirtos iluminados pelo clarão azul da lua. Mas algo estava diferente. Desprovido de um relance de vida, o único tom de cor que se destacava

em seu rosto eram as linhas avermelhadas das veias que sobressaíam debaixo da pele alva. Muito alva. O vampiro era como um busto de gesso, na cor e na frieza dos olhos. Mas, ainda sim, tinha os traços perfeitos, angelicais.

- Agora quer saber por que estou aqui?

O medo da garota estava chegando ao limite. Ela sentia que um grito de terror sairia de sua garganta a qualquer momento. O vampiro também pressentiu. Com um gesto suave, deslizou o braço pelo ar na direção de Melanie e

depositou seu dedo nos lábios da garota, silenciando-a.

- Só não pode fazer isso. Eu já lhe falei; não vou lhe fazer mal.

Melanie fechou os olhos e iniciou um choro contido. Camuel, calmamente, retirou o dedo dos lábios da menina e passou sobre o seu rosto, estancando a lágrima que caía.

- Vou precisar repetir a mesma pergunta pra você a noite toda?

Melanie, timidamente, olhou nos olhos de Camuel; eram

azuis brilhantes que contrastavam com a pele infinitamente branca. Olhos gélidos e vazios. Ele fez surgir em suas mãos, como em um passe de mágica, uma linda rosa vermelha. O vampiro ofereceu-a, e Melanie segurou-a com as mãos trêmulas.

- Então, vou lhe dizer por que estou aqui, Melanie.

A garota concordou.

- Primeiramente, quero que você olhe pela janela.

Mel não conseguia compreender a intenção do rapaz que estava à sua frente. Por que ele

queria que ela olhasse pela janela?

- Por favor, – pediu Camuel, com extrema gentileza – olhe pela janela.

A garota, bastante nervosa e ainda tremendo muito, seguiu cuidadosa na direção da janela. Sem olhar para Camuel, ela depositou os olhos na direção da rua e viu-os parados. Eram quatro no total, iluminados pela mesma lua azul. Enfileirados, dois homens e duas mulheres. Chamavam a atenção pelas roupas que vestiam. Elegantes. Todos muito bonitos. Incrivelmente radiantes.

- São a mais pura criação da natureza. – disse Camuel, enquanto se aproximou por trás de Melanie, segurando-lhe os braços – Não existe nada igual a eles. São o ápice de tudo que existe. São eternos.

O primeiro deles, Iori, o mais alto, era negro, natural de Moçambique. Não possuía pelo algum sobre todo o corpo. Usava um sobretudo cinza-escuro e, por baixo, uma camisa branca de tecido fino. Tinha a cor do que mais adorava nos olhos; a cor do sangue. A mulher que estava ao seu lado era Charlotte.

Alta, loira, francesa de olhos azuis cintilantes, cabelos que ostentavam uma longa trança que quase alcançava a altura dos joelhos. Um vestido prateado, que deixava seu colo feminino à vista, cobria o restante do corpo esguio. Estava adornada com um colar que carregava um medalhão, com o símbolo da Casa a qual pertencia. A outra mulher, um pouco mais jovem do que a primeira, era Rania. Uma morena húngara, de estatura mediana e corpo escultural. Os cabelos negros e encaracolados lembravam muito os de Ariela. Vestia um

corselet branco debaixo de um sobretudo de camurça. Colada ao corpo, uma calça de couro preta, como a cor dos seus olhos. Também tinha em seu peito um medalhão. O último dos vampiros era Miguel. Nome de arcanjo, mas coração de demônio. Franzino, tinha os cabelos desgrenhados em um corte moderno. Ele usava os trajes brancos, destoando dos demais. Americano de descendência latina, parecia o mais irrequieto; no período em que Melanie observava-os da janela, ele revolvía-se de um lado para o outro, enquanto os demais continuavam

imóveis. Camuel percebeu a movimentação desordenada do vampiro menor.

- O que foi, Miguel? Preocupado?

Os outros vampiros, enfim, realizaram um movimento. Como se sincronizados, olharam na direção de Miguel. O vampiro de branco saltou da rua em direção à casa. Novamente Melanie observou uma ação fora do comum. Parecia que estava em um sonho louco. Miguel aterrissou sob a janela de Melanie, colocando suavemente seus pés sobre o peitoril.

- Eu avisei, Camuel; não era uma boa ideia termos vindo.

Camuel sorriu, ignorando o alerta recebido de Miguel.

- Nem sempre suas premonições condizem com a verdade, irmão.

- Está avisado novamente, irmão.

A ênfase na palavra “irmão” denunciou a ironia com que Miguel considerou a opinião de Camuel. Contrariado, impulsionou-se para trás e, num salto fenomenal, caiu ao lado dos outros três. Camuel voltou toda a sua atenção para

Melanie.

- Agora você precisa saber o que realmente nós somos.

Por diversas vezes, Julian pegou-se pensando no quanto pessoas do mesmo sangue podem ser tão diferentes. Quando ele olhava para Angelique, não via nela nada que lembrasse o pai desprezível que a jovem tinha. A prima compactuava com ele em pensamentos e, muitas vezes, em ações. Ela também considerava que essa rixa antiga, iniciada há muitos séculos, e que persistia até aquele momento, deveria acabar. A longa trégua que

mantinham as duas raças poderia ser eterna. Mas Marcus jamais permitiria que sua própria filha alarmasse suas ideias. Então, viviam os dois, Julian e Angelique, conforme as regras da família, mas tinham, no seu íntimo, outros desígnios.

- Me fale a verdade; por que você saiu escondido, daquele jeito, ontem à noite? – perguntou Angelique.

- Era preciso. – respondeu Julian – Tinha uma coisa que eu precisava fazer.

- Óbvio que sim. Senão

você não sairia quebrando as regras.

- Não fui só eu que as quebrei.

- Eu sei. As regras servem somente para nós: os jovens.

Julian soltou um gemido. A hora da transformação estava chegando. Angelique aproximou-se da janela e olhou para o céu.

- Lua azul de novo. — exclamou a garota.

- Por isso saí ontem... — completou Julian com dificuldade.

- Claro! Nas luas azuis, você tem visões. — debochou Angelique.

- Não foi visão. Foi instinto.

- E teve alguma coisa a ver com aquela esquisitinha que esteve aqui, hoje à tarde, não é?

Julian calou-se, consentindo. Ele já sentia seu corpo arder por inteiro; estava banhado em suor. Ele e os demais da família retardavam a transformação o quanto mais se podia nas noites de lua cheia. Mas, depois de muita luta em vão, eram dominados pelo poder que ela possuía sobre eles. Tinha consciência de que seria mais uma noite difícil; mas ao menos naquela

noite Melanie estaria salva. Quem o olhasse, naquele instante, concluiria que seu estado era de alguém que estaria com mais de 40 graus. Angelique já tinha presenciado inúmeras transformações de vários membros da família. Mas as de Julian causavam-lhe sensação de desconforto; ele sofria demais por ser um lobisomem e não escondia esse sentimento, nem nessa hora. Sentindo o corpo quase explodindo, ele, num relance, olhou pela janela. E, mais do que a gigante lua que reinava no céu, o rapaz viu aquilo que imediatamente lhe causou um

desespero assolador. Sob a luminosidade azul que descia do céu, Julian avistou Marcus e mais quatro membros da família seguindo na direção da estrada que levava até o portão de entrada. Eles iriam sair. Iriam atrás de Melanie.

Melanie estava acuada. Sentia a ameaça, frente a frente, em seu quarto.

- Somos a mais perfeita raça que vive neste mundo. — prosseguiu Camuel — Nós somos vampiros.

A garota recebeu a revelação e sentiu a espinha gelar;

ela conhecia as histórias de vampiros. Sabia do que eram capazes. Só não sabia que realmente existiam. Poderia duvidar. Claro, isso seria demais para alguém acreditar; vampiros não existiam. Mas a visão daquele rosto que fixamente a defrontava, num misto de céu e inferno, colocava-a numa situação de xeque.

- Vampiros? – pronunciou Melanie, num tom quase imperceptível.

- É o nome que nos deram.

- Isso não existe. – arriscou ela.

- Era o que eu desejaria que você pensasse se não fosse preciso me revelar. – argumentou Camuel - É muito bom para os negócios que as pessoas pensem assim; que não existimos.

Melanie permaneceu estagnada diante daquele ser singular.

- Olhe novamente para eles. – sugeriu Camuel, apontando para os quatro vampiros – Não são perfeitos? Como não podem existir?

Melanie tornou a olhar na direção dos vampiros do lado de fora. Todos continuavam imóveis,

menos o impassível Miguel.

- O que vocês querem comigo? – perguntou ela.

- É bem complicado de explicar. – respondeu pausadamente, enquanto fazia um sinal para os demais – Antes, preciso lhe mostrar algumas coisas.

Os outros vampiros seguiram na direção da entrada da pousada. Miguel entrou por último, olhando para todos os lados da rua, demonstrando preocupação. Melanie desesperou-se.

- Calma! – alertou Camuel, segurando-a – Não vai acontecer

nada com eles.

- O que você vai fazer, seu monstro?! – gritou Melanie, socando-lhe o peito, ignorando o perigo que isso poderia lhe acarretar.

- Vou poupar suas vidas. – respondeu Camuel – Não permitirei que ninguém faça mal a você ou a uma dessas pessoas.

A imagem da mãe e do irmão surgia, imediatamente, na mente de Melanie, enquanto ela fechava os olhos. Como poderia confiar naquele que se apresentava como um vampiro,

um assassino? No instante em que Melanie sucumbia nos braços de Camuel, um som aterrador ecoou na escuridão. Era aquele mesmo uivo sombrio.

Capítulo Onze – Mundo escuro

As forças de Julian começavam a exaurir, mas seu desespero em favor de Melanie era de desmedida proporção. Era preciso tomar alguma medida e, também, livrar-se das correntes.

- Angel! Por favor, me solte. – bradou Julian.

- O quê? Você está louco?

Sabe que não posso. – respondeu, surpresa, Angelique.

- Eu imploro. Por favor.

- O que você tem na cabeça? Não vou fazer isso.

- Eu vou me controlar, juro... Eu consigo... Por favor!

- O que está acontecendo com você? Nunca agiu assim!

- Preciso ajudar alguém.

- Não precisa, Julian. A esquisitinha não corre nenhum perigo.

Julian agarrou fortemente a prima pelos braços e encarou-a com os olhos grandes e rubros.

- Preciso. Eu vi alguns dos nossos saindo... Vão atrás dela.

- O quê?! – espantou-se Angelique – Por que iriam fazer isso? É fora das regras.

- Você acabou de dizer que as regras só servem para nós, os mais jovens. Isso é verdade.

- Quem pensaria em fazer algo para aquela coisinha? Colocaria nossa gente em evidência.

Julian considerou melhor não mencionar que o próprio Marcus é quem estava prestes a violar as regras.

- Por favor, Angelique! Eu

imploro.

Angelique compreendeu que, caso não auxiliasse o primo, este permaneceria debatendo-se a noite toda e possivelmente se machucaria. E pior, se algo realmente acontecesse à garota nova, Julian não lhe perdoaria. Estava com o coração dilacerado. Temia que ele, seu primo amado, fizesse algo em seu próprio desfavor. Temia que Julian estivesse se apaixonando demais pela forasteira a ponto de pôr em risco a própria vida.

- Vou soltá-lo. — concluiu Angelique — Mas vou com você.

- Não. É perigoso para você.

- Perigoso eu sei que é. —
emendou a garota — E para nós dois... Ou vou com você, ou não o solto.

Julian não desejava que a prima descobrisse que o próprio pai estava pondo em risco a segurança de toda a família, quebrando as regras. Porém, mais do que tudo, precisava defender Melanie. Então, ergueu os braços na direção de Angelique; ela pegou a chave e abriu os grilhões. Correntes de grande diâmetro, antigas, possivelmente da

época da escravidão, caíram pesadamente no chão.

Os quatro vampiros posicionaram-se diante da porta de entrada da pousada. Estavam mais do que prontos para executarem as ordens de Camuel. Iori olhou para a loira Charlotte.

- Mademoiselle, vai-te e mostra o que melhor sabes fazer. — disse Iori, revelando um carregado sotaque português.

- Isso é como brincadeira de criança, Iori. — respondeu Charlotte — É fácil demais.

A francesa olhou para

Rania; a húngara movimentou os cabelos negros encaracolados e bastou um gesto de suas mãos na direção da porta, e esta se abriu, imediatamente. Charlotte invadiu a casa em um longo salto, caindo no centro da sala, causando alvoroço nas três senhoras que estavam assistindo à TV. Como uma mulher felina, selvagem, Charlotte deixou à mostra os longos caninos, observados com temor por Flávia.

- Saia da minha casa, bruxa maldita! – vituperou Dona Carmélia.

- Já vou, madame.-

replicou a vampira – Já vou.

Charlotte aproximou-se, com os olhos faiscando, e encarou uma a uma das mulheres. Imediatamente elas caíram vagarosa e involuntariamente no chão. A vampira sorriu e seguiu para os outros cômodos da casa. Camuel sentiu que Charlotte estava cumprindo o que ele havia determinado; então, abraçou Melanie e saltou com ela em direção à rua. Melanie, imóvel, recebeu o frescor da brisa sobre a pele. Ela estava colada ao corpo do jovem vampiro, que a abraçava fortemente

e deslizava com ela pelo ar. A garota sentia seu cheiro adocicado, mas não seu coração batendo, talvez ele realmente fosse o que dizia ser: um vampiro.

Charlotte aproximou-se de Iori, Rania e Miguel, que aguardavam em frente à pousada. Num relance, Camuel surgiu do céu, caindo, abraçado à Melanie, juntando-se a eles. O uivo que tanto amedrontou a garota fez-se ouvir novamente. Não apenas um, mas vários e cada vez mais perto.

- Preciso lembrar-lhes do que irá acontecer se ficarmos aqui?

– disse Miguel.

- Estás com medo das criaturas sem cérebro? – provocou Iori.

- Não tenho medo de nada. Posso dividir com você o que eu sei... Aí, saberemos quem terá medo.

Miguel estendeu a mão na tentativa de segurar no braço de Iori. Camuel adiantou-se e deteve-o, segurando em seu braço.

- Preciso lhe pedir para parar? – perguntou Camuel, olhando para Miguel, que recuou recebendo dos olhos do outro uma advertência.

- Time is over! –

pronunciou o vampiro americano, livrando-se da mão de Camuel.

Os vampiros voltaram sua atenção na direção da estrada que seguia da praça central. As bestas feras surgiram raivosas de dentro da escuridão, lideradas por aquele que tinha o negro na pelagem e no coração: Marcus. Camuel sorriu; há muito tempo não os via, mas ainda conservava as lembranças da última vez em que pisara sobre a cabeça de um lobo. Era doce o sabor de derrotá-los, quase tão doce quanto o gosto quente de sangue jovem e fresco. Os vampiros aguçaram-se e

preparam suas posições para enfrentarem os lobos que, agora, estavam bem próximos. Camuel sabia que ainda não era hora de colocá-los debaixo de seus pés, novamente. Tinha uma missão a cumprir: proteger Melanie. Os demais vampiros teriam que fazer o trabalho, apesar de sentir seu instinto de dominador pulsar em suas veias. Ele recebia o abraço apertado da garota que, pouco tempo atrás, havia o chamado de monstro. Contudo, ela temia as bestas feras mais do que a ele.

- Isso me traz saudades de

Budapeste. – comentou Rania – Mas os de lá pareciam ser maiores.

- Isso porque não vistes os da mãe África. – emendou Iori.

As feras, agora, estavam claramente às vistas. A luz da lua brilhava sob suas pelagens; tinham o ódio estampado nas faces medonhas. Ódio mortal daqueles que estavam quase ao seu alcance. Camuel olhou ao derredor, procurando um lugar seguro para manter Melanie. Ela agarrava-o com todas as forças que possuía. O vampiro deliciava-se em constatar o medo que dominava a garota.

Com toda a fúria em seu coração, Marcus urrava, enquanto corria na direção dos inimigos. Lá estava ela, a garota, entre eles. Tinha, em sua mente animal, um vislumbre do momento que a teve junto de si. O cheiro que agora exalava dela era o mesmo de antes: medo. Marcus percebeu que o vampiro escondia a garota atrás de uma árvore. Ela teria que ser a primeira a morrer; depois, o vampiro.

Iori posicionou-se à frente dos vampiros; seria o precursor a dar combate às feras. Charlotte,

Rania e Miguel ficaram logo atrás do africano. Camuel permanecia atrás, como se fosse guardado pelos demais. Marcus, bem próximo, puxava a matilha ensandecida. Ele saltou na direção dos vampiros. No ar, avistando os vampiros no chão, a fera recebeu um golpe que o remeteu para longe. Como poderia ser atingido? Os inimigos nem se mexeram, não saíram do chão. A matilha que seguia atrás do líder parou. Os vampiros observaram, atônitos. Um lobo acabara de atacar outro, do mesmo bando. Um lobo atacando um familiar.

Quando chegou à pacata localidade de Monte Seco, Melanie considerava que seus dias seriam fastidiosos; nunca passaria por sua mente juvenil que presenciaria uma disputa milenar, uma guerra intensa e cruenta. Mais ainda, jamais pensaria em estar no centro dessa batalha. Ela presenciava, agoniada, tudo que acontecia, mesmo sendo quase impossível acreditar que não fosse um sonho perturbador.

Com toda a força, Marcus fora lançado no cercado de uma das casas da rua. Sentiu doloridamente um fragmento de madeira rasgar-lhe

a carne da bacia; o sangue banhava os pelos vastos do lobisomem. Com dificuldade, conseguiu equilibrar-se nas quatro patas; seus olhos encheram-se de repulsa ao constatar que fora golpeado por Julian.

Camuel permaneceu imóvel; ele e os outros vampiros jamais haviam presenciado uma cena como aquela. Melanie, aterrorizada, observava por detrás da árvore um grande lobo vociferando para outro de sua espécie. O animal tinha a cabeça bem maior do que a de um lobo normal; seus pelos pardos eram

avantajados e brilhavam, infinitamente, mais do que os dos outros. Sua mandíbula impressionava toda vez que rosnava, revelando as presas assustadoras. O lobo, raivosamente, circulava no local onde estava, parecendo aguardar o outro para continuar a luta. Os vampiros, tomados de surpresa, permaneciam estagnados, sem saberem o que fazer; poucas vezes foram apresentados a situações em que não sabiam como reagir. Um lobisomem atacar um da própria espécie era uma delas.

O restante das feras

observava de longe, com a expectativa de que o combate iniciarse-ia a qualquer momento. O lobo que fora atingido, lenta e cautelosamente, aproximou-se do seu agressor. Os olhos cruzaram-se, revelando toda a repugnância que, reciprocamente, sentiam. O lobo pardo inalava o cheiro da garota e sentia seu corpanzil queimar por dentro, na ânsia de protegê-la; o negro também sentia aquele odor de Melaine, mas seu desejo era de rasgar a sua carne. As garras do lobo pardo enterravam cada vez mais no chão, à medida que seu

adversário aproximava-se. Ele previa que, a qualquer instante, receberia o ataque e estava pronto para revidar; por sua vida e pela de Mel.

Marcus sentia um ódio profundo naquela hora; detestava o sobrinho ainda mais por essa afronta. Sua sede de destruir os vampiros e a garota quase que estavam transferindo-se totalmente para Julian. Então, no pouco de raciocínio que lhe restava, imaginou que pior do que tudo era ter de matar o sobrinho na frente dos vampiros. Olhou para onde a garota escondia-

se e viu-a aterrorizada de medo; olhou para cada um dos inimigos e sentiu seu sangue gelado pulsar. Os vampiros exalavam um odor insuportável de arrogância. Endereçou a Julian um último olhar carregado de aversão. Marcus rosnou e seguiu na direção da matilha; os outros quatro lobos esperaram o líder passar e acompanharam-no em direção à escuridão.

O uivo sombrio ecoou mais uma vez cortando o silêncio da noite. Melanie reconheceu-o; era do lobo negro que a assustara na noite

anterior. Julian ainda permanecia no mesmo lugar, com as garras enterradas no chão. Ele olhava para Melanie e sentia, nos olhos dela, o temor por sua presença. Os vampiros reagruparam-se próximos a Camuel.

- Vamos acabar com esse animal. – bradou Charlotte.

- Não seria páreo para um de nós, quanto mais pra todos. – completou Rania.

Os vampiros expuseram suas presas e, em uníssonos, vociferaram para o lobo pardo.

- Vamos deixar essa coisa

imunda em pedaços. – ameaçou Iori.

Os vampiros estavam prontos para saltarem sobre a fera, quando uma jovem voz anunciou-se.

- Não! Por favor! – gritou, desesperadamente, Angelique, saindo da penumbra e postando-se heroicamente à frente do lobo pardo.

Os vampiros perceberam que Angelique era da família dos lobos; então, precisavam exterminá-la também. Aprontaram-se para o ataque. Charlotte saltou ferozmente sobre a garota, mas a voz de Camuel em sua mente deu o comando para que a vampira parasse. Charlotte

caiu longe de Angelique e de Julian. Ela recebeu a ordem para parar o ataque, mas o lobo poderia investir contra ela. Percebendo que os vampiros não mais atacariam, Angelique empurrou Julian, forçando-o a fugir. Melanie observou o grande lobo pardo distanciar-se, acompanhado da garota de cabelos avermelhados. Lembrou-se dela; era a que estava com Julian. Então, aquele lobo poderia ser...

“Não! Julian, não! Impossível!” - pensou.

Camuel aproximou-se de

Charlotte e estendeu-lhe a mão.

- Charlotte, querida. – disse Camuel para que todos ouvissem – Não tenha pressa. Logo poderá se divertir com esses vira-latas.

- Ora pois, Camuel! Oportunidade como essa não se perde! – disse Iori.

- Não está curioso, irmão? – respondeu Camuel – Não quer saber o porquê dessa infame criatura ter atacado um dos seus?

- Que se matem. – esbravejou Rania – Poupam nosso trabalho.

Miguel aproximou-se de Melanie e segurou-a pelo braço.

- Ainda tem dúvidas do porquê, Camuel?

Camuel sorriu, revelando mais uma vez suas presas. Melanie, sim, não tinha relance algum mais de dúvidas; aqueles que estavam à sua volta eram vampiros.

- Vamos sair daqui. – continuou Camuel – O encanto de Charlotte logo vai terminar, e os moradores acordarão.

- E ela? – perguntou Miguel, ainda segurando no braço trêmulo de Melanie.

- Vai conosco. -
respondeu o decidido Camuel.

Capítulo Doze – O dia que não terminou.

Ela, a menina comum da cidade grande, aquela que se sentia apta a enfrentar qualquer situação, que saberia manobrar e escafeder-se das artimanhas do destino, estava ali, trêmula, paralisada, diante daqueles seres de beleza sublime e presença dominante.

S e Camuel e os outros quatro vampiros já a deixavam zozona com sua proximidade, imagine

um número ainda maior deles. Uns cinquenta talvez. Todos jovens, incrivelmente bem vestidos e elegantes ao extremo. Era como um aglomerado de vampiros estilizados e moderninhos. Porém, o mais terrível foi quando ela adentrou o lugar, e todos os olhares seguiram na sua direção. Ela sentiu seu corpo diminuir, suas pernas pareciam ter se colado ao chão, sua boca secou, e seu coração bombeava enlouquecido, querendo saltar para fora. Foi isso que chamou a atenção dos vampiros, um coração humano batendo, descompassado, entre eles;

sangue jovem implorando para ser sorvido. Apesar do desejo quase incontido de pularem sobre a caça, que se apresentava tão solícita e indefesa, os vampiros sabiam que a presença da garota não se dava ao acaso; estava com Camuel, e isso precisava ser respeitado.

Melanie não saberia precisar onde estava; parecia um grandioso depósito, uma fábrica desativada, talvez. Alguns maquinários antigos permaneciam, empoeirados e cobertos de teias, alocados nos cantos. Podia-se ouvir uma música eletrônica saindo dos

alto-falantes potentes, de uma pirâmide improvisada de caixas de som. Um DJ, com feições orientais, certamente vampiro, fazia uma apresentação performática.

A garota tinha visto, do lado de fora, carros fabulosos estacionados; mesmo ainda aterrorizada, não pôde deixar de notar. Veículos importados e modificados. Ferraris e Porsches, ela não saberia dizer, mas ponderou que, obviamente, ser vampiro era ser aristocrata. Charlotte, a mais linda entre todas as vampiras do lugar, desfilava prodigiosa no meio

dos demais vampiros; parecia estar em uma passarela, apresentando a última tendência da moda. Era impossível não notar seu porte elegante. Ela fazia questão de deixar claro que tinha total conhecimento da beleza e do charme que carregava. Rania, por sua vez, parecia não se importar com a opinião alheia. Ria, inclusive, achando graça do desfilar exagerado de Charlotte, indo de um lado a outro, em proposital exibicionismo. Rania tinha outras prioridades para avaliar. Iori, de semblante sempre fechado, também se demonstrava

deslocado daquele tipo de ambiente. Era um guerreiro, um bravo soldado na causa vampírica. Perder tempo com aspectos fúteis, como roupas de grife ou componentes para maximizar o desempenho do possante, não era sua prioridade. Miguel... Bom, esse era difícil entender. Melanie olhava para ele e nada podia prever de sua personalidade. Ora parecia inquieto, ora desligado. Às vezes, falava desordenadamente, gesticulando e dizendo asneiras e, em outras vezes, de semblante sério, comedido, comentando assuntos de profunda

sabedoria. Mel não sabia precisar qual era o tamanho do turbilhão de emoções que rodopiavam naquela cabeça.

Já sobre Camuel, algumas ideias poderiam ser deduzidas. Era o líder daquele pequeno grupo e, pelo que se podia notar, muito admirado pelos demais que permaneciam no local.

- Está cansada? —
perguntou Camuel.

Melanie respondeu positivamente, balançando a cabeça.

- Foi uma noite e tanto pra você, não foi?

A garota olhou contida para o vampiro, afirmando que ele estava correto.

- Está com fome? Ou com sede?

Melanie havia percebido que um número grande daqueles que estavam ali mantinham em suas mãos garrafas, como as de refrigerante, que continham um líquido espesso de um vermelho forte. Poderia ser refrigerante, suco, ou mesmo alguma bebida mais forte. Ou, então, sangue... Não quis arriscar ter que experimentar, caso Camuel lhe oferecesse. Apenas balançou a

cabeça em sinal de negação.

- Vai continuar assim? –
prosseguiu Camuel – Não disse nada
desde o trajeto da cidadezinha até
aqui.

Melanie pensou mil
palavras para dizer e, assim, não
contrariar o vampiro, mas,
involuntariamente, não conseguiu
pronunciar nada.

- Quinze minutos. – bradou
o vampiro DJ, para que todos
ouvissem.

Em seguida, houve uma
movimentação que parecia
sincronizada. A música cessou, os

carros foram recolhidos um a um. A porta foi trancada por dentro, após quatro brutamontes aparecerem e posicionarem-se em cada canto do galpão. As luzes apagaram-se; apenas as de alguns carros permaneceram ligadas. Melanie, então, notou que as grandes janelas, no alto do depósito, estavam pintadas de preto. O mais provável em um prédio como aquele seria que estivessem quebradas. Mas não; permaneciam inteiras e pintadas. Camuel seguiu seus olhos.

- É para a luz do sol não penetrar. – explicou Camuel.

“Claro! Vampiros... luz do sol... Não daria certo.” – deduziu a garota.

- Se ficarmos expostos ao sol, nossa pele queima. Não ao ponto de explodir, como nos filmes, mas nos fere.

- Eu nunca gostei de filmes de vampiros. – confessou ela, percebendo, tardiamente, que talvez não fosse certo falar para um vampiro que não gostava de vampiros.

- Também não gosto. – disse Camuel, rindo – Eles deturpam muita coisa.

- Como o quê? – Melanie sentiu-se curiosa; que oportunidade mais teria de perguntar esse tipo de coisa?

- O sol, por exemplo, tem seu fundo de verdade. – prosseguiu Camuel - Agora, se somos imortais? Hum... Na verdade, não. Vivemos bem mais que os humanos, mas temos data de validade também. Um humano consegue viver, quem sabe, até uns cem anos; um vampiro pode viver até dez vezes mais.

- Água benta fere vocês?

- Fere! – Melanie arregalou os olhos – Se você encher um container com água benta, e o

derrubar sobre um vampiro, esmagando-o, aí sim, fere e muito.

Ela quase conseguiu rir.

- Caixões? – insistiu no interrogatório.

- Consegue ver algum aqui?

Melanie olhou ao redor. Camuel divertia-se; enfim, a garota estava se soltando. Era prazeroso apresentar a ela as respostas para as perguntas mais básicas.

– Dormi em um, uma vez, para sentir como era a sensação. Muito desconfortável. Rania, por exemplo, tem claustrofobia; ela enlouqueceria se precisasse dormir em um!

- E alho, crucifixo, essas coisas?

- Tudo parte da mente imaginativa de alguns escritores talentosos. Cada um criou o mito como quis; para nós não interessa, desde que pensem que somos só mito.

- Sangue? – ela perguntou cuidadosa, morrendo de medo – Vocês bebem sangue humano?

- Você ouviu o DJ. – desconversou Camuel com a expressão séria, sentindo o medo aflorar em Melanie – Faltam poucos minutos para o sol nascer.

- O que vocês vão fazer

agora? – perguntou ela, mais receosa.

- Óbvio. O mesmo que todos os seres vivos. Vamos descansar.

- E o que eu faço?

- Bem, você tem duas alternativas. – continuou Camuel – Primeiramente, você pode dormir também. Acredito que esteja muito cansada, já que passou a noite toda acordada. Ou, então, pode ir embora se quiser.

“Como assim?” - pensou a garota. Camuel riu, lendo seus pensamentos.

- Simples. Você pode tentar escapar daqueles quatro que estão

parados logo ali.

Melanie olhou para os leões-de-chácara e não sentiu vontade de arriscar. Afinal, se os vampiros planejavam lhe fazer algo prejudicial, certamente, ela não mais estaria ali, respirando.

- E a minha família?

Camuel, acomodando-se dentro do carro preto, estendeu a mão para Melanie.

- Não percebeu ainda, Melanie? Essa é a sua família agora.

Do mesmo modo que a noite mais medonha vivenciada, o dia que acabava de nascer, certamente, não começava bem para o jovem que

enfrentou o próprio tio por afeição a uma forasteira. Era bem provável que ela, talvez, nem mensurasse o seu empenho. Acordou, mais uma vez, com o corpo nu, no velho escondedouro, dentro do monte. Sentia dor; sentia medo. Ao seu lado, dormindo abraçada a ele, estava Angelique, a prima protetora. Ela sabia para onde ele fugiria e ficou a noite toda ao seu lado.

“Doce Angelique.” – pensou Julian, imaginando o quanto deveria ter sido difícil para ela presenciar o confronto. Apanhou uma peça de roupa que estava separada, escondida, para as manhãs depois da

lua cheia, quando não ficava na fazenda. Eram raras as vezes, mas aconteciam. Angelique despertou agitada, igual quando se acorda após um pesadelo. A prima viu Julian terminando de se vestir; ela percebia o sofrimento que estampava em seu rosto. Ela também sofria.

- Não preciso dizer o quanto você é importante pra mim. Preciso? – disse Julian, declarando todo o seu amor fraternal, mas sem ainda conseguir olhar para Angelique.

- Nem eu preciso lhe dizer também. – respondeu Angelique, com a voz embargada.

Queria ela poder terminar a

frase com um “Te amo”. Mas como poderia? Julian era sangue do seu sangue. E pior, pois tudo, agora, estava ainda mais inadmissível. Se Marcus já não compactuava com Julian, depois do enfrentamento, detestava-o de vez.

- O que você acha que irão fazer comigo? – perguntou Julian.

- Não sei, Julian. Mas não adianta sofrer antes do tempo. A vovó ama muito você.

- Mas o seu pai me odeia.

- Que bom, então, que não é ele quem dá a última palavra por aqui.

Julian, enfim, criou coragem

e mirou os olhos de Angelique.

- Você acha que o que eu fiz foi errado?

Angelique desviou o olhar e permaneceu pensativa por algum tempo. Tinha receio de magoar o primo dizendo, realmente, o que pensava.

- Você já fez essa pergunta a si mesmo? – perguntou Angelique, tornando a encontrar os olhos de Julian.

- Já.

- Então, me diga você. O que fez foi errado?

Julian não conseguiu

responder, apenas se aprofundou ainda mais em seus conturbados pensamentos. Até que ponto o que havia feito era errado? Se não tivesse interferido, o que aconteceria à Melanie? Ela estava rodeada por aqueles devassos. Julian tinha lapsos de suas imagens gravadas na memória. Nunca havia encontrado um vampiro antes, não exalavam o cheiro humano característico, nem podiam se ouvir seus corações baterem. Será que estariam mesmo dispostos a protegerem Melanie? Se sim, o que, então, ela representava para eles?

Talvez isso pudesse explicar o porquê de Marcus querer exterminá-la.

“Marcus!” - pensou Julian. Como ficaria frente a frente, novamente, com o impiedoso tio? Ainda compenetrado, conseguindo em seus pensamentos mais perguntas que respostas, o rapaz ouviu a voz de Wladmir, chamando-o. Julian sinalizou para que Angelique não fizesse barulho; não queria revelar seu lugar secreto para o guardião russo.

- Vamos sair daqui. — disse Julian, sussurrando — Não

posso ficar escondido aqui a vida toda.

Angelique expressou, com o olhar, que estava de acordo com o primo. Julian segurou em sua mão, e os dois saíram esgueirando-se entre as árvores.

Agnes tinha o conhecimento dos fatos, pela versão de Marcus e de Aurélio, seu braço direito, além dos outros lobos que os acompanharam. A matriarca, apesar de tudo, ainda considerava ouvir a narrativa do neto, antes de tomar uma decisão, mesmo sabendo que Julian andava estranho,

ultimamente. Trouxe a ameaça em forma de mulher até o portão da fazenda. Ela pressentia que os inimigos surgiriam em breve, depois da chegada da garota; mas alimentava, em seu velho coração, a esperança de que o neto amado pudesse, ainda que quase impossível, fazê-la acreditar que existia uma razão para tudo o que acontecera na última noite. Entendeu que, mais do que tudo, precisava ser rude com o neto, quando o viu surgindo, cabisbaixo, acompanhado de Angelique. Marcus e suas testemunhas já estavam observando

a chegada de Julian e de Angelique. O tio olhava furioso na direção dos dois. Sentia desprezo, naquele momento, até pela filha, por acompanhar esse reles em seu vergonhoso retorno. Julian, como no dia anterior, parou diante da avó, em frente à casa grande da fazenda; permaneceu calado, esperando que ela viesse até ele. Angelique estancou um pouco atrás do primo, ciente de que lhe sobraria uma reprimenda da avó para si, já que fora ela a soltar as correntes do primo. Agnes desceu o degrau e parou diante dos dois; arrumou o

xale, respirou profundamente e levou a mão na direção do rosto do neto. Julian retraiu-se, acreditando que levaria mais um tapa. Todavia, a avó, com sua mão enrugada, contornou levemente o seu rosto. Julian temeu olhar para o rosto da senhora e, quando o fez, recebeu um sorriso triste, mas absolutamente indulgente. Marcus inquietou-se com a cena de afeto da mãe com o sobrinho.

- O que é isso, mãe?! – esbravejou ele – O que pensa que está fazendo? Vai deixar por isso mesmo?

- O que eu poderia fazer, Marcus? – disse Agnes, olhando para o filho – Já aconteceu. Não vai se repetir.

Agnes olhou compenetrada para o neto. Julian entendeu o recado.

- Estão vendo isso, irmãos? – gritou Marcus, olhando para os comparsas e apontando à mãe – Digam se eu não tenho razão ao afirmar que o tempo desta mulher já passou.

Agnes suspirou e limitou-se a baixar a cabeça; ela sentia-se muito cansada mesmo. Talvez o

filho tivesse razão. Em outros tempos, não toleraria o ato de um dos seus atacar outro da espécie, mesmo que fosse o neto a realizar tal perjúrio.

- Precisamos de um líder capaz de conduzir nossa gente com autoridade. – continuou Marcus – E punir quando necessário. Mesmo que seja do próprio sangue.

Agnes percebeu uma silenciosa lágrima deslizar por seu rosto, maltratado pelos longos anos. Ninguém ainda a tinha visto chorar; a última vez que isso acontecera foi quando seu querido esposo

desfaleceu em seus braços.

- Irmãos! – prosseguiu Marcos – Essa é a prova de que estou falando a verdade. Minha velha mãe não tem mais condições de nos guiar.

Julian sentia o corpo inteiro tremer. Sua vontade era de, mais uma vez, colocar-se diante do tio. Só que, agora, queria esganá-lo. Olhou para Marcus e sabia que, se o fizesse, estaria dando a chance para este o eliminar, definitivamente. Marcus e seus comparsas, agora, não hesitariam em acabar com ele, já que a avó estava definhando.

- Então, minha mãe! – gritou Marcus – O que tem a nos dizer?

Agnes fechou os olhos, demonstrando estar sem forças para reagir. Julian pensou em sair em favor da avó, quando sentiu Angelique passar por ele e posicionar-se à sua frente.

- Chega, pai! – bradou Angelique – Você já foi longe demais.

Marcus olhou para a filha, num misto de desprezo e perplexidade.

- Era só o que faltava! –

surpreendeu-se Marcus – Está vendo, minha mãe? Isso é o que acontece quando não se impõem limites.

Marcus aproximou-se de Angelique e segurou-a fortemente pelo braço.

- Minha única filha. – continuou ele - Carne da minha carne querendo me dar ordens. – e empurrou-a; Angelique foi ao chão, ferindo-se - Sua fedelha! – esbravejou - Jamais me afronte!

Julian mexeu-se na intenção de defender Angelique; Agnes segurou-o pelo braço. Ele

olhou para a avó que sinalizou, sutilmente, para não se intrometer. Marcus percebeu a intenção do sobrinho e encarou-o, tentando provocá-lo. Julian, mesmo com ódio mortal, desviou o olhar. O tio fez um sinal na direção dos comparsas, para que eles se aproximassem.

- Agora todos vão ver o que acontece com aqueles que desejam instaurar a desonra no nosso meio. – disse Marcus, apontando à filha – Peguem-na e a prendam no tronco. – e voltou-se à garota - Vai receber o seu castigo e ficar lá até eu decidir que já pode

sair. – determinou.

A fazenda possuía ainda um tronco da época da escravidão. Mas, desde esse tempo, fora muito pouco utilizado. Dois de seus comparsas seguraram Angelique pelos braços e levantaram-na. A garota desesperava-se, atônita, em função da decisão do pai. Julian rangia os dentes e cerrava os pulsos de raiva.

- Não faça isso, Marcus. – disse Agnes, tentando intervir – Ela é sua filha.

- Isso mesmo, minha mãe. – responde Marcus – Como eu disse,

se for preciso punir, que se faça.
Mesmo sendo do próprio sangue.

Julian acompanhou os dois familiares carregarem Angelique na direção do velho tronco. A garota olhava para trás, implorando ao primo que não fizesse nada. O castigo que já estava recebendo era muito duro, mas ver Julian ferido seria, insuportavelmente, pior.

Capítulo Treze – O teatro dos vampiros

Um barulho potente de motor iniciou a movimentação no velho depósito e também dentro do c a r r o , no qual Melanie,

desconfortavelmente, dormia. Ao seu lado, estava Camuel, que também despertava pelo mesmo ronco de motor de algum vampiro mauricinho. Nos bancos da frente, encontravam-se Rania e Charlotte. Iori e Miguel, possivelmente, arranjaram-se em outro lugar. Melanie espreguiçou-se contida; ainda não se sentia à vontade junto aos vampiros. Gritos, algazarra e mais roncoss de motores afastaram, definitivamente, o silêncio do lugar.

- Detesto esses imbecis que querem aparecer. – resmungou Charlotte, remexendo-se no banco

do carona.

- Jura? Pensei que você gostasse de estar com eles, maninha. – desdenhou Rania.

- Só permito que me desejem. – Charlotte olhou para Camuel pelo retrovisor - Vamos ficar esperando ainda muito tempo?

- Uma hora, mais ou menos; até chegarem. – antecipou-se Miguel, chegando abruptamente e debruçando-se sobre a janela de Charlotte.

A vampira encarou-o com menosprezo explícito. Miguel aproveitou e lançou-lhe um beijo.

- Eca! Que nojo! – reclamou Charlotte – E, por acaso, foi pra você que eu perguntei?

- Ok, princesa! – disse Miguel, erguendo os braços – Take it easy! – e olhou para o banco de trás, na direção de Camuel - Ela está com Tpm, boss. – prosseguiu ele – Já viu no que vai dar!.

“Tpm?” – pensou Melanie – “Ele deve estar brincando... Como vampira pode ter Tpm?”

Charlotte lançou um olhar desaprovador para Miguel; o americano gesticulava, insinuando que iria ficar de boca calada.

Camuel observava tudo com a mesma expressão amena; não aprovava as discussões, mas os pensamentos de Melanie divertiam-no. Ela voltou a se concentrar em uma questão. “Quem mais vai chegar?” - pensou.

- Alexander e Alexia. – respondeu prontamente Camuel.

Os Gêmeos. Assim se tornaram conhecidos Alexander e Alexia; eram lendas entre os vampiros. Mantinham a aparência jovial, mas sua existência remontava a tempos antigos. Da época da poderosa Diva, a grande profeta vampira, que recebera o dom de

prever com precisão. Suas previsões aconteciam a todo instante, se assim fosse o seu desejo. Não como no caso de Miguel, que recebia pequenos fragmentos do futuro quando adormecia. Diva era venerada por toda a nação dos vampiros; tornara-se uma das vozes marcantes do Antigo Conselho dos Nobres. Foi ela quem predisse os acontecimentos que atemorizam grande parte dos vampiros até os dias de hoje. Há muito tempo, Os Gêmeos vinham percorrendo o globo terrestre, antecipando-se a qualquer possibilidade de a profecia se cumprir.

- Quem são eles? –
perguntou Melanie.

- Digamos que são aqueles
que, realmente, dão as ordens. –
antecipou-se novamente Miguel. Em
seguida, olhando para Camuel,
percebeu que tinha falado demais
novamente, ao deparar-se com a
expressão descontente do vampiro.

- Vai virar caldo,
morceguinho. – frisou Rania,
divertindo-se – Logo, logo! Se não
aprender a fechar essa boca grande.

Miguel encolheu-se,
percebendo sua ingerência.

- São nobres... Especiais. –
continuou Camuel – E estão vindo

pra ver você.

- Eu? Por quê? – perguntou, surpresa, Melanie.

- A cherry é a bola da vez. – desdenhou Charlotte.

- Não estou entendendo nada. – disse Melanie, olhando para Camuel - O que eu tenho a ver com isso?

- Cada um dos que você vê neste lugar nasceu há muito tempo; em outra época, com outros costumes, mas foram se adaptando até se tornarem o que são agora. Mas muitos ainda permanecem acorrentados ao passado distante e às histórias nele contidas. E, para

você entender alguma coisa, precisa estar a par do que aconteceu nesse tempo remoto.

- Por que você não me diz, então?

- Poderia até. Mas não é assim tão fácil de entender.

- Me deixe tentar.

Camuel olhou nos olhos de Melanie e levou a mão ao queixo, pensativo. A jovem menina seria capaz de compreender algo tão grandioso? Só saberia se a colocasse ciente dos acontecimentos.

- Charlotte! — ordenou Camuel - Leia para ela.

- O quê? – indignou-se Charlotte, olhando pelo retrovisor – Eu não sou a Mary Poppins.

- Preciso lhe pedir novamente? – perguntou Camuel, com os olhos flamejantes.

Charlotte olhou contrariada para Rania; a húngara apenas abaixou a cabeça, indicando que a francesa obedecesse. Contrariada, ela abriu o porta-luvas e pegou um livro antigo. Bem velho, parecendo manuscrito. Procurou, procurou e, então, começou a ler.

- *No tempo antes deste tempo, uma guerra sem precedentes posicionou, em lados opostos, duas*

das raças mais notáveis que já habitaram a Terra. À revelia dos humanos, aqueles que dependiam do líquido rubro para sobreviver pugnaram-se contra os homens amantes de Luna. Há muito tempo, viviam em lados opostos, defendendo com afinco a supremacia de sua criação. As lutas, quando aconteciam no ápice da escuridão da noite, causavam morticínio para ambos os lados. Assim, havia um equilíbrio natural que permitia, apesar do ódio funesto que sentiam um pelo outro, que dividissem as incomensuráveis pradarias do velho continente

européu. Até que ocorreram murmúrios de que um grande guerreiro lobo assumiria a liderança dos seus, agrupando toda a matilha, a fim de exterminar todos os inimigos, em definitivo. Alvoruçaram-se os bebedores de sangue. Precisavam encontrar um guerreiro, um líder à altura, que pudesse fazer frente e dissipar esses rumores, retirando dos membros da família o pavor já instaurado. Nesse conturbado período, uma revelação profética aconteceu. Uma batalha, um único e letal combate, colocaria frente a frente as duas castas. Haveria, sim,

um respeitável guerreiro lobo, mas que seria subjugado por uma jovem mulher após a contrair em matrimônio; uma fêmea, ora humana, mas que se tornaria pertencente à causa dos bebedores de sangue. A história espalhou-se e varreu todos os continentes. Membros de ambos os lados, homens, mulheres e mesmo crianças, rumaram para o local em que, segundo a profecia, aconteceria o embate. A Grande Batalha, como ficou conhecida, durou longos e sofríveis anos. O guerreiro lobo não se levantou, nem seus oponentes conseguiram

um líder que mantivesse unidos todos os clãs. Mas o que pôde se constatar era que o número de homens-lobos era infinitamente menor. Culminando, assim, no extermínio quase total de sua raça. Os que sobraram foram perseguidos e obrigados a fugir, espalhando-se por outras partes do globo terrestre. A única certeza, desde o tempo antes deste tempo, é que a profecia é verídica e ainda não foi cumprida.

Melanie permaneceu atenta ao que Charlotte relatava. Muita informação fugia do seu entendimento.

- Pena que não acabaram com todas essas criaturas repugnantes. – finalizou Charlotte.

- O que tudo isso tem a ver comigo? – perguntou Melanie.

Camuel iria iniciar uma sessão de explicações quando foi interrompido por uma batida no vidro do carro. Era Iori do lado de fora, segurando algumas garrafas com aquele líquido vermelho.

- Para o seu deleite, meus irmãos. – disse ele, entregando à Charlotte as garrafas.

A vampira pegou-as e distribuiu-as para Rania e Camuel. Por fim, entregou uma terceira para

Melanie, que recusou.

- Ah! Desculpe-me. – disse Charlotte, em tom de deboche – Esqueci que você é só uma visitinha.

Melanie manteve-se em silêncio, olhando para Charlotte; tardiamente concluía que não gostava do jeito que a vampira falava com ela. Em definitivo, não simpatizava com a francesa. Rania, mais prestativa, abriu o porta-luvas e pegou uma barra de chocolate; ofereceu para Melanie que prontamente aceitou. Charlotte olhou fixamente para a húngara.

- Que foi? – disse Rania, entendendo o pensamento de

Charlotte – Eu gosto de chocolate. Não posso comer, mas sinto o cheiro. Algum problema em dividir?

Charlotte balançou a cabeça em desaprovação. Melanie sorriu contida, colocando a mão sobre a boca já cheia de chocolate. Por um momento, a garota esqueceu-se de que algo maior iria lhe acontecer brevemente. Algo que ela nem mesmo tinha noção do que seria.

Longos e demorados minutos passaram, até que, finalmente, pôde-se ouvir, entre a algazarra generalizada que dominava o ambiente, o barulho da porta de entrada abrindo-se. Imediatamente

cessaram os roncos de motores, pararam as conversas paralelas, e o volume da música desligado. Apenas se ouvia um único motor de carro adentrando no local. Os vampiros sabiam de quem se tratava, quando, admirados, constatarem uma luxuosa limusine parando no centro da fábrica. Eram *Os Gêmeos*.

Capítulo Quatorze – A sombra da maldade

A noite tinha começado, e Julian ainda sentia em seu coração toda a dor de ver Angelique, sua

doce prima, gritando em desespero, cada vez que as pontas do chicote dilaceravam a carne de suas costas. Jamais passara por sua cabeça que, algum dia, veria a prima numa situação como aquela! Ela estava ali, tão perto, recebendo um a um os golpes que provocavam dores horríveis, e ele, Julian, não se habilitava a fazer nada. Marcus não poupava a própria filha que dizia amar. O que poderia fazer com ele? O tio tinha por Julian um ódio declarado. Agnes nada pôde fazer, além de tentar alertar Marcus, uma segunda vez, sobre o grave ato que estaria preste a cometer. Mas,

irredutível, ele utilizava o castigo da filha para obter a mercê dos demais familiares. Sua intenção era destituir a mãe da liderança. E Agnes, pela primeira vez em muitos anos, parecia em concordata com a possibilidade.

Julian tinha conhecimento de que já era o terceiro dia da lua cheia. Então, ele não sairia da fazenda, por nada neste mundo. Ficaria ao lado de Angelique. Iria se acorrentar próximo a ela e lá permaneceria a noite toda. Julian sentiu raiva de si mesmo por colocar a prima naquela situação. E Melanie? O que poderia pensar

sobre ela? Passou, brevemente, por sua mente a possibilidade de Melanie estar se divertindo com os novos amigos, enquanto Angelique encontrava-se ali, amarrada, gemendo, jogada no chão. Mas esse pensamento sumiu tão rápido quanto aparecera, e outro tomou o seu lugar:

“Melanie, não me interessa onde e com quem você está... Só quero saber que distância terei de percorrer, até a encontrar de novo.”

- Julian... — esforçou-se Angelique, ao murmurar o nome do primo.

Julian percebe a intenção da

moça e atirou-se, sem demora, próximo a ela. Angelique permanecia com os olhos fechados, abraçada ao tronco e com a carne viva à mostra nas costas nuas.

- Angelique, - pronunciou Julian – estou aqui.

Ela ouviu a voz suave de Julian, que quase lhe servia de analgésico, afastando, por um momento, a imensa dor que dominava seu frágil corpo de menina.

- Julian, – balbuciou Angelique – eu te amo.

O rapaz, ingenuamente, confundiu o amor, agora confesso,

da prima com o mesmo sentimento fraternal que ele possuía por Angelique. Ele levou a mão em sua direção e afagou seus cabelos. Olhou em suas costas, e a dor corroeu-lhe o coração, num misto de piedade e ódio.

- Também a amo, Angelique.
- respondeu Julian.

Angelique mexeu os delicados lábios, querendo esboçar um sorriso.

- Não vá atrás dela. - murmurou novamente Angelique, com extrema dificuldade - Por favor! Não vá.

Julian já havia tomado essa

decisão por si só. Agora precisava ficar ao lado da prima, mais do que tudo. Mas Melanie, ainda sim, estaria em seus pensamentos.

- Não se preocupe, querida.
— respondeu ele — Vou ficar aqui com você.

- O que você sente por ela? —
continuou a moça, com a mesma dificuldade.

Julian nem precisou pensar, e a resposta surgiu clara como a luz do dia.

“Mesmo que o sol se recusasse a brilhar, Melanie seria a minha luz. Eu a amo mais do que posso amar alguém.” — pensou.

Mas o que iria responder à prima? Conhecera a forasteira há poucos dias, não poderia sair dizendo que a amava. Mas era isso mesmo o que ele sentia. O arrebatador amor que agora sentia por Melanie fora o primeiro que invadiu seu coração.

- Não sei ao certo. — respondeu ele, com a nítida impressão de falsa sinceridade - Não é hora pra pensarmos nisso.

- Ela não serve pra você. — prosseguiu a garota, quase desfalecendo.

Julian ouviu a sentença pronunciada por Angélique e

entristeceu-se ainda mais. Sofria por compartilhar a dor da prima, mesmo não tendo ele recebido os golpes do chicote. Sofria, também, por a prima parecer ter razão. Mesmo a amando demais, talvez Melanie não fosse mesmo para ele. Se ela descobrisse o que ele era, importar-se-ia? Isso trazia um incômodo para o coração atribulado de Julian. Nesse momento, estava decidido a não mais a procurar. Mas o que poderia dizer dali a alguns dias, se por acaso a encontrasse? Continuaría pensando do mesmo jeito?

Agnes aproximou-se, carregando um xale preto, fiel

companheiro de outros tempos. Do tempo em que ainda estava enlutada pela perda do marido e do filho mais velho. A matriarca carregava um pequeno pote, com remédios caseiros em forma de uma pasta que ela preparara para colocar sobre as feridas abertas da neta. Agnes ajoelhou-se junto à Angelique, com dificuldade devido à idade, colocando sobre as costas da menina a pasta medicinal. Ela gemeu ao receber a sensação dolorida, mas refrescante, do remédio. Seguidamente, Agnes repousou o xale sobre as costas de Angelique.

- Passou comigo bons e

muitos momentos ruins. —confessou a velha senhora — Vai lhe ajudar a passar por esse.

Ela olhou para o neto e também percebeu a sua dor. A mesma que ela própria sentia, vendo a menina indefesa padecendo, naquele velho tronco de escravos.

- Se vai ficar aqui, rapaz, — prosseguiu Agnes — use as correntes.

- Eu sei, vó. — respondeu Julian — Já vou fazer isso.

- Você nem mesmo tem noção do porquê de tudo isso, não é?

- Claro que tenho. O maldito do seu filho me odeia e está

descontando na filha por minha culpa.

- Vai bem mais além disso, querido.

- Além, como?

- Nunca lhe falei nada a respeito, porque não considereei necessário, até o dia de hoje. Acho que não posso mais relutar em lhe contar.

- Contar o quê?

- Eu aprendi a ler os sinais dos tempos. E os acontecimentos que estamos vivendo estão me deixando angustiada. Não tenho mais forças para lutar; então, antes que me aconteça algo, preciso deixá-lo a

par de tudo.

- A senhora está me deixando mais preocupado do que já estou.

Agnes respirou profundamente e ajeitou-se, sentando no chão.

- Acorrente-se, menino, enquanto eu lhe conto uma história que começou ainda no tempo dos primeiros lobos. — continuou ela, enquanto Julian pegava as correntes - O ano não se sabe ao certo, apenas o século pôde se precisar: século terceiro depois de Cristo. O mundo ainda, nem de longe, era o mundo que hoje se conhece. Quase tudo se

concentrava em uma região, e quase todo o poder dominante pertencia a um só homem: o Imperador Constantino.

- O que isso tem a ver com a gente?

- Se você me deixar terminar, talvez eu possa dizer. – enfatizou Agnes - Ele era chamado de “O Grande”; um amante inveterado do luxo e das riquezas. Longe de Roma, Constantino tinha aqueles que serviam, de diversas formas e intensidades, aos seus propósitos. Sendo assim, recebiam por serviços prestados numerosas recompensas que poderiam ser

terras, escravos, ouro ou poder. Poder sobrenatural, já que o Imperador possuía como seus aliados alguns exímios praticantes de magias originárias de religiões pagãs. Muitas delas com suas celebrações furtivas até o dia de hoje. Assim, surgiram no seio da antiga Europa, algumas das mais poderosas famílias. Todos, com quase nenhuma exceção, eram praticantes declarados do neocristianismo, implantado por Constantino e, ocultamente, participavam dos cultos pagãos de variadas religiões seguidas pelo Imperador. Os anos passaram, e o

desejo ensandecido de poder e riquezas crescia desordenado entre eles. Não demorou muito para acontecerem as primeiras disputas; e foi no epicentro desse cenário que duas dessas famílias levantaram-se; distintas uma da outra em suas ações e comportamentos. Os membros dos dois lados acumulavam domínios e mais domínios por todo o continente e restante do mundo, onde havia o que tomar e era possível se conquistar. Suas famas cresciam, e seus brasões passaram a causar sentimentos ambíguos. Os que os idolatravam juntavam-se a eles na conquista de mais poder; os que

eram derrotados passavam a odiá-los com toda a força de suas almas. E esse segundo grupo possuía um número cada vez maior de pessoas. E foi isso que ocasionou sua derrocada. No meio de tantos povos subjugados, não se sabe qual ao certo lançou-lhes a maldição.

- Maldição? – interessou-se Julian, interrompendo a avó – Que tipo de maldição?

- Me deixe terminar a história. – alertou Agnes - Tudo coexistia harmoniosamente bem, até aparecer o primeiro impasse entre eles. Uma guerra se generalizou entre as duas poderosas famílias,

observada de longe, e divertidamente, pelo Imperador. Não se sabem os motivos reais pelos quais se inflamaram os ânimos; apenas que qualquer coisa mesmo banal era motivo para um conflito. O tempo seguiu seu curso; séculos se passaram, e o Império Romano há muito tempo não mais existia. Mas a guerra entre as duas famílias continuava. Muitos de seus Condes, Barões, Duques e membros mais afortunados acumularam riquezas e domínios de terra infindáveis. A repulsa pelo brasão adversário era recorrente em ambos os lados, e as disputas sempre

acabavam trazendo muitos corpos sem vida, de membros e escravos, para as casas. Tudo era passível de acontecer nesse tempo de dor e lutas sangrentas. Tudo, menos o enlace de amor de um jovem casal.

- Olha, vó. Não sei aonde a senhora quer chegar com essa história... Mas, se é sobre mim e a garota nova, não se preocupe... Eu sei o meu lugar.

- Não me interrompa mais, garoto. Deixe que eu termine; depois você tira suas conclusões.

Julian aquietou-se. Agnes tomou ar, mais uma vez, antes de prosseguir.

- Voltando ao casal... Bem, cada um pertencia a uma das famílias. Apaixonados, conseguiram manter, com muito custo e excessivo cuidado, o seu romance. Mas a tragédia não retardou a sobrevir sobre os dois; seu jovem e inconsequente amor fora descoberto. Heresia, traição; era um pecado imperdoável, passível mesmo até de morte. O jovem rapaz teve um fim cruel: morreu nas mãos de um dos irmãos. A jovem donzela teve seu fim prorrogado: foi escondida, às pressas, pelo pai, em uma floresta, às ocultas do restante da família. Tornou-se uma eremita. Vivendo na

floresta, aprendeu a sobreviver solitária, até que percebera em seu ventre o fruto do seu amor. Frutos, na verdade. Um casal saudável de bebês, uma menina e um menino, que nasceram entre os animais selvagens.

Julian tentou iniciar uma frase, e Agnes adiantou-se.

- Não se atreva a abrir a boca até eu terminar!

O garoto concordou com os olhos e um leve aceno de cabeça.

- As crianças cresceram tendo a selvageria como educação, aprendendo a alimentar-se com o que a floresta dava e

compartilhavam do ódio latente da mãe pelo restante da humanidade. A mãe, a cada história que relatava sobre os seus semelhantes, trazia-os para um convívio insano e cruel, aumentando a aversão dos filhos pelos homens e mulheres de fora da floresta. Assim, tornaram-se jovens, os gêmeos. Cresciam em formosura e agilidade. Carne fresca dava-lhes o sustento para sobreviverem na densa e úmida floresta. O sangue animal, bebida apreciada, percorria as suas veias. Aos 15 anos, mais ou menos, a mãe os abandonou por definitivo. Faleceu por doença ou tristeza, não se sabe. Os gêmeos

vivenciaram a maior de todas as dores e foram tomados pela insanidade. Passaram alguns dias sem se alimentarem, até que a sede exerceu sobre eles seu domínio infernal.

- Que tipo de sede? – interrompeu novamente Julian, agora mais interessado.

- Eu já chego lá. Não me desconcentre. Estou lhe passando do jeito que meu pai me contou. Você me interrompendo a cada minuto fica difícil. – prosseguiu ela - Além da mãe, jamais tinham colocado seus olhos sobre outro humano. Mas tudo parecia conspirar para esse fatídico

encontro. Caminhando sem parar por longas horas, os gêmeos se depararam com um grupo de caçadores perdidos. Pela primeira vez, sentiram o viscoso sabor do sangue humano.

- Sangue... Eu sabia.

- Passaram a viver como errantes. — Agnes continuou - Fazendo mais e mais vítimas de sua sede. Notívagos. Escondiam-se de dia e atacavam os descuidados à noite. Eram temidos. Poucas vezes foram vistos, mas, quando isso acontecia, os relatos eram horripilantes. Comentava-se que duas criaturas nuas, sujas com garras

nos lugares dos dedos e dentes em forma assustadoramente animal, vagavam, sempre próximos às florestas, à espreita de uma vítima. Na noite em que completaram 18 anos, algo ainda mais extraordinário aconteceu a eles. Estavam sedentos; e, no vilarejo mais próximo, nenhuma alma viva perambulava naquela fria noite de inverno. Talvez pelo intenso frio, ou mesmo, pelos rumores dos possíveis ataques de criaturas das trevas. Uma lua cheia iluminava a floresta, enquanto os gêmeos contorciam-se pela sede que inundava seus corpos, como nunca antes haviam feito. Precisavam

saciar-se, ou correriam o perigo de atacar um ao outro. A menina entrou numa abertura na rocha e encontrou um mamífero voador desgarrado dos demais. Cravou seus dentes no morcego, enquanto ouvia o uivo de um lobo aterrorizado. Seu irmão invadira um covil dos indefesos animais e os devorava enlouquecido. A maldição lançada aos seus ancestrais aconteceu e, naquela noite, nasceram os vampiros e o nosso povo.

- Assim, desse jeito? Isso é só uma lenda, não é?

- Ainda não terminei. – falou Agnes, contrariada - Por um longo

período, não mais se encontraram os irmãos. Com muita dificuldade e por extrema precisão, adquiriram hábitos humanos. Ele raptou uma aldeã e constituiu família, passando a viver uma vida simples. Ela recebeu ajuda de uma família nobre que lhe deu abrigo e comida, mesmo ela preferindo o sangue que corria nas suas veias. Mais tarde, enamorou-se de um dos filhos do casal que a adotou e tornou-se sua esposa. Então, outro período de tempo passou. Seus cônjuges envelheciam naturalmente, e os gêmeos demonstravam a mesma juventude de outrora. Tinham muitos

filhos, e os filhos destes também eram numerosos. Levavam uma vida quase normal, apesar do sufocante desejo de beberem sangue humano, que quase os dominava durante algumas noites. Em uma dessas, quando participavam com seus familiares de um festival noturno, em uma quente noite de verão, defrontaram-se novamente. Algo, instintivamente, apoderou-se deles, sob a claridade da lua cheia. A sede jamais se tornara tão forte e necessária. Dominados por uma insanidade animal, atacaram os aldeões, incluindo os próprios membros de suas famílias. Os

poucos que sobreviveram tornaram-se iguais àqueles que os atacaram. Assim começou nossa família, e assim começou nossa guerra.

Agnes fez uma pausa, e Julian permaneceu atento à avó.

- Agora que pode falar, fica quieto.

- Isso não passa nem perto da verdade, não é?

- Essa é a verdade que conheço, que meu pai conheceu; e os que viveram antes dele também a conheceram.

- Por que a senhora não me contou isso antes? E por que só agora?

- Eu me enganei, considerando que não fosse necessário nunca contar para você e para sua prima. – ela passava a mão sobre os cabelos de Angelique – Mas o que está por vir tem relação com vocês e com esses que acabei de contar a história.

- E aqueles que estavam com Melanie na cidade, os vampiros?

- Se vieram até nós, depois de tantos anos, é porque reviverão muitas histórias antigas e esquecidas.

Julian jamais duvidou de qualquer palavra saída da boca da avó. Se ela acreditava nessa

narração toda, ele também passaria a acreditar.

Capítulo Quinze - Os gêmeos

A expectativa da chegada de Os Gêmeos era absurdamente sufocante. A limusine estava parada, já há algum tempo, no centro do depósito, mas não se via movimentação alguma no seu interior, já que as janelas do longo carro eram inteiramente pretas. Melanie estava nervosa, preocupada; mas, ao olhar para Camuel, percebeu suas mãos

movendo-se sem parar, como se ele as estivesse lavando. O vampiro estava uma pilha de nervos! Ela considerou no mínimo curioso ver um ser, que se mostrou tão superior e confiante, quase urinando nas calças. Melanie viu o mesmo temor nos olhos dos demais vampiros que estavam por todo o local. Rania era a única parecendo despreocupada, ela mascava seus chicletes demonstrando não se importar. Melanie desconfiava de que a húngara gelava por dentro, mais do que o seu país no inverno; sabia que sua autoconfiança era tudo pose.

“Vampiros são só pose.” – foi o que justamente ela pensou. Camuel, percebendo seu pensamento, encarou-a sem dizer uma palavra; foi o suficiente para Melanie entender sua mancada. “Foi mal!” – pensou novamente.

Camuel, se não estivesse tão tenso, certamente teria rido da inocência da garota. Seguidamente, o mesmo barulho da grande porta abrindo-se cortou o silêncio do lugar. Uma van preta entrou e estacionou ao lado da limusine. A sensação indescritível que se apossou de Melanie voltou a

incomodá-la. Tudo girou ao seu redor, outra vez, e a garota percebeu as pernas bambearem.

A já recorrente impressão de ouvir uma batalha sendo travada também acompanhava o infortúnio de Mel. Os gritos eram mais aterradores; os sons das espadas, mais nítidos. Melanie segurava no braço de Camuel, que a ampara, mas com os olhos voltados para os dois carros, estacionados lado a lado.

A porta da limusine abriu-se, e surgiu uma perna feminina, torneada, usando uma sandália dourada. Na sequência, apareceu,

em toda a sua nobreza e esplendor: Alexia. Linda, radiante, com a pele pálida e macia, envolvida em um vestido dourado que realçava sugestivamente suas curvas. Olhos de um verde intenso disputavam a atenção com o alourado dos seus longos cabelos, brilhantes e sedosos. Se existia uma definição para a beleza feminina, essa era Alexia. Nenhum movimento brusco podia se notar por parte dos vampiros. O silêncio apenas era interrompido pelos relutantes suspiros apaixonados. Alexia, com seu andar firme e sedutor, seguiu até

a porta da van. O motorista desceu e, temendo até mesmo olhar para o rosto de Alexia, abriu a porta para a rainha vampira.

S e aquela magnífica presença tinha deixado Melanie chocada, o que a garota agora observava sendo colocada para fora da van chocou-a mais ainda! Um jovem rapaz, magro, muito magro, inerte em uma cadeira de rodas. A pele pálida parecia flácida e arroxeadas. Alexander tinha os olhos profundos e com cor apagada. Ele olhava fixamente para frente, e a órbita de seus olhos tremia. Melanie

notou que o pobre rapaz recebia sangue de uma bolsa escorada por um pedestal, conectado na cadeira. Alexia, prestativa, auxiliou o irmão, ajeitando-o melhor na cadeira e, depois, limpando com os dedos a baba que escorria no canto de sua boca semiaberta. A visão de Alexander era degradante.

“Pobre rapaz! — pensou Melanie — Parece que está morrendo.”

Camuel olhou assustado para Melanie; quis balbuciar alguma palavra, mas deteve-se. Alexia fechou os olhos e rangeu os dentes.

Virou-se para o lado de onde captou o pensamento sobre a infeliz situação do irmão e viu quem a havia deixado furiosa. Ela jogou os braços para frente e posicionou-os na direção de Melanie. A garota sentiu seu corpo paralisar; a sensação seguinte foi de que algo queria puxá-la com força descomunal. A vampira revelou as presas assassinas e, num gesto, fez com que o corpo, sem movimentos da garota, fosse lançado no ar até parar à sua frente. Alexia segurou o pescoço de Mel e deixou à mostra sua jugular.

- Cuidado com o que pensa, animalzinho. – ameaçou Alexia com seu sotaque europeu – Quem sabe você pode morrer bem antes do que ele?

Alexia meneiou a cabeça na direção de Alexander. Depois soltou Melanie, lentamente. Camuel aproximou-se.

- Alexia. – Camuel cumprimentou-a, fazendo um tipo de reverência.

- Como vai, Camuel? – perguntou ela, mesmo sabendo de antemão a resposta.

- Bem. – respondeu ele –

Os anos me pesam em nada.

Alexia apenas mexeu os lábios, simulando um sorriso.

- Alexia! – disse Miguel, quase a despindo com os olhos – Sempre linda!

A vampira nem mesmo se deu ao trabalho de olhar na direção do americano.

- E você, Miguel? – respondeu – O bajulador de sempre.

Rania riu. Charlotte deu-lhe um cutucão, para que a húngara não chamasse atenção para o lado delas. Rania devolveu-o com mais força. A francesa contorcia-se e

segurava o gemido entre os dentes.

- Prostituée! – sussurrou Charlotte.

Rania sorriu, não se importando com o adjetivo.

- Esta é aquela a quem mandei encontrar, Camuel? – perguntou Alexia, fixando os olhos em Melanie.

Era mais uma pergunta da qual a vampira já conhecia a resposta.

- Sim. – concluiu Camuel.

Melanie, cabisbaixa, percebeu que Alexia observava-a enquanto circulava por ela.

— Tem os genes dominadores do pai e as fraquezas e imperfeições da mãe.

“O quê?!” — pensou Melanie. Com certeza, estavam enganados sobre quem ela era. E agora? Como explicaria que pegaram a garota errada?

- Exatamente, como você ordenou... — continuou Camuel — Não faria você vir até aqui se não a tivesse encontrado.

- Interessante. — declarou Alexia, aproximando-se de Melanie e cheirando-a — Parece muito humana. Quase não se percebe a

presença do pai no seu sangue.

- Foi difícil encontrá-la, mas conseguimos.

- Bom trabalho, Camuel. Sabe que terá sua recompensa.

- Não fiz isso esperando pagamento, Alexia.

- Mas terá assim mesmo. Nunca fico devendo favores a ninguém.

Alexia percebeu o irmão fora da posição que ela o tinha deixado; estava desequilibrado, quase se deitando na cadeira. Parecia desconfortável. Então, virou-se para o vampiro que

acompanhava Alexander e, com um golpe, lançou-o longe.

- Inútil! Mais um descuido e morre. – ameaçou ela na direção do vampiro que, com dificuldade, levantava-se.

- Calma, meu irmão. – a vampira, com cuidado, ajeitava-o na posição mais ereta – Agora que temos o que queremos, logo iremos pra nossa casa na Europa.

Alexia recompôs-se, esvoaçando os longos e sedosos cabelos.

- Os lobos sabem sobre ela?

- Como eu lhe disse ao telefone, jamais saberiam se ela e a

família não tivessem vindo pra cá. Aqui perto tem um dos poucos redutos, mantidos por eles neste país.

- Coincidência?

- Parece que é o que está indicando.

- Não acredito em coincidências. Alguma coisa, que eu ainda não sei, moveu as peças nesse tabuleiro.

- Bom, uma coisa muito estranha aconteceu. - disse Miguel – Nunca tinha ouvido falar a respeito.

Camuel encarou o americano. Não era do interesse dele compartilhar alguns fatos com

Alexia.

- E o que seria? – perguntou a vampira.

- Ontem, quando estávamos com ela, os lobos apareceram.

Alexia fechou o semblante e deixou transparecer a sua irritação.

- Como isso aconteceu?!

- Foi estranho, Alexia. – adiantou-se Camuel, antes que Miguel abrisse a boca - Um dos lobos atacou o outro, diante de nós.

Alexia arregalou os luminosos olhos verdes.

- Isso não é comum. – e abaixou-se ao lado da cadeira, aproximando-se do irmão - Como eu

sempre lhe digo, meu irmão, nem toda a profecia acontece do mesmo jeito que se prediz.

Ela levantou-se e encarou friamente Melanie.

- Agora você me pertence. - disse resoluta – Vai fazer o que eu mandar. A sua vida, que agora é minha, depende disso.

“Não tema!” Melanie, ainda consternada pelas absurdas declarações que ouvira dos lábios de Alexia, escutou aquela doce voz falar-lhe em seu íntimo. “Não tema! Vou lhe ajudar, criança!” - repetiu a voz.

O que ela não deveria temer?

O que a voz queria, realmente, dizer-lhe? Olhou para os vampiros ali presentes. Seria Iori? Não; o africano sisudo, certamente, não seria. Miguel? Como poderia ser aquele petulante americano? Camuel, então? Não seria possível. O vampiro demonstrava não ter coração, e Melanie, ao fitá-lo, percebera que toda a sua atenção voltava-se para Alexia. Certamente, ela exercia sobre ele uma influência fora do comum. Se a vampira lhe desse a ordem de eliminar Melanie, ele não hesitaria. Então, quem seria o seu auxiliador?

Na fazenda dos lobos, a

movimentação não era a mesma das outras noites; era a terceira de lua cheia. Todos estavam apreensivos. e sob o comando de Marcus, preparados para qualquer ataque que viessem a sofrer. Os guerreiros lobos estavam atados às velhas correntes, mas suas mulheres e os guardiões tinham autorização para soltá-los a qualquer movimento do inimigo. Agnes, após contar a história de *Os Gêmeos* a Julian, revelou outra, que remetia também aos antigos tempos dos primeiros lobos.

Um fabuloso guerreiro uniria toda nação dos homens-lobos e

pelejaria, derrotando os odiosos. Mas colocaria tudo a perder se não resistisse aos encantos de uma jovem humana, de espírito vampiro, que o dominaria e colocá-lo-ia sob seus pés e de seus adversários. Desde o tempo que a história surgiu até aqueles dias, não houve tal guerreiro. A jovem mulher nascida humana, mas de espírito vampiro, também jamais havia sido encontrada. Até o dia em que Julian trouxe-a ao portão da fazenda.

Marcus nunca dera crédito às velhas histórias da mãe; eram narrativas sem sentido no mundo real em que viviam. Há muito tempo,

estavam sob uma tranquilidade disfarçada; uma falsa sensação de segurança pairava sob a fazenda nos últimos anos. Marcus jamais admitira que tal mulher com tanto poder de dominar um homem-lobo realmente pudesse existir. Mas o guerreiro que comandaria todos os representantes da raça, este ele estava disposto a fazer acontecer. Ele, Marcus, massacraria os odiosos sem dar-lhes chance de reação, se assim pudesse.

Era quase meia-noite, e Julian sentia as dores causadas pela lua por todo o corpo. Angelique permanecia desfalecida, amarrada

ao tronco; passaria a noite do seu décimo oitavo aniversário daquele jeito. Julian via a prima sofrendo; sentia a pressão da lua sobre sua pele e, ainda assim, o rosto suave de Melanie surgia em sua mente. Agnes, antes de se recolher em definitivo, passou a mão levemente pelo rosto dormente de Angelique.

- Como a senhora acha que ela está? – perguntou, preocupado, Julian.

- Não está nada bem, querido. – respondeu tristemente Agnes, olhando para o sangue já seco que escorrera, abundantemente, das costas da menina – Tudo isso foi

demais pra ela.

- Não acredito que isso aconteceu! Como pode um pai fazer isso com a própria filha?!

- Às vezes, fica difícil de entender a razão de um pai que castiga severamente seu filho. – Agnes ainda afagava os cabelos da neta – Mas eu ainda tenho uma última esperança.

- Que esperança a senhora tem?

- Uma pequena possibilidade de ela superar tudo isso, mas que selará seu destino para sempre.

Julian ouviu as palavras da avó, e nem teve tempo de indagar-

lhe mais sobre as chances de a prima sair daquela situação. A lua chicoteia suas carnes como os golpes que cravaram nas costas de Angelique. Julian urrou de dor e sentiu o corpo queimar por dentro.

- Está na hora. – disse Agnes, ansiosa – É meia-noite.

O clarão da lua pareceu se intensificar; dava a impressão de que todas as lanças do mundo penetravam em cada centímetro do seu frágil corpo. A respiração ofegava. Um grito, carregado de medo e dor, saiu da sua garganta. Sua pele desprendia-se, revelando os pelos úmidos, embebidos em seu

próprio sangue. Seu corpo alargava-se e comprimia-se num balé de células, incontrolável. A espinha dorsal alongava-se, ao mesmo tempo que a mandíbula crescia em tamanho desproporcional. Todo o seu rosto tomava uma forma bestial. Os dentes tornavam-se presas longas e mortais; os dedos rasgavam-se dando lugar a poderosas e afiadas garras. Um uivo calou a sinfonia de outros que se ouviam por toda a fazenda. Era um uivo novo, forte, que estava cheio de ódio e dor. Agnes tinha razão; sua esperança confirmava-se. Angelique era, sim, uma loba; por completo.

Capítulo Dezesseis – Minha doce criança

Algumas longas horas naquele local, cercada de vampiros, fazia Melanie sentir-se mais aprisionada do que antes. Estava sufocada. Um sentimento caustrofóbico invadia sua alma. Os vampiros pareciam divertir-se; a música havia voltado entre os roncos dos motores que funcionavam, proporcionando uma disputa por níveis mais altos de decibéis.

Iori permanecia sozinho em

uma plataforma; o africano olhava de cima as brincadeiras irritantes dos vampiros mauricinhos. Charlotte dançava sobre o capô de um carro; Rania observava-a e, frequentemente, fazia a Miguel comentários desaprovadores. Camuel havia sumido, assim como Alexia e seu inerte irmão. Possivelmente estariam dentro da limusine, que mantinha as portas e os vidros fechados.

Fazia já um bom tempo que Melanie estava ali, parada, encostada à parede. Vez ou outra, recebia um olhar mais malicioso de algum vampiro, que logo percebia

que ela não era uma presa e que estava ali sob imposição e proteção de Camuel, conseqüentemente de Alexia. Muitos pensamentos inundavam sua mente; pensava em tudo que ouvira dos vampiros e imaginava quanto daquilo tudo seria verdade. Imaginava como estariam Flávia e Nicolas. Com toda a certeza, a mãe, nervosa, havia já acionado a polícia, ou coisa do tipo. Pensava também no garoto de Monte Seco: Julian.

“A hora está chegando. Não tema! Estarei com você.”

Melanie olhava para todos os lados naquele depósito

ensurdecedor. Com todo aquele barulho, a voz do seu suposto protetor fazia-se ouvir. Onde estaria tal ser? Ela observou atentamente, então, o movimento dos vampiros; nenhum parecia, no momento, voltar sua atenção para ela.

Uma das portas da limusine abriu-se, e Camuel, sorridente, desceu com ar de supremacia. Alexia desceu em seguida; a rainha vampira fez um sutil sinal, levantando o braço à meia altura e já foi o suficiente para a música parar. Todo o barulho cessou.

- Tragam meu irmão. — ordenou ela.

Alexia recebia os cuidados e atenção de dois vampiros especiais, conhecidos como guardiões. Serviam-na como guarda-costas. Um deles foi até a van e auxiliou outros vampiros a retirarem, com extremo cuidado, a figura degradante de Alexander de sua cadeira de rodas. O guardião tomou a direção da cadeira e levou-a à vampira. Alexia seguiu na direção de Melanie, com seu irmão Alexander, sendo empurrado atrás dela. Mel, pela milionésima vez, começou a tremer. Alexia, bem mais alta do que a garota, segurou-a, novamente, pelo pescoço e encostou-a à parede.

- Preciso lhe explicar de novo, animalzinho. – sussurrou Alexia, bem próxima da orelha de Melanie – Ou vai fazer tudo o que eu mandar?

Com todo o pavor que sentia, agravado pelo sufocante ato da vampira apertar-lhe fortemente o pescoço, Melanie indicou, positivamente, com um sinal de cabeça. Alexia soltou-a, e ela, com um pouco de dificuldade, voltou a respirar.

- Escutem! – gritou Alexia – Hoje é a nossa noite. A noite da nossa vitória, começando por este país. Iremos até onde se escondem

aqueles lobos imundos. Vamos acabar com toda aquela corja, até não sobrar nenhum.

Com suas presas à mostra, os vampiros gritavam e agitavam-se, tomados pela adrenalina injetada pelas palavras de sua rainha. Alexia, imitada por Camuel, alargou um sorriso de contentamento e confiança. Para os dois, a vitória dos vampiros era questão de tempo. O extermínio absoluto de todos os lobos estava para acontecer. Naquela noite.

“Você terá apenas uma única chance, minha doce criança.” – disse aquela voz ao íntimo de Melanie.

Mas, agora, perdera sua suavidade; estava embargada, parecia ofegante. – “E o momento chegou...”

Melanie sentiu-se perdida. O que o dono da voz que a alertava queria dizer com “o momento é agora”? A garota, assustada, só conseguia ver o festejar vibrante dos vampiros. Mas ela estava para presenciar a veracidade daquela máxima de que “nem tudo é o que parece ser...”.

Alexia, de imediato, retirou o sorriso e contraiu os músculos da face, demonstrando sua surpresa. Só ela percebia o que estava para acontecer. Melanie notou sua

mudança repentina e voltou sua atenção às ações da vampira. O que Alexia considerava que jamais voltaria a ocorrer estava sucedendo-se ali, naquele que seria o seu momento. Melanie seguiu os olhos da vampira e entendeu o motivo de sua aflição: Alexander, seu irmão, revolia-se na cadeira, agonizando, entre espasmos. Rasgando a camisa com brutalidade excessiva, gritava, desesperadamente, caindo, em seguida, ao chão. Os vampiros pararam com a festa e permaneceram paralisados, olhando para o rapaz que se contorcia no solo. Alexander estava

transformando-se diante dos olhos de sua irmã.

- O que está acontecendo, Alexia? – perguntou, aturdido, um dos vampiros guardiões – Você não tinha dito que ele estava sob o seu controle?

- Há muito tempo isso não mais acontecia. – respondeu Alexia e, seguidamente, olhou para Melanie – Até ela aparecer.

- O que vai fazer? – perguntou novamente o vampiro – Você sabe o que acontece se ele morder qualquer um de nós.

- Vou sugar até a última gota do sangue dessa criatura. - ameaçou

Alexia, seguindo para Melanie – Assim, meu irmão poderá voltar ao normal.

Melanie olhou em todas as direções; não saberia para onde correr. Em toda a parte, tinha um vampiro ameaçando-a com suas presas.

“Só existe uma chance.” – disse a voz ofegante no íntimo de Melanie – “Deixe essa desprezível comigo.”

Melanie sentiu um forte puxão pelos cabelos e, quando percebeu, estava envolvida pelos braços fortes de Alexia. A vampira abriu a boca, e a sua mandíbula

expandiu-se, revelando uma abertura fora do comum. Suas presas pareciam maiores do que a dos demais vampiros. Alexia aprontou-se para cravar seus dentes no frágil pescoço de Melanie, quando foi surpreendida por um golpe que a lançou longe. Mel ainda conseguiu ver a vampira batendo, fortemente, contra a parede. A garota olhou na direção de onde o golpe partira e viu o agressor. Aquele raquítico e inofensivo rapaz havia se transformado em um imenso lobo negro. Era uma fera enorme, maior do que aqueles que Melanie havia visto na noite anterior. Ela, por um

breve instante, encontrou seus olhos com os do lobisomem. E percebeu, nesse instante, que ele, Alexander, era o seu protetor.

O investigador Léo, sob as ordens do delegado Silva, estava já, pela quase décima vez, na pousada da pequena Monte Seco. A distância da delegacia de Castro, a cidade mais próxima de Monte Seco, era de uns 30 quilômetros. Léo, em silêncio, sentado no sofá, observava aquela mulher, de provavelmente 40 anos, quase afundar o chão da sala, caminhando nervosa de um lado para o outro. Era passado das onze e meia da noite, e a mulher incansável

vigiava o aparelho de telefone da pousada, ao mesmo tempo em que sondava pela janela, de minuto em minuto, a rua deserta.

A filha de 16 anos desaparecera na manhã daquele dia. A mulher, Flávia, acordou estranhamente no chão da sala junto à proprietária, Dona Carmélia. E, ao subir para o quarto, constatou que apenas o filho encontrava-se dormindo. A filha tinha sumido e, desde então, não mandava notícias. Léo já percorrera os poucos lugares que se podia investigar, falara com algumas pessoas da cidade, mas não teve muita informação. Apenas uma

linha de investigação abriu-se quando conversou com uma jovem que residia na casa ao lado. A jovem, Ariela, mencionou, a muito custo, que a garota desaparecida tinha se encontrado algumas vezes com um rapaz que vivia na zona rural do lugarejo. Mas isso seria investigado somente de manhã, se a menina não reaparecesse, arrependida, no meio da noite.

- A senhora precisa se acalmar. – disse Léo – Ficar desse jeito não vai ajudar em nada.

- E o que vai ajudar, então? – respondeu, furiosa, Flávia – Ficar aqui parada, esperando? Isso vai

ajudar? E minha filha pode estar em algum lugar lá fora precisando de ajuda.

Léo passou a mão pela barba rala, permanecendo em silêncio. Os anos de trabalho na civil já o tinham preparado para as diversas situações como essa que já enfrentara. Ele sabia qual seria a próxima reação da mulher.

- Por favor, me desculpe. – disse ela, tentando ser mais serena – Eu estou a ponto de enlouquecer. O senhor entende?

- Claro que sim. – respondeu – Não se preocupe quanto a isso.

- Na verdade, eu tenho que

agradecer a vocês por terem vindo,
– completou Flávia, sentando-se no
sofá defronte ao investigador - já
que tem essa história de ter que
esperar 48 horas...

- Depende da situação.
Como a senhora relatou ao telefone
as circunstâncias, o delegado
considerou melhor não perder
tempo.

- Sou muito grata por isso.

- Eu falei com a menina
que mora ao lado. Ela me disse que
sua filha mantinha contato com um
rapaz de uma fazenda aqui próxima.
A senhora sabe alguma coisa sobre

isso?

- Não. Para ser sincera, Melanie sempre foi reservada quanto a esse assunto de rapazes. Que eu sei, ela teve bem poucos namorados. Ela não é uma menina que tem facilidade em se aproximar das pessoas.

- Mas essas coisas um adolescente nunca comenta com os pais.

- É. Pode ser.

- Falando nisso. E o pai?

Léo não soube identificar se a pergunta que acabara de fazer teria, realmente, significado para a

investigação, ou porque queria saber um pouco mais da vida particular da mulher que estava à sua frente.

- É uma história que eu gostaria de não comentar. Apenas que o pai, ela nem mesmo conhece.

O homem não saberia explicar o porquê, mas sentiu-se feliz.

- Me desculpe tocar nesse assunto. É que eu preciso abordar todas as possibilidades.

- Claro. Não tem problema. O que mais me interessa agora é encontrar a minha filha.

- Vocês são de Curitiba,

certo?

- Isso. Faz poucos dias que estamos aqui.

- E o que os trouxe pra cá?

Flávia mudou de expressão e levantou-se. Ela levou a mão à cabeça, pensativa. Deveria confidenciar a real intenção àquele homem estranho? Será que, fazendo isso, surtiria algum resultado positivo no aparecimento da filha? Outra questão mais preocupante passou pela mente de Flávia. E se ela mesma, Melanie, tivesse descoberto o motivo de Flávia voltar a Monte Seco, depois de tanto

tempo? Seria razão suficiente para o desaparecimento repentino da filha?

- Tem alguma coisa que eu precisaria saber? – insistiu Léo.

- Não. – desconversou Flávia – Eu vim por motivos familiares.

Léo percebeu que a mulher tinha bem mais ideias dominando seus pensamentos. Ela, definitivamente, escondia algo que talvez explicasse o sumiço da garota. Mas estava muito nervosa; não seria uma boa tática tentar aprofundar-se nessa possibilidade. Pelo menos, não agora.

Flávia voltou a espiar pela janela; a rua permanecia despovoada, sem movimento. Ela sentia-se, até mesmo, um pouco menos tensa, após ter trocado meia dúzia de palavras com o investigador. E olhou, pela primeira vez, no pequeno espelho em cima de um velho armário que refletia a imagem do homem que se mantinha sentado ao sofá, anotando em uma caderneta. Flávia deu-se conta de que possuía o rosto másculo, barba por fazer, cabelos curtos começando a encanecer. Trajava roupa social e um casaco comprido, parecido com

uma capa de chuva. Lembrava aqueles detetives de velhos clássicos do cinema. Vai ver ele era fã de filmes assim! Léo era o tipo de homem que chamaria a sua atenção em outra situação. Mas, por hora, seu pensamento estava voltado à Melanie.

O telefone celular do investigador tocou.

- Alô. – disse Léo, após identificar de onde a chamada partira.

Flávia, ansiosa, voltou a sentar no sofá. Léo apenas escutava e balançava a cabeça, algumas

vezes, como se estivesse entendendo o que a pessoa do outro lado da linha falava-lhe.

- Ok! Entendi! – frisou ele, após algum tempo – Estou indo para lá, então. Até depois.

Léo desligou e guardou o celular. Flávia, aflita, esperava uma reação do homem. Ele levantou-se, e ela, automaticamente, fez o mesmo.

- Preciso ir. – disse o investigador – Mas voltarei logo de manhã.

- Como assim?!

- Tenho outra coisa pra resolver. A senhora tem o meu

número se precisar.

- Mas como?! Não vou suportar a agonia de ficar aqui esperando. A sua presença aqui, pelo menos, me dá mais esperança.

- Eu sei, senhora. Mas nosso contingente é pequeno. Preciso dar reforço para os meus colegas em outra situação. Volto assim que possível.

- O que você vai fazer é mais importante do que o desaparecimento de uma pessoa?

- Achar a sua filha é prioridade; acredite. Mas eu tenho que ir. Parece que um bando de

arruaceiros invadiu um local abandonado em Piraí, aqui perto.

Flávia imediatamente lembrou-se do que Dona Carmélia havia dito, numa noite daquelas, sobre os tais arruaceiros. Seria possível que estariam com Melanie? Certamente que não, mas Flávia não conseguia pensar mais em nada.

- Perto quanto?

- Uns 20 ou 25 minutos, mais ou menos.

- Vou com você. — anunciou, resoluta, Flávia.

- Como, senhora?!

- Espere um pouco aqui.

Vou avisar à dona da pousada, caso Melanie volte, e vou com você. Minha filha pode estar nesse lugar.

Flávia saiu em direção à cozinha. O homem balançou a cabeça, percebendo que não conseguiria livrar-se da mulher. Ficou imaginando o quanto estava sendo difícil para ela. Não saberia o que fazer se um dia estivesse na mesma posição. Possuía um filho adolescente também, que não morava com ele, mas tinha a certeza de onde ele estava naquela hora. E, além do mais, seria bom ter Flávia

um pouco mais por perto.

Capítulo Dezessete – Sem medo da escuridão

Os sentimentos eram confusos na mente transtornada de Julian. Ele sentia toda a coação da lua na sua terceira noite e acompanhava Angelique transformando-se pela primeira vez. Entre as mulheres da fazenda, ela era a primeira, há muito tempo, a passar por isso. A preocupação de Julian ia além do fato de a prima sofrer o fardo da transformação; ele notara que Angelique estava

amarrada com cordas simples. Afinal, ninguém apostaria que se tornaria uma loba. Mas o fato era que a transformação estava quase concluída, e as amarras não ofereceria impedimento à prima. Agnes observava a cena; sentia-se pesarosa por entender que a neta jamais seria a mesma, mas também certo alívio de saber que suas feridas seriam curadas. Julian entendeu que era preciso tomar alguma atitude, urgentemente, pelo bem da prima e das pessoas com quem, possivelmente, ela iria se deparar. Ele conhecia muito bem a

confusão que sentira na sua primeira noite.

- Vó. – chamou Julian – A senhora precisa me soltar.

- Está ciente do que está me pedindo, meu filho?

- Sim... Angelique vai escapar, e não posso deixar que ela fique sozinha.

- Tem certeza de que pode conduzi-la?

- Não sei se posso conduzir a mim mesmo... Mas tenho que tentar.

Agnes entendeu a razão pelo qual o neto pedia para ela cometer

essa temeridade. Ela compreendeu que o garoto tinha razão em pensar que poderia dominar sua porção animal e ajudar a prima a não cometer uma barbaridade. Agnes também sentia algo que, depois de muito tempo, voltava a visitar seus pensamentos; um sentimento cativante que lhe trazia auxílio em horas difíceis. O que a velha senhora sentia, naquele momento, era a necessidade de soltar Julian, compreendendo que sua intenção iria guiá-lo para um plano maior. A avó recebeu a confiança que precisava para soltá-lo, e assim o fez.

Julian sabia o que fazer; soltou a prima com cuidado, percebendo a confusão nos olhos da moça. A loba posicionou-se em suas quatro patas e soltou o primeiro uivo livre da dor. Julian entendeu que precisava, o quanto antes, tirar Angelique dali e levá-la para o seu esconderijo dentro do monte. Mas só havia um jeito; deixar, enfim, a lua exercer toda a sua magnitude sobre ele. Então, jogou-se no chão e transformou-se diante de Agnes e da loba.

Angelique, agitada, circulava o primo e rosnava a cada movimento brusco que ele dava. Agnes

observava, de mais distante, a movimentação dos netos. Pouco tempo depois, a avó acompanhava, temerosa, os dois lobos seguindo pela estrada em direção à noite. Os sentidos de Angelique estavam aguçados; podia sentir qualquer cheiro a quilômetros, se assim desejasse. Percebia os músculos fortes, e o corpo, apesar de muito maior agora, flutuava no ar a cada longo salto que efetuava.

Angelique seguia o grande lobo pardo, consciente de que era Julian. Ele, por sua vez, apressava-se em chegar até o esconderijo; lugar em que a prima estaria

protegida. Mas, de repente, um sentimento invadiu a sua alma. O lobo pardo parou ofegante, o suave rosto de Melanie surgia em sua mente. Era o mesmo sentimento que se apossara dele na noite em que Marcus desejou atacá-la. Parecia que algo o estava conduzindo ao encontro dela, para salvá-la, outra vez. Ela encontrava-se novamente em perigo, e esse mesmo sentimento que, anteriormente, conduziu-o a Melanie mostrava-lhe novamente o caminho.

Não foram poucos os anos que Alexander permaneceu inativo, sujeito ao domínio da irmã; ela

conseguiu sorver todas as suas forças, de homem e de lobo, usando uma poderosa magia oculta. O que diziam sobre ela é que pertencia a mesma vertente poderosa que os transmutara no que agora eram. Alexia transformou-o em um pedaço de carne, sendo transportado pelo mundo todo como um troféu, uma conquista para menosprezar a raça dos lobos. Mas Alexander aguardava o tempo certo de conseguir suas forças, a proximidade do sangue que o libertaria do seu cárcere também lhe proporcionaria a vingança. O tempo e as peças do jogo estavam cravados

na única parte em constante movimento de Alexander: sua mente. E esse era o tempo; as peças, ele as movia.

Quando o corpo de Alexia caiu ao chão, após bater fortemente contra a parede, os vampiros saltaram enfurecidos sobre o grande lobo. Alexander, em pé sobre as patas traseiras, ficava ainda mais assustador. Ele arremessava, a longas distâncias, cada vampiro que tentava atacá-lo. Melanie permanecia paralisada, encostada à parede; tinha consciência de que precisava sair rápido dali, mas suas pernas eram contrárias a essa ideia.

Os vampiros foram cedendo e apenas cercavam a imensa fera, já que nenhum deles havia conseguido o êxito de feri-lo. Alexia levantou-se, recobrando os sentidos. Tinha a fúria nos olhos quando se pôs de pé.

- Ataquem! – bradou ela – Não o deixem escapar.

Os vampiros, em bando, pularam sobre Alexander, e ele golpeava a todos com suas enormes garras. Iori, que estava no alto, saltou velozmente sobre o lobo e conseguiu agarrar-lhe no pescoço. Cravou suas presas no animal, que urrou de dor. Alexander conseguiu pegar uma das pernas do vampiro e

puçou-o, descolando de suas costas. Ele mordeu Iori e soltou seus pés; o africano começou a ter fortes convulsões e agitou-se debaixo da impiedosa fera.

- Iori! – gritou Camuel, olhando para o amigo - Ele vai ser transformado.

- Matem todos eles. – esbravejou Alexia, não se importando.

Camuel encarou-a com surpresa; essa não era sua prioridade. O irmão que ela não conseguia mais dominar e o africano que acabara de se transformar, ele até compreenderia. Mas Melanie

também? Isso o vampiro não permitiria.

- Matem todos, eu já disse. – repetiu Alexia.

Os vampiros, se antes tinham pavor de enfrentarem a fera, agora sentiram ainda mais! Iori levantou-se, totalmente dominado pela força da lua; era uma aberração, um vampiro transformado em lobisomem. Alexia, percebendo que não teria suas ordens atendidas do jeito que desejava, seguiu na direção de Melanie, a fim de, ela mesma, executar o serviço. A vampira, a passos largos, aproximou-se da garota.

- Acabem com essa coisa, – ordenou ela, apontando para Alexander – enquanto eu dou fim nesta aqui.

Quase todos os vampiros saltaram sobre a fera. Alexander desvencilhou-se de alguns. Mas, a cada vampiro que ele lançava fora, outro seguia em sua direção. Aos poucos, ele perdia as forças e foi ao chão. Alexia, mais uma vez, envolveu a frágil garota em um abraço mortal; Melanie olhou na escuridão dos seus olhos e enxergou a morte.

- Não, Alexia! – gritou Camuel – Isso eu não permitirei.

Camuel saltou na direção da vampira; Alexia nem mesmo precisou fazer um gesto mais brusco e, com um movimento do seu braço, lançou Camuel a distância. Este caiu, batendo no pára-brisa de um carro. Alexia voltou sua atenção, novamente, à Melanie. A garota fechou os olhos ao ver as presas da vampira se aproximar; ela sentiu seu hálito quente em seu pescoço. Alexia colocou os dentes sobre a pele de Melanie e, antes mesmo de deliciar-se com o doce sabor do sangue da menina, sentiu o seu próprio sangue banhar-lhe as costas. A dor tomou-a por completo,

fazendo a vampira contorcer-se. Ainda caindo ao chão, abraçada à garota, ela viu aquele que acometera sobre ela: o lobo pardo Julian.

Melanie percebera que essa era sua chance; a vampira, sem forças, mirava-a com ojeriza infinita, até fechar, enfim, os olhos. A garota olhou para o lobo pardo e sentiu que, outra vez, ele estava ali para protegê-la também. Só que ela ainda não sabia identificar o motivo. Apenas tinha a consciência de precisar confiar naquela criatura.

- Damn it! – pronunciou Miguel, ao perceber o que havia acontecido.

Ele, vendo Alexia caída ao chão e esvaindo, saltou, com toda a sua fúria, sobre o agressor da vampira. Julian recebeu as garras de Miguel que penetraram, profundamente, em sua pele espessa. O lobo levantou-se sobre as patas traseiras e agitou-se, tentando retirar o vampiro de suas costas. Rania e Charlotte saltaram, simultaneamente, na direção do lobo pardo, com a intenção de somarem-se a Miguel no ataque a Julian. Ainda no ar, elas sentiram um imenso e pesado corpo adiantar-se a elas e golpear, com suas potentes garras, o rosto de Miguel. O vampiro desprende-se

do lobo pardo e caiu, com o rosto dilacerado, próximo à Alexia. Angelique entrara na briga para defender Julian a qualquer custo.

O lobo pardo e a loba rosnaram ferozmente para os vampiros que estavam sobre Alexander; uns dez, possivelmente. E estes retribuíram o olhar ameaçador e colocaram suas presas à vista dos lobos. Julian, seguido por Angelique, saltou sobre os inimigos, e os dois conseguiram atingir a metade deles, espalhando-os pelo chão. Isso foi suficiente para Alexander ser capaz de se mover e tentar morder os vampiros que

restavam; os que recebiam a mordida, imediatamente, tombavam ao chão, em convulsão.

Charlotte e Rania entreolharam-se e pensaram de forma idêntica: aquela atacaria Julian, e esta se ocuparia de Angelique. E assim fizeram; saltaram as vampiras, cada uma sobre uma fera. Charlotte, apesar de bela e sedutora, era muito forte e agressiva; Julian sentiu suas garras afiadíssimas rasgarem suas costas. Rania foi direto ao pescoço de Angelique, tentando cravar suas presas na loba. Miguel, arrastando-se, aproximou-se de Alexia e tentou

fazê-la despertar. Alexander estava de pé, novamente, golpeando os vampiros que se atreviam a aproximar-se dele. Melanie, pobre garota, estava abaixada, com as mãos na cabeça, observando, amedrontada, a luta sangüinária entre vampiros e lobisomens.

Eram três pujantes lobos, muitos e muitos vampiros perversos e apenas uma garota humana, no meio da batalha. Segundo Alexia, Melanie e ela tinham os mesmos genes, mas a garota compreendia que, naquela situação, eram os lobos que a defendiam da horda de vampiros. Ela não via possibilidade

de escapar. Novamente, cruzou seu olhar com o maior dos lobos, Alexander. Ele encarava-a, enquanto golpeava sem parar os vampiros que o atacavam. O gêmeo sabia que deveria defender aquela garota; dependeria dela a sua liberdade.

Rania debatia-se com Angelique, numa tentativa avassaladora de uma aniquilar a outra. Julian, sentindo a dor descomunal das longas unhas de Charlotte em seu corpo, levantou-se novamente sobre as duas patas traseiras e andou para trás, com seu corpo pesado. Charlotte tentou mordê-lo; o lobo pardo contorcia-se

cada vez que as garras da vampira enterravam-se mais profundamente. Julian, ainda andando de costas, aproximou-se de um maquinário próximo à parede e, com toda força, prensou Charlotte. A vampira soltou um gemido gutural, e Julian sentiu o alívio da ausência das garras da francesa. O rapaz caiu novamente para frente, ficando nas quatro patas. Charlotte estava dependurada, colada, junto ao maquinário, com um ferro atravessando seu estômago.

- Charlotte! Não!!!! – gritou Camuel, que se recuperava, mantendo-se abaixado próximo ao carro que fora lançado por Alexia.

Ao ver Charlotte desfalecer, pendurada pelo ferro, ele quase enlouqueceu. O vampiro, com o sangue escorrendo pelo rosto, tentou cruzar o campo de batalha, a fim de socorrer a francesa.

- Façam alguma coisa. – disse Camuel para os vampiros mais próximos – Ajudem Charlotte.

O vampiro de feições orientais abriu o porta-malas do carro e pegou uma garrafa, do tipo coquetel molotov, que os vampiros usavam para se divertirem. O DJ acendeu o pano embebido em líquido inflamável da garrafa e atirou em Julian. O lobo pardo,

instintivamente, pressentiu a bola de fogo chegando em sua direção e saltou, conseguindo escapar. O coquetel molotov passou pela turba de vampiros e lobos e caiu em outro carro estacionado. E este pegou fogo, imediatamente. Os vampiros afastaram-se, e a explosão não demorou a acontecer.

- Não era esse tipo de ajuda de que eu precisava! — exclamou Camuel.

- Só consegui pensar nisso. — respondeu o vampiro.

O fogo subiu ao ar e atingiu outros carros mais próximos.

Melanie, que estava por perto, conseguiu tirar forças de onde não tinha e afastou-se, escondendo-se atrás de um empilhado de madeira. Rania e Angelique separaram-se e permaneceram longe uma da outra, apenas travando uma batalha com os olhos. Alexander soltou um uivo aterrador, fazendo os vampiros tremerem. Julian olhou por toda a parte, procurando por Melanie.

Uma sequência de explosões começou a suceder. Os vampiros debandaram, tentando entrarem nos poucos automóveis que não explodiram. Os que não conseguiam rumavam em direção à van e à

limusine que estavam próximas da porta principal. Angelique deslocava-se na mesma direção por onde ela e o primo tinham entrado, no lado oposto do depósito; ali, Julian atravessara uma janela bem ao alto, possibilitando sua chegada. Para sair, poderia ser mais seguro por lá também. Julian, aturdido, procurava avistar, entre as chamas, o rosto de Melanie. Talvez ela já tivesse saído...

Alexander viu Angelique seguindo por onde ela e o lobo pardo entraram e foi atrás da loba. Rania e Miguel ajudaram Charlotte a se soltar do ferro que a prendia;

Rania colocou o braço de Charlotte sobre o seu pescoço e carregou-a na direção da única saída; Miguel fez o mesmo com Alexia.

Julian ergueu-se e rosnou fortemente; as chamas o estavam cercando. O lobo pardo saltou em direção à plataforma, mais ao alto; seu peso era excessivo, e a plataforma cedeu, levando-o ao chão. O lobo soltou um urro como se algo lhe atravessasse o ventre; um pedaço de madeira entrara em seu corpo, perfurando sua pele espessa. O lobisomem arrastou-se com muita dificuldade para a parte de trás do depósito, por onde os outros lobos

tinham saído. Antes de sair em definitivo e fugir da explosão que colocava tudo abaixo, Julian avistou Melanie, escondida, sem poder se mover, atrás de um empilhado de madeira.

Capítulo Dezoito – Como tudo deve ser

Quando avistou, já ao longe, as luzes azuis e vermelhas dos carros de polícia, Flávia sentiu o coração contrair. Quem sabe estaria se precipitando? Era possível que Melanie nem estivesse

por perto. Durante os quase 30 minutos que se seguiram de Monte Seco até ali, ela tinha trocado poucas palavras com o investigador. Apenas notou duas questões: que ele parecia bem profissional, o que lhe trouxe certa segurança, e que ele não usava aliança; sobre isso, ela não se atreveu a imaginar algo além do fato de que aquele homem estava ao seu lado com o único intuito de ajudar a encontrar sua filha. O Monza azul de Léo estacionou próximo ao velho depósito desativado.

- Não sei se foi boa ideia eu ter vindo. – confessou Flávia –

Mas eu sou assim mesmo, intuitiva.

- Bom, sei que não ajuda muito o que vou dizer, mas intuição é como uma ferramenta de trabalho para um policial. Conta muito.

- Mas eu espero que a minha esteja errada. Tão logo isso acabe, pretendo voltar, se possível.

- Não se preocupe. Mas preciso que você permaneça aqui, próxima ao carro. De preferência, dentro dele e com as portas travadas.

- Sem problema; não quero mais complicações do que já tenho.

Flávia notou barulho de música alta e muitos gritos vindo de

dentro do prédio; ela ouviu também algo como um rosnado de um grande animal. Ficou imaginando ter sido, realmente, besteira acompanhar Léo até ali. Melanie jamais estaria num lugar como aquele.

- Vou até lá, e você me espera aqui. – reafirmou Léo.

- Daqui não saio. Pode fazer o seu trabalho. Esqueça que eu estou aqui.

Léo deu os primeiros passos e imaginou a bronca que levaria do chefe, se vissem Flávia; pior seriam as piadinhas dos colegas.

Flavia já tinha visto muitos acontecimentos na vida e ouvira

falar de tantas outras histórias que poderiam ter saído, até mesmo, de dentro de um manicômio. Mas o que seus olhos estavam presenciando era inimaginável! Ela avistou duas criaturas singulares, dois imensos animais, que lembravam um lobo de tamanho desproporcional, cruzarem perto do carro em que estavam e seguirem sorrateiros, até a parte de trás do arcaico prédio. Levou as mãos à boca, e o seu grito de pavor teve dificuldade extrema em sair. Quando era jovem, uma pessoa muito próxima a ela já tinha lhe dito algo a respeito de criaturas como aquelas, mas Flávia jamais

acreditou em tais relatos. Agora, com seus próprios olhos, recebera a prova de que aquilo, que parecia impossível existir, entrou se esgueirando no depósito. Depois de alguns instantes, enfim um grito violento escapou da sua garganta. Léo, que se preparava para auxiliar os companheiros, assustou-se com a reação inesperada da mulher.

- O que aconteceu? – perguntou ele, retornado.

- Um monstro... Não... Dois. Ali. Ali... – apontou Flávia, despejando as palavras desconexas, dificultando o entendimento de Léo.

- Onde? – perguntou ele,

subentendendo ser algum marginal.

- Ali. Ali. – repetia a assustada Flávia.

Léo iluminou com a lanterna o local determinado pela mulher. Apenas uma separação no mato acusava que algo ou alguém passara por ali. Neste instante, o tumulto dentro do prédio exacerbara. Os poucos policiais que estavam aguardando as ordens do lado de fora deslocaram-se de um lado para o outro, irresolutos. Os gritos aumentaram, os bramidos de animais ferozes também; parecia uma área de combate, mas sem o barulho de armas de fogo. Léo aproximou-se de

Flávia na tentativa de protegê-la e acalmá-la, já que a mulher demonstrava querer ter delírios; proporcionados, talvez, pelo desaparecimento da filha.

- É melhor você ficar dentro do carro. — disse ele, em tom preocupado.

- Está bem. Mas eu vi...

- Acredito em você. Mas, agora, preciso ir até a entrada do prédio. Ok?

- Ok. Eu vou entrar no carro.

- Por favor. — falou educadamente Léo - É o mais correto.

Léo abriu a porta e, antes de

Flávia entrar, uma explosão sucedeu do lado de dentro. O investigador abaixou-se e, até mesmo sem paciência, empurrou a mulher para dentro do carro.

- Fique aqui, por favor. – fristou ele.

Flávia consentiu com um aceno de cabeça e encolheu-se no banco do veículo. Léo sacou a arma e seguiu abaixado na direção dos demais policiais que estavam mais próximos da entrada. Uma sucessiva sequência de explosões eclodiu no prédio; alguns policiais abaixaram-se, outros se jogaram no chão.

- Calma, pessoal! Sem

precipitações! – gritou o delegado.

Os policiais tentavam se reorganizar. Léo, concentrado, não se prendia ao tumulto de vozes ao seu redor; o investigador focava a grande porta de entrada. Foi ele o primeiro a ver uma van preta arrebentar a porta e sair em disparada.

- Cuidado! – gritou novamente o delegado.

Os outros carros fizeram o mesmo. Todos personalizados, importados, automóveis de grande valor. Léo conseguiu visualizar o interior de um deles, o único que estava com o vidro abaixado; eram

jovens ricos e inconsequentes. Confirmou sua suspeita quando viu uma limusine saindo por último de dentro da fábrica.

- Não deixem que escapem! – ordenou o delegado.

A perseguição policial teve início. Quase todos os carros de polícia seguiram atrás dos importados. Se os policiais soubessem de quem se tratava, teriam abandonado a perseguição ou ficado ali mesmo, como fizera Léo. O investigador dava indícios de querer entrar no depósito; um dos companheiros fez sinal para que ele não se precipitasse e que esperasse

pelos bombeiros.

- Léo, nem pense nisso.

- Me dê cobertura. Tenho que entrar.

Era um risco; poderiam, sim, acontecer mais explosões, mas Léo entendeu que talvez houvesse mais alguém lá dentro também; alguém que não conseguira sair.

- Você é doido, cara? Esqueceu o Cézar?

- Impossível esquecer. — disse Léo a si mesmo, já entrando no prédio — Impossível.

Não era a primeira situação do mesmo gênero que o investigador vivenciara. Há, mais ou menos, três

anos, ocorrera um incêndio em um prédio, no centro da cidade. Léo estava no trabalho e correu para o local para auxiliar no que fosse necessário, e as pessoas fossem retiradas em segurança. Mas um grande amigo seu, Cézar, sargento do Corpo de Bombeiros, entrou para verificar se ainda existia alguém acuado pelo fogo. E uma parede cedeu, caiu sobre ele e levou-o à morte.

Léo, sentindo o furor das chamas sobre o rosto, lembrou-se do acontecido com o amigo, mas já era tarde para recuar. O fogo ainda se concentrava na entrada em que os

carros estavam. O investigador viu alguns deles totalmente destruídos e outros em chamas prestes a explodirem. O cheiro de gasolina era forte, indicando que essa possibilidade era iminente. Ele, com um lenço sobre o nariz, olhou em todas as direções na tentativa de ainda encontrar alguém a quem retirar; o calor era intolerável. Mesmo a distância, as labaredas causavam uma dor insuportável em Léo. Não parecia ter mais ninguém. Humano, pelo menos, não. Léo assustou-se ao ver um grande animal pular até um local mais alto, tentando fugir das chamas. Com toda

a certeza, o investigador ainda não tinha visto um bicho como aquele; era bem maior do que o maior dos lobos que ele já vira. O ser saltou e tentou segurar-se na haste que dava sustento a uma plataforma, mas não teve sucesso; a haste arrebentou, e o imenso animal caiu sobre um bloco de madeira amontoado debaixo dele.

Léo percebeu que o bicho estava ferido; uma estaca de madeira cravara em seu corpo. A fera não se deu por vencida e arrastava-se num misto de sofrimento e persistência. O policial olhou para trás e notou que o fogo já tinha tomado toda a entrada; então, havia somente uma

opção: seguir para onde a fera estava indo, para a parte de trás do depósito. Talvez lá existisse uma saída; afinal, animais sempre têm o instinto de sobrevivência mais apurado.

O investigador passou por um dos carros e percebeu que este e os demais iriam explodir; e o mais agravante: ele acabara de notar de onde vinha o forte cheiro de gasolina, de galões empilhados no canto, ao lado de um velho gerador. Precisava ser rápido, ou teria o mesmo fim do seu amigo bombeiro. Então, apressou-se para chegar à saída e quase tropeçou em uma

jovem desalentada, caída, atrás de outro monte de madeira.

Léo abaixou-se e tentou acordar a garota. O investigador notou, então, um pequeno buraco na parede, junto a um carro todo destruído. Era possível que o veículo, ao explodir, tivesse criado a pequena abertura. Léo calculou; daria para passar ele e menina, e depois sair? Só saberia agindo. Então, olhou ao redor e, por toda a sorte do mundo, encontrou uma barra de ferro que se desprendera da plataforma. O investigador golpeou com toda a força a parede, esfacelando os tijolos, depois mediu

mentalmente: já era possível sair. Puxou a garota pelos braços e empurrou-a pela abertura; Melanie rolou nas pedras britas, já do lado de fora do depósito, e Léo viu que a menina estava a salvo; hora de ele também sair. O tempo esgotou-se, o fogo chegou aos galões de gasolina, e a explosão aconteceu. O policial sentiu o calor do inferno sobre a capa que usava e deu-se por vencido; era o seu fim. Num rompante, sentiu uma força sobre-humana puxá-lo para cima, fazendo-o atravessar uma das janelas no alto. Camuel impulsionava-o para fora do prédio, agora, completamente

tomado pelas chamas.

O braço estava deslocado, mas assim mesmo o investigador sentia-se feliz por estar vivo. Não sabia precisar, realmente, o que acontecera dentro da fábrica antes da explosão; lembrou que a garota encontrada lá dentro estava ali, diante dele. Os policiais, seus companheiros, ajudavam-na, pois parecia estar em choque e não falava coisa com coisa.

- Vampiros... Lobos... – ela balbuciava.

Ele mesmo considerava que muita pressão fazia as pessoas verem imagens absurdas, como um

animal imenso saltando sobre uma plataforma, ou um jovem de cabelos desgrenhados, com força suficiente para lançar um homem com quase 80 quilos, de dentro de um prédio em chamas.

Os bombeiros chegaram com todo o seu aparato e movimentação; Léo achou melhor abrir caminho para a ambulância que também acabara de vir. Tinha improvisado uma tipoia.

- Me deixe dar uma olhadinha. – disse o paramédico.

- Não precisa. – enfatizou Léo – não foi nada.

- Tem certeza, amigo?

- Absoluta. Pode cuidar da garota.

O paramédico caminhou na direção de Melanie. Léo sentia dor, mas não queria que nenhum intrometido quisesse verificar o seu ombro. Quando, enfim, lembrou-se da mulher que deixara em seu carro, percebeu-a correndo na direção de onde estavam; os policiais tinham a avisado que uma garota fora salva da explosão.

“Qual a chance de ser a filha dela?” - perguntou-se Léo - “Uma em um milhão?” – prosseguiu – “Falei para ela ficar no carro. Pura perda de tempo. Aposto um rim que

nem é a filha dela.”

Flávia aproximava-se, tentando vislumbrar entre os policiais e enfermeiros o rosto da tal menina; a parca iluminação fornecida pelos faróis dos carros da polícia e caminhões de bombeiros não a ajudava muito, mas seu coração disparou ao confirmar sua esperança.

- Melanie! – gritou Flávia, em prantos.

A garota, mais do que depressa, olhou na direção do grito. Reconheceu a voz; era sua mãe.

- Mãe! – gritou Melanie, levantando-se e correndo ao

encontro de Flávia.

As duas abraçaram-se e choraram, grudadas uma a outra. Léo observava a cena com um sentimento conflitante. Feliz por Flávia ter encontrado a filha, a garota que ele ajudara a salvar; e um pouco chateado, por entender que não poderia jogar na Mega-sena, ou num bolão, nem mesmo em uma rifa. Não deveria apostar em nada, se não quisesse perder dinheiro ou, quem sabe, um rim.

Capítulo Dezenove - Mudança de

comportamento

Não era uma manhã comum em Monte Seco. Não só pelo fato de os moradores locais receberem um magnífico presente dos céus: uma gigantesca cortina feita de luzes brilhantes, o fenômeno conhecido por aurora austral. Mas a rotina, que sempre se resumia no amanhecer lento e vagaroso da cidade, naquele dia, teve movimentação mais do que excessiva. As pessoas da pequena localidade já tinham se habituado a histórias fora do comum por aquelas bandas, quase sempre passadas de pai para filho. Muitas delas relacionadas ao povo recluso que

morava na fazenda murada. Mas, nos últimos tempos, a situação tinha se acalmado, tanto que o mais novos sempre foram céticos em relação aos tais acontecimentos antigos, visto que nunca presenciaram algo além dos padrões. Mas agora era diferente... A notícia de que a garota nova, que residia na pousada, fora sequestrada pelos baderneiros já tinha se espalhado, e os acontecimentos cresciam a cada vez que eram relatados. Os mais velhos imaginavam com que tipo de gente estava lidando Flávia e sua filha, e até ficaram surpresos pela recuperação da menina, que já

estava de volta à pousada.

O delegado Silva esperou que mãe e filha pudessem descansar algumas horas e, em seguida, tomou seus depoimentos. Os anos de experiência levaram-no a acreditar que, realmente, a garota falava a verdade quando insistia que fora levada até o local contra a sua vontade. Tinha constatado também, anteriormente, como era de praxe, que Mel não havia ingerido bebida alcoólica ou algum outro entorpecente. O depoimento de ambas não foi de muita ajuda, na tentativa de reconhecer algum dos marginais. Melanie apenas dizia que

não os conhecia antes de a terem raptado. Mais consciente, ponderou não tocar mais no assunto de vampiros. Mesmo porque tudo era uma grande reviravolta em sua cabeça. Não saberia afirmar para si mesma se tudo aquilo existiu de verdade. Parecia um sonho louco. Um pesadelo.

Flávia, protetora, estava ao lado de Melanie. Ela quase não conseguira dormir. Cada movimento que a filha fazia, e foram muitos durante toda a noite, mantinham-na em alerta. Suas horas de angústia não haviam cessado, completamente. Mel estava ali, ao seu lado,

aparentemente bem, mas Flávia sabia, lá no íntimo, que algo ainda estava por vir. Os fantasmas que ela pensou terem ficado no passado voltavam para assombrá-la.

Qual é a paga do bom guerreiro? Daquele que acabara de combater o bom combate? Não era só o seu corpo que se encontrava moído, dilacerado. Mas seu coração também se partia... Julian estava de joelhos no velho esconderijo, choramingando. Angelique, com roupas emprestadas de Julian, queria, mais do que tudo, poder consolá-lo. Mas ela sabia o porquê de tanto lamento; era pela

esquisitinha, a garota nova da pousada. Ele sentia-se culpado por não a salvar. Angelique olhava penalizada para o primo; ela via os ferimentos do seu corpo sarando gradativamente. Mas sabia que o mesmo não aconteceria com o coração de Julian.

- Julian. – arriscou a prima – Você fez o que pôde!

- Não, Angelique. – respondeu, soluçando, o garoto – Se tivesse feito, ela estaria bem.

- Ela pode estar bem.

- Como? Tudo foi pelos ares!

- Olha... Minhas lembranças são confusas, não tenho certeza, mas antes de puxá-lo para longe do prédio, eu vi alguém a colocando para fora.

Julian encarou a prima, querendo ter certeza a todo custo.

- É muita confusão na minha cabeça. – continuou Angelique – Você era muito pesado e estava inconsciente. Mesmo eu o mordendo pra puxá-lo, e você nem se mexia.

Julian notou no ombro as marcas profundas dos dentes de Angelique, que já estavam

cicatrizando.

- Depois eu olhei onde ela estava e só vi o homem que a ajudou sendo jogado pra fora por um... – Angelique parou, evitando até pronunciar a palavra - ...parecia um daqueles malditos...

- Vampiros? – adiantou-se Julian.

- Acho que sim.

- Você tem certeza?

- Como eu disse, muita coisa está martelando aqui. – respondeu ela, batendo com as pontas dos dedos na fronte.

Julian respirou fundo. Havia

uma esperança. Melanie poderia estar bem. Sua própria vontade de viver dependia disso. Precisava mais do que depressa confirmar suas dúvidas. As lembranças da noite anterior também não estavam claras para Julian; ele lembrava-se de Angelique transformando-se, depois de seguir com a prima para um lugar distante. Sentia que algo o guiava. Como se uma voz interior lhe fizesse um chamado: “Salve-a, Julian.” Ele ouvia como uma brisa soprando levemente em seus ouvidos.

- Preciso saber se isso é verdade.

- Depois você vê isso.

Sossega.

- Não posso sossegar meu coração enquanto não a vir de novo.

Um barulho seguido de um gemido levou a atenção dos dois para o lado de fora. Havia alguém na entrada da caverna. Julian recompôs-se e sinalizou para que Angelique se escondesse mais ao fundo.

- Se esconda ali, atrás daquela pedra. – sussurrou ele.

- Ninguém sabe desse lugar, não é? – sussurrou ela também.

- Não. – respondeu Julian, um pouco incerto.

- Será que não é o Wladmir?

- Pode até ser. Mas o Gigante nunca achou esse lugar.

- Óbvio. O brutamonte não consegue nem achar o caminho do banheiro!

- Vou dar uma olhada.

- Não vá lá fora.

- Preciso saber quem é! – disse ele, já se aproximando da entrada.

- Ai, que raiva de você! Cabeça dura, teimoso!

Julian, bem devagar, aproximou-se da abertura e colocou a cabeça para o lado de fora. Ele viu algo se mexendo no mato rasteiro. Então, conseguiu identificar. Era um

rapaz nu que, arrastando-se, erguia a mão na direção de Julian, suplicando sua ajuda. Alexander os havia seguido até ali.

O clima na fazenda também era tenso, Agnes estava ansiosa pelo retorno dos netos. A matriarca, em seu coração, reconhecia que os acontecimentos não haviam sido fáceis para as crianças. Angelique esteve sob o efeito dominador da lua pela primeira vez. Isso já seria um agravante, mas outra situação também preocupava Agnes. Toda vez que ela sentia a presença de algo querendo guiá-la, sentimento que há muito tempo não mais acontecia, era

porque alguém estava em sério perigo. Talvez não fosse o certo ter soltado Julian, mas agora já era tarde, e isso a deixava contrita.

Marcus e seus seguidores aproximaram-se da velha senhora, sentada junto à área da casa principal, olhando ao longe a estrada que seguia do portão de entrada.

- Onde estão os dois miseráveis, mãe? – perguntou Marcus, com ira nas palavras.

- Sou vidente agora, meu filho? – respondeu ela, calmamente – Estou esperando os dois voltarem também.

Marcus virou-se de costas e encarou seus subordinados.

- Não vou esperar coisa nenhuma. Vamos atrás deles.

Ele deu os primeiros passos em direção à estrada.

- E agora, Marcus? – falou alto Agnes, fazendo com que o filho voltasse a encará-la. – Creio que já sabe o que aconteceu com sua filha. O que vai fazer?

- Isso não muda nada. – respondeu ele – A única coisa que precisa mudar aqui é quem toma as decisões.

- Isso vai ser motivo pra você se voltar contra seu próprio

sangue, meu filho? – perguntou Agnes, mais a respeito dela própria do que de Angelique.

- O que for preciso, mãe. – respondeu ele, virando-se e seguindo novamente para a estrada – Farei o que for preciso.

Agnes observava Marcus e quatro dos seus seguidores que o acompanhariam na procura de Angelique e de Julian. A velha senhora desejava, ardentemente, que o filho não tivesse sucesso. Os ânimos precisavam sossegar.

Um colo de mãe, depois de enfrentar uma situação difícil ou arriscada, seria a melhor solução

para uma garota da idade de Melanie. Mas ela não saiu em uma aventura com um namorado, nem foi para a diversão com as amigas; ela esteve no meio de um campo de batalha! Acompanhou *in loco* no que uma disputa entre vampiros e lobisomens pode terminar; em destruição total. Pelo menos, ela sentia-se destruída por dentro.

Toda aquela movimentação na pousada também não a deixava feliz; queria sossego agora e, principalmente, desejava estar longe daquelas pessoas que jamais entenderiam o que ela estava sentindo. Melanie tinha um pergunta,

entre outras tantas, que não parava de martelar em sua cabeça. Depois que ela presenciou a transformação de Alexander, a garota forçou-se a acreditar que uma pessoa podia se transformar em um lobo. Seria, então, Julian o lobo pardo que a ajudara na primeira vez, em frente à pousada e que depois lutou contra os vampiros para ajudá-la de novo? Só poderia ser ele. E se, realmente, fosse ele? O que ela faria a respeito? Melhor seria confirmar primeiramente e pensar em algo depois.

Melanie olhou na direção da cozinha e viu Ariela com a mesma

pose triste de sempre, sentada, de costas para a sala. Ali, Melanie estava sufocando no meio da circulação das pessoas. Ela fez intenção de levantar do sofá, mas Flávia segurou-a pelo braço.

- Só vou até a cozinha beber água, mãe. – disse Melanie.

- Não quer que o Nicolas pegue pra você? – perguntou Flávia, apontado para o garoto sorridente que estava por perto.

Ele e Raíssa não paravam de olhar para Melanie.

- Não. - respondeu Mel, com um sorriso contido para o irmão – Eu mesma pego.

Melanie seguia para a cozinha, acompanhada pelos olhos atentos de Flávia e das crianças, como se alguma pessoa fosse raptá-la em plena luz do dia. A garota chegou de mansinho, e Ariela não a percebeu.

- Oi. — cumprimentou Melanie, sentando na cadeira ao lado de Ariela.

A menina virou-se. Melanie não pôde deixar de reparar que ela, realmente, tinha um olhar triste.

- Oi. — respondeu Ariela, emendando uma pergunta corriqueira — Você está bem?

- Mais ou menos. Mas acho

que, apesar de tudo, vou me recuperar.

- Comigo não acontece nada emocionante assim. – disse a vizinha, acreditando que estava apenas dizendo em seu pensamento.

- Bom... Depende do que se considera emocionante...

Ariela percebeu que pensara alto demais.

- Eu quis dizer que, na minha vida, é tudo sem graça, parado, entende? – tentou explicar.

- Não é melhor assim: – perguntou Melanie, talvez até entendendo o que a garota quis dizer – não correr riscos?

- É. Acho que você tem razão. – concordou Ariela, suspirando.

Melanie pensou um pouco, olhou na direção do corredor que ligava a cozinha à sala, para ver se não estava vindo alguém e olhou fundo nos olhos de Ariela.

- Quer uma aventura, então? – perguntou, percebendo os olhos da amiga, iluminarem-se, imediatamente.

- Claro que sim. – respondeu Ariela, como se seus olhos já não tivessem dado a resposta.

- Sabe aquele cara, aquele que você me levou até onde ele

morava?

- Sei. O tal Julian.

- Isso. Ajude-me a ir até lá de novo falar com ele!

- Mas... Mas... — gaguejou Ariela — Você não foi expulsa de lá pela velha?

- Fui. Parece loucura, não é? Mas eu preciso vê-lo. É mais forte do que eu.

- Não sei se é uma boa...

- Você não é minha companheira de aventuras?

- Sou.

- Então, me ajude.

- Mas como?

- Eu vou convencer a minha mãe que preciso tomar um ar, sair pra respirar. Ela jamais vai me deixar sair sozinha. Aí que você entra.

- Só isso?

- Como assim?

- Ah! Eu pensei que a gente ia ter que fugir de toda essa gente. Pular a janela, quem sabe. Sair escondido, de mansinho.

- Bom, pode ser assim se você quiser. Mas do outro jeito é mais fácil e menos arriscado. Aqui vai ser tranquilo, a parte arriscada vai ser lá.

- Humm. Você tem razão.
Mas lá eu não chego perto.

- Mas e aquela coragem
toda sumiu de repente?

- Nada disso. Nem me
provoque que não funciona. Vou
com você até o mesmo lugar da
última vez. Dali, não passo.

- Ok. Você indo comigo
até lá, já é suficiente.

Ariela, agora sorridente,
estendeu a mão para Melanie. A
garota da cidade grande sorriu,
imaginando que só faltou a amiga
cuspir na mão, selando o pacto.
Melanie segurou em sua mão; a

menina tinha um aperto forte. Ariela, como se lembrando de algo, soltou a mão rapidamente e levou-a até o bolso. Mel olhava-a com surpresa. Ariela, toda contente, tirou um Trident de menta do bolso e ofereceu à Melanie. O pacto estava selado.

Estavam os três, já há algum tempo, sentados, como em um círculo, sem pronunciarem uma palavra. A impressão que se tinha era que cada um deles estava concentrado, remoendo suas lembranças da noite agitada que tiveram. Além de ponderarem sobre

suas ações, esse gesto auxiliava para que seus ferimentos se curassem. Angelique pensava no momento intrincado da transformação, do ocorrido dentro do prédio, da luta com Rania e o fogo que quase consumira Julian, se ela não tivesse voltado. A garota analisava também o que Marcus faria quando voltassem à fazenda. Alexander recordava os longos anos em que estivera preso àquela cadeira de rodas, imposto pela magia de Alexia. Estava definhando, aguardando o dia em que poderia reaver suas forças e lutar. Pensava

no quanto odiava Alexia. Julian, por sua vez, só tinha um pensamento: Melanie.

- O que vamos fazer? – perguntou Angelique.

- Não podemos ficar aqui a vida toda. – respondeu Julian – Teremos que enfrentar, cedo ou tarde, o restante da família.

- Vocês podem ir sem mim. – responde Alexander – Preciso me recuperar melhor.

Angelique olhou para aquele que se esforçava para pronunciar as palavras no idioma nativo da garota. E notou que, à

medida que ele se mostrava mais saudável, suas feições suavizavam. Estava se revelando um belo e jovem rapaz. Angelique sabia que sua aparência jovial, 30 anos mais ou menos, não condiziam com sua real idade. Ele era um da família, um belo exemplar da família dos lobos.

- Quem é você? – perguntou Julian.

- É uma pergunta complexa, meu jovem. – respondeu Alexander – Sou, digamos, alguém de muito longe que veio para ajudar.

- Isso eu percebi. Você é

muito forte.

Alexander sorriu. Ele sabia que era bem mais do que só “muito forte”.

- Por que está aqui, na verdade?

- Qual é o seu nome? – adiantou-se Angelique, já que Julian não abria espaço para que ela fizesse uma pergunta.

- Alexander.

- Eu sou...

- Angelique. – antecipou-se Alexander.

- Como você sabe meu nome?

- Eu ouvi agora há pouco, quando seu irmão a chamou para me ajudar a entrar.

A garota fechou o semblante.

- O Julian não é meu irmão. É meu primo.

- Mas agem como verdadeiros irmãos, um cuidando do outro. Isso é bom na nossa condição.

Julian sorriu; era assim mesmo que se sentia. Já Angelique teve a reação contrária. O sentimento que ela possuía era bem mais que amor de irmão... Até que, fragmentos de vozes, trazidos pelo vento que encanava na caverna,

chamaram a atenção dos três. Tinha alguém do lado de fora.

Capítulo Vinte – De ontem em diante

Verdadeiramente, não foi nada fácil dobrar Flávia, para que Melanie pudesse sair com Ariela, com a desculpa de “tomar um ar”. Depois de muita insistência de Dona Carmélia e do prestativo policial é que conseguiram lograr êxito. Melanie simpatizou com o tal Léo. Se já não bastasse o fato de tê-la livrado da morte, o sujeito parecia

ser boa pessoa. Tinha boa aparência, isso também ajudava um pouquinho. A garota notou que o policial sempre dava um jeito de ficar admirando Flávia, quando esta não estava olhando. E a ingênua nem percebia! Também pudera, depois que se separou de Edgar, demorou um bom tempo para pensar em namorar. E, quando recomeçou, só arrumou confusão. Melanie tinha dado um apelido para Flávia: curva de rio.

Estavam as duas garotas seguindo pelo meio do mato.

- Aonde isso vai dar? — perguntou Melanie.

- É um atalho, já lhe disse. – respondeu Ariela – Por aqui fica mais perto. Se a gente tivesse vindo de bicicleta, ficaria mais fácil. Mas, daí, sua mãe iria desconfiar. Por que bicicleta só pra tomar um ar por perto?

Melanie pensou. “Boa argumentação. Ponto pra você.”

- E como a gente tem pouco tempo, precisa ir por esse atalho. – continuou, ofegante, Ariela.

- Ok! Convinceu-me.

- Agora me responda uma coisa. – prosseguiu Ariela – Eu sei que o cara é bonitão. É charmoso. Não fala tudo errado como a maioria

dos caipiras metidos à besta daqui. Mas é meio esquisitão, você não acha?

Melanie riu da sinceridade de Ariela. Se fosse uma de suas amigas da cidade, a atitude seria diferente. Teria aquelas que elogiariam e jamais chamariam o rapaz de esquisitão, por mais que pensassem que fosse. E as que desdenhariam, para logo saírem atrás dele, com segundas e terceiras intenções.

- O que você considera *esquisitão*? – perguntou, curiosa, Melanie.

- Sei lá. – respondeu Ariela

– O jeito dele é esquisito. As roupas. A família, principalmente. Tudo gente estranha. Minha mãe não gosta deles. Acho que nem eu mesma gosto.

Sem sombra de dúvidas, honestidade era o forte de Ariela.

- Você conhece uma menina de cabelos vermelhos? – perguntou ela, receosa pela resposta positiva de que Julian poderia ter uma namorada.

- Eu sei quem é. – respondeu Ariela, dando uma pausa considerada longa demais por Melanie.

- Então, quem é ela? -

perguntou Melanie, impaciente.

- Calma que estou tentando lembrar o nome... – Ariela fez algumas caretas enquanto pensava – Angélica, eu acho. Ou Angel alguma coisa. E é prima dele.

Isso, sim, foi som angelical para os ouvidos de Melanie! Julian não tinha namorada.

- Prima? – perguntou Melanie, considerando melhor confirmar.

- Isso. Filha do tio ou da tia. Prima. – afirmou Ariela – O que você estava pensando que fosse?

- Não estou pensando nada. – tentou contornar Melanie.

Ariela sorriu para Mel, indicando que não acreditara nem um pouco em suas desculpas. Ela tinha pensando sim, e bastante. Nisso, um vulto, passando por detrás das árvores, chamou a atenção das meninas.

- Você viu? – perguntou a medrosa Ariela.

- Vi. – respondeu, sussurrando, Melanie, enquanto se abaixava e, em seguida, sendo imitada por Ariela – Passou correndo atrás daquelas árvores.

Outro vulto passou pelo lado oposto do primeiro. Eram dois. Nenhuma das duas meninas

conseguiu identificar. Ariela fez intenção de gritar. Melaine advertiu-a com um sinal para que não fizesse. Um terceiro vulto moveu-se atrás das meninas. Elas olharam-se ainda mais assustadas. Já eram três. Estavam sendo cercadas.

Constatando a situação em que se encontravam agora, até mesmo Melanie sentia o desejo de gritar. Ou de correr também. Mas para onde? Para o lado que corressem seriam pegas. E Ariela? A menina já estava de língua de fora; como poderia escapar?

- Melanie?

Mel ouviu aquela voz

falando o seu nome. A voz que mais parecia uma música suave. A voz de Julian.

- O que está fazendo aqui?! – continuou ele, surgindo em sua frente, dentre as árvores.

“É a terceira ou quarta vez que ele me faz a mesma pergunta.” - pensou Melanie.

Angelique, a prima, apareceu seguidamente. Melanie notou que ela usava roupas masculinas e alguns números maiores do que o seu tamanho.

- Na verdade, eu precisava... Não... Quer dizer, eu queria... – Mel não conseguia terminar a frase.

- Ela queria falar com você.
— adiantou-se Ariela.

Melanie repreendeeu-a com os olhos.

- Mas não é verdade? — perguntou Ariela, um pouco surpresa com a reação de Melanie.

A garota fez uma careta para Ariela, às ocultas de Julian, mas ele assim mesmo percebeu e riu.

- Está bem, não me meto mais. — disse Ariela, dando de ombros.

Melanie voltou a olhar para Julian com o anseio de que ele desse continuidade à conversa, sem mencionar a gafe de Ariela. Ela não

queria que ficasse tanto na cara, assim, que tinha vindo procurá-lo.

- Então, você queria falar comigo? – perguntou Julian.

“Eu mato essa enxerida depois.” - pensou Melanie, lançando mais um olhar de repreensão para Ariela, antes de responder a ele.

- Acho que sim... – respondera tão baixo que ela mesma quase não conseguiu ouvir.

Julian esforçou-se para entender o que Melaine tinha dito. Nisso, Alexander surgiu pela retaguarda das meninas, chamando a atenção de todos. Ariela arregalou os olhos, pois nunca o tinha visto

por ali. A menina aproximou-se de Mel, quase a abraçando. Mas esta o identificou na hora. Sabia quem, e o que ele era.

- Desculpe se as assustei. – disse Alexander, levantando sutilmente as mãos – Eu não sabia se era o certo me aproximar.

- Esse é Alexander. – apresentou Julian.

- Eu sei quem ele é. – disse Melanie, sem tirar os olhos de Alexander.

Ele estava bem diferente. Revigorado. Nada lembrando aquele indivíduo sem vida e sem cor, que não conseguia nem equilibrar o

próprio corpo em uma cadeira de rodas. A voz que muitas vezes falou no íntimo de Melanie, pedindo para que ela não temesse, sem dúvidas, era daquele homem.

- Como você está? – perguntou ele.

Melanie desejava que a pergunta partisse de Julian. Mas Alexander parecia mesmo interessado em saber sobre seu estado. Angelique percebeu o olhar, insistente, de Alexander sobre Melanie.

“Não acredito!” – pensou Angelique - “Até esse aí vai ficar babando pela donzela em perigo!”

Mas o interesse de Alexander era outro.

- Eu estou bem, eu acho... – respondeu, incerta, Melanie – Foi muita coisa acontecendo ao mesmo tempo. A ficha ainda não caiu direito.

Julian observava os dois, dialogando mais com os olhos do que com palavras. Isso o incomodava. Precisava participar da conversa, mas não sabia achar a introdução certa.

- Você está bem? – repetiu Julian a mesma pergunta de Alexander.

Todos olharam curiosos para

ele. Afinal, Melanie já a tinha respondido.

“Ai meu Deus! Já está fazendo papel de idiota!” - pensou Angelique.

Melanie sorriu e considerou: “Antes tarde do que nunca.”

- Agora estou bem. – repetiu ela a mesma resposta, mas tinha agora um leve sorriso.

Julian percebeu que cometera uma besteira. Mas o que ele podia fazer? Sentia-se tonto diante de Melanie.

- Eu gostaria de... Se fosse possível... – agora era a vez de Julian não encontrar as palavras - Eu

gostaria de falar com você também...
Só nós dois.

Melanie não conseguiu esconder o sorriso de contentamento. Angelique, por sua vez, remoeu-se interiormente.

- Claro. – respondeu Melanie – Como você quiser.

Julian indicou com os olhos um lugar mais à frente. Ariela ficou preocupada quando viu os dois seguindo, lado a lado. Ela olhou para Angelique e Alexander, e pensou: “Eu não vou ficar aqui com esses dois.”

Então, moveu-se também

para o lado por onde o casal seguira. Angelique de maneira alguma desejava deixar os dois juntos e a sós. Foi atrás de Ariela. Restou a Alexander seguir na mesma direção, só que este se mantinha mais distante de todos.

Julian e Melanie estavam andando lado a lado, pisando sobre gravetos e folhas, mas a sensação era de andarem sobre nuvens. Nenhum som além de suas respirações podia ser ouvido. Parecia que um cedia para o outro a retomada da conversa, mas nenhum dos dois tomava a iniciativa.

Melanie pensava no quanto ele fora ousado na primeira vez em que se falaram. Por que não estava sendo agora? Julian sabia qual era o tamanho da sua coragem. Mas a presença irradiante de Melanie deixava-o sem saber o que fazer.

O rapaz olhou para trás e percebeu que estavam sendo seguidos. Melanie também avistou Ariela e, depois, Angelique escondendo-se atrás das árvores. Os dois olharam-se e riram.

- Acho que elas não nos deixarão em paz. – disse ele.

- Sinto isso também.

- Tenho uma ideia.
- E qual é?
- Me dê a sua mão.

Melanie nem mesmo ponderou sobre que atitude tomar. Levou, rapidamente, sua mão na direção de Julian e recebeu, suave e constante, o toque da mão dele sobre a sua. Seus dedos entrelaçaram-se. Quando Mel percebeu, estava correndo entre árvores de mãos dadas com Julian. Sentiu a felicidade alojar-se em seu coração. Ele sabia que, a poucos metros, existia um pequeno rio. Ali, o barulho da água poderia dar-lhe a coragem que precisaria para dizer à

Melanie o que sentia por ela. Ou então, no mínimo, dificultar seus seguidores de ouvirem o que diriam.

Ao chegarem, Julian posicionou-se para que Melanie pudesse descer o pequeno barranco. Ela sentiu seu coração bater descompassado, ao estar recebendo o toque de suas mãos. Desejava poder ficar, o máximo possível, com as mãos dele coladas à sua. Calmante e convidativo, soava o barulho da água do estreito e raso rio. Melanie tirou o tênis e sentou na margem para refrescar e descansar os pés. Julian sentou ao seu lado e virou-se, ficando de frente para ela.

Melanie sentiu as pernas bambearem. De repente, ele estava muito perto.

- Muita coisa aconteceu desde aquele dia na praça, não é? – disse Julian, com a voz serena.

Melanie quase podia sentir seu hálito soprando em seus cabelos.

- É verdade. – respondeu ela, sem se virar para ele – Muita coisa mudou...

Inclusive seus sentimentos por ele. Agora, estavam mais evidentes e mais fortes. Mas ainda muitas dúvidas pairavam na mente de Melanie.

- Coisa que você jamais

imaginou, não é?

- Estou procurando não pensar em nada, senão eu enlouqueço.

- Eu gostaria de poder lhe dizer que tudo é muito simples e fácil de entender. Mas não posso.

- Mas, às vezes, somos nós mesmos que complicamos.

- Você tem razão. Mas o que se pode fazer quando não se tem alternativa?! Quando se quer algo que está além da vontade e que talvez não se possa ter, mesmo desejando muito?!

- Acho que não pode se entregar muito facilmente. A nossa

vida é cheia de dilemas; às vezes pequenos, às vezes maiores do que conseguimos entender.

- Como uma esfera, que, a cada vez que tentamos girá-la, acaba no mesmo lugar, não importando a força que você tenha usado.

- Mesmo que isso aconteça, Julian, nunca podemos deixar de lutar.

- É o que eu estou fazendo agora. Aqui dentro de mim, tem uma guerra acontecendo neste momento. Um lado quer distância, quer se sentir confortável, longe de algo que o faça sofrer; o outro lado luta desesperadamente, com todas as

forças, para conseguir dizer o que está sentindo, mesmo que o sofrimento de ser rejeitado seja inevitável.

- E qual lado está ganhando?

Melanie sentiu a mão dele novamente sobre a sua.

- O lado que ama você.

Mel sentiu corar; ela não possuía alternativa a não ser olhar para ele. Encontrou seus olhos acinzentados, brilhantes, fixados nos dela.

- Como pode dizer isso, Julian? Você me conhece há poucos dias. – disse ela, mas ciente de que era possível passar a amar alguém

em um pequeno espaço de tempo.

- Desde que eu a vi, Melanie, sentada, debaixo daquela árvore, você não mais saiu daqui de dentro de mim... Desde então, cada minuto, cada segundo, é um a mais do quanto eu a amo.

- Eu... Não sei... – Melanie perdeu as palavras.

- Não se preocupe em me dizer alguma coisa. Talvez tivesse sido melhor eu não ter dito nada mesmo.

- Não é isso, Julian. Eu acredito no que disse, porque também sinto algo parecido. Só estou muito assustada com tudo isso

ainda.

Julian sentiu o peso da dúvida dissipar-se do seu corpo. Se Melanie sentia algo parecido com o que ele sentia, significava que o amava também. Ele percebeu que os acontecimentos da noite anterior ainda eram confusos na mente da garota.

- Eu entendo. Mas uma coisa eu posso lhe garantir: – Julian sussurrou, envolvendo a delicada mão de Melanie entre as suas - eu vou estar do seu lado sempre que você permitir.

Julian estava muito próximo, e Melanie concentrou-se, então, em

seus lábios semiabertos. Eram tentadores. Ela nunca sentira tanta vontade de beijar alguém. Ele levou a mão carinhosamente sobre o pescoço de Melanie e trouxe-se para junto de si, num gesto delicado. E beijou-a com toda a emoção do mundo.

Melanie ainda sentia o sabor dos seus doces lábios, quando Julian afastou-se de repente.

“O que aconteceu?” – pensou ela.

Ele levantou, deu dois passos para o lado e colocou as mãos na cintura, observando além do rio. Melanie permaneceu quieta,

agora ela estava cheia de dúvidas.

- Desculpe-me, Melanie. – disse ele, sem se virar.

Ela gostaria de dizer: “O quê? Está louco? Não se desculpe. Pode me beijar de novo.” Mas ficou em silêncio, esperando que ele falasse algo mais que ajudasse a clarear suas ideias.

- Tem uma coisa que eu deveria lhe contar... – continuou ele – Primeiro de tudo, eu teria que lhe contar... Mas não sei se consigo.

- Não estou entendendo. – disse ela, mas já tendo uma mínima ideia do que poderia ser.

- Eu tenho... – ele hesitava

ao falar - Minha família tem um segredo.

- Todos nós temos segredos em família. — Melanie tentou amenizar a situação.

- Mas não como os meus. — disse ele, virando-se para ela novamente.

- Acho que não é uma boa hora para falarmos disso. — Mel estava com medo de confirmar o que temia — A gente está se conhecendo. Você não precisa dividir comigo coisas tão íntimas.

- Por isso mesmo. Eu conheci você. Antes, eu não tinha medo de nada, hoje o meu medo é de

que qualquer coisa me afaste de você. Mesmo que seja algo que eu não posso mudar.

- Se não tem como mudar, não se pode fazer nada. Então, não precisa me contar.

- Seria o certo. O mais cômodo, pelo menos. Mas seria insuportável viver escondendo de você uma coisa tão importante. Principalmente se puder lhe fazer mal.

- É melhor parar. Você está conseguindo me assustar.

Julian ajoelhou-se ao lado de Melanie.

- Me desculpe mais uma vez.

– ele segurou em suas mãos e olhou profundamente em seus olhos – Por hora, quero que você apenas saiba que não vou deixar nada lhe acontecer. Nada.

Melanie conseguiu sorrir, apesar de se sentir incomodada pela situação. Certamente, Julian tinha algo grave para lhe contar. Talvez, lá no fundo, ela até já soubesse. Como seria sua reação se descobrisse que ele era o imenso lobo pardo que a salvara duas vezes? Se existem seres que ela só conhecia da ficção, como os vampiros, por que não poderiam existir os homens-lobos?

Angelique desceu o barranco em disparada. Ariela, toda desengonçada, foi atrás, segurando-se para não cair.

- Julian, – disse Angelique – meu pai está vindo.

- E com mais gente. – completou, quase sem fôlego, Ariela.

Capítulo Vinte e um – Tenha os olhos bem abertos

Quando poderiam ter um minuto de paz? Afastar, em definitivo, o precipício que se

pusera diante deles. Julian ouviu que Marcus estava a caminho e não viria para bater papo. Ele olhou para Melanie e viu preocupação em seus olhos.

- Vamos sair daqui. – disse Julian, estendendo a mão para ela – Se ele nos vir juntos de novo, vai criar problemas.

Não deu tempo nem de se mexerem e já estavam cercados.

- Não sou eu que crio os problemas, querido sobrinho. – disse Marcus, ironicamente, ao se aproximar – Eu só os soluciono.

Julian apressou-se em ficar entre Melanie e Marcus. O tio, com

sarcasmo no sorriso e ódio no olhar, estancou diante do sobrinho. Aurélio e os outros três homens-lobos cercaram o pequeno grupo.

- Pai, por favor! – interveio Angelique – Não precisa fazer nada.

Marcus olhou para a filha e segurou-a pelo braço.

- Quer dizer que minha adorável filha me presenteou ontem à noite?! Está vendo como os meus métodos funcionam? De repente, senão tivesse tido o castigo que recebeu, não teria recebido esse maravilhoso presente.

E olhou orgulhoso para os que o acompanhavam, e eles

sorriram, demonstrando sua cumplicidade para com o líder.

- E você, meu sobrinho? – continuou Marcus apontando para Julian – Só me decepçiona! Fica correndo atrás de uma sórdida criatura que compactua com o fim da sua família. Ou você acha, meu ingênuo sobrinho, que ela sente alguma coisa por você que não seja aversão àquilo que você é?

- Não importa, Marcus. – disse Julian, ainda protegendo Melanie com seu corpo – Só quero levá-la para casa. Depois nós conversamos.

- Garoto arrogante!! –

esbravejou Marcus – Pensa que é aquele infeliz do seu pai? Está achando que vou receber ordens suas também? Vou lhe ensinar a ficar do nosso lado e lhe mostrar como faz para acabar com aqueles que são nossos inimigos.

Marcus olhou para Melanie.

– Começando por essa que você tanto protege.

Ele, então, acenou para os comparsas, e estes avançaram na direção de Melanie, fechando um círculo em volta de Julian e a garota. Angelique segurou nos braços trêmulos de Ariela e puxou-a para longe. Julian viu-se cercado por

todos os lados; Melanie abraçou o seu corpo e tentava se esconder dos homens que se aproximavam. Marcus esperou que o sobrinho desse as costas e, quando isso aconteceu, acertou-o com um soco na lateral do rosto. Julian sentiu o golpe e, desequilibrado, foi ao chão, carregando junto Melanie. Os dois caíram. Julian, ainda zozzo, tentou procurar Mel com as mãos. Os comparsas foram rápidos e já a estavam segurando pelos braços. Marcus retirou um punhal, oculto em suas roupas. Melanie percebeu a fina lâmina rutilar diante de seus olhos. Ela sentiu o corpo esmorecer.

Os dois subalternos de Marcus seguraram-na com violência, preparando-a para um golpe único e mortal a ser desferido por Marcus. Angelique e Ariela abraçaram-se, em desespero. O homem, sem compaixão, levou a mão que segurava o punhal para trás e impulsionou-a ferozmente para frente, em direção ao ventre da garota.

- Basta!

A voz soou mais do que um sinal; foi uma ordem. Marcus não a cumpriu por desejo próprio. Sua intenção era tirar até o último fôlego de vida daquela que entibiava em

sua frente. Mas parou antes que sua lâmina tocasse em Melanie, pelo domínio exercido por Alexander.

- Não se atreva, homem! – exclamou Alexander, agora se aproximando do grupo que estava perto da margem do rio – Ela está sob meus cuidados.

Aurélio, vendo Marcus paralisado dos pés à cabeça, sinalizou para que soltassem Melanie. Assim o fizeram, e não se atreveram a investir no estranho, que provou ser possuidor de incrível poder. Eles sabiam que os lobisomens eram poderosos quando transformados. Mas apenas um tinha

poder além do imaginável. Era uma lenda; era o primeiro de todos eles. Não tinham certeza de que aquele rapazola que dava ordens seria este, mas foram inteligentes em não quererem tirar a prova.

- Agora viramos assassinos, cruéis e inconsequentes, como aqueles que combatemos? — continuou Alexander — Em plena luz do dia, Marcus?

Alexander aproximou-se de Marcus e tocou-o. Este, imediatamente, sentiu seu corpo normalizar. Julian já estava de pé. Melanie não demorou a alojar-se em seus braços. Marcus olhava para

Alexander com fúria nos olhos, mas não pretendia revidar. Não ainda.

- Guarde esse sentimento para mais tarde, Marcus. - continuou Alexander - Temos pouco tempo antes de a noite chegar. Precisamos estar preparados. Porque, com a noite, virão aqueles que merecem todo esse ódio.

Léo estava dirigindo na estrada, retornando para Castro, quando recebeu uma ligação no celular. Era Flávia, aflita, outra vez. A filha tinha saído com uma vizinha e estava demorando. Léo tinha mais investigações para fazer, mas considerou melhor retornar a Monte

Seco. Quando estacionou em frente à pousada, Flávia saiu a seu encontro.

- Obrigada por ter vindo. – disse ela, abraçando-o – Ela sumiu de novo.

Léo ficou estático, não sabendo como reagir; já há algum tempo, não recebia um abraço de mulher, não de uma que não precisasse pagar. Nem a dor pelo braço machucado conseguiu sentir. Ele ponderou que a razão, pela qual Flávia o abraçara, foi a gratidão que ela possuía por ele ter salvado sua filha. Ele representava salvação para ela novamente.

- Fique calma. – disse ele,

tentando ser profissional – Ela vai aparecer.

- Eu não devia ter a deixado sair. – disse a mãe, chorando – Não depois de tudo que aconteceu.

- Não se preocupe. Eu vou encontrá-la de novo.

Flávia olhou naqueles olhos que a encaravam. Eles passavam toda a segurança de que ela necessitava. Foi isso uma das razões que a levaram a ligar para o investigador.

- Onde ela disse que ia?

- Pediu para dar uma volta com a menina que mora aqui do lado.

- Vai ver foi isso mesmo; só estão dando uma volta por aí. Logo aparecem.

- Já faz mais de três horas. É uma volta muito grande; você não acha?

- Ela passou por muita coisa ontem. Precisa colocar as ideias no lugar.

- Mas poderia fazer isso aqui, diante dos meus olhos.

Léo entendeu que Flávia não se acalmaria enquanto a filha não chegasse.

- Vamos fazer o seguinte: nós entramos, esperamos mais um tempinho e, se ela não aparecer, eu

vou atrás.

Flávia considerou que talvez Léo tivesse razão. Na noite da véspera, ele fora impecável. Portanto, merecia um voto de confiança.

- Está bem. Mas não vou esperar muito.

Como um cavalheiro, Léo estendeu o braço na direção da porta, esperando que Flávia seguisse por ali. Ela entrou, e ele foi atrás.

Agnes suspirou aliviada quando avistou, ainda ao longe, os netos. Julian e Angelique estavam bem. Marcus e os demais da família acompanhavam-nos. Junto ao grupo,

Agnes identificou um jovem rosto, que a velha senhora imaginou rever em breve: Alexander.

A matriarca não conseguiu ficar só esperando que eles chegassem até a casa principal; seguiu na direção do grupo. Angelique correu para os braços da avó. Agnes acolheu-a em um abraço cheio de amor. Sua linda criança, que estivera com o corpo dilacerado pelas chicoteadas, estava recuperada. Julian somou-se ao gesto da prima e abraçou as duas. Marcus passou por eles, lançando em direção à mãe o mesmo olhar de desprezo. Os que o acompanhavam

seguiram atrás do líder. Somente Alexander deteve-se diante da cena fraterna que acontecia na estrada da fazenda. Agnes, ainda abraçada aos netos, olhou com ternura para o rapaz que estava à sua frente. Os anos passaram, e ele permanecia o mesmo. Lembrou-se de quando o vira pela primeira vez. A menina Agnes, na época com 13 anos, desceu as escadas da casa de seu pai, quando moravam na Saxônia, ao leste, na Alemanha, e escondeu-se para ver a movimentação que se instaurara naquela noite. Ela e suas irmãs ouviram dizer que um belo rapaz ficaria hospedado, alguns

dias, entre eles. Seu velho pai, seus dois irmãos mais velhos, alguns tios e primos estavam reunidos na grande sala, recepcionando aquele que era a primazia da família dos lobos. O primeiro.

- Agnes! – falou Alexander reverenciando a mulher – Quanto tempo!

- O tempo é seu aliado, Alexander.

Julian e Angelique entreolharam-se. Sua avó e Alexander conheciam-se. Agnes percebeu a estranheza no olhar dos netos.

- Muitas histórias que contei

a vocês dois, – explicou Agnes – diz respeito a esse jovem que aqui está.

- Desse jeito, você me faz ser importante, Agnes.

- Mas você é importante, Alexander. Mais ainda do que todos nós.

Alexander ouviu as palavras de Agnes, e seu coração pesou neste instante. Todos aqueles que ali estavam dependiam dele.

- Sabe por que estou aqui; não sabe?

- Tenho uma ideia. Mas desejaria não precisar saber.

- Eu também, minha amiga.

- As coisas, há muito tempo,

tem sido brandas por aqui.

- Em toda parte isso parecia estar acontecendo. Mas era apenas a calmaria antes da tempestade.

- Não soube mais nada sobre você.

- Minha adorável irmã me manteve preso dentro do meu próprio corpo. Tive que usar toda a minha habilidade para conseguir a liberdade. Mas tudo isso teve um lado bom. Aprendi a usar mais a minha mente do que meu corpo.

- Vamos entrar. – sugeriu a mulher aos netos e ao visitante – Conversaremos melhor lá dentro.

Enquanto seguiam para

dentro da casa principal, Agnes procurava, em sua mente cansada, lembranças de um tempo remoto. De uma luta que acompanhou entre lobos e vampiros, que ceifou vidas de ambas as partes, iniciada pela total falta de siso de Alexia. A velha senhora viveu, naqueles dias, seus piores momentos. Perdeu o marido e outros importantes membros da família. Os vampiros, desde então, dominavam as esferas de poderes da sociedade humana, deixando aos lobos a alternativa de viverem escondidos em áreas rurais e países mais longínquos. Alexia, agora, encontrava-se no mesmo país. Pior

ainda, ela sabia que a vampira estava, neste momento, escondida e por perto, pronta para exercer toda a sua demência.

Melanie e Ariela seguiam para casa e, por um bom período, não trocaram palavra alguma. Ariela considerava que acabara de vivenciar aventura suficiente para toda a sua vida. Melanie já não mais sabia discernir o que era real ou pesadelo. De uma hora para outra, sua vida passou a correr perigo constante. E ainda não tinha acabado! Segundo Alexander, sua irmã vampira voltaria a procurar por ela.

- Ariela, não fale nada pra ninguém. – pediu Melanie.

- E se alguém notar que ainda estou com as pernas bambas? – revelou Ariela.

- Por favor. Eu estou lhe pedindo.

- Aquele cara disse que você precisa ir pra fazenda onde eles estão. Senão, eles não vão poder protegê-la. Foi isso que eu ouvi.

- Eu ainda não sei o que vou fazer.

- Se eu fosse você, eu não pensaria duas vezes em ficar longe daquela gente. O que poderia ser pior do que ficar com eles?

“Um bando de vampiros.” -
pensou Melanie. Mas sabia que não
poderia falar nada para Ariela. Não
previa como a menina iria receber a
notícia de que tais criaturas não
eram ficção.

- Estou confusa. – disse
Melanie – Preciso pensar em algo
antes que anoiteça.

- Não me diga que está
passando pela sua cabeça a
possibilidade de voltar a falar com
aqueles doidos?

- Acho que sim. Só preciso
encontrar um jeito de escapar da
minha mãe.

- Se tivesse tudo bem, eu

sugeriria a você ficar na minha casa. Mas duvido que a sua mãe deixe. Ela deve estar uma fera com você.

Nisso, as duas ouviram um barulho de um carro aproximando-se. Saíram da estrada para dar passagem ao veículo. A velha caminhonete F-100 foi parando ao lado das duas. Melanie sorriu ao ver o rosto de Julian.

- Não posso deixar você ir. — disse ele, ainda dentro do carro — Você tem que voltar comigo.

- Mas eu não posso. — respondeu Melanie — Minha mãe deve estar preocupada.

Julian desceu da

caminhonete e parou diante de Melanie. Ele segurou-a, delicadamente, pelos braços. Ela podia sentir sua respiração. Julian amava sentir o cheiro agradável de Melanie.

- Você ainda está em perigo. – disse ele, olhando nos olhos dela – Eu preciso estar do seu lado todo o tempo.

- Como eu posso ficar longe da minha família?

- Eu sei que eles são muito importantes pra você. Mas, se você não voltar comigo, estará colocando a vida deles também em perigo. Ou você acha que os vampiros vão

poupá-los depois que tiverem você?

- Vamp, o quê? – perguntou Ariela, arregalando os olhos.

Julian percebeu nos olhos de Melanie que ela não tinha contado nada para amiga.

- São as pessoas que querem fazer mal à Melanie. – tentou remendar Julian.

- Não se engane comigo. Eu sei muitas histórias de vocês. – continuou Ariela – Bem cabeludas!

- Nem sempre são verdadeiras.

Julian olhou para Melanie; seu desejo era revelar seus segredos. Todos eles. Mas, no

momento, o que mais importava era protegê-la de Alexia.

- Quer que eu vá com você falar com sua mãe?

- Não. Você não conhece minha mãe.

- Ela pode vir junto, com você, para a fazenda. Ficaremos todos melhores protegidos lá.

- Não posso, Julian. Não sou de fazer esse tipo de coisa.

Nisso, Melanie tinha razão. Quando saía com as amigas, sempre tinha hora certa para voltar. Nas vezes em que se atrasava por alguns minutos, tinha que passar pelo polígrafo ambulante chamado

Flávia. Imagine se chegasse de uma hora para outra, depois de uma noite conturbada pela qual passaram, com um rapaz que Flávia nunca tinha visto antes, pedindo para ficarem escondidos em uma fazenda, fugindo de um bando de vampiros sanguinários?! Flávia teria um colapso e internaria as duas em um hospício.

- Só sei de uma coisa, Melanie: – continuou Julian - falta uma hora para escurecer. Você não pode ficar longe do meu campo de visão. Se for o caso, vou ficar do lado de fora do seu quarto, vigiando. Nem que seja a noite toda.

Melanie sentiu como se um calor estivesse percorrendo todo seu corpo. Era a segurança que Julian dava a ela. Mas seu coração ainda se mantinha cheio de incertezas.

- Ainda não entendo por que estão atrás de mim desse jeito!

- Não fui só eu que percebi o quanto você é valiosa.

- Nossa! Esse cara gosta mesmo de você, hein?! – frisou Ariela.

Melanie sentiu que Julian confirmava isso com brilho em seus olhos. Ela, realmente, não sabia o que fazer.

- Nada está sendo fácil pra

mim, e nem pra minha família. Mesmo sabendo que você está certo, não posso desapontar ainda mais a minha mãe.

- Vem vindo um carro aí. — avisou Ariela.

De novo, Ariela tinha razão. Um carro seguia, velozmente, na direção deles.

Capítulo Vinte e Dois – O tempo não volta mais

Julian tinha parado a caminhonete no meio da estreita rua. Não teria espaço para o outro carro,

que vinha na direção contrária à F-100, passar. O rapaz abriu a porta do seu veículo; tinha que o tirar da estrada. Melanie olhou para onde o carro vinha. Ela reconheceu-o; era o Monza azul de Léo.

O automóvel do investigador parou diante da caminhonete que Julian havia retirado da estrada e estacionado sobre o mato. Flávia desceu aflita e visivelmente nervosa. Léo saiu na sequência e ajeitou a jaqueta, pondo à vista de Julian sua arma.

- O que você pensa que está fazendo, menina?! — esbravejou Flávia, seguindo na direção de

Melanie – Quer me matar do coração de novo?

- Claro que não, mãe. – respondeu a filha – Eu já estava indo embora.

Flávia lançou um olhar petrificante para Ariela e Julian. A menina encolheu-se e deu um passo sutil para trás.

- Senhora, eu sou Julian. – ele estendeu a mão, e Flávia mediu-o por inteiro.

“Não dê esse vexame, mãe. Aperte a mão dele.” – pensou Melanie, torcendo para que a mãe, quase sempre intolerante, segurasse a mão do garoto.

- Sou amigo da sua filha. –
continuou Julian.

- Não sou cega, garoto. –
disse Flávia, pegando na mão do
rapaz - Se não fosse amigo dela,
minha filha não estaria aqui falando
com você.

- Mãe! – soltou Melanie,
envergonhada por suas palavras
mais ásperas.

Léo riu. Ariela sentiu alívio
por perceber esse gesto do homem
de semblante amarrado. Seu rosto
sisudo deixava-a mais tensa do que
a arma que ele carregava no coldre.

- Tudo bem! – disse Flávia,
como se concordasse com sua

rudeza – Mas, agora, vamos pra casa que a festinha acabou.

Melanie recebeu o ultimato da mãe e sabia que tinha que obedecer. Teria que se afastar de Julian. Ele, por sua vez, não considerou possibilidade de desistência. Lutaria até o fim para que Melanie tivesse a melhor alternativa para se afastar dos vampiros.

- Senhora, – disse ele para Flávia – sua filha tem que vir comigo.

Flávia, que já estava se virando para seguir até o carro de Léo, parou e, surpresa, olhou nos

olhos do garoto insolente.

- O quê?! – disse ela, ainda sem acreditar muito bem no que acabara de ouvir.

Léo tomou a frente de Flávia.

- Está ficando louco, rapaz?! – perguntou o investigador.

- Não, senhor. Melanie ainda está em perigo.

“Ai, Meu Deus! Me socorra!” – pensou a garota, ao perceber os olhos flamejantes da mãe.

O coração de Mel palpitava. O temor pela reação da mãe era quase tão angustiante do que estar cercada de vampiros enlouquecidos.

Lá, pelo menos, tinha os lobos que a defendiam. E, agora, quem a defenderia e defenderia Julian das garras da mãe?

- Escute aqui... – Flávia tentava lembrar o nome do rapaz.

- Julian. – disse ele.

- Que seja. – continuou Flávia – Já não basta tudo pelo que ela passou? Pelo sofrimento que nós duas passamos? E você ainda vem com esse tipo de ameaça para o nosso lado?! Brincadeira tem hora, garoto.

- Não é brincadeira, senhora. É muito sério.

- Não estou gostando dessa

história... – tomou a frente novamente Léo.

- Desculpe, senhor. Mas precisam acreditar em mim. – Julian olhou para Flávia – Eu me importo muito com a sua filha.

As palavras doces de Julian fizeram Melanie sentir o coração aliviar-se. Quando ela olhava para ele tentando defendê-la, um sentimento de contentamento apossava-se dela. Como poderia não se apaixonar por ele? Como poderia deixar de também o defender?

- Ele tem razão, mãe. – disse Melanie, recebendo a atenção de todos ao seu redor – Tem muita

coisa ainda acontecendo por aqui.

- Como assim, filha? – disse a mãe, quase gaguejando.

- Que tipo de coisa? – perguntou Léo para Melanie, mas olhando para Julian - Você está recebendo alguma ameaça?

- Não. – respondeu a garota – Quer dizer, não sei. Tudo está muito confuso pra mim.

- Sabe alguma coisa a respeito, rapaz? – perguntou novamente o investigador.

- Com certeza, a família esquisita dele deve estar envolvida. – adiantou-se Ariela.

Melanie

encarou-a

descontente. Ela ergueu as mãos como se desculpando por falar demais.

- Dá para explicar isso? – continuou o interrogatório Léo.

- Não sei. Acho que sim. Mais ou menos. – tentou explicar Julian, sem saber encontrar as palavras certas.

- Por que tudo isso, mãe? Você não confia em mim?

Flávia engoliu em seco. Certamente confiava na filha, mas tinha ainda em sua mente o sufoco da noite anterior. A angústia de agora e os segredos que pesavam em sua consciência desde o nascimento da

menina... Segredos esses que considerou jamais precisar lembrar, quanto mais cogitar revelá-los.

- Confio, filha. – disse Flávia, já quase chorando – Mas tenho medo de que algo aconteça com você.

- Não se preocupe, senhora; eu vou cuidar dela. – falou Julian estufando o peito – Mesmo que custe a minha vida.

- Espera aí! – protestou Léo – Como, assim, custar a vida? Essa história está muito esquisita. Precisamos esclarecê-la melhor; não acham?

Melanie olhava para o

homem que tomava partido da situação. Sentia uma grande simpatia por ele. Não só pelo grandioso fato de tê-la ajudado em um momento tão difícil. Mas porque, ao vê-lo parecendo estar, sinceramente, preocupado com ela, sua mente idealizava um pai presente que ela nunca tivera. Talvez sentir a proteção de um pai fosse assim. Isso era bom.

- Precisamos voltar à fazenda em que eu moro. – falou Julian – Falei com minha avó, e não tem problema. Lá, ela explicará muita coisa para vocês.

- Hei! Exclua-me dessa. –

falou Ariela – Não vou lá, não.

- A gordinha tem razão. – disse Léo, sem mesmo perceber o olhar de tristeza da garota – Ninguém vai à fazenda alguma. Vamos voltar para a pousada e conversamos lá.

- Senhor, temos pouco tempo antes de anoitecer. – tentou negociar Julian – Precisamos, de verdade, ir para a fazenda. Lá será mais seguro.

- Essa é a segurança de que eu preciso. – Léo mostrou a arma no coldre – E vamos voltar à pousada; entendeu?

Flávia fechou os olhos. Tudo que ela queria era voltar à pousada.

Pegar seus dois filhos e sumir, definitivamente, de Monte Seco. Mas seu instinto de mãe, naquele momento, parecia apontar para outra direção. A direção da fazenda.

- O menino pode ter razão, Léo. – disse ela, segurando em seu braço.

Melanie arregalou os olhos, sem acreditar no que ouvia. Flávia, que era sempre tão xiita, agora se mostrava concordante. Essa, com certeza, não era sua mãe! Léo olhou-a nos olhos e sentiu um súbito prazer ao ouvir da boca de Flávia o seu nome. Talvez, se ela pedisse para que ele seguisse para qualquer

direção que fosse, ele o faria.

- Você é quem sabe. –
definiu o investigador, tentando
parecer profissional – A filha é sua.
Com um telefonema, eu chamo meu
pessoal, e resolvemos tudo isso.
Não existe lugar mais seguro que
uma delegacia.

- Não é preciso. Vamos
tentar resolver por aqui. Apenas em
último caso ligaremos pro seu
pessoal, ok?

Flávia olhou para Melanie.
Em outra situação, jamais
concordaria com tal alternativa sem
antes saber de tudo que se tratava.
Mas algumas peças estavam se

encaixando no quebra-cabeça que ela tinha no pensamento e que a filha nem desconfiava existir.

- E o Nic? – perguntou Melanie.

- Ficou na pousada. – respondeu Flávia.

- É meu irmão. – explicou Melanie, percebendo que Julian olhava-a com uma interrogação estampada na testa – Precisamos ir pegá-lo.

- Não temos tempo. – definiu Julian, constatando o horizonte avermelhado – O sol já está se pondo.

- Qual é o problema com o

Nic? – perguntou, assustada, Flávia – Dona Carmélia está cuidando dele.

- Não posso ir até sua fazenda sem meu irmão, Julian. – disse Melanie, olhando nos olhos de Julian – Não posso!

- Mas é você que eles querem. Não vão fazer mal a ninguém da pousada se você não estiver lá.

- Quem quer você, Mel? – perguntou, ainda mais assustada, Flávia.

- Depois lhe explico, mãe. Agora precisamos ir até a pousada e pegar o Nic.

- Por favor, Melanie. –

suplicou Julian – Temos que ir à fazenda agora.

- Você tem irmão, Julian?

- Não; mas tenho minha prima que considero mais do que uma irmã.

- O que você faria se fosse ela no lugar do Nic? – perguntou Mel, segurando a mão de Julian.

- Iria buscá-la. – respondeu ele, não identificando se a resposta em favor de Melanie fora pelo amor fraternal que sentia por Angelique ou pelo toque suave das mãos da garota.

- Vamos fazer o seguinte: vamos até a pousada, pegamos Nic

e, depois, seguimos para a fazenda. – ela deu as coordenadas como uma oficial da SWAT.

“E eu?” – pensou uma imóvel Ariela. Melanie olhou para a amiga, parecendo adivinhar seus pensamentos.

- Você vai com a gente para fazenda, não vai? – perguntou Melanie – Eu falo com sua mãe.

Ariela tinha medo de se aproximar da fazenda de Julian. Antes, não conhecia direito e temia-o também. Agora, já sentia certa afinidade com o rapaz. Quem sabe, com exceção do tio asqueroso que ele possuía, poderia sentir o mesmo

pelos demais membros da família? Quanto à Melanie ir falar com a sua mãe, “Nem será preciso. Essa hora minha mãe já está no quinto copo de vinho e nem sentiria minha falta.” — pensou a menina, concordando com um sinal de cabeça.

Entraram Flávia, Ariela e Melanie no carro de Léo, e Julian seguiu atrás. Mel olhava pela janela de trás do Monza e sentia o desejo de estar com Julian na caminhonete. Nem bem pôde demonstrar intenção de subir na F-100 e foi puxada pela mãe até o carro do investigador. Mas, ao menos, seu amado a estava seguindo.

Quando chegaram à pousada, já estava escuro. Léo estacionou atrás do Fiesta de Flávia. Julian parou sua caminhonete logo atrás. Todos desceram.

- Mãe, vou até a casa da Ariela. – avisou Melanie.

- Nada disso. - respondeu Flávia – Você vem comigo pegar o Nic e, depois, vamos juntas até a casa dela.

- Mãe, é aqui do lado. Assim, a gente poupa tempo.

Léo, acompanhando a conversa, segurou o braço de Flávia.

- Pode ir buscar seu filho. Eu fico aqui de olho, tomando conta

dela.

Mãe e filha esboçaram o mesmo sorriso de contentamento. Tinham um homem, mesmo que por pouco tempo, tomando conta de suas vidas. Flávia consentiu com o olhar e entrou na pousada, seguida com os olhos por Léo. Melanie olhou para Julian e sinalizou que seguiria até a casa da amiga. Ele também fez um sinal indicando que a esperaria ali mesmo, junto ao investigador. As duas seguiram para a casa de Ariela.

- Se minha mãe estiver dormindo, a gente nem fala nada. — disse Ariela, temendo que a mãe ainda estivesse acordada.

- Nossa! Por aqui as pessoas têm o costume de dormir cedo. – comentou Melanie.

Ariela apenas a olhou com um sorriso sem graça; ela sabia o real motivo pelo qual a mãe já poderia estar dormindo.

- E o seu pai? – perguntou Melanie, ao passarem pelo portão.

- Ele fica fora toda semana. – respondeu a menina – Trabalha com extração de madeira.

Ariela, calmamente, evitando fazer barulho, abriu a porta. Mel, antes de entrar, olhou para Julian. Ela sorriu e balançou a cabeça. Julian e Léo estavam com os

pescoços espichados, observando tudo.

Capítulo Vinte e Três – Inevitável

Pareceu sincronizado.

Melanie e Ariela passavam pelo portão, após verificarem que, realmente, a mãe de Ariela já estava adormecida, no sofá da sala, ao lado de um copo vazio. Flávia e Nicolas saíam pela porta amarronzada da pousada, sob o olhar atento de Dona Carmélia e de Raíssa. O grupo que seguiria para a fazenda estava completo. Julian olhou para Melanie

e, com um sutil gesto, indicou que ela o seguisse até a caminhonete.

- Mãe, vou com Julian e Ariela na caminhonete. – disse Melanie – Vocês vêm logo atrás com o Nic.

- Você vem comigo. – respondeu Flávia.

- Por favor, mãe. Não vamos complicar; eu vou na caminhonete.

- Não tem importância em qual carro que ela vai. – disse Léo, entendendo que a discussão prolongar-se-ia – Estarei na cola deles. Você não vai perdê-la de vista.

O ronco barulhento da velha

F-100 ajudou a encerrar a disputa verbal. Flávia meneou a cabeça e seguiu para o carro de Léo, demonstrando sua discordância. Melanie e Ariela correram para a caminhonete. Mel entrou primeiramente e ficou no meio de Julian e a amiga. Léo abriu a porta e empurrou o banco para frente, para que Nicolas entrasse. Instantes depois, já estavam seguindo para a rua principal de Monte Seco.

A velha F-100 voava pelas estradas poeirentas que levavam até a fazenda. A poeira, a falta de conhecimento da estrada e a pressa do motorista da caminhonete

colaboravam para dificultar Léo de acompanhar Julian.

Nem mesmo se estivesse no meio do deserto, entre Paris/Dakar, no interior de um fabuloso Jipe Cherokee, ao lado de seu ator preferido, Melanie sentiria mais emoção do que estava sentindo agora. Estava em uma estrada rural cheia de buracos, dentro de uma velha caminhonete empoeirada e, ao seu lado, Julian, o garoto que prometera protegê-la de qualquer perigo, mesmo que isso lhe custasse a própria existência. Mel estava feliz, apesar da sensação desconfortável de ameaça que lhe

atingia até os ossos. Ela olhava para Julian que dirigia concentrado na estrada e sentia sua preocupação. A todo instante, ele atentava para o retrovisor e às laterais, tentando identificar qualquer sinal de perigo. Ariela, por sua vez, parecia se divertir. Melanie, ao olhar para a amiga, poderia até perceber sua euforia a cada curva ou desvio que Julian precisava fazer de algum buraco na estrada. Mel calculava quantos “Uau!” Ariela já devia ter dito em pensamento.

Estavam na metade do caminho; tudo saía bem. Mesmo não sendo mais noite de lua cheia,

nenhuma alma viva trafegava pela estrada. Passaram entre duas plantações de milho. A estrada era estreita e escura.

Ariela colocava as mãos para fora e quase podia tocar as espigas. Julian observava, pela enésima vez, o retrovisor e notou, logo atrás do carro de Léo, uma solitária luz no centro da rua. A nuvem de poeira que se levantou pela passagem dos dois veículos dificultava sua visão. Poderia ser um dos habitantes do local com um dos faróis com defeito, coisa normal de acontecer por ali. Mel percebeu a insistência de Julian em olhar pelo

retrovisor. Ela também se virou para trás e viu o carro do investigador um pouco distante.

- Não é melhor ir devagar? – sugeriu ela – Não estamos numa corrida.

Julian olhou para Melanie, preocupado.

- Tem um carro vindo logo atrás do deles.

Melanie e Ariela viraram-se.

- Onde? – perguntou Ariela.

- Quase não dá pra ver. A poeira não deixa.

- Mas não deve ser nada, não é? – indagou Melanie.

- Deve ser alguém que mora

em uma dessas fazendas. – analisou Ariela.

- Melhor esperar eles chegarem mais perto. – sugeriu Melanie, pensando nos ocupantes do Monza.

- Tem razão. – respondeu Julian, pisando no freio e diminuindo gradativamente a velocidade.

Léo também já havia notado que tinha um veículo atrás do seu carro. Flávia mantinha o sexto sentido de mãe em alerta. O investigador percebera que a caminhonete estava diminuindo a velocidade e aproveitou para se aproximar. Quando chegou à

distância de uns 30 metros, sentiu o barulho de um motor passando velozmente ao seu lado. Léo olhou para frente e, iluminada pela luz do seu farol, ele viu uma moto com dois ocupantes. Era uma linda motocicleta vermelha: uma Ducati 999. Léo entendia desse tipo de veículo e sabia que não era normal uma moto como aquela transitando por ali. Ele forçou a visão e viu a pessoa que ocupava a garupa. Era uma mulher loira, de longos cabelos esvoaçantes, usando um vestido de festa; e mais parecia uma modelo.

Julian, olhando pelo retrovisor, avistou a moto

ultrapassar o carro de Léo. Não deu tempo de alçar maior velocidade, e o veículo emparelhou com a caminhonete. Melanie olhou pela janela lateral e reconheceu os ocupantes. A garota loira era Charlotte e seu condutor, Camuel.

O vampiro olhou para Julian e fez sinal para que ele encostasse a caminhonete. O rapaz, pelo contrário, acelerou, jogando a F-100 sobre a moto. Camuel conseguiu evitar o choque. Charlotte saltou da garupa da Ducati até a carroceria da caminhonete. Ariela assustou-se com a batida da descida da vampira e abraçou fortemente Melanie.

- Ariela, me solta. – pediu Melanie com dificuldade para respirar.

- Estou com medo. – confessou quase chorando a menina, mas soltando a amiga.

Camuel seguiu com a moto na frente da caminhonete e mantinha-se a certa distância segura, evitando que Julian batesse na sua roda traseira. Flávia, desesperada no carro de trás, gritava pela filha. Léo acelerava o carro, mas a estrada dificultava suas manobras. Charlotte equilibrava-se atrás da caminhonete.

- Pare essa carroça! – gritou a francesa, tentando segurar Julian

com uma das mãos.

Julian tentava se desvencilhar da mão de Charlotte e passou a fazer manobras bruscas a fim de derrubar a vampira. O barulho do potente motor da Ducati causava arrepios em Mel. Ela olhou para trás, preocupada com a mãe e o irmão. Mesmo com a nuvem de poeira e Charlotte tapando sua visão, conseguiu ver o carro de Léo. O seu medo era que outros vampiros conseguissem parar o Monza.

- Pare essa lata velha, bastard! – repetiu a francesa.

Julian virou o volante com um movimento brusco, fazendo com

que a velha F-100 quase tombasse, saindo da estrada. Charlotte, mesmo sendo uma forte vampira, foi arremessada longe. Dentro da cabine da caminhonete, Melanie e Ariela gritavam em desespero. Julian tinha as mãos trêmulas agarradas ao volante. Camuel percebera a manobra e parou com a moto; ele viu a caminhonete quase parando, sem Charlotte em cima da carroceria. O vampiro rangeu os dentes. O carro de Léo, que seguia atrás, estancou junto à caminhonete.

- Fique aqui dentro com o seu filho. – ordenou Léo, sacando a arma e abrindo a porta – Deixa que

eu resolva isso.

O investigador desceu e, com cautela, aproximou-se da caminhonete, que agora permanecia parada no meio da nuvem de poeira que já estava se dissipando. Léo chegou ao lado da porta do motorista e viu Julian tentando acalmar as garotas.

- Vocês estão bem? – perguntou Léo.

- Não! – gritou, desesperadamente, Ariela – Eu quero sair daqui.

- Calma, garota. – pediu Julian – Logo vamos sair; calma.

- Minha mãe e o Nic, como

estão? – perguntou Mel, olhando na direção do carro de Léo.

- Estão bem. – respondeu o investigador.

Um movimento no meio da plantação chamou a atenção de todos. Eles olharam para onde algo se mexia. Presenciaram Charlotte, com olhar febril, saindo entre os pés de milho. Ela tinha charme no andar e torpeza no rosto. Poderia saltar sobre eles a qualquer momento. Léo apontou a arma na direção da vampira. Charlotte parou e lançou para o investigador um sorriso carregado de escárnio. A vampira movimentou-se tão rápido que não

deu tempo nem de Léo piscar, e ela já estava à sua frente, cara a cara com ele.

- Vai atirar em mim, mon cherrie? – perguntou a francesa, entortando o pescoço e olhando, profundamente, nos olhos de Léo.

Ele pôde sentir seu hálito gélido. Estava prestes a atirar, mas sentiu sua mão amolecer. Não tinha força nem para mover o dedo junto ao gatilho. Charlotte mirou na veia que pulsava no pescoço do investigador. Suas presas ficaram à mostra.

- Charlotte! – gritou Camuel
- Saia de perto desse homem.

A vampira, passando a língua entre os dentes, afastou-se e encarou Léo. O investigador fechou e abriu rapidamente os olhos, tentando acordar de um pesadelo.

- Meu Deus! Que coisa é você? – perguntou Léo, ainda com a arma apontada para Charlotte.

- Calma! – pediu Camuel – Mesmo porque sua arma não pode feri-la, policial.

- Não tenho tanta certeza. – respondeu Léo, agora apontando a arma, alternadamente, para os vampiros.

- Eu vou chegar mais perto. – avisou Camuel – Precisamos

conversar.

Os ocupantes da caminhonete ficaram em alerta, observando a aproximação de Camuel. O vampiro caminhava até a F-100 com as mãos levantadas, indicando suas intenções de paz.

- Por favor. Peço que me escutem. Não estamos aqui para lutar. Nem fazer mal para ninguém.

Camuel parou em frente à caminhonete e olhou para Melanie.

- O que eu disse pra você? – perguntou ele – Não lhe disse que não deixaria mal algum lhe acontecer?

Melanie

respondeu,

concordando com um aceno de cabeça. Camuel caminhou até perto de Léo, junto à porta do motorista.

- Precisamos acertar algumas coisas. – disse o vampiro, olhando para Julian – Os que estão por vir até vocês não serão nem um pouco amistosos.

- Você não tem noção do que está dizendo! – perguntou Julian, saindo da caminhonete – O que o faz pensar que vamos confiar em vocês?

- Eu e a francesa poderíamos estar bem longe daqui. – respondeu Camuel, sempre procurando se deparar com os olhos de Mel – Mas eu fiz uma promessa que pretendo

cumprir.

Melanie, com muito custo, conseguiu que Ariela saísse da caminhonete. Ela desceu também na sequência e colocou-se atrás de Julian. Flávia, vendo a filha sair do veículo, fez o mesmo, seguindo até onde o grupo estava. Mas não antes de mandar Nicolas ficar abaixado dentro do carro.

- Não é preciso que eu diga que nosso tempo é curto. Cada minuto que estamos perdendo, por eu ter de explicar minhas boas intenções, fará com que aqueles que querem a destruição de todos vocês fiquem cada vez mais perto de

concluí-la.

- Vocês sabem quem são esses dois malucos? – perguntou Léo, ao perceber Flávia agarrando-se em seu braço.

Melanie olhou para o vampiro, e Camuel consentiu com seu olhar que ela falasse o que fosse preciso.

- Eles estavam no depósito.

Léo olhou fixamente para Camuel. A imagem do vampiro surgiu em sua mente. O investigador lembrou que fora salvo por ele do fogo que consumiu o velho depósito. Léo, independentemente de qualquer coisa, tinha uma dívida para com

aquele que estava à sua frente. Camuel reconheceu os pensamentos de Léo. O vampiro sorriu, compreendendo que o homem não mais o afrontaria.

- Para onde estavam indo? – perguntou o vampiro.

- Não falem nada. – adiantou-se Flávia.

Camuel voltou sua atenção para ela.

- Quer que eles ajam como você costuma fazer, mulher? – disse Camuel, olhando para Flávia – Nunca dizendo nada, não deixando as pessoas saberem dos seus mais sórdidos segredos?

Flávia engoliu em seco.

- Não sei do que você está falando. – respondeu, insegura.

Ela sabia muito bem o que o estranho mencionava. Os segredos, por muito tempo ocultos da filha, agora estavam batendo à sua porta.

- Quer que eu esclareça as coisas para a Melanie? Quer que eu fale para sua filha quem é...

- Calado! – gritou Flávia, interrompendo o vampiro – Não se atreva a falar qualquer coisa que coloque minha filha contra mim.

Mel acompanhava a conversa, mas custava a assimilar o que estava sendo dito. Muitas

situações fora do comum foram despejadas diante dela durante aqueles dias. Mas isso, de que a mãe escondia algum segredo, deixava-a aturdida.

- Do que ele está falando, mãe? – perguntou a garota.

- Está falando bobagem, minha filha. Deve estar drogado para falar tanta asneira.

- O tempo está passando. – continuou Camuel – Querem a nossa ajuda ou preferem enfrentar tudo sozinhos?

- Como confiar em vocês? – respondeu Julian – Não são dignos de confiança.

- Eu disse, Camuel. – interrompeu Charlotte – Não deveria se importar com esses miserables. Não merecem a sua preocupação.

- Mas eles sabem que nós conhecemos muito bem quem vem para o jantar.

- E quem disse que vocês estariam realmente dispostos a enfrentarem os da mesma raça? – reafirmou Julian.

- Como justamente você pode me fazer tal pergunta? – devolveu, capcioso, Camuel - Você não fez o mesmo? Não enfrentou um da própria raça?

Julian estava consciente de

que o vampiro tinha razão. Um forte motivo fez com que ele se voltasse contra um da própria espécie. Mas acreditar que Camuel e Charlotte tinham boas intenções era outra história.

- Poderiam ajudar começando a nos dizer do que estamos fugindo... – sugeriu Léo.

- Eles ainda não sabem?! – perguntou Camuel, olhando para Melanie.

- Não. – respondeu ela – Eu nem sei como contar...

O vampiro riu. A situação era bem mais desfavorável do que ele havia imaginado.

- Vamos sair daqui. – sugeriu Camuel – Neste lugar, vocês parecem alvos fáceis demais.

- Estávamos indo para a fazenda de Julian. – disse Mel, já percebendo o descontentamento da mãe.

- Conveniente. – ponderou Camuel – Mas ineficaz. Será o primeiro lugar em que irão procurá-los.

- Mas lá poderemos nos defender. – retrucou Julian.

- Por quanto tempo? – disse, provocativo, Camuel.

- O suficiente para protegê-la. – respondeu Julian, puxando

Melanie e enlaçando-a.

O ar de superioridade dissipou-se do rosto de Camuel. Ele, sim, deveria proteger Melanie. Lutaria por ela. Não este que agora a tomava em seus braços. O garoto-lobo acabara de conhecê-la; já ele, o vampiro, esteve próximo dela desde que era ainda um bebê. Não era correto o que se sucedia. Mas, por hora, pelo bem da garota, deixaria como estava.

- Vamos para esse lugar. – deu a ordem Camuel – Você segue na frente e avisa que estamos do mesmo lado. – continuou, agora olhando para Julian – Pelo menos,

por enquanto.

- Não pense que irão recebê-lo com danças e músicas. – respondeu Julian.

- Certamente que não. – disse Camuel, encarando-o – A festa de verdade só acontecerá mais tarde, quando os que não foram convidados quiserem entrar.

Camuel deu as costas e seguiu para onde havia deixado a moto. Charlotte, com seu andar majestoso, foi atrás.

- O que faremos? – perguntou Melanie.

- Continuaremos com o planejado. – respondeu Julian,

apertando-a com seu braço – Vamos à fazenda. Só não sei o que dizer para minha avó sobre esses dois.

Capítulo Vinte e Quatro – Sobre nós dois e o restante do mundo

Como explicar o que parece não ter explicação?

Três veículos passaram pelo grande portão da entrada da fazenda. Mas apenas um aproximou-se e parou diante da casa principal. Julian desceu da caminhonete e foi recebido pela prima.

- Cada vez mais eu percebo

o quanto você se tornou um idiota, depois que conheceu a esquisitinha. – proferiu, contrariada, Angelique – É uma besteira atrás da outra!

- Pode até ser, Angelique, mas agora não tenho tempo para discutir com você.

- O que você está planejando?

- Depois eu explico. Cadê a nossa avó?

- Está lá dentro, preocupada com você. Como sempre.

Julian seguiu para a casa principal. O interior era mais claro e arejado do que poderia se supor, ao constatá-la de fora. A sala grande,

na composição de seus móveis, era um misto de passado e modernidade. Ao entrar, Julian colocou as chaves da caminhonete ao lado de uma TV de 29 polegadas, de tela plana, que estava sobre a cômoda de vinhático com entalhes nas gavetas, encostada na parede, próxima à porta. Ele percebeu a imagem de Agnes refletida no clássico espelho de moldura império. Ela estava sentada em uma cadeira antiga, torneada. O garoto temia olhar diretamente para a avó.

- Por que demorou tanto, Julian?

- Preciso falar com a

senhora. – respondeu ele, sem ainda saber como começar o assunto.

- Você me pediu pra trazer a garota pra cá. Eu concordei e quase tive de me proteger do meu próprio filho. Não me venha com mais nada. Não quero enfrentar Marcus de novo.

- Eu sei, minha avó. – respondeu o garoto, sentando no sofá de frente à Agnes – Está sendo muito difícil para a senhora.

- Então, fala logo. – ordenou Agnes, após um longo suspiro.

Julian levou as mãos à cabeça. Não sabia como começar. Levantou, deu dois passos para o

lado e voltou a sentar.

- Eu posso ajudar. – disse Alexander, entrando na sala com roupas limpas e cabelos penteados.

- Não precisa se incomodar, Alexander. – respondeu Agnes, reparando na beleza jovial de Alexander – Deve ser mais uma encrenca das que o meu neto está acostumado a se meter.

- Não, minha amiga Agnes. – contestou Alexander, aproximando-se de Julian – Eu posso ajudar, sim. Sei do que se trata.

Julian levantou novamente. As palavras e o olhar de Alexander inspiravam confiança, e ele

precisava, mais do que tudo, de qualquer tipo de ajuda. Afinal, seu coração estava aflito por não permanecer ao lado de Melanie.

- O que você está dizendo? – perguntou a velha senhora para o jovem à sua frente – O que mais está acontecendo?

- A garota está lá fora? – perguntou Alexander, recebendo a confirmação por um aceno de cabeça dado por Julian – Tem mais alguém com ela; certo?

- A mãe, o irmão e um policial. – respondeu Julian.

- E mais alguém? – indagou Alexander, sentando no sofá.

Julian olhou à avó e notou toda a surpresa que ela mantinha no rosto. Ele apenas confirmava com outro aceno de cabeça.

- E quem é? – continuou Alexander.

- Vampiros. – pronunciou Julian, entre os dentes.

- Os vampiros já estão aí? – espantou-se Agnes, tencionando se levantar – Preciso avisar aos outros.

Alexander segurou o braço da velha senhora e, com um sorriso tranquilo, indicou que ela não se levantasse. Agnes, ainda muito nervosa, compreendeu e permaneceu sentada.

- Tenha calma, Agnes. – falou brandamente Alexander – Os vampiros que estão à sua porta, estes poderá permitir que entrem. Estão comigo.

Um sentimento indescritível apossou-se da mulher. Como poderia ela entender que Alexander, o jovem que conquistara sua confiança, pactuava com os sórdidos inimigos da família?! Ele, Alexander, era o primórdio de todos os lobos e fora humilhado e traído pela raça dos vampiros. Como poderia se aliar a eles? Alexander considerou todas as objeções de Agnes. Era melhor asseverar suas

intenções em relação aos vampiros que aguardavam do lado de fora.

- Não me tenha por indigno, velha amiga. – continuou ele – Não é de hoje que eles servem aos meus propósitos, para o bem maior, a nosso favor.

- Como isso é possível?! – contestou Agnes – São seres desprezíveis. Não merecem nossa confiança.

- Entendo sua preocupação. Afinal, muitos dos seus tombaram nessa guerra cruel. E, se depender de mim, farei o que estiver ao meu alcance para que isso aconteça o menos possível. Mas, neste

momento, você precisa ter confiança em mim.

Agnes compreendeu as palavras de Alexander. Ela admitia, em seus pensamentos, que a guerra estava mais próxima possível de tornar a acontecer. Seria travada bem ali, naquela fazenda, diante dos seus olhos cansados. Além do mais, ela depositava sua confiança no amigo de outros tempos.

- O que devemos fazer, Alexander? – perguntou, com a voz embargada, a velha mulher.

- Você precisa deixá-los entrar. – respondeu ele, apiedado – Todos eles. A garota, seus

familiares e os quatro vampiros.

- Dois. – interrompeu Julian
– Dois vampiros.

Alexander aquiesceu com um leve gesto de cabeça. Ele sentia a tensão que se apossava de Julian. A preocupação que o garoto sentia, por ter deixado Mel à mercê do perigo, transparecia em seu rosto.

- Não tenha medo, rapaz. – disse Alexander – Eles ainda não estão por perto. Ela não corre perigo iminente. Mas precisamos nos apressar.

A noite exalava um ar pesado. O medo do que estava por vir embaralhava os sentimentos;

Melanie considerava, em seu íntimo, muito que vivenciara nos últimos dias. Se contasse a alguma de suas amigas, passaria até por mentirosa. A garota não sabia identificar como ainda estava de pé e, não, escondida debaixo das cobertas. Ariela segurava apertado a sua mão. Mel compreendia o medo da nova amiga; ela também sentia necessidade de segurar em algo que lhe desse segurança: a mão de Julian, por exemplo. Mas a presença marcante de Camuel, sempre a encarando, trazia uma sensação desconfortável e conflitante. Melanie conhecia, mas não compreendia a natureza das

intenções do vampiro.

O barulho do motor de outra possante moto surgiu de repente, cortando o silêncio constrangedor. Todos se alvoroçaram, menos os dois vampiros; eles sabiam quem se aproximava.

Julian recebeu a aprovação da avó para recolher Melanie e o restante da sua família. Os vampiros deveriam ficar fora da casa principal. Alexander iria recepcioná-los, já que era o único que tinha influência sobre a rebeldia de Marcus, evitando, assim, um confronto entre os lobos e os indesejáveis visitantes. Julian seguiu

ao encontro de Melanie. Ao chegar, percebeu a reunião dos quatro vampiros ao lado das duas motos. Miguel e Rania juntaram-se ao grupo. Entendeu, neste momento, o que Alexander havia dito sobre quantos vampiros aguardavam do lado de fora.

- Vamos entrar? – convidou Julian a todos, mas com os olhos fixos em Melanie.

Ninguém fez um movimento sequer. Sentiam-se inseguros sobre o que aconteceria a seguir. Não sabiam, ao certo, o que cada um deveria fazer.

- O que aconteceu? –

perguntou, preocupado, Julian – Precisamos entrar.

Julian olhou para os vampiros.

- Alexander está esperando vocês em frente à casa. – depois, voltou a olhar para Melanie – Você e sua família vêm comigo.

Julian estendeu a mão na direção de Mel. A garota, instintivamente, segurou-a, sentindo seu calor num aperto suave. E aproximou-se de Julian. Os dois entreolharam-se e seguiram à casa principal, seguidos por Flávia e os demais. Os vampiros mantiveram-se a uma pequena distância, mas

seguiram atrás.

Um pouco mais de uma hora já havia se passado. A iminência do ataque dos vampiros liderados por Alexia causava uma sensação angustiante em todos os ocupantes da fazenda. Melanie e Ariela foram acomodadas no quarto de Angelique. As duas permaneciam sentadas na cama que Julian levava até ali. Angelique estava de frente para elas, sentada em seu próprio leito. O quarto era simples, mas aconchegante. Além das camas, um pequeno guarda-roupa e uma mesinha com objetos pessoais de Angelique. Apesar disso, o

desconforto que sentiam era evidente. Melanie estava no aposento de uma estranha que, visivelmente, não simpatizava com ela. Ariela era a única que, de vez em quando, movia-se até a janela e espionava a escuridão. Foi isso que ela fez, novamente naquele momento.

- Estou morrendo de medo. – revelou Ariela, cortando o silêncio – Mas não sei do que.

- Por que não volta e sinta aqui? – sugeriu Melanie – Ajuda se não ficar imaginando coisas.

- Não estou imaginando nada. – respondeu a garota, voltando

a sentar ao lado da amiga – Mas sinto um aperto no coração. Quando isso acontece, eu fico com tanta fome!

Melanie não sabia o que dizer; afinal, a casa não era sua. Apenas olhou, cautelosamente, para Angelique, na torcida de que a garota percebesse e oferecesse algo para Ariela comer. A amiga percebeu o gesto de Mel, colocou a mão sobre a barriga e caprichou na expressão de coitadinha. Angelique torceu o nariz, balançando a cabeça.

- Fiquem aqui que vou ver o que tem na cozinha. – disse, contrariada.

- Valeu mesmo! – agradeceu uma sorridente Ariela. – Seja o que for, pode trazer dois.

- Ariela, não abuse. – sugeriu Melanie.

- Não é abuso. É fome. – respondeu – Se eu fico nervosa, eu tenho que comer. Fazer o quê?

Angelique demonstrou toda a irritação ao abrir a porta.

- Ah! E, se tiver um refrigerante, eu aceito. – continuou Ariela – Light, por favor.

Angelique fechou a porta de cara amarrada. Ariela olhou para amiga e percebeu sua expressão de surpresa.

- O que foi? Light, sim. –
tentou explicar – Estou de regime.

Melanie riu. Só mesmo
Ariela para tirar um pouco da tensão
que ela sentia.

O grupo de homens-lobos
estava fechado como em um círculo,
dentro de um dos alojamentos.
Marcus encontrava-se entre eles.

- Há muito tempo tenho
falado pra vocês sobre isso. Minha
mãe já não é mais a mesma. Está
senil. – Marcus falava e olhava um a
um do grupo – Sou o primeiro a ser
grato por tudo que ela fez a esta
família. Mas passou da hora de me
deixar conduzir nossos interesses.

Os demais membros presentes concordavam com suas palavras.

- Vampiros debaixo do nosso teto! Meu pai jamais deixaria isso acontecer. Se eu estivesse no comando da família, nunca permitiria a presença desses abjetos entre nós.

- Nossa sorte, então, é você ainda não comandar esta casa, Marcus. - Alexander aproximava-se, com Julian logo atrás – Vamos precisar de todos para defender este lugar.

Marcus rilhou os dentes enquanto observava Alexander e o

sobrinho adentrando no círculo.

- Isso está acontecendo por culpa desse insolente. – Marcus apontou para Julian – Ele trouxe essa ameaça até nós.

- Engano seu, meu amigo. – retrucou Alexander – Se precisa culpar alguém, culpe a mim. Fui eu que trouxe essa ameaça até vocês.

Marcus e os demais ficaram em silêncio. Ninguém se atreveria a afrontar Alexander.

- Mas entendam que foi preciso isso acontecer. – continuou Alexander – Eu necessito da ajuda de vocês. Temos que unir nossas habilidades para tentarmos defender

a casa. Defender nossas vidas.
Nossa descendência.

Alexander segurou o ombro de Julian e, com um movimento, impulsionou-o para o centro do círculo.

- Este garoto pode parecer ser o mais fraco entre vocês. — prosseguiu Alexander — Mas está sobre ele a tarefa principal de nos manter vivos.

Marcus e os outros membros riram, escarnecendo. Julian sentiu seu corpo queimar. Sua vontade era jogar-se sobre Marcus e mostrar sua força, mas conseguiu conter-se.

- Dei a entender que estava

contando alguma piada? – enfatizou Alexander, demonstrando seu desagravo – Foi esse o motivo pelo qual riram?

Todos retiram os sorrisos, incluindo Marcus.

- Tenho respeito por você, Alexander. – disse Marcus – Mas o que acabou de dizer não tem sentido. Esse imprestável não tem serventia para nada! Quanto mais salvar a todos nós!

- Compartilho do mesmo respeito por você, Marcus. – disse Alexander, depositando uma das mãos sobre o ombro de Marcus. Seguidamente, olhou para todos os

demais membros presentes – Sabem quem eu sou, e o que eu já fiz pela nossa raça. Precisam confiar em meu julgamento.

- Seu protegido atacou um da própria espécie. – enfatizou Aurélio.

Marcus encarou ferozmente Julian.

- Só fiz o que foi preciso – esbravejou Julian - para defender uma pessoa inocente de um louco...

- Calma, rapaz! – Alexander interrompeu Julian – Isso nós discutiremos em hora oportuna.

Marcus, repentinamente, farejou o ar. Ele sentiu um cheiro desagradável, porém familiar.

- Vampiros! – esbravejou Marcus com toda a raiva.

Os demais homens-lobos compreenderam o desagravo de Marcus e sentiram também as presenças indesejáveis dos quatro vampiros.

- Sim! – revelou Alexander – São os que vieram comigo. Vão ficar aqui, e nenhum de vocês irá se transformar antes da minha ordem. Compreenderam?

- Isso é inadmissível! – Marcus socou a própria mão – Não podemos deixar nossa família nas mãos desses miseráveis.

- Assim como todos nós, eles

têm muito a perder. Acreditem; lutarão a nosso favor. Mesmo que contra a vontade e contra sua natureza.

Quando Flávia deparou-se com a figura da velha senhora, muito acontecimento recôndito voltou a pairar em seus pensamentos. Sabia a razão maior que a trazia ali, naquela fazenda, cercada de estranhos. E o pior, pondo em risco a vida dos filhos e até mesmo ter que, enfim, revelar o enfadonho segredo que a atormenta. Agnes não lhe direcionava palavra alguma naquele instante, mas os olhos inquisidores da velha mulher gritavam

reveladores na direção de Flávia. Léo, como sempre, sentado quase que sem se mover ao lado de Flávia, corria os olhos por toda a sala, com a intenção de registrar cada informação possível sobre os moradores do lugar. A movimentação inconstante de Nicolas tirava-lhe a atenção, vez ou outra; o garoto demonstrava inquietação por estar sentado sem poder fazer nada. Agnes tinha milhões de preocupações em sua mente; a velha senhora sentia o coração apertado por tantos pensamentos túrbidos, mas não poderia deixar de se confrontar à

mulher que estava em sua sala.

- Tem consciência de tudo que está acontecendo? – perguntou.

- Não, senhora. – respondeu Flávia, evitando olhar para Léo – Estou completamente perdida nessa história toda.

- Se fosse verdade, não estaria aqui nesta fazenda. Não estaria nem nesta cidade.

- Precisei vir até esta maldita cidade para tratar de assuntos urgentes.

- Conseguiu resolver a contento?

Flávia arregalou os olhos e percebeu a expressão curiosa no

rosto de Léo. Até então, não havia encontrado a mulher que a convocara à sua presença.

- Ainda não. – respondeu Flavia.

- Sua filha sabe quem realmente ela é?

- Como assim?!

- Posso estar enclausurada neste lugar, – continuou Agnes – mas ainda sei o que acontece além dos limites da fazenda.

- A senhora está enganada...

- Não! Você tem se enganado durante todos esses anos.

- Do que ela está falando? – perguntou Léo.

- Obviamente que não sei.

- Sabe, sim. – continuou

Agnes – Posso ser uma velha, mas não costumo esquecer o rosto de ninguém. Eu me lembro de você.

- A senhora está me confundindo com outra pessoa...

- Olho para você e vejo o quanto são parecidas...

Flávia levantou-se e sentiu o rosto ferver; não poderia permitir que a mulher prosseguisse e trouxesse à tona tudo o que ela manteve oculto na mente e no coração.

- Eu sei que estou dentro da sua casa, mas não posso concordar

com todas essas coisas que a senhora está dizendo.

- Tenha calma, Flávia. – pediu Léo, segurando-a pelo braço – Sente-se.

- Ele tem razão; é melhor todos mantermos a calma. – ponderou Agnes – Vamos precisar.

Flávia respirou profundamente e sentou-se de novo. O passado, de fato, estava a assombrando.

Ariela andava de um lado para o outro dentro do quarto; estava irrequieta pela fome. Melanie mantinha-se pensativa, sentada sobre a cama.

- Ela está demorando. — disse Ariela, pondo a mão sobre a barriga.

- Já deve estar vindo.

- Sei não. Vai ver resolveu ir dormir e se esqueceu de nós.

- Acho que não. Ela não iria fazer isso. E este aqui é o quarto dela.

- Hum... Não confio nessa gente.

- Para ser sincera, não sei mais o que pensar...

Melanie nem terminou a frase e quase sentiu o coração parar. Levou um grande susto ao deparar-se com a imagem de Camuel,

parado, sob o peitoril da janela. O vampiro, sutilmente, entrou no quarto. Ariela arregalou os olhos e engoliu em seco; em seguida, abraçou Melanie apertado. Camuel caminhou lentamente, aproximando-se das duas. Elas recuaram até encostarem-se à parede.

- Não lhe falei para não ter medo de mim? – repetiu o vampiro, com a nítida expressão de desagravo.

- Falou para ela, não para mim. – respondeu Ariela, com a voz trêmula – Por isso eu vou sair.

Ariela olhou indecisa para Melanie, que apenas concordou com

a cabeça. A garota saiu rapidamente do quarto. Camuel caminhou de um lado para o outro até que parou diante de Mel e segurou-a pelo braço.

- Você ainda não percebeu, Melanie, os sacrifícios que tive de fazer por você?

- Até agora não consegui compreender nada do que você fez. — respondeu ela, indignada - Me levou para aquele lugar horrível, me entregou para aquela mulher que quase me matou... Como posso não ter medo de você?

- Tive meus motivos. Logo você vai entender.

- Isso é uma resposta evasiva. Coisa de quem não tem o que explicar.

Camuel soltou o braço da garota. Ela aproveitou e afastou-se.

- Aliás, você não precisa me explicar nada. Já me disse o que você é... Já demonstrou toda a sua lealdade àquela mulher...

- Alexia? Não pense que sou leal a ela. Sou leal a você.

- A mim?! – Melanie riu ironicamente – Não foi o que pareceu. Ela quase acabou comigo, e você não fez nada.

- Se eu pudesse, tinha enfrentado Alexia, ali, naquele

momento. Mas o que você não entende é que não era a hora apropriada.

- E existe uma hora para isso?

- Eu estou aqui, não estou? – Camuel olhou-a profundamente nos olhos – Estou aqui por você.

Melanie até desejaria mandar Camuel sumir do mapa, mas as palavras do vampiro pareciam soar verdadeiras. Ele percebeu seus pensamentos e passou levemente sua mão sobre o seu rosto, afagando-o. Ela vivenciava um misto de sentimentos, proporcionada pela proximidade de Camuel e sua mão

gélida. E estava prestes a fechar os olhos quando o som da porta abrindo fortemente a despertou.

- Saia de perto dela! – gritou Julian, adentrando furioso no quarto.

Camuel esboçou um sorriso sinuoso e afastou-se de Melanie. Não era hora de provocar briga com o garoto-lobo. Isso teria o momento certo. Julian estremecia, demonstrando toda a sua aversão ao vampiro. Camuel olhou mais uma vez nos olhos de Melanie e seguiu até janela, saltando em seguida. Julian fechou a porta e caminhou, indignado, à janela, a fim de observar o distanciamento do outro.

Depois, aproximou-se de Melanie.

- Não acredito, Melanie! – despejou Julian seu descontentamento – Você está dando ouvidos a esse cara?

- Não! Claro que não. – respondeu Mel, gaguejando.

- Não dá para confiar nele... Em nenhum deles. Entende?

- Entendo. Eu nem sei por que ele veio aqui. Juro.

- A culpa é minha. – Julian sentou-se na cama – Não devia ter deixado você sozinha.

- Não pense assim, Julian. – Melanie sentou ao seu lado e segurou sua mão – Você não tem

culpa de nada.

- Não é como me sinto. Às vezes, acho que não faço o suficiente para protegê-la.

- Claro que faz. Você já me salvou duas vezes; não salvou?

Julian fixou seus olhos nos de Melanie, tentando decifrar suas palavras. O que ela queria dizer, realmente, com isso? Será que já sabia da sua condição de maldito? Que ele era um homem-lobo? Não poderia conviver com essa dúvida.

- Como assim? O que você quis dizer?

- Não é preciso tentar entender o que não tem explicação,

Julian. Apenas aceitar.

Julian recebeu as palavras e desejava poder acreditar. Melanie seria capaz de amá-lo, mesmo ele sendo o que era? A garota sabia que sim. Seu coração era todo dele e tê-lo ali, tão perto e solícito, era mais do que tentador. Como poderia resistir? Desligou sua mente de toda complicação que os envolvia, de todo segredo não-revelado e, com um sussurro inexprimível, pediu:

- Me beije...

Não houve tempo de terminar a frase, e seus lábios foram silenciados pelos de Julian. Ele beijou-a tão forte que inundou todo o

seu corpo de desejo.

Capítulo Vinte e Cinco – As flores do mal

Via-se uma vasta pradaria, cercada por montes suntuosos, que ostentavam em seus cumes a inebriante e alva neve. Grandes poças, de uma água límpida, refletiam um movimento fugaz, o tropel de um cavalo negro, um corcel, que se elevava acima de uma nuvem de poeira, pela longa e ameaçadora estrada. O animal era conduzido por uma jovem

amedrontada que, a cada metro superado, olhava, insistentemente, para trás. Estava sendo perseguida. Quando penetrou na floresta, seus longos cabelos esvoaçavam entre os galhos das altas árvores, às vezes até sentindo as pontas perniciosas dos mesmos penetrarem no tecido do seu vestido e perfurá-lo. O traje branco, longo, perfeitamente sedutor, trazia as barras enlameadas e cobria o pelo do animal, contrastando com seu negrume. Vestido este que se mostrava como um campo de força, mas que não conseguiria protegê-la por completo.

Os poucos raios do sol

crepuscular dissipavam-se entre as árvores; a noite era uma questão de minutos. Quando, enfim, caiu, com uma teatral cortina de neblina, a jovem pressentiu sua ameaça mais presente. Olhou para sua retaguarda e avistou-os montados em seus cavalos velozes, com suas armaduras pesadas e suas espadas mortais, apenas mais um detalhe impulsionava o medo da jovem que a compelia para o centro da floresta: suas presas salientes nos sorrisos ardilosos. Seu cavalo arfava, e ela sentia a dificuldade de respirar a cada passada do animal.

Os gritos dos cavaleiros e o

frigor das patas dos cavalos indicavam que sua sentença estava cada vez mais perto de ser executada. A escuridão da noite fria abraçava a infortunada jovem, quando, num dado momento, encontrou-se no centro de uma vasta clareira. Percebendo onde estava, ela parou seu cavalo, prendeu a respiração e soergueu-se na tentativa de avistar seus perseguidores. Estavam eles perfilados, troteando a poucos metros de distância, prontos para atacá-la. A bela moça fechou os olhos e entregou-se ao seu fatídico destino; com os olhos cerrados, podia sentir a respiração

dos cavalos e dos cavaleiros que a cercavam.

Uma palavra foi dita com instruções de morte, e os sons das espadas tilintaram no ar. Mas o que, realmente, deixava-a petrificada era o ranger mortal das presas, que almejavam cravar-se em suas artérias. Esse era seu fim? Em um relance, a avolumada lua no céu não era mais do que somente uma testemunha do ato prestes a acontecer; era agora a sua causal salvação. Tão rápidos quanto um piscar de olhos, os lobos saltaram, ferozmente, sobre os cavaleiros. Os vampiros caíam, um a um,

empunhando suas espadas; garras e metal, urros e clamores; entrelaçavam-se em uma sinfonia cruel.

A jovem permanecia estagnada, em cima do corcel, observando a batalha; para qualquer lugar que seus olhos miravam, havia dor. Sentiu, de repente, uma sensação inesperada, imprecisa, que a preencheu de uma angústia ímpar: a visão de um lobo recebendo a lâmina de uma espada, que atravessou seu corpo, causando-lhe a morte instantânea. Os olhos da mulher avaliaram, discreta e cuidadosamente, o corpo

mortalmente ferido do lobo, transformando-se em um rapaz. Ela sussurrou um nome: Julian. Sufocantes foram os sentimentos que se apoderavam dela naquela hora, tanto que sentiu o corpo arquear para frente, não podendo conter-se sobre o cavalo. Então, caiu. Antes de desfalecer, presenciou a aproximação daquele que portava a espada coberta de sangue. Ele abaixou-se e sorriu, revelando, mais do que suas presas, também seu ódio e prazer pelo que havia feito. Ao se retirar, deixou um presente para a bela jovem: uma rosa vermelha, banhada em sangue. Ela, enfim,

fechou os olhos, inundados em lágrimas, mas não sem antes gritar outra vez pelo nome do rapaz:

- Julian!

- O que foi, Melanie? – perguntou Julian, assustado, ao acordar de repente. Mel estava sentada na cama, respirando com dificuldade – O que aconteceu?

- Eu... Eu.. – ela não conseguia pronunciar as palavras.

- Foi só um sonho... – Julian abraçou-a – Eu estou aqui com você.

Melanie deixou-se ser envolvida pelos braços de Julian e chorou. Ele abraçou-a mais forte, compreendendo que, mais do que o

sonho ruim, o que a levaria às lágrimas foi o acúmulo das situações atípicas que enfrentava, nos últimos dias.

- Fique calma! Nós pegamos no sono; foi só isso.

A garota sentiu-se protegida e secou as próprias lágrimas. A expressão em seu rosto era um misto de tristeza e alívio, apesar de que a imagem de Julian sendo transpassado por uma espada mantinha-a angustiada.

- Tive um pesadelo horrível.

- Com o que você sonhou?

Quem sabe quantos problemas mais estariam passando

pela cabeça de Julian? Talvez não fosse certo ficar o incomodando com um sonho bobo. Afinal, era só isso, por mais terrível que fosse. Mas seu coração compelia-a a falar o que vivenciara no estranho sonho.

- Você estava nele. -
Melanie hesitou – Um vampiro atingiu você com uma espada e o feriu.

Julian riu. Melanie fechou a cara.

- O quê? – perguntou ele, ainda sorrindo – Vampiros não usam mais espadas; isso foi há muito tempo. Sei disso pela minha avó. Ela é uma enciclopédia da nossa e

da raça deles. Como dizem vocês, os mais descolados, ela é o Google dos lobos e vampiros.

Melanie teve que rir também. Ela ficou mais surpresa, não de a avó ser uma enciclopédia de informações, mas de ele saber o que era o Google. Não tinha visto um computador sequer na cidade.

- Você tem razão. Foi só um sonho sem sentido... – ela olhou ao redor – Como a gente pegou no sono?

- Bom... Nós estávamos aqui, no quarto, sozinhos e daí... – Julian atrapalhou-se todo – Bom... Daí a gente conversou... E conversou mais

um pouquinho...

- Eu me lembro do que aconteceu depois.

- Pois é. Aí a gente se... se...

Melanie sorriu.

- Aí a gente se... – repetiu ela.

E, com um gesto delicado, como se estivesse regendo uma orquestra, tentou auxiliar Julian a pronunciar a palavra correta.

- Be...i... jou... –
pronunciaram os dois.

Julian estava nitidamente corado. Melanie divertia-se, vendo o embaraço do rapaz.

- Então, a gente se beijou? –

provocou ela.

- Foi. – ele respirou fundo e olhou firme nos olhos de Mel – E sabe de uma coisa? Daria o meu futuro para ter isso de novo.

Melanie não tinha certeza de nada naquela noite, apenas de que também desejava repetir aquele momento. Os dois aproximaram-se lentamente, até um poder sentir o respirar do outro. Num rompante, Ariela entrou, quase derrubando a porta. Esbaforida, a garota tentou pronunciar uma frase, sem sucesso. Mel, ainda aturdida, tentou entender as meias-palavras, acompanhadas dos gestos de mímica que Ariela

fazia.

- O que foi, Ariela? O que aconteceu?

- Eles... vindo... – Ariela arregalou os olhos e gritou – Meu Deus!

Melanie e Julian entreolharam-se; captaram de quem a garota falava; na mesma hora, Julian voltou a segurar as mãos de Melanie.

- Fique aqui, com Ariela.

- Aonde você vai?

- Não posso permitir que cheguem perto de você.

- E de mim também. – suplicou Ariela – De mim também.

- Não vou deixar. Podem ter certeza.

- E minha mãe e meu irmão?

- perguntou Melanie, desesperada.

- Não saia daqui. Vou trazê-los para cá.

Julian virou-se para sair do quarto e quase trombou com Angelique; ele olhou para a prima, passou a mão com ternura em seus cabelos e, depois, saiu. Ariela jogou-se nos braços de Melanie, enquanto Angelique correu até a janela para fechá-la.

- Vamos ficar bem. – repetiu várias vezes Angelique, andando aflita de um lado para o outro dentro

do aposento.

Melanie sentiu todo o medo que atormentava Angelique; com muita dificuldade, conseguiu se separar de Ariela e aproximou-se da garota de cabelos vermelhos. As duas ficaram frente a frente, e Mel tentou sorrir, mas somente uma lágrima desceu em seu rosto. Angelique apertou os olhos e abraçou a forasteira. Ariela juntou-se a elas no mesmo abraço. Estavam todas envolvidas pelo mesmo sentimento: o medo.

O vampiro saltou com toda a raiva estampada em seu rosto. Seu desejo era mais do que só subjugar

seu oponente; era liquidá-lo. Sua face pálida pulsava, enquanto ele rangia os aguçados dentes. Seu pensamento revolvía-se em um só nome: Melanie. Camuel, ao depositar suavemente os pés no chão, olhou mais uma vez para a janela da qual acabara de saltar. Ela estava lá dentro com ele, com o lobo intrometido. Seus companheiros de longa data não demoraram a perceber seu desapontamento, ao constatarem sua aproximação.

- Algum problema, cherry? – perguntou Charlotte, mesmo antes de Camuel chegar perto.

- Nada que eu não possa

resolver, mais tarde. – respondeu ele, enfurecido.

- Eu disse a você, man. – avisou Miguel – O lobo seria um problema e a humana... Essa nem se fala!

- Lá vem o vidente com a mesma conversa! – disse Rania, entortando a cara.

- Mas é isso mesmo, darling. – completou o americano – Eu sempre aviso, e ninguém me escuta.

- Ninguém escuta, porque, raramente, você dá uma dentro. – jogou logo na cara Chalotte.

- Mas, nessas raras vezes, sweet, fui eu que liberei vocês de

desaparecerem deste mundo.

As duas ficaram em silêncio, pois sabiam que se tratava da verdade. Miguel olhava para Camuel e segurava seu ombro.

- Por isso vou lhe avisar de novo, brou. Tome cuidado com os dois... Dessa vez, eu vi, nitidamente, o que acontece com você, Camuel... Farei o possível para que não aconteça, mas depende mais de você do que de mim.

- Você nem sabe do que está falando! – Camuel afastou-se de Miguel – Eu faço meu destino. Aceitei proteger a garota, desde que ela ainda era um bebê, porque eu

consegui superar qualquer um que cruze o meu caminho... Qualquer um.

Os vampiros permaneceram em silêncio. Camuel parecia descontrolado, e ninguém mais gostaria de falar algo que o contrariasse.

“Não acredito que esse tolo se apaixonou pela humana.” — pensou Charlotte, logo percebendo o erro que cometera, ao deparar-se com os olhos em chamas de Camuel. Ela tentou se desculpar, mas não conseguia pronunciar palavra alguma. Camuel permanecia olhando-a, por alguns instantes. Todos ficam apreensivos.

- Vou falar com Alexander. – falou ele, mais calmo, trazendo alívio para Charlotte – Rania, você vem comigo; Miguel, circule ao redor dos muros, percebo que Iori está por perto e precisa que você o ajude. Só tome cuidado, americano estúpido!

Camuel seguiu caminhando alguns passos, parando em seguida.

- Charlotte! – falou o vampiro sem se virar – Sabe o que fazer... Coloque os dois para dormir, agora.

Camuel voltou a caminhar, Rania acompanhou-o. Miguel seguiu em direção ao muro. Charlotte,

aliviada, obedeceu, saltando em direção à janela do quarto em que estavam Melanie e Julian.

Dentro da casa, Flávia, Léo e um adormecido Nicolas permaneceram na presença da velha anfitriã. Agnes revolia os pensamentos e buscava neles as informações que confirmariam suas suspeitas sobre Flávia. Esta, por sua vez, admitia, em seu íntimo, que não deveria ter voltado, novamente, para Monte Seco. Fora um grande erro, e aquilo que manteve furtivo da filha seria exposto em breve.

- Por que voltou? –
perguntou Agnes – Mas fale a

verdade desta vez.

- Eu já lhe disse, senhora. Assuntos pessoais... Do trabalho.

- Você irá presenciar coisas, nesta noite, que jamais imaginou que poderiam existir. Não tem motivo de tentar esconder suas verdadeiras razões de estar aqui.

Flávia levantou-se e foi até a janela. Permaneceu olhando a escuridão do lado de fora por alguns instantes. Léo seguiu-a com os olhos.

- Uma pessoa que pertence ao meu passado exigiu minha presença. – confessou ela, sem se virar – Disse que precisava de

minha ajuda. Não pude recusar.

- E você a ajudou?

- Não. – Flávia virou-se para a mulher – Não a encontrei. Na verdade, é muito estranho o que aconteceu.

Agnes e Léo permaneceram em silêncio, aguardando que Flávia explicasse o que considerava como “estranho”.

- Cheguei aqui. – continuou – Demorei algum tempo tentando encontrá-la, até descobrir que já havia morrido há muitos anos. Estou esperando a confirmação do cartório da cidade vizinha, mas é certo que isso aconteceu realmente.

- Não consegui entender, Flávia. – adiantou-se Léo – Como essa pessoa pôde lhe pedir ajuda, se estava morta?

- Eu também não consigo entender. Mas tenho certeza de que era essa pessoa, sim.

- O que ela queria de você? – perguntou Agnes – Posso saber?

- Também não sei. Como eu disse, não pude encontrá-la.

- Tem alguma coisa que não está encaixando aí. – Léo revelou seu pensamento.

- Obviamente que sim, policial. – Flávia estava se chateando com tantas desconfianças

– Quando pensei em vir para cá, não imaginei estar numa situação como essa. Estou na casa de gente completamente estranha; minha filha correu risco de morte e, pelo que sei até agora, ainda corre. Isso quer dizer para mim que tem muita coisa não encaixando. Principalmente, eu e minha família neste lugar.

- Não quis ofendê-la. Também estou tentando ajudar.

Flávia engoliu o choro. Suas palavras surtiram como um desabafo, mas não tinha a intenção de descontar em Léo; ele estava sendo muito atencioso com todos, não merecia que ela depositasse

nele sua revolta e medo. Agnes teve uma certeza em seu velho coração; a mulher não estava mentindo, só não dizia toda a verdade.

Marcus, Aurélio e os demais pareciam confabular algum plano, já que estavam, explicitamente, contrariados com a presença de vampiros em seu meio. Alexander, depois de argumentar com eles algumas de suas intenções, aproximou-se de Wladmir, que permanecia solitário, em um dos cantos do alojamento, observando a movimentação.

- Tem saudades da terra natal? – perguntou Alexander.

- Wladmir sofrer muito lá.
Mas tem saudades, sim.

- Sabe o que está prestes a acontecer?

- Sim. Wladmir escuta bem, ouviu tudo que falaram... E conhece pessoas que moram aqui, sabe que estão preocupadas.

- Então, tem consciência do que tem a fazer.

- Cuidar de garoto. Este trabalho de Wladmir.

- Isso. Cuidar dele, para que ele cuide dela.

O russo deu a entender que compreendera o que Alexander quisera dizer. Não era necessário

ninguém pedir; ele estaria ao lado de Julian.

- Sei da sua lealdade à minha velha amiga Agnes e ao neto dela.

- Gostar de ajudar família.

- Pois preciso de uma ajuda sua também.

- Wladmir ajuda, sim. — respondeu o russo, mesmo sem imaginar no que seria útil ao jovem e educado rapaz.

- Quando as coisas ficarem ruins por aqui, preciso que você vá até a casa e peça à Agnes algo em meu nome. É só mencionar que foi até ela a meu pedido, e ela lhe entregará. Já conversamos a

respeito, e ela está sabendo do que se trata. Você compreendeu?

- Sim. Ir até casa e pedir à senhora o que moço quer.

- Isso, amigo. Depois, entrega aos quatro vampiros que estão comigo.

- Poder confiar. Wladmir faz o que pedir.

Alexander ergueu a mão e deu um pequeno tapinha nas costas altas de Waldmir, fechando a rápida conversa. Nisso, os ânimos alvoroçaram dentro do alojamento; Camuel e Rania entraram pela porta. Antes que Marcus tomasse qualquer atitude, Alexander interveio.

- Acalmem-se, amigos. – alertou Alexander – Não são esses os vossos inimigos.

Os lobos posicionaram-se, rapidamente, em um longo corredor polonês, por onde passaram os dois vampiros. Rosnaram e ameaçaram, mas Camuel continuava firme na direção de Alexander. Rania, mais tensa, seguiu atrás. Quase no final do corredor, Marcus parou diante de Camuel, obrigando-o a também parar. O vampiro encarou-o sem medo.

- Deixe-o passar, Marcus. – ordenou Alexander.

Marcus fechou o semblante e

demonstrou em seu olhar que, se não fosse por Alexander, ele destruiria Camuel no mesmo instante. O vampiro apenas sorriu com o canto da boca. Marcus saiu da frente de Camuel, deixando a passagem livre. Ele, então, foi até onde Alexander estava.

- Quer alguma coisa, Camuel?

- Um dos meus, que há muito tempo me acompanha, está lá fora, além dos muros.

- O africano.

- Acredito que deve saber que foi mordido por você. Portanto, agora, é considerado uma...

- Uma aberração. –
interrompeu Alexander – Eu sei.
Mas foi preciso; ele me atacou. Não
pude evitar. Durante longos e
intermináveis anos, fiquei sob o
controle de Alexia, não poderia
deixar algo atrapalhar o que eu já
havia planejado.

- Não posso deixá-lo lá fora.

- Também não pode trazê-lo
para dentro. Agora, ele não é nem
vampiro, nem lobo; você sabe.

- Tem outra coisa.

- Certamente que sim. Não
seria somente a preocupação com o
africano que o traria até aqui.

- Aquele garoto está com

algo que não pertence a ele.

- E nem a você. Na verdade, não pertence a ninguém; a não ser a ela mesma.

- Eu a respiro desde que ela nasceu. Ele a conhece há alguns dias...

- Não acredito, Camuel. – Alexander riu – Está com ciúmes do garoto!

- Não se trata de ciúmes. – respondeu, irritado – Sou o responsável por ela. Nada mais do que isso.

- Você tem que deixar que ela escolha onde quer ficar e com quem quer ficar. É o livre-arbítrio.

Camuel movimentou a cabeça, negativamente, demonstrando sua decepção. Alexander encarou-o com seriedade.

- Além do mais, precisamos focar nossas atenções no que irá suceder, muito em breve, neste lugar. Decidiremos, depois, como iremos conduzir esse impasse.

O vampiro deu as costas a Alexander e saiu pisando duro. Rania, sem entender muito, saiu apressada logo atrás. Os lobos gritavam e divertiam-se, observando a irritação de Camuel. Marcus fez um sinal para Alexander, indicando não haver compreendido a atitude

dos vampiros, mas ele apenas cruzou os braços, pensativo. Camuel não poderia lhe causar mais problemas do que ele já tinha no momento.

Parecia um duelo de olhares. Na cozinha, Ariela e Angelique estavam sentadas em lados opostos da mesa. Aquela tinha acabado de lanchar e permanecia com os braços cruzados, caprichando, o máximo possível, na cara de mafiosa.

- Quer mais alguma coisa? – perguntou a sarcástica Angelique.

- Estou satisfeita. Por enquanto. – respondeu Ariela, com ar de deboche.

- Engraçado isso... Você nunca tinha posto os pés aqui antes. Deparou-se comigo muitas vezes na cidade e nunca nem sequer me cumprimentou. Mas foi só ficar amiguinha da esquisitinha, que está aqui sentada na minha cozinha, achando que está podendo.

- Não estou achando nada. Nem queria estar aqui, na cozinha da sua avó. — deu ênfase à “avó” — Queria estar em casa, tranquila, sem esse bando de gente louca.

- Mas foi da comida desse bando de gente louca que você se satisfez.

- Isso só quer dizer que gente

louca também sabe fazer boa comida, ora!

Angelique não queria, mas teve que rir. Ariela era um entojo, mas também muito sincera. Nisso, tinha que dar o braço a torcer.

- Vou até o quarto para ver o que estão fazendo.

- Vai xeretar, não é? – usou de sinceridade mais uma vez Ariela.

- Não! Só quero ver como estão.

- Deixa os dois sozinhos. Quem sabe estão rolando uns beijinhos?

Angelique levantou-se, bufando.

- Ela vai beijar a minha mão, isso sim.

Ariela fez beicinho para provocar Angelique, enquanto fazia mímica, como se estivesse beijando alguém. Angelique enraiveceu, ficando com o rosto mais vermelho que seus cabelos. Ela estava pronta para sair da cozinha, quando Eliézer, filho de Aurélio, entrou correndo.

- Angelique... – foi só o que falou o menino com a respiração ofegante.

- O que foi, garoto?

Eliézer tinha uns nove ou dez anos de idade. Bastante robusto pelo

seu tamanho, e Ariela notou suas vestimentas rústicas.

- Calma! O pobrezinho está tentando respirar. – pediu Ariela, notando a dificuldade do garoto em se expressar.

- O que pode ser tão grave assim, para essa urgência toda?

- Angelique, avise sua avó. – falou o menino com hiatos entres as palavras – Os vampiros estão chegando!

Angelique e Ariela arregalaram os olhos e olharam-se assustadas. Acabaram ali suas diferenças. As duas concordavam; isso era grave e urgente.

Capítulo Vinte e Seis – Até quando esperar?

Julian entrou correndo na sala e percebeu que todos já estavam cientes da iminente ameaça. Léo permanecia com Nicolas, ainda adormecido em seus braços. Flávia mantinha-se ao lado do policial, com a nítida expressão de não saber o que fazer. Agnes remexia os lábios, como quem faz uma oração. Possivelmente, a velha mulher pedia toda a ajuda possível. Ela, melhor do que ninguém, já havia presenciado lutas sangüinárias que

ceifaram de sua presença entes queridos.

- Vocês precisam vir comigo. – pediu Julian – É melhor se ficarem todos juntos.

- Para onde vamos? – perguntou o policial.

- Melanie está com as meninas no quarto.

- Quero ver minha filha. – exigiu Flávia.

- Ela está esperando vocês. – concordou Julian – A senhora vem junto, vó?

- Não, querido. – respondeu Agnes - Ficarei aqui.

- A senhora não pode ficar

sozinha.

- Não se preocupe, meu filho. Estarei bem... Apenas cuide destas pessoas.

Julian sentiu o coração apertar, mas tinha conhecimento da teimosia latente da avó; ela não mudaria de ideia. Restava a ele reunir Melanie e sua família, para que se mantivessem próximos naquela hora difícil. Julian indicou o caminho, e Flávia, seguida por Léo, entrou pela casa.

Melanie, Angélique e Ariela permaneciam abraçadas no quarto. Quando Melanie avistou Flávia entrando, correu ao seu encontro e

abraçou-a apertado.

- Estou com medo, mãe.

- Eu também, filha.

- Eu passei algumas horas com eles... – revelou Melanie, soluçando - São maus. Sei do que são capazes.

- Quem são eles? – perguntou Léo, colocando Nicolas na cama.

- Vampiros. – falou mais do que rápido Ariela – Eu ouvi o menino chamando eles assim. Vampiros.

- Pare de brincadeira, menina. – zangou-se Léo – Não está vendo que todo mundo aqui está nos

nervos?

- Não é brincadeira, moço. – falou ela, emburrada – Eu só estou dizendo o que o rapaz falou. Ele disse *vampiros*.

Melanie tinha ainda mais certeza da verdade do que Ariela. Mesmo considerando que a chamariam de inconsequente, não poderia deixar que a amiga fizesse sozinha esse papel.

- É verdade, Léo! – revelou Melanie, olhando para o investigador e, seguidamente, para Flávia – Parece difícil de acreditar, mas são vampiros, sim.

Léo não conhecia assim tão

bem a filha de Flávia, mas pelo pouco que convivera com ela, não parecia ser uma dessas garotinhas bobas, loucas para fazer besteira. E, como ela mesma mencionou, parecia ser difícil de acreditar. Ademais, o investigador não pôde deixar de notar sinceridade nos olhos de Mel. Flávia desejava, do fundo do coração, apenas ter ouvido esse nome “vampiro” em um livro de Bram Stoker, ou em algum filme de John Carpenter; mas não era só isso... Já havia se deparado com o termo há algum tempo. Neste momento, ela tinha a certeza de que não poderia mais ocultar seus

fantasmas. Eles não mais a perseguiram; já a tinham alcançado!

- Eu acredito em você, Mel.
— enfatizou Flávia — Acredito, porque já estive com um.

Melanie sentiu o chão sumir debaixo de seus pés. Como isso?! A mãe já estivera com um vampiro?! Isso, sim, parecia brincadeira de mau gosto. Mas Flávia nunca brincaria numa hora como aquela. Então, o que deveria ela pensar?

- Não estou entendendo, mãe. Dá para me explicar?

Flávia sentou na cama e passou as mãos sobre os cabelos de Nicolas. Ela evitava olhar para

qualquer uma das pessoas do quarto.

- Mãe, estou esperando. – insistiu Melanie.

- Calma, Mel! – pronunciou, com dificuldade, Flávia – Não é nada fácil, para mim, falar de algo que fiz questão de esquecer.

- Tem alguma relação com o meu pai?

Flávia ficou em silêncio, tentando juntar forças para falar. Julian entrou quase sem ser notado no quarto e posicionou-se ao lado de Angelique e de Ariela. Todos estavam concentrados em Flávia e em sua resposta.

- Responda, mãe. Tem

relação com meu pai?

- Tem, Melanie. – Flávia respirou fundo.

- Então, me fala logo.

Flávia piscava sem parar, demonstrando seu nervosismo extremo. Melanie continuava impaciente.

- Fala, mãe!! – gritou.

– Seu pai era um deles. – explodiu Flávia.

Mel recebeu a sentença, e suas pernas arquearam. Julian percebendo, mais do que depressa, amparou-a. Angelique e Ariela levaram a mão à boca quase que ao mesmo tempo. Léo, sem reação, não

sabia nem no que pensar.

- Não é só isso. – continuou Flávia, já tomada pelas lágrimas – Antes, quero que você saiba que você e o Nicolas sempre serão o mais importante para mim. Entendeu?

Melanie, encostada ao peito de Julian, não conseguia responder. Apenas demonstrou que havia entendido, ao balançar a cabeça.

- Eu não dei à luz a você. – revelou, soluçando – Mas serei sempre a sua mãe.

Não era como um sonho, nem como um pesadelo; os sentimentos de Mel eram inexplicáveis! Julian

confortava-a, mas ela sentia-se presa em um tufão.

- Você não é minha mãe? – sua voz quase não saía.

- Biológica, não. – Flávia segurou suas mãos – Sou sua tia.

O outro filho de Aurélio, Elias, fora encarregado de permanecer em Monte Seco e avisar quando Alexia e seus subordinados chegassem. Assim que os vampiros colocaram os pés na pequena cidade, ele correu à fazenda para contar aos demais. Isso daria uma dianteira, e não seriam pegos de surpresa. Dona Carmélia e os outros moradores foram alertados para que

não abrissem as portas para ninguém. As ruas da cidade nunca tinham recebido tantos carros de motores potentes. Era um estardalhaço na avenida central de Monte Seco.

Quando Elias chegou, Alexander já tinha conhecimento das notícias de que o rapaz portava. Sua irmã vingativa estava muito próxima.

- Então, o que faremos, grande Alexander? – desdenhou Marcus.

- Quero que saibam de uma coisa: – disse, firme, Alexander – quando transformados, atacam

somente os vampiros.

- Nem sempre conseguimos conter nossa fúria. – argumentou Aurélio – Nossa sede se torna mais forte do que nós.

Os demais lobos concordaram em uníssono. Marcus observava.

- Querem saber mais de fúria e sede do que eu? – esbravejou Alexander – Eu tive que aprender a dominar meus instintos. Vocês nasceram em outra época, com a possibilidade da escolha.

Alexander olhou para Marcus.

- Não vão usar isso para

seus planos de ódio e vingança. Se quiserem atacar algo, concentrem-se nos malditos vampiros.

- Você é como minha mãe, acredita em velhas histórias. – disse Marcus, retribuindo o olhar – Acham que um fedelho e uma garota insignificante é que vão conduzir nossos destinos.

- Continua querendo bater de frente comigo, Marcus? Mesmo nesta hora, em que precisamos estar unidos, quer me afrontar. Mas não significa que não tenha medo de mim. Mas, sim, do próprio sobrinho. Sabe que ele é mais forte do que você.

Marcus mantinha um sorriso sarcástico e um coração abarrotado de ódio. Jamais aceitaria tal conclusão.

Julian fazia o que podia para confortar Melanie. Não desgrudava da garota, mesmo depois de ela ter sentado na cama de Angelique. Queria ficar ao seu lado, na tentativa de amenizar a dor que as revelações de Flávia estavam causando.

- Como pode ter escondido isso de mim? – perguntou Melanie, chorando.

- Eu não queria que você sofresse. Eu queria protegê-la.

- Sempre a mesma história...

– disse Ariela, levando em seguida a mão à boca, percebendo o inconveniente.

- Então, quem é minha mãe?
E meu pai?

- Sua mãe chamava-se Fernanda, era minha irmã mais nova.
– confessou Flávia - Nós vivíamos em um sítio aqui perto, quando eu e ela éramos crianças.

- A foto na pousada... Eram vocês... – deduziu Melanie.

- Sim. Meus pais, eu e Fernanda. Meu avô, que também estava na foto, era amigo da Dona Carmélia.

- E aquela mulher lá no

fundo, a de cara amarrada?

- Era a mulher que me fez vir até aqui, que me ajudou a fugir com você quando Fernanda... – Flávia hesitou por alguns instantes – Bem, quando Fernanda...

- Morreu. – completou Melanie – Quando minha mãe morreu.

Flávia concordou com um aceno de cabeça. Exceto Julian, que esfregava levemente as mãos trêmulas de Mel, ninguém mais mexia um músculo, concentrados na história.

- Sim, quando ela morreu. Sua mãe morreu quando você

nasceu. Eu estava apavorada pelos acontecimentos que antecederam o seu nascimento; então, fugi. Minha intenção era de nunca mais pisar nesta cidade, nem de magoá-la contando a verdade.

- A verdade não magoa mais do que a mentira, mãe. E você deveria saber que a mentira sempre aparece.

- Eu tinha esperanças, filha. Não me culpe, por favor.

- E meu pai. Quem é ele?

- Seu pai apareceu de repente na cidade. No início, ninguém sabia quem era e de onde veio. Tempos depois, já sabiam que

o rapaz bonito e elegante também era um artista, um pintor. Ele comprou uma fazenda, divisa com nosso sítio. Minha irmã ficou encantada com ele, não parava de pensar nele. Ela acordava, dormia, comia, respirava falando o nome dele: Thomas. Era inglês, se não me engano, mas pronunciava muito bem o português. Ninguém estranhou o fato de ele só comparecer nas redondezas durante a noite; todos achavam que ele trabalhava muito durante o dia, que tocava sozinho a fazenda, sei lá...

- Como se conheceram?

- Certo dia, teve um

casamento, e eles dançaram a noite toda. Lembro até que fiquei com ciúmes. – Flávia enxugou as lágrimas – Era muita devoção que ela tinha por ele.

- E o que aconteceu com ele?

- Quando sua mãe estava grávida de você de uns dois meses, mais ou menos, Thomas comprou o velho seminário e iria restaurá-lo, mas não tinha a intenção de casar com Fernanda. Diziam que ele passava, horas e horas, sozinho lá dentro. Ninguém tinha coragem de entrar no velho prédio; só ele. Um dia, Fernanda resolveu ir até lá, e eu tive de acompanhá-la; ela estava já

com uns seis meses de gravidez. Entramos, tentando fazer o menor barulho possível. Eu estava morrendo de medo! Seguimos até um porão muito escuro, e ele estava lá, discutindo com uma mulher.

- Discutindo? – Léo sentiu-se compelido a interromper – Mas por quê? Pelo quê?

- Como poderia saber? Eu nem conhecia ele direito.

- E quem era essa mulher?

- Ela era uma jovem muito bonita, mas, assim como Thomas, tinha a pele muito pálida. Fernanda enlouqueceu na hora, brigou, xingou alto, até que conseguiu chamar a

atenção dos dois. Eu fiquei aterrorizada quando vi o rosto deles. Nunca mais consegui esquecer o rosto daquela mulher, aqueles dentes enormes apontando para mim.

- Mas não souberam nada sobre quem poderia ser ela? – arriscou a perguntar Léo.

- Nunca soubemos, Thomas e ela sumiram no outro dia. Ele apenas deixou um bilhete pedindo para Fernanda desaparecer de Monte Seco. Ele dizia que ela estava em perigo. Mas minha irmã era cabeça-dura e não acreditou. Ficou durante todos os dias, até você nascer, acreditando que ele voltaria.

- Por isso você fugiu quando ela morreu. — completou o investigador.

- Meu medo era de que fosse verdade, e Melanie também corresse perigo.

Léo, percebendo que Flávia estava esgotada, abraçou-a com ternura. Ela voltou a chorar. Melanie olhou para Julian, ansiando que ele pudesse aliviar seu sofrimento. O rapaz compreendeu o que seus olhos queriam dizer e aproximou-se de seu ouvido.

- A luz da manhã logo vai chegar e, com ela, tudo isso vai embora. — ele sussurrou ainda mais

próximo de Melanie - Menos eu.

Mel fechou os olhos e acreditou, com todas as suas forças, nas palavras de Julian. Ela poderia ouvir a voz dele, acima de todos os ruídos do mundo.

Pouco acontecimento poderia assustar um vampiro, praticamente nada os faziam recuar. Possuíam força, inteligência, rapidez e domínio sobre toda situação; mas, ser mordido por um lobo de pura raça, como Alexander, isso era amedrontador! Poucos existiam no mundo; e podiam-se contar nos dedos os tipos de lobos temidos por vampiros. Quando mordidos,

imediatamente, transformavam-se em aberrações, desprezados por todas as classes de lobos e de vampiros. Seus genes combinados produziam, em um só corpo, o pior de cada raça.

Iori rastejava junto ao muro; suas forças tinham o abandonado desde que seu corpo sofrera as mutações. Ele só nutria um desejo: morrer com dignidade. Miguel ficou observando-o por um longo tempo, lembrando as façanhas que viu Iori realizar.

- Man, você está muito mal.
— constatou Miguel, de cócoras sobre o muro.

Iori reconheceu a voz de Miguel e apenas conseguiu balbuciar algumas palavras desconexas.

- Camuel mandou ajudá-lo. Mas não sei como, velho amigo.

Nem houve tempo suficiente de Miguel reagir, e um vampiro saltou de dentro do mato que cercava a fazenda. Empunhando uma espada de prata, sem um mínimo de misericórdia, o vampiro passou por Iori e feriu-o, mortalmente. Miguel ainda conseguiu ouvir o vampiro chamar-lhe de traidor antes de sumir, novamente, no mato cerrado. O americano não conseguia lembrar quando fora a última vez em que

vira um vampiro empunhar uma espada. Somente em ocasiões de pompa; nunca em uma guerra. Isso era tática ultrapassada, de antigos e extintos vampiros.

Miguel, mais do que depressa, foi à procura de Camuel. Alguma situação ainda precisava ser esclarecida. No caminho, esbarrou com Charlotte.

- Aonde vai com tanta pressa? – perguntou ela.

- Acabei de ver um dos guardiões de Alexia matar Iori... Com uma espada de prata.

- Ela trouxe os guardiões... – deu-se conta a francesa – Então, está

levando a sério a disputa.

- Somos mais que desertores.

Para eles, agora, somos traidores.

- Camuel, precisa saber e os malditos lobos também.

- Isso lhe responde por que eu estava com pressa.

- Mais do que eu gostaria de saber.

Os dois vampiros projetaram seus corpos na direção do alojamento dos lobos e saltaram. Se antes não tinham tempo, agora pareciam não ter mais chance.

Capítulo Vinte e Sete – Quebre as correntes.

Os minutos que passaram, mais se arrastaram como sendo horas. Estavam todos diante da grande casa. Alexander fez uma rápida contagem, havia 27 lobos na fazenda; contando com ele, Julian e até mesmo com Angelique. Quatro vampiros também estariam do seu lado e, neste ponto, Alexander sabia que Camuel e os outros permaneceriam fiéis. Um homem, armado sim, mas somente um. O restante eram mulheres e crianças. Do lado de fora, não se sabia ao certo quantos existiam. Alexia, seus

guardiões e mais uns 30, 40 ou até mais vampiros. Não parecia justo.

- Agnes! Você, as mulheres e crianças vão para dentro da casa. – sugeriu Alexander – Os demais permanecem aqui, se colocando em pontos estratégicos dentro do pátio.

Alexander olhou para Léo e percebeu sua arma debaixo da jaqueta. Ele sabia que teria poucas chances usando-a, mas toda ajuda era bem-vinda.

- Você pode ficar com as mulheres? – perguntou Alexander a Léo – Não é bom elas ficarem sozinhas.

- Claro! – respondeu ele,

colocando a mão sobre a arma – Ninguém se aproximará delas.

Alexander concordou com a cabeça, mesmo ciente de que foram palavras ao vento. Não seria tão fácil assim as manter em segurança. Julian estava com Melanie envolvida em seus braços. Ele não tinha a intenção de deixá-la.

- Ficarei com a Melanie. – anunciou Julian - Não vou sair de perto dela.

- Você vai ficar aqui conosco. – respondeu Alexander e, em seguida, apontou para Léo – Ela ficará sobre a responsabilidade daquele homem.

- Não! – respondeu Julian, abraçando-a ainda mais forte, quase a fazendo ficar sem ar – Eles a querem. Então, terão que passar por mim. Já disse; não saio de perto dela.

Alexander, contrariado, fechou o semblante, mas sem intenção de continuar a discussão. Percebeu que Julian era teimoso, e nada o faria desistir da ideia de proteger a garota.

- Isso era mais do que certo. O lobinho vai fugir da luta. – provocou Marcus.

- Pense o que quiser. – respondeu, indignado, Julian – Não

preciso provar nada pra você.

- Não é hora, Marcus. – tomou as dores Agnes – Já temos muito com que nos preocupar.

- Não interessa onde ela vai estar. - continuou Julian - Me interessa saber que ela vai estar bem.

Marcus demonstrou intenção de revidar, mas os gritos que partiram do lado de fora dos muros desviraram sua atenção. Agnes e o restante das mulheres iniciaram uma correria à casa principal; muitas delas já tinham os filhos adormecidos em seu interior. Os lobos, sob o comando de Alexander,

espalharam-se em pequenos grupos, na tentativa de defenderem o lugar. Léo segurou levemente no braço de Flávia e puxou-a na direção da entrada; Angelique e Ariela caminharam abraçadas e em passos largos, seguindo Flávia e o investigador. Julian percebeu a prima quase passando pela porta e chamou-a:

- Angelique! Espere.

Angelique e Ariela pararam e viraram-se para Julian. Ele caminhava na direção das duas, mas sem se descuidar de trazer Melanie junto de si, bem próxima, e sob seus excessivos cuidados.

- Preciso que você me ajude.
— pediu Julian — Melanie não pode ficar aqui.

- Para onde quer levá-la? — perguntou a prima — Não tem como sair da fazenda agora.

- Eu sei um jeito; só que preciso da sua ajuda.

- Mas você insistiu para que eu viesse para cá. Lembra? — entrou na conversa Melanie.

- Por favor, quero que você entenda. — Julian posicionou-se de frente a ela, colando seus olhos nos de Melanie — Aqui é muito arriscado para você ficar agora. Eu tinha a esperança que, talvez, os vampiros

não conseguissem a encontrar. Mas eles a seguiram até aqui, porque acham que você será mantida escondida em algum lugar desta fazenda. Temos ainda algumas horas até o amanhecer e, neste tempo, você precisa ficar longe deles, o máximo possível.

- E eu não posso ficar longe da minha... – Melanie parou uns segundos – Mãe.

- O policial e o restante da minha família vão proteger sua mãe e seu irmão com suas vidas, se preciso for. Pretendo fazer o mesmo por você, mas tem que me deixar fazer o certo.

- Está bem. - Melanie não via alternativa, a não ser seguir a intuição de Julian – Vou com você aonde você for.

- Falando nisso, onde pensa em escondê-la?

- Meu lugar secreto. – respondeu de imediato.

Bastou o primeiro vampiro surgir, saltando pelo muro, para que a guerra começasse. Um após outro, os vampiros invadiram o pátio da fazenda. Os lobos não perderam tempo e, já transformados, revidavam com fúria cada ataque recebido. Os barulhos cruéis das lutas sangrentas ecoavam dentro da

casa principal, trazendo arrepios de medo a todos. As crianças acordaram e, gritando, aconchegavam-se nos colos de suas mães. Agnes, de joelhos, sentia o peso da desolação sobre seu frágil corpo. Seria ela capaz de suportar mais essa sofreguidão, no fim da vida? Nicolas acordou e, sem nada entender, estava de pé, ao lado de Flávia, recebendo seu abraço. Léo mantinha-se imóvel, junto à janela, com os olhos fixos no que acontecia do lado de fora. Quando foi incumbido de atender à ocorrência na cidade vizinha, jamais imaginou presenciar o que estava diante de

seus olhos. O investigador tinha ouvido da amiga de Melanie que vampiros existiam, agora estava vendo, por si mesmo, que era verdade! Eles não só existiam, como estavam em luta fatal contra lobisomens!

Alexander chamava a atenção mais do que os outros lobos; era maior em proporção e força. Os vampiros temiam se aproximar do grande lobo, sabendo no que se transformariam se Alexander os mordesse. Wladmir saiu de dentro da casa, com algo envolvido em um pano; era o favor que Alexander havia pedido. O desproporcional

russo aproximou-se de Camuel e entregou algo ao vampiro, que o recebeu sem ainda entender.

- Grande lobo mandar entregar para vocês.

- O que é isso?

- Wladmir não saber...

Apenas obedece ao que grande lobo pedir.

- Quando foi isso?

- Não saber ao certo... Antes de inimigos chegarem.

Camuel colocou o embrulho sobre o chão e desenrolou o pano. Quatro espadas de prata de antigos guerreiros lobos resplandeciam sob a luz da lua. Prata, a inimiga mortal

de ambos os lados. Quando os lobos transformavam-se somente nas luas cheias, antes das mutações criadas por Cassius, eram presas fáceis para os vampiros; por isso, precisavam da proteção que a prata fornecia.

Camuel, entendendo a intenção de Alexander, segurou uma das espadas e passou as restantes para Charlotte, Rania e Miguel. Foram considerados traidores e, se queriam sobreviver, era necessário destruírem seus oponentes por completo, e o fio das espadas de prata proporcionaria essa vontade.

- Você já usou isso, Camuel?

- Há muito tempo... Era

assim que os lobos se defendiam de nós...

- Não é perigoso para nós também? – perguntou, preocupada, Rania.

- Obviamente que sim, se forem golpeados com elas. Portanto, não a deixem cair. Suas vidas dependem disso.

Assim que receberam as espadas, os três vampiros avançaram ao centro da batalha e golpearam os primeiros opositores. A arma transpassava seus corpos, causando o ferimento que extirpava suas vidas. A prata corroía as peles e os órgãos, trazendo a morte quase

instantânea. Os demais vampiros, percebendo isso, passaram a tomar mais cuidado ao se posicionarem para enfrentá-los.

Dentro da casa, Agnes tentava acalmar, em vão, as mulheres.

- Mantenham a calma... Logo vai passar essa tormenta. — acreditava ela.

O choro de crianças e de mulheres não cessava; era uma sensação de agonia e desespero de se presenciar. A velha mulher unia as mãos junto ao peito e mantinha o pensamento nos netos. Onde estariam Julian e Angelique?

Ainda na janela do quarto, Léo observava atentamente. Flávia, agarrada a Nicolas, improvisava uma oração.

- Isso tudo é uma loucura! – constatou Léo.

- Como eu pude ter deixado isso acontecer? – lamentou Flávia, em prantos.

- Você não tem culpa, Flávia. – discordou Léo – Pelo que eu vejo, isso vem acontecendo há anos.

- Mas minha família não deveria estar no meio disso. Fui eu que os trouxe para cá.

- Você pode ter razão. Mas,

agora, eles estão aqui, e você não pode perder a calma.

- Eu odeio a minha irmã por isso!

- Não fale bobagens. Se não fosse por ela, você não teria sua filha.

Flávia ponderou que Léo tinha razão; Melanie valeria todos os riscos.

Esgueirando-se pelo mato, Julian e Melanie chegaram até onde ele havia escondido a velha caminhonete F-100. Angelique e Ariela chegaram na sequência, já que Angelique teve que parar muitas vezes para auxiliar Ariela.

- Eu deixei a caminhante aqui, escondida, se fosse preciso. – avisou Julian.

- Sua intuição estava certa. – concordou Melanie.

- Vamos ter que tomar o máximo de cuidado. Não posso ir pela estrada.

- Vai ter que seguir pelas fazendas. – completou Angelique.

- Não vão seguir a gente? – perguntou uma cansada Ariela.

- Queira Deus que não! – Julian torcia.

- Estamos perdendo tempo com tralalá... Vamos logo.

Julian e Melanie seguiram

para a cabine, e Angelique fez um sinal para Ariela subir na carroceria.

- Eu? – espantou-se a menina – Por que justamente eu?

- Não cabe todo mundo lá dentro, ora. Para caber a senhora, nós duas teremos que ir aí atrás.

- Nossa, Angelique! Isso doeu, sabia?

- Vai doer bem mais se nos pegarem, se você não subir logo.

Ariela derrubou a tromba, novamente.

- Está bem! Já estou indo, Lava Girl.

Angelique torceu o nariz e

entrou na caminhonete. Ariela demorou, mas conseguiu subir também. Julian ligou o veículo, e o barulhento motor rugiu mato adentro. Era mais do que na hora de partirem.

Marcus e os lobos estavam cercados; Camuel, Charlotte, Rania e Miguel, encurralados. A luta havia dado uma trégua, e os oponentes apenas se estudavam, antes de o embate reiniciar.

- Alguém viu onde está a garota? – perguntou Camuel, empunhando a espada com as duas mãos.

- Por que se preocupa com isso numa hora dessas, Camuel? –

repreendeu Charlotte.

- Alguém viu onde ela está?
– insistiu o vampiro, com mais vigor nas palavras.

- Eu os vi fugindo, por detrás de um barracão há algum tempo. – revelou Rania.

- Como? Fugindo pra onde?

- Como posso saber? Não sou eu que tenho o dom de adivinhar as coisas.

- Não sou adivinho. – refutou Miguel, considerando que o comentário foi para si – Eu vejo o que realmente vai acontecer.

- Então, pode prever como vamos nos livrar dessa? – ironizou a

francesa.

- Fácil. Vou acabar com esses miseráveis e, depois, cortar a sua língua com essa espada.

- Calem-se!— bradou, ferozmente, Camuel.

Os vampiros adversários riram, vendo seus oponentes em discussão.

- Mantenham a calma. — pediu brandamente Rania — Não podemos mostrar fraqueza.

- Quem estava com ela?

- Ainda insiste com isso, Camuel? — perguntou Charlotte.

- Não está vendo que essa é a fraqueza dele, francesa?! —

completou o americano.

- Me diga, Rania. O garoto-lobo estava com ela?

- Sim. Ele e a menina-loba.

- Para que lado eles foram?

– Camuel espumava de ódio pela confirmação, mais do que pelo vampiro que o ameaçava a todo instante.

- Foram por ali. – Rania apontou o barracão, um pouco mais afastado - Não está pensando em ir atrás deles, está?!

- Eu preciso.

- Vai fugir da luta, Camuel?

– provocou Charlotte – Tudo por causa de uma humana sem valor?

Nem bonita ela é!

- Por que toda mulher bonita, sendo vampira ou humana, acha que pode dominar o mundo e considera todas as outras como lixo?

- Por que, Miguel? Porque isso é o que somos.

Charlotte encerrou sua frase, ao mesmo tempo em que Alexia, a rainha vampira, descia do céu, como um anjo, uma fada cheia de encantos e repugnância, posicionando-se diante dos vampiros que a serviam. Os dois guardiões, com suas espadas de prata, apareceram na sequência e colocaram-se um de cada lado de Alexia. Camuel

considerou ser essa a sua chance de sair, antes de a luta recomeçar. Então, deu um longo salto, projetando-se até cair em cima do barracão mencionado por Rania. A húngara fez o mesmo. Charlotte e Miguel olharam-se surpresos.

- Vai fazer isso também? – perguntou o americano.

- Não! – respondeu Charlotte – Não sou de fugir de nenhuma briga.

- Vou ficar aqui com você.

Alexia observou a fuga dos vampiros.

- Pobre Camuel! Pensa que pode fugir de mim.

Alexia olhou para os dois guardiões e sinalizou para que fossem atrás dos fugitivos; eles, prontamente, obedeceram. Alexia percorreu o olhar ao redor, até encontrar com os olhos do irmão; Alexander estava no meio dos lobos, ao lado de Marcus, cercado pelos vampiros.

- Alexander! Meu amado irmão... – gritou a rainha vampira - Antes tivesse permanecido sob minhas ordens. Ao menos, estaria vivo antes deste dia amanhecer.

O grande lobo não trazia medo nos olhos; eles estavam transbordantes de aversão por

aquela que acabara de chegar.

- Sei que foi você que orquestrou tudo isso. Conseguiu me enganar, seu verme, fazendo com que eu acreditasse que dependia de mim. Dei meu amor e meu cuidado a você e me paga assim, com traição! Mas o preço é bem mais caro, Alexander. Vai pagar com a vida.

Alexia soltou um grito aterrorizador e lançou-se na direção do grande lobo. Essa era a hora; a luta mortal entre vampiros e lobos retomava o seu curso.

Capítulo Vinte e Oito – Como os ponteiros de um relógio

A caminhonete F-100 cruzava as plantações com destino certo: o lugar secreto de Julian. Ariela segurava-se o mais que podia, mas os solavancos e pulos que a caminhonete dava quase a jogavam para fora. A garota sentia seus dedos desprenderem-se das laterais, as quais tentava segurar. Não bastasse isso, o vento forte jogava seus cabelos encaracolados no rosto, não contribuindo para que ela verificasse algum perigo, caso os tivessem seguindo. Na cabine, o que

se ouvia era o som das marchas sendo trocadas. Um dos faróis parou de funcionar, pelo mau contato dos fios que os solavancos causaram; isso dificultava, ainda mais, a visão de Julian.

- Não consigo ver nada. – disse ele.

- Não seria melhor você ir mais devagar? – sugeriu Melanie.

- Não posso arriscar, indo mais devagar. Eles podem estar atrás de nós.

- Indo rápido desse jeito, vai nos matar antes que eles nos alcancem. – replicou Angelique.

Julian não deu ouvido e

continuou acelerando. Angelique cruzou os braços, decidida a não falar mais nada. Se Julian queria assim, por amor deslavado pela forasteira, não seria ela a contrariar. Melanie, angustiada, fechava os olhos, imaginando como estariam Flávia e Nicolas.

- Está pensando neles? Em sua família? – perguntou Julian, olhando rapidamente para Melanie.

- Lê pensamentos também? – respondeu ela com outra pergunta.

- Não é preciso; é só olhar para você.

- Não se preocupe... – tentou ajudar Angelique – Quer dizer, se

preocupe... Mas não tanto.

- Será que estão bem?

- Aposto que sim. O policial me pareceu bastante decidido a protegê-los.

- Isso é verdade. – completou Angelique – O bonitão estava de olho comprido para sua mãe.

Melanie lançou um olhar desaprovador para a garota de cabelos vermelhos.

- Não vai me dizer que não gostou? – brincou Angelique - Vai ganhar um pai novo, ora!

Mel imaginou que até não seria uma má ideia e esboçou um

meio sorriso à garota sentada ao seu lado. Tudo acabando bem, isso seria um achado; talvez a mãe pegasse menos no seu pé. Isso, obviamente, depois de explicar tudo sobre o episódio dos seus verdadeiros pais. Viajava ainda em seus pensamentos, quando sentiu seu corpo sendo jogado à frente, com força. Se não tivesse levado as mãos para frente e segurado no painel, teria batido com o rosto no para-brisa. Julian não viu um enorme buraco, e a caminhonete derrapou, depois de sofrer o impacto.

- Meu Deus! O que aconteceu, Julian? — perguntou

Angelique, recompondo-se no assento.

- Não vi o buraco. Quando tentei frear, já era.

Melanie olhou para trás e viu Ariela de pernas para o ar, estendida na carroceria.

- Ariela! Você está bem?

A menina sentou-se, ainda meio tonta e apalpando o próprio corpo.

- Nossa! Nossa! Nossa! Pode avisar ao Mr. Magoo que eu estou inteira.

- Na era um buraco, Julian; era uma cratera! Como você não viu?

- Não vi, Angelique. Não vi.
- respondeu Julian, socando o volante – Você quer dirigir?

- Eu não... Só estou dizendo...

- Não vamos perder a calma, gente. – abrandou Melanie – Foi só um buraco.

- Isso aí, cambada! – gritou lá de trás Ariela – Não sei se vocês notaram, mas sou a única do lado de fora. *Vambora*, que eu estou ficando com medo.

Julian passou as mãos pelos cabelos e respirou fundo antes de ligar novamente a ignição. Fora em vão; o motor não dava sinal.

Havia beleza no balé que os

vampiros executavam, saltando pelas copas das árvores mais altas. Camuel e Rania seguiam pelo rastro deixado pela caminhonete, no meio das plantações. O vampiro deduziu que foi desse modo que eles escaparam da fazenda, já que, por alguma razão, não podia sentir o cheiro de Melanie. Os guardiões acompanhavam de longe, evitando serem vistos. Independentemente de vampiro ou não, sempre se acredita que a surpresa é a eficiência de um bem-sucedido ataque.

Camuel estava prestes a acreditar que errara no seu palpite. Talvez tivessem escapado de outro

modo, seguindo para outro lado... Mas, de repente, avistou a velha caminhonete parada.

- São eles. — constatou Rania, terminando de saltar sobre a mesma árvore de Camuel.

- Maldito lobo, pensa que pode tirá-la de mim!

- Você ou ele, não interessa. Com Alexia por perto, vocês não têm chance. Não consegue ver isso? Terminando com os lobos da fazenda, virá atrás da garota e de quem estiver com ela. Espero que Charlotte e Miguel tenham feito o mesmo que nós.

- O quer que eu faça? Quer

que eu fuja? Que eu corra?

- Não seria o mais sensato a fazer? Essa garota não vale a pena. Desculpe, mas tenho que concordar com Charlotte.

- Fiz uma promessa, Rania. Sabe o que é isso? Dei minha palavra que permaneceria ao lado dela, independentemente da situação.

- Alexander logo estará morto. Alexia não permitirá que ele viva, depois de ter recuperado seu vigor. Você estará livre das promessas que fez.

- Você não entende. Acredita que é por Alexander que estou preso

a uma promessa?!

- Por quem mais seria? Além do mais, Camuel, você não costuma compartilhar conosco suas intenções. Se tivesse me contado o que realmente veio fazer neste país, teria vindo com você do mesmo jeito.

- Não podia contar a nenhum de vocês o motivo real. Não, até conseguir confiar em vocês.

- Isso quer dizer que ainda não confia?

- Não estou abrindo meu coração para você agora?!

Rania não teve tempo de responder; Camuel saltou para a

árvore mais próxima de onde a caminhonete estava. A húngara repetiu o ato.

- Levou todo esse tempo para confiar em mim, ou porque não tem opção, já que está tudo, às claras, agora? – Rania lançou a pergunta ao descer sobre a árvore.

- Nem tudo está tão claro como você pensa. – respondeu Camuel, ao estudar cautelosamente o interior da caminhonete e não conseguindo captar movimento algum.

- Camuel! Camuel! Quanta sujeira ainda está debaixo do seu tapete?

- Não se trata de sujeira.
Trata-se de honra, de
agradecimento.

- Confesso que estou curiosa
e pronta para ouvir.

- Não temos tempo para isso.
Mais uma vez, Rania não
teve como argumentar. Camuel
lançara-se no ar até pousar ao lado
da F-100. Ele circulou
cuidadosamente o veículo, parando
junto à porta do motorista. Rania
pousou ao seu lado.

- Ninguém aqui, Camuel.
Agora temos tempo para me contar
sua história.

Os primeiros instantes da

transformação eram bem mais difíceis para um vampiro. Dias, semanas e até meses de confusão; algo como entrar em uma dimensão totalmente desconhecida. O vampiro que acaba de ser transformado é como um recém-nascido; totalmente despreparado e dependente. Cada cheiro, cada imagem, cada som é algo novo e perturbador. O sangue do vampiro que o mordeu penetra em suas veias e age como um câncer, duplicando-se e eliminando o sangue humano, até extingui-lo. Nesse período, seu corpo meio humano e meio vampiro entra em ebulição, causando desconforto e

muita dor; é um novo metabolismo formando-se. Se não for forte o suficiente, o novo vampiro pode tirar a própria vida, ou pior, querer até se revelar aos humanos, ficando vulnerável a ponto de permitir que o eliminem. Camuel deparou-se com as duas opções.

- Meu avô era de família nobre da Inglaterra. – relatou à Rania, enquanto caminhavam pelo mato – Um bom homem, admirado pela realeza; um Sir. Mas tinha um grande problema que contribuiu para sua morte e destruição: meu pai.

- Quem diria, hein? Achei que fosse você a ovelha negra da

família.

- Meu pai foi além de ser somente a ovelha negra, bem mais do que se pode supor. Era um “bon vivant”, um rufião, como chamavam na época. Depois que casou com minha mãe, a maltratava sem trégua, nem ao menos tentava esconder de mim e de meus irmãos os abusos que cometia. Alcoólatra e viciado em jogatina, nunca permanecia em casa quando necessário. Desperdiçou as posses do meu avô, vendeu e perdeu nossas terras em jogos enquanto passávamos fome, sem contar que nossa residência estava caindo aos pedaços.

- Quantos anos você tinha?

- Era o irmão mais velho; fui crescendo com esse sofrimento preso na garganta. Nunca tive tanto ódio de alguém quanto dele.

- O que você fez? Não vá me dizer que matou seu próprio pai?!

- Um ano antes de completar a idade que aparento agora, minha mãe morreu. Pneumonia. Deve ter sido por sair no frio para caçar animais ou aves silvestres. Eu trabalhava nas fazendas vizinhas, mas o que ganhava era pouco. Meu pai sumia por longos períodos e, quando aparecia, tínhamos que esconder o pouco que conseguíamos.

- Matou ou não o velho?

- Acho que posso parar por aqui, já que insiste em terminar a história.

- Ok, desculpe. Estou curiosa; só isso.

- Um dia, ele chegou tarde da noite; estava muito estranho, violento. Tinha ficado fora mais de dois meses, e voltou descontrolado. Olhava para mim e meus irmãos de forma diferente. Se antes tinha repulsa por nós, naquela noite seus olhos demonstravam um desejo inexplicável.

- Seu pai era um vampiro.

- Sim. Quando foi

transformado, juntou-se nele o pior da sua humanidade com o pior que um vampiro pode se tornar.

- Ele atacou vocês?

- Sem hesitar. Matou meus irmãos pequenos e, quando percebi, mais dois iguais a ele banquetearam-se com as crianças.

- Nossa! Levou mais gente para aniquilar a família! Cara mau.

- Eu e minha irmã mais velha fugimos para a floresta; eles nos perseguiram sem parar. Rápidos, conseguiram alcançar minha irmã e pularam como feras sobre ela, que nem teve tempo de gritar. Meu pai deixou seus comparsas deliciando-

se com ela e veio atrás de mim.

- Nem precisa me dizer que conseguiu alcançá-lo.

- Conseguiu fácil. Estava prestes a cravar seus dentes em mim, quando senti seu corpo tombar sobre o meu. Custei a me livrar do seu corpo pesado e, quando consegui, deparei-me com dois homens, que empunhavam espadas como essas, terminando de matar os comparsas de meu pai.

- Como você se sentiu?

- Foi muito estranho. Eles eram tão rápidos e fortes que quase não pude acompanhar seus golpes.

- Eram vampiros também?

- Um deles, Thomas, sim. O outro, Cássius, era do clã dos lobos.

- Um vampiro e um lobo lutando juntos. Isso parece piada!

- Mas não foi nada engraçado.

- Acredito em você. Mas é algo que não se vê todo dia. Ou melhor, não se vê dia nenhum.

- Eu vi isso acontecer em várias oportunidades. Eu passei a segui-los depois daquele dia. Meus instintos sempre me levavam onde vampiros e lobisomens mal-intencionados iriam atacar, e eles sempre estavam lá, para defenderem os humanos.

- Eles viram você? Como você foi transformado, então?

- Implorei para que me tornassem igual a eles. Mas relutaram.

- Você estava disposto a ser um lobo?

- Naquele tempo, eu não sabia a diferença. Eu apenas não queria ser eu mesmo... Um fraco, sem família.

- Uau! Imagine se tivessem optado em transformá-lo em um lobo! Eu já o teria matado a essa hora.

- Foi o que Cássius considerou. A perseguição contras

os lobos era muito grande, tanto que todos estavam fugindo da Europa.

- Quando o transformaram em vampiro?

- Quando passei a segui-los, estava pondo em risco a minha vida e a deles. Thomas se convenceu de que eu não desistiria e fez um pacto comigo.

- Que tipo de pacto?

- Me transformaria e me auxiliaria na transição se eu seguisse meu caminho, até o dia em que ele me chamaria para uma missão.

- E claro que você topou, já que é um vampiro agora.

- Eu até havia esquecido

essa promessa, quando recebi uma ligação há 16 anos...

- Quando estávamos em Tóquio. Eu me lembro disso; você mudou completamente depois. Foi aí que você começou a viajar constantemente para o Brasil.

- Isso mesmo.

- Fiquei mais do que curiosa agora. Qual era missão tão importante?

Camuel segurou o braço de Rania para que ela parasse. Ele avistou o pequeno grupo esgueirando-se entre as árvores. Ela também percebeu a movimentação.

- Thomas me pediu para que

tomasse conta da filha que ele teve com uma humana. – Camuel apontou para o grupo – E aquela garota, que o lobo segura pela mão, ela é minha missão.

Rania, completamente pasmada, observou Julian e Melanie, acompanhados das outras duas meninas. Estavam seguindo em direção ao velho seminário.

O golpe que Alexander recebera de Alexia projetou-o a alguns metros do centro da batalha. A vampira tinha uma força descomunal. O sangue que escorria de sua testa diminuía seu campo de visão; e o grande lobo urrava de dor

e fúria. Charlotte e Miguel manuseavam as espadas de prata na tentativa de acertarem os adversários que os mantinham cercados. Quando logravam êxito, presenciavam o que a prata era capaz de fazer em um vampiro. O metal penetrava na corrente sanguínea e corroía seus corpos de dentro para fora, causando morte lenta e dolorosa.

- Morra, Bastard!— gritou Charlotte, enterrando a espada num vampiro caído ao chão.

- Nunca gostei desse cara mesmo. — confidenciou Miguel, dando cobertura para Charlotte.

- Por que não nos atacam de uma vez? – perguntou a francesa.

- E qual é a graça nisso? – respondeu um dos vampiros – O interessante é fazer vocês pensarem que têm alguma chance.

- Ou será que é porque temos realmente?! – provocou o americano.

- É o que agora saberemos. – respondeu outro vampiro, já dando os primeiros passos na direção de Miguel.

Na casa principal, Léo, com a arma em punho, observava os dois vampiros sendo cercados pelos demais; na visão do investigador,

uma proporção de três para um. Em outra parte do pátio, lobos e vampiros atracavam-se em um abraço mortífero. Um pouco mais à frente, o grande lobo e a rainha vampira golpeavam-se, mutuamente. Léo, percorrendo com os olhos mais uma vez o pátio de frente da casa principal, deparou-se com vários corpos de lobos e vampiros caídos sem vida no chão.

- Nunca vi coisa igual. — afirmou Léo.

- Me diga que está acabando, Léo. Por favor!

- Não posso mentir para você, Flávia. Não sei quanto tempo

isso vai durar.

- Eles não podem entrar aqui.

- Não vão entrar enquanto não se exterminarem primeiro. Nunca presenciei tanto ódio que um tem pelo outro. Nem traficantes rivais são assim.

- E se os lobos perderem?

Léo limitou-se a permanecer em silêncio, assistindo ao show de horrores que acontecia diante dos seus olhos. Não queria pensar na possibilidade de ver Flávia ainda mais em perigo do que já estava. Não desejava pensar que suas vidas poderiam estar nas mãos daquelas

criaturas infernais. Os vampiros, liderados por sua rainha, não demonstravam compaixão alguma.

De repente, a porta do quarto abriu, e Léo, num rápido reflexo, apontou a arma na direção do movimento.

- Por favor, senhor. Não atirar. — Wladmir não conseguiu erguer os braços muito alto, devido ao teto ser um pouco mais alto que sua cabeça.

- Não entre assim, homem. Quase atirei em você.

- Senhora querer vocês na sala. Ficar todos juntos.

- O que você acha, Léo? —

perguntou, preocupada, Flávia.

- Não sei o que pensar. Mas talvez ela tenha razão. Essa janela é muito frágil.

Léo olhou o guarda-roupa e notou que era feito de madeira pesada.

- Me ajude a arrastá-lo para a janela. — pediu a Wladmir.

O russo atendeu, imediatamente. Os dois homens conseguiram delocar o móvel, dificultando a passagem pela janela.

- Isso vai segurá-los?

- Não sei, Flávia. Melhor do que não ter nada na janela.

- Melhor ir. — Wladmir

falou, já saindo do quarto.

- O grandão tem razão. Pegue o garoto e vamos. – sugeriu Léo para Flávia.

Flávia levantou-se, auxiliando Nicolas, que lutava para não dormir. Saíram os três do quarto para permanecerem com Agnes. O que não viram antes de sair foi que o grande e pesado móvel estava sendo empurrado pelo lado de fora...

O velho seminário já era assustador de se olhar durante o dia. À noite, e totalmente tomado pela escuridão, tornava-se apavorante! Julian segurava com uma das mãos uma lanterna e com a outra se

mantinha firme à mão de Melanie, demonstrando-lhe que não tinha intenção de perdê-la de vista. Angelique quase arrastava Ariela pelo braço. De repente, estavam os quatro diante desse cenário de horror.

- Jesus! Não vou entrar aí, não. – avisou Ariela.

- Não vai ser preciso, não é, Julian? – perguntou Angelique.

- Não. Meu esconderijo não é muito longe. Lá não irão nos encontrar.

- Mas se sentirem o cheiro delas? – continuou Angelique.

- Pensei nisso também. Tem

sangue de carneiro espalhado pela caminhonete.

- Eca! Então, era isso que estava me deixando enjoada lá atrás. – disse Ariela, fazendo caretas – Que nojo!

- Chegando à caverna, eu dou um jeito melhor. Já sou craque em despistar, quando preciso.

- Melhor seguirmos em frente. – sugeriu Angelique.

Julian olhou para Melanie e notou seu olhar perdido na direção do velho prédio. No que ela estaria pensando?

- Precisamos ir, Melanie.

- Esse era o seminário de

que minha mãe falou, não é? O que o meu pai comprou.

- Sim! – respondeu rapidamente Ariela - Essa coisa feia aí.

- Esse mesmo. – concluiu Julian – Está abandonado há muito tempo.

Melanie olhava para o prédio arcaico e em ruínas como se fosse uma criança pela primeira vez na Disneylândia.

- Não, Dorothy. – reclamou Angelique – Não somos o leão, o espantalho, nem o homem de lata. Nem pense que vamos segui-la até lá dentro.

Melanie não ouviu as palavras de Angelique. O que sentia em seu coração era uma vontade incomensurável de estar em um lugar em que seu pai estivera, pisar onde ele pisara, ver o que ele vira. Isso aliviaria um pouco o sentimento de ausência que sempre a perseguiu.

Mel estava perdida em seu mundo de imaginação; Julian falava com ela, e sua voz parecia tão distante, incompreensível... Somente os gritos histéricos de Ariela trouxeram-na à realidade.

- Melanie! Precisamos correr.

E l a ouviu, enfim, o que

Julian pedia.

- O que está acontecendo?

- Estão vindo atrás de nós, surda! – gritou, ainda mais histérica, Ariela.

Quando Melanie caiu em si, viu Angelique tentando abrir a porta do velho seminário. Julian puxou-a pela mão, fazendo com que corresse. Mel olhou para trás, por alguns segundos, e viu vultos saltando de árvore em árvore.

Capítulo Vinte Nove – Alguma verdade

Mais do que abandonado, o velho seminário estava infestado de ratos e pássaros mortos. A escuridão fazia-se presente, sendo amenizada pelos escassos filetes de luz da lua, que passavam pelas vidraças quebradas. O cheiro que emanava dos animais mortos era insuportável, e as paredes interiores mostravam-se prontas a ruírem. Julian, empunhando a lanterna, conduzia o grupo pelo hall, sempre mantendo a atenção em Melanie. Ele não tinha a mínima vontade de largar sua mão.

- O que era aquilo lá fora? - perguntou ela.

- Não se preocupe com isso

agora. Preciso encontrar um lugar para escondê-la.

- Mas você viu, não é?

- Eu vi. – respondeu Ariela – Quase tive um filho.

- Cala a boca, menina. – indignou-se Angelique - Nem sabe do que está falando.

- Minha mãe contou sobre um porão. Será que conseguimos achar, Julian?

- Não temos muito tempo. Qualquer lugar que seja um bom esconderijo serve.

- Ele tem razão. Deve faltar menos de uma hora para o dia nascer. – disse Angelique,

preocupada, sempre atenta à porta de entrada – Se aguentarmos firmes, vamos conseguir.

- Eu entendo. Mas é importante, para mim, encontrar esse porão. Eu sinto isso.

- Só que importante para mim é que você fique bem. – disse Julian - Depois de tudo isso passar, encontro o que você quiser.

Melanie deu-se por vencida; isso teria hora própria. A atenção de Angelique continuava na entrada. Foi de imediato que ela percebeu a porta abrindo-se. Antes que conseguisse avisar Julian, Ariela soltou um grito tão alto que quase

despedaçou o restante dos vidros, ainda dependurados nas janelas. Pombos voaram assustados, debatendo-se no grupo paralisado no centro do hall.

- O que é isso, Ariela? – sussurrou Julian – Controle-se.

- Medo. Muito medo. – respondeu, tremendo.

- Quem está aí? – falou mais alto Julian, querendo parecer destemido.

Mel forçou a visão, na tentativa de enxergar quem entrava. Conseguiu identificar pelo porte que o vampiro andava.

- Camuel? É você? –

perguntou Melanie.

O brilho prateado da espada que os vampiros carregavam pôde ser notado.

- Sou eu. – respondeu ele, confiante e feliz por Mel o ter reconhecido.

- O que você quer? – indagou Julian.

- O mesmo que você, lobo. Proteger Melanie.

Camuel aproximou-se ladeado de Rania. Julian colocou-se à frente de Melanie.

- Não é preciso. Eu cuido dela.

- Quem lhe disse que você é

capaz de cuidar de si próprio?
Quanto mais cuidar de alguém!

- Não interessa a sua
opinião. A que importa é a da
Melanie.

Os dois olharam ao mesmo
tempo para a garota, como se
autorizassem que ela decidisse a
situação. Mel ficou sem reação, e
nenhuma palavra pareceu boa o
suficiente para ser dita.

- Não acredito. Vão brigar,
agora, os bebezões? – disse
Angelique, revoltada – Tanta coisa
acontecendo, e vocês de birra!

- Ela tem razão. – concordou
Rania – Se querem tanto a proteger,

parem com essa bobagem de “eu sou o mais forte”.

- Hello! Além do mais, tem mais gente aqui precisando de proteção. – completou Ariela.

Os dois olharam para a garota, e Ariela sentiu o rosto corar. Lentamente, ela levantou as mãos e apontou cada uma para Angélique e Rania.

- Podemos tentar o método do Rei Salomão, se vocês acharem melhor...

Angélique ainda falava quando o estrondo de janelas espatifando-se ecoou dentro do prédio. Os guardiões caíram um de

cada lado do grupo.

Os assecclas de Alexia eram vampiros impiedosos, conhecidos pela sua notável característica de obterem vitória a todo custo. E, se existia um bom local para executarem suas vítimas, era no velho seminário. Camuel percebeu a presença daqueles guardiões de Alexia e empunhou mais uma vez a sua espada para um dos vampiros adversários.

- Sabe manejar isso, traidor?
— perguntou um deles.

- Vai saber em alguns instantes, capacho. — respondeu Camuel.

As espadas encontraram-se no ar, causando um som familiar à Melanie. O outro guardião mirou seus olhos no rapaz que se prostrava à frente da garota humana, a mesma que Alexia desejava morta. Mais do que o presente de depositar Camuel e Rania aos pés da rainha vampira, era fazer o mesmo com a garota.

- Como pensa em se defender, lobo? – perguntou um guardião – Com os dentes?

Julian olhou ao redor e não viu algo com o que se defender do vampiro. Tempo de se transformar não haveria. Não sabia mais o que fazer.

- Hei, lobo! Pegue! – gritou Rania, jogando-lhe a sua espada.

Julian, sem muita precisão, conseguiu segurá-la. O guardião não perdeu tempo e, em seguida, desferiu um golpe; Julian defendeu-se, mas perdeu o equilíbrio e foi ao chão.

- Bela defesa, garoto. – ironizou o inimigo.

Julian recompôs-se, e o mais rápido possível, enquanto Camuel travava de sua disputa com o outro guardião. Melanie, Angelique e Ariela, temerosas, esconderam-se atrás de um balcão, e Rania observava os dois combates, sem

muito o que fazer.

Na noite em que tornaram a se encontrar, em um festival de verão na velha Europa, *Os Gêmeos* sentiram o peso da proximidade. A mesma razão que possibilitou Alexander revigorar-se ao ficar perto de Melanie era, agora, a mesma que fazia com que ele e Alexia se tramassem em um abraço de morte. Sentimento idêntico que, anos atrás, ocasionara o desejo de um atacar ao outro fervilhava em suas veias, novamente. Alexander, o grande lobo negro, estava cansado e ferido; mas, a cada investida de Alexia, suas fortes patas varriam o

ar na tentativa de encontrar o corpo esguio da vampira.

- É uma questão de tempo. – provocou Alexia, desviando de outro golpe – Não considere que fosse preciso me livrar de você, mas me enganei. Não vou cometer isso de novo.

Reunindo todas as suas forças, Alexia saltou sobre o imenso corpo do lobo e cravou seus dentes em seu volumoso pescoço. Alexander urrou de dor e cambaleou. O grande lobo conseguiu se desvencilhar da vampira, retirando-a de suas costas, mas já era tarde; seu sangue banhava o chão

sem cessar. Os vampiros ao redor se concentraram na cena, compenetrados na figura agonizante de Alexander. Marcus e os outros lobos, também bastante feridos, presenciaram o mesmo ato. Alexander tombou sobre seu próprio sangue.

Imediatamente, como sendo em seu próprio corpo, Agnes sentiu a dor do amigo. A velha mulher ajoelhou-se sobre o chão da sala, à vista das mulheres e crianças da família. Era a mesma sensação que atingiu quando estava com o marido sem vida em seus braços.

- Alexander! - foi o que

apenas conseguiu se ouvir de sua boca.

Flávia segurou no braço de Agnes, tentando lhe dar sustentação. Léo e Wladmir acompanhavam, pela janela, as disputas pelo lado de fora.

- Me ajude, Léo. – pediu Flávia.

O investigador correu para socorrê-la, auxiliando-a a posicionar Agnes sentada no sofá.

- O que aconteceu? – perguntou Flávia.

- Derrubaram o maior dos lobos. – disse Léo, quase ao ouvido de Flávia.

- O que isso significa?

- Não sei, Flávia. Mas acho que isso afetou essa senhora.

- Eu sinto por eles, mas não consigo parar de pensar na minha filha.

- Ela deve estar bem. Precisamos proteger o garoto.

Flávia, intuitivamente, abraçou Nicolas. Léo retornou ao seu lugar, junto à janela, bem a tempo de ver mais um lobo sendo derrotado: Marcus.

- Raça de animais imundos! – bradou Alexia – Não servem nem para limpar a sola dos meus sapatos.

Alexia pisou sobre a cabeça de Marcus, e os vampiros

festejaram, enlouquecidos. Charlotte e Miguel estavam dominados e sem forças para reagirem. Quando viram Alexander tombar e, em seguida, Marcus e os lobos que restavam, renderam-se aos vampiros de Alexia. Camuel e Rania haviam escapado, mas a eles não sobrou alternativa alguma.

- Acabem com todos na casa!
— ordenou Alexia — Eu tenho ainda algo a ser feito.

Ela apenas olhou para alguns vampiros, e estes já sabiam suas ordens. Então, deu um salto na mesma direção que Camuel tomara e, seguidamente, quatro vampiros

fizeram o mesmo, seguindo-a. A vampira desejava conferir se a ordem dada aos guardiões fora cumprida.

A cada golpe desferido, o efeito das espadas encontrando-se ecoava no salão escuro. Camuel era um hábil espadachim e conseguia equilibrar sua luta com o guardião. Julian mais defendia do que atacava, e quase sempre contando mais com a sorte do que com a habilidade. Rania subiu no balcão que protegia Melanie, Angelique e Ariela.

- Precisamos fazer alguma coisa. – sentenciou Melanie.

- Você já está fazendo,

querida. Se escondendo. – respondeu, sarcástica, Rania.

- Hei, chupa-cabra, não fale assim com ela. – tomou as dores Angelique - E você, o que está fazendo?

- Não me provoque, peludinha. – respondeu Rania – Ou já sobra pra você de novo.

Angelique bufou de raiva, lembrando-se do velho depósito. Realmente, a luta com a vampira não pôde ser terminada. Angelique posicionou-se para subir no balcão. Melanie segurou-a pelo braço.

- Não, Angelique. Não vale a pena. – Mel olhou também para

Rania - Já temos brigas demais por aqui.

- E o negócio está feio para o nosso lado. – emendou Ariela – Sei não...

Elas todas olharam para as disputas que prosseguiam. Camuel e seu oponente tratavam uma luta equilibrada. Julian arrastava-se pelo salão, fugindo do seu opositor; a impressão era de que sua espada pesava uma tonelada.

- Não sei por que estou perdendo meu tempo com você, lobo! – ameaçou o guardião.

Julian não conseguiu nem responder. Seu braço latejava pelo

cansaço e pela dor causada pelo impacto dos golpes defendidos. O guardião acumulou toda a energia necessária para golpear pela última vez o garoto-lobo.

– Está na hora de acabar com esse seu sofrimento.

O vampiro ergueu a espada e desferiu o golpe na direção de Julian. Ele defendeu do jeito que pôde, mas a força do guardião foi tanta que suas mãos não mais conseguiram se firmar. A espada de Julian caiu longe demais para ser alcançada por ele. O vampiro sorriu e aprontou-se para mais um golpe: o último.

- Julian! Não! – gritaram, juntas, Melanie e Angelique.

Camuel desviou sua atenção para o que estava acontecendo e viu o garoto-lobo prestes a receber o último golpe do guardião, o golpe que ceifaria sua vida. Camuel pensou que talvez fosse o que ele mais poderia desejar: o fim de Julian. Mas, se isso tivesse de acontecer, seria por seu intermédio. Então, olhou novamente para o seu adversário e não mais o viu em sua frente, apenas a espada do guardião descia rapidamente na direção da sua cabeça. Camuel sempre fora cuidadoso, principalmente em

combates; mas sua distração, agora, poderia também lhe custar a vida. Não haveria tempo nem de Julian, nem de Camuel defenderem-se.

Os sons cessaram, o tempo parou; não havia movimento algum. Como se o mundo fosse congelado naquele instante. Melanie tinha todo o cenário à sua frente; ela mantinha o foco em Julian. Ele estava caído, totalmente dominado e sem chances de reação. Camuel parecia destinado a receber a lâmina da espada do guardião sobre sua face. Angelique, Ariela e Rania tinham suas feições paralisadas, expressando todo o horror do que acreditavam que iria

acontecer.

- Não tema! – ouviu Melanie
– Não tema, minha filha!

A voz que a acalmava nos momentos tensos ressurgia. Seria Alexander? Não, ele ficara na fazenda. Quem poderia ser, então?

A sensação de que luzes envolviam-na retornou a acontecer. Melanie olhou à sua volta, e o hall estava tomado por luzes cintilantes que subiam até o teto e formavam uma figura, semelhante a uma pessoa. Mais rápido do que seus olhos poderiam fechar e abrir, numa única vez. A luz viajou até o primeiro guardião e, em seguida, ao

segundo, atravessando seus corpos. O tempo voltou a correr. O eco do grito de Melanie e de Angelique, em desespero por Julian, ainda se podia ouvir. Julian fechou os olhos, esperando o golpe, mas à medida que o tempo foi passando, ele percebeu que nada acontecia. Abriu os olhos e ainda viu o guardião caindo de joelhos à sua frente. O mesmo aconteceu com aquele que ameaçava Camuel.

- O que aconteceu? – perguntou, espantada, Rania.

- Não sei. – disse Julian, levantando-se – Quando vi, ele já estava caindo, morto.

Camuel chutou o guardião caído à sua frente, constatando a veracidade das palavras de Julian.

- Eu vi uma coisa, uma luz... Era como se algo muito rápido passasse por eles. – completou Angelique.

- Você também viu? – perguntou Ariela – Nossa! Parecia mágica.

- Não teve nada de mágico. – disse Camuel, chutando o outro guardião – Só conheci um vampiro tão rápido assim, que fosse capaz de fazer isso.

- De quem está falando, Camuel? – perguntou Rania.

Antes que Camuel respondesse, uma música suave como uma canção de ninar inundou o ambiente. Mel sentiu o coração pulsar fora do tom; ela reconheceu-a. Era a canção que a fazia dormir vindo da sua caixinha de música. A mesma que fora roubada pelo invasor que esteve em seu quarto.

A horda de vampiros estava enlouquecida. A ordem de acabar com todos os lobos foi decretada pela rainha vampira. Poucos eram os homens-lobos que ainda respiravam. Léo observava, de dentro da casa principal, vários corpos de homens nus, caídos no pátio, todos sem vida.

Agnes lamentava por Alexander e Marcus, sendo amparada por algumas das mulheres.

- O que estamos esperando?
— provocou um dos vampiros.

- Temos pouco tempo para acabar com essa raça. — provocou o segundo.

O vampiro de feições orientais voltou com as mãos ocupadas por garrafas que continham líquido inflamável.

- Está na hora de esquentar as coisas por aqui. — disse ele, erguendo as garrafas.

Os vampiros alvoroçaram-se ainda mais. Flávia ouviu a gritaria e

preocupou-se de imediato.

- O que está acontecendo, Léo?

O investigador varreu com os olhos toda a extensão do pátio à procura do motivo de tanta algazarra. Quando percebeu o vampiro oriental, ele já estava permitindo que outro vampiro acendesse o pano embebido em gasolina.

- Meu Deus! – gritou Léo – Temos que sair daqui. Agora.

Mulheres e crianças levantaram-se em sincronia. Tinham medo e surpresa no olhar. Léo correu até Flávia e levantou-a pelo

braço, pegou Nicolas no colo e gritou:

- Saíam daqui. Corram!

Foi o suficiente para que a confusão se generalizasse. Aturdido, ninguém sabia para onde correr. E, então, a janela foi quebrada; uma bola de fogo caiu no meio da sala, espalhando o líquido que atingiu os móveis e a parede.

A música soava como mágica aos ouvidos de Melanie. Tão doce, tão especial e, encantadoramente, familiar. Acostumara-se a dormir embalando seus sonhos com aquela melodia.

- De onde vem essa música?

– perguntou Ariela – É tão linda!

- Parece que vem lá de baixo. – concluiu Julian, mostrando a escada no fim do corredor.

- Fiquem alerta que pode ser uma armadilha. – sugeriu Rania.

- Hum.. Da Alexia não pode ser. – discordou Camuel – Quando ela quer acabar com alguém, não fica fazendo rodeios. Vai direto ao ponto.

- Pode até ser. Mas cuidado nunca é demais. – contribuiu Angelique.

Enquanto os outros conversavam, Melanie vivenciava uma sensação cálida e prazerosa. O

som que entrava em seus ouvidos percorria todo o seu corpo, convidando-a para descer aquelas escadas, sem hesitar.

- Aonde você vai? – perguntou Julian, percebendo os primeiros passos de Melanie em direção à escada.

- Essa é a minha música. – falou ela, como se estivesse em um transe – Minha música.

Melanie começou a descer as escadas, e Julian foi atrás. Camuel seguiu os dois. Angelique, antes de descer, seguiu até um dos guardiões, pegou sua espada, prontamente imitada por Rania. As

duas encararam-se e desceram as escadas. Ariela tinha receio da presença dos vampiros, mas a sensação de estar sozinha naquele salão escuro era mais agonizante. Mel descia as escadas repetindo “Minha música”.

- A amiguinha de vocês pirou. – disse Rania, olhando para Angelique e Ariela.

- Por mim, que se lasque. – respondeu Angelique – E ela nem é minha amiga.

- Hello, querida! Minha amiga não pirou coisa nenhuma. – defendeu Ariela – E, mesmo que tivesse, é melhor ser louca da

cabeça do que ser uma atração em potencial para o Beto Carreiro.

- Isso, garota. Vai provocando, vai. Esse corpinho cheinho que você tem dá para saciar minha sede por um bom tempo. — ameaçou Rania, mostrando as presas para Ariela.

Ariela esbugalhou os olhos e diminuiu em tamanho, encolhendo-se pelo medo das palavras rudes de Rania. Melanie puxava a fila indiana, seguida de perto por Julian, que se mantinha atento, examinando o local com a lanterna. Camuel acompanhava os dois bem de perto; já tinha dado muito tempo para o

garoto-lobo aproveitar-se de
Melanie.

- Melanie. É melhor a gente
retornar. – propôs Julian.

- Não, Julian. Preciso
encontrar minha caixinha de música.

- Como sabe se é mesmo
uma caixa de música? – perguntou
Camuel.

- Meu coração me diz. – ela
respondeu.

A escada terminou em um
corredor que dava acesso a uma
porta grande: o porão. A música
estava mais alta e clara; ela vinha de
trás daquela porta. Melanie estendeu
o braço para tocar a maçaneta, e

Julian adiantou-se.

- Pelo menos deixe que eu entre primeiro. Para ver se tem algo perigoso.

Melanie consentiu com um sorriso. Julian ficou entre ela e a porta e, com cuidado, abriu-a. Ele focava com a lanterna o interior do porão com a intenção de encontrar algo suspeito. Julian foi entrando, bem devagar, olhando para todos os lados. Nenhum movimento; apenas o som da música podia se notar.

- Acho que está tudo bem.

Camuel entrou em seguida, passando por Melanie, quase a empurrando.

- Isso aí, herói. Agora já pode guardar o sabre de luz.

- Não sou herói coisa nenhuma. Sou precavido.

Angelique e Rania também entraram; isso evitou que a discussão prosseguisse. Ariela foi a última a chegar e manteve-se longe de Rania. Melanie olhava ao redor, tentando localizar o ponto de partida da música.

- Pode me emprestar a lanterna? – pediu ela.

Julian sorriu e entregou-a. A garota passou a iluminar o lugar, procurando pela caixinha de música, até que a encontrou.

- Ali está ela! – Disse, eufórica.

Ela entregou rapidamente a lanterna para Julian e abaixou-se para pegá-la, quando Ariela gritou.

- Espere!

Melanie assustou-se e não a pegou. Ela olhou espantada para Julian, com o coração nos calcanhares.

- O que foi? – perguntou Julian, também espantado com Ariela.

- Na parede... - disse Ariela – Olhem!

Julian iluminou a parede que Ariela apontava, logo atrás do local

em que a caixinha de música estava. Um desenho revelou-se, ocupando quase toda a parede. Nele, viam-se vários lobos sentados ao pé de uma árvore solitária. No meio deles, uma garota de pele pálida, olhos tristes, boca de um vermelho vivo e cabelos caindo no rosto. Ela olhava para o lobo deitado junto aos seus pés: um lobo pardo. Ao fundo, vários seres trajando capas pretas de mãos dadas, com os rostos ocultos. Julian iluminou a parte inferior direita do desenho, e todos puderam ler: Thomas Miller.

Capítulo Trinta – Os segredos que guardei.

O calor do fogo era terrível. A casa inteira estava em chamas, e tudo acontecera muito rápido. Pela porta da cozinha, algumas mulheres e suas crianças conseguiram escapar; isso antes de o fogo criar uma barreira intransponível, dificultando o acesso de quem ainda estava na sala. Léo, carregando um assustado Nicolas, sentia o aperto da mão de Flávia, quase esmagando o seu rim. Contudo, a adrenalina do momento impossibilitava-o de sentir qualquer dor.

- Pela cozinha não dá mais. –

constatou o investigador.

- Sair pelos quartos. –
sugeriu Wladmir, amparando Agnes.

- Por onde? – perguntou Léo,
não conseguindo visualizar nada
devido à fumaça.

- Seguir Wladmir.

O russo liderou. Mesmo com
toda a fumaça à sua frente, era
impossível Léo não ver aquela
criatura de andar desajeitado, mas
cuidadoso, com a velha senhora ao
seu lado. O gigante seguiu pelo
corredor até chegar ao último
quarto. Léo e Flávia acompanharam-
no, seguidos de outras mulheres e
crianças. Wladmir abriu a janela e

olhou para fora; precisava colocar Agnes a salvo.

- Senhora sair primeiro. Por favor.

Agnes olhou, tristemente, para o gradalhão. Ela gostaria de ficar, selar sua história ali mesmo, mas ainda tinha os netos no pensamento. Julian e Angelique poderiam ainda precisar dela.

- Obrigada, Wladmir. Você pode me ajudar?

- Claro, senhora. — respondeu o russo com um largo sorriso de satisfação.

Wladmir ergueu a mulher e colocou seus pés para fora, na

tentativa de colocá-la ao chão. Mas o rosto de um vampiro que surgiu de repente fez o russo puxá-la para dentro, novamente.

- Calma aí, Big Foot. – falou Miguel – Só quero ajudar.

Agnes olhou para o russo e consentiu com um aceno que ele a colocasse para fora. O vampiro não faria mal a ela. Miguel ajudou Wladmir a retirar Agnes. Charlotte chegou em seguida, para auxiliar na retirada dos demais.

- Agora, saem você e o garoto.– disse Léo, entregando Nicolas à Flávia.

- E você?

- Vou logo depois que todos saírem.

Flávia não pensou duas vezes e, com a ajuda de Wladmir, colocou Nicolas para fora, e ela mesmo saiu na sequência. Léo e o russo ajudaram, uma a uma, as mulheres e crianças a saírem. Faltava ainda uma mulher e seus dois filhos quando o fogo chegou até o quarto, e o teto desabou.

A bela e deprimente visão da garota, cercada por lobos, cravava uma estaca no coração de Melanie.

- Já vi esse rosto antes. - disse Ariela.

- Sim. Parece-me bem

familiar... Mas diferente, ao mesmo tempo. É muito estranho e triste. - concordou Melanie, com a caixinha de música em suas mãos.

- Quem é Thomas Miller? – perguntou Rania.

- Essa é uma pergunta com várias respostas. – disse Camuel.

- Que tal começar pela primeira? – insistiu Rania.

- É meu pai. – revelou Melanie, mas como se fosse para si mesma.

- Seu pai? Como sabe? – perguntou a vampira.

- A mãe dela que falou. – respondeu Ariela – Você não ouviu

a história, não?

Rania encarou-a sem entender. Ariela compreendeu que a vampira não participara das revelações de Flávia.

- Você tem certeza, Melanie?
— perguntou Julian.

- Tenho. Foi ele que fez esse desenho.

- O que será que significa? —
Angelique tocou o desenho, curiosa.

- É algo sobre uma antiga profecia. — disse Camuel.

- Minha avó me falou a respeito. — revelou Julian.

— Uma garota vampira entre os lobos. — continuou Camuel -

Thomas e Cássius acreditavam nisso.

- Cássius? Que Cássius? – Perguntou, eufórico, Julian.

- Cássius foi um grande homem, o único lobo que, um dia, chamei de amigo. Ele e Thomas me ensinaram muitas coisas.

- Cássius é o nome do meu pai.

- Eu sei. Soube disso quando vi sua avó e a escória do seu tio.

- Você conheceu meu... – Julian olhou para Melanie – Nossos pais?

- Convivi com os dois por muitos anos. – Camuel mirou os

olhos de Melanie – Seu pai me salvou a vida. E serei sempre grato a ele por isso.

- Isso é muito louco para ser verdade!– disse Angelique – Por que eu nunca soube que meu tio era amigo de um vampiro?

- Porque a amizade dos dois não era bem-vista por ambos os lados. Eles eram sonhadores que acreditavam que, um dia, poderiam unir as duas raças. Mudar a profecia, ou ao menos, melhorá-la no que fosse possível.

- E acaso se pode mudar ou melhorar uma profecia? – perguntou Rania.

- Era o que os dois estavam tentando. Foi por isso que Thomas veio para cá, depois que Cássius foi morto.

- Por favor! Fale mais do meu pai. – pediu Melanie.

- Seu pai, animalzinho, era um traidor, como esses vampiros que aí estão!

A voz de Alexia surgiu, vinda da escuridão. Julian procurou com a lanterna até encontrar o rosto diabólico da vampira. Alexia estava cheia de ódio.

“Inacreditável!” Foi o que pensou Léo naquela hora. Outra vez, via-se envolvido por chamus

devastadoras, prontas para consumi-lo. O tamanho desproporcional do russo ajudou nessa hora triste. Foi ele que segurou a viga que dava sustentação ao teto, evitando que fossem esmagados. Estavam, agora, todos de joelhos, confinados no pequeno espaço em que o quarto transformara-se. O investigador tossia fortemente, cada vez que inalava a fumaça preta. O calor das chamas, cada vez mais, tornava-se intolerável, tanto que as duas crianças gritavam sem parar. A mãe, desesperada, tentava acalmar, em vão, o filho mais velho, de uns 10 anos e a menorzinha, de cinco. Léo

entendeu que precisava tomar alguma atitude, e muito rápido.

- Precisamos quebrar essa parede. – disse ele a Wladmir.

- Ser muito difícil. Parede resistente.

O russo tinha razão; as paredes da casa principal podiam ser velhas, mas eram reforçadas. Feitas de material resistente, nada lembrando as construções de hoje em dia, nas quais tijolos esfacelam-se facilmente. Léo não poderia repetir o que fizera no depósito.

- Precisamos agir. Senão, vamos morrer aqui. – fez um alerta, mas para que ele próprio tomasse

uma atitude.

- Não ter como escapar.
Todos morrer aqui.

O russo decretou o desfecho.
Não haveria por onde escapar. Mas
o barulho de algo muito forte,
batendo na parede pelo lado de fora,
poderia ser uma esperança.

A proximidade do sangue.
Isso moveu toda a história, desde
que *Os Gêmeos* vieram ao mundo,
depois que receberam a maldição
dos seus antepassados. A terrível e
doentia razão que a mãe dos dois
movia pelos humanos passou para os
filhos, mas só a menina ainda
mantinha esse profundo desamor

pela raça humana. Alexander, após conviver com os humanos e com os da raça que deu origem, passou a compartilhar de seus dissabores.

Além de destemido, Alexander tinha outra vantagem a seu favor: era muito forte, extremamente forte. Alexia não devia tê-lo subestimado, outra vez. A vampira contou vantagem cedo demais.

- Acende logo isso aí que eu vou animar a festa. – disse o vampiro DJ, com a garrafa inflamável na mão.

Alexander abriu os olhos, lentamente, e percebeu que tudo

estava a seu desfavor. Marcus jazia ao seu lado, e muitos irmãos-lobos estavam abatidos. E, agora, isso? Os vampiros queriam brincar com as vidas dos que restaram, e eram apenas mulheres e crianças. O vampiro lançou a primeira garrafa e atingiu em cheio a janela da sala. A gritaria eclodiu dentro e fora da casa. Alexander tentou se levantar, mas seu corpo doía muito. Ele precisava se transformar, novamente. Os vampiros estavam atentos ao fogo que se levantava impiedoso, consumindo a casa principal. Nem perceberam que o homem nu, banhado de sangue,

voltava a se transformar na fera que passaram a temer.

- Mais uma para completar o serviço. – avisou o vampiro DJ, apontando a garrafa para o vampiro ao seu lado – Os que conseguirem sair da casa serão nossas sobremesas.

O outro vampiro acendeu o pano, e o DJ lançou a garrafa, mais uma vez, com endereço certo: a sala da casa. Quando a bola de fogo caiu, os vampiros gritaram festejando; suas vozes só se calaram quando ouviram, pela retaguarda, um uivo avassalador. Os vampiros voltaram-se para ver qual dos lobos que se

anunciava e depararam-se com a imensa figura de Alexander. O grande lobo saltou, ferozmente, no grupo de vampiros; mordeu os que não tiveram tempo de reagir. Cinco ou seis vampiros caíram em convulsão ao chão. Os demais tentaram esboçar uma reação e foram atingidos pela força descomunal do animal.

Charlotte e Miguel acompanhavam tudo de perto e, ao perceberem uma brecha, correram em direção à casa; os vampiros de Alexia não os seguiriam por ali. A luta prosseguia, e cada vampiro que se aventurava recebia uma mordida.

Não eram páreos para o grande lobo, e Alexia não estava ali para fazer frente ao irmão. O melhor seria debandar. Foi o que fizeram.

Alexander rosnou, com os dentes cerrados, vendo os vampiros sumirem na escuridão. Ele olhou para a casa que se consumia em chamas e lembrou-se de Agnes e do restante da família que ainda poderia estar lá dentro. O grande lobo circulou a casa e deparou-se com a imagem da amiga Agnes no colo de um vampiro. Alexander rosnou outra vez, com os olhos fixos nos do vampiro.

- Alexander! Olhe para mim.

— pediu Agnes.

O grande lobo grunhia como um touro indomável, diante de um toureiro. Quando a mulher mencionou seu nome novamente, desviou a atenção para a amiga.

- Ele está ajudando.

Sua inteligência humana sobressaiu em sua porção animal, e Alexander compreendeu as palavras de Agnes. Miguel colocou-a no chão, sempre com os olhos no grande lobo; seu medo era ter o mesmo destino de Iori. Charlotte continuava ajudando as mulheres e crianças a saírem da casa. Quando, de repente, um estrondo indicou que

o teto desabava.

- Léo! – gritou Flávia.

– Tem gente lá dentro ainda.
– avisou uma das mulheres.

- Agora já era. Não dá para
fazer mais nada. – concluiu Miguel.

Agnes olhou para o amigo
lobo e aproximou-se. Alexander
emitia os sons de sua respiração
ofegante; o lobo estava inquieto pelo
fogo. Agnes passou a mãos em seus
pelos espessos.

- Sua voz me conduziu em
muitas situações, meu amigo. Agora
preciso que você tire os nossos que
estão lá dentro.

Alexander circulou a amiga e

andava de um lado para o outro. Todos se afastaram da casa; o calor das chamas repelia-os. O grande lobo saltou, heroicamente, sobre a parede e fez com que ela tremesse. Em seguida, repetiu a façanha, e a parede ruiu. Instantes depois, Wladmir apareceu engatinhando, com uma das crianças nos braços. Léo surgiu logo atrás com a outra criança e a mãe. Flávia correu ao encontro de Léo e jogou-se em seus braços. As mulheres envolveram Wladmir e as duas crianças com sua mãe em um abraço coletivo. Agnes olhou para Alexander, querendo agradecer seu gesto e notou que o

grande lobo havia sumido.

Sufocante. Era como se a presença de Alexia ocupasse todo o porão. Melanie considerava que as palavras “pai” e “traidor” não poderiam estar juntas na mesma frase, mesmo sendo ditas pela vampira que a aterrorizava. Julian, outra vez, colocava-se à frente de Mel, na visível tentativa de protegê-la.

- Thomas era um frouxo, um idiota. – disse Alexia, com todo o desprezo – Ele e o seu amigo lobo, Cássius, achavam que poderiam reprimir anos e anos de ódio. A repugnância que eu sinto por um

lobo é quase tão grande como a que sinto por um traidor.

Alexia olhou para Camuel e Rania.

- E o preço desse pecado é a morte. – esbravejou a vampira.

Saindo do nada, os vampiros que acompanhavam Alexia saltaram sobre o grupo. Dois deles ocuparam-se com Camuel e Rania, os outros dois pararam, ameaçadores, diante de Julian e Melanie, mostrando toda a agressividade.

- Me deixem em paz! – gritou Melanie, já esgotada por todas as vezes em que se vira nessa situação.

Camuel olhou para Melanie e entendeu seu desespero. Ele desviou dos dois vampiros e jogou a espada na direção de Alexia. A vampira desviou, e a espada cravou na parede. Camuel percebeu que tinha poucos segundos para agir. O vampiro aproximou-se de Mel e abraçou-a. Então, puxou-a para o corredor e, em um salto, subiu as escadas, chegando até o hall.

- Melanie, você confia em mim? – perguntou Camuel, olhando em seus olhos.

A garota, com lágrimas nos olhos, respondeu positivamente com a cabeça.

- Você precisa me abraçar, bem forte. Você consegue?

- Consigo.

Camuel permitiu que os braços de Melanie o envolvessem. Se o coração do vampiro pudesse bater, essa seria a hora que golpearia seu peito. Ele abraçou ainda mais forte Melanie e, antes que os vampiros pudessem alcançá-los, ele saltou para fora do velho seminário.

Julian não teve tempo de se mover, quando viu Camuel retirando Melanie do porão, os outros vampiros prostraram-se à sua frente. Julian manteve a espada apontada

para os vampiros, tentando afastá-los. Seu desejo era quebrar aquelas paredes e correr atrás de Melanie. Alexia olhou para Julian, Rania, Angelique e Ariela e analisou que os dois vampiros que ficaram no porão poderiam dar conta deles. Rania tentou fugir também, e Alexia acertou-lhe um golpe, fazendo a húngara cair, desacordada.

- Vai me pagar caro pela afronta, Camuel!

Sua raiva estava voltada para Camuel, o traidor, e sua protegida. Alexia saiu em perseguição aos dois.

- Angelique, preciso de sua

ajuda. – gritou Julian, tentando passar pelos vampiros.

Angelique ainda era inexperiente quanto ao desejo de se transformar fora da lua cheia. Mas a situação exigia um esforço fora do comum. A garota jogou-se no chão, tentando virar uma loba. Ela agitou-se, freneticamente, de um lado para o outro.

- Não consigo! – gritou ela, frustrada.

- Se concentre, Angelique. Você consegue. – incentivou Julian, ainda lutando com os vampiros.

A prima forçou seu pensamento mais do que pôde, e

nada acontecia. Ariela, sentindo medo do que Angelique estava fazendo, abaixou-se perto de Rania e tentou acordá-la. A vampira, aos poucos, recobrava a consciência.

- Por favor, Angelique! Tente. – implorava Julian, cada vez mais preocupado com Melanie.

A menina-loba esforçava-se, mas não obtinha resultado. O desespero abateu-se sobre Julian, pois a segurança de Melanie importava mais do que a sua. Imprudente, tentou passar entre os dois vampiros e foi golpeado. Julian caiu, batendo a cabeça.

- Angelique! – gritou Ariela

- Julian morreu!

As palavras de Ariela bateram tão forte na alma de Angelique que a garota quase perdeu os sentidos. Não era preciso que ela se esforçasse mais; seu corpo reagiu por ela. Angelique começou a se transformar.

Capítulo Trinta e Um – O que eu também não entendo

A sensação do abraço apertado do vampiro trazia sensações indescritíveis à Melanie. Era como Lois Lane voando pela

primeira vez nos braços do Superman. Camuel pousava tão suavemente nas copas das árvores que Melanie nem sentia. Alguns quilômetros à frente, ele parou sobre um alto pinheiro. O vampiro olhou para trás e desceu, suavemente, até o chão.

- Ainda sente medo? – perguntou ele, colocando Melanie em segurança debaixo da árvore.

- Não. Quer dizer, um pouco... – confessou a garota, com dificuldade nas palavras.

- Não vou deixar você cair. Então, não precisa mais ter medo.

- Por que está fazendo isso?

Aquela mulher o chamou de traidor. É óbvio que você arrumou encrenca por minha causa.

- No início, era por pura gratidão ao seu pai. Ele me ensinou muita coisa, me tirou de muitas situações complicadas. Depois, mais coisas aconteceram.

- Que tipo de coisas?

- Acho que aqui não é hora para revelar algo tão importante para mim.

- É sempre assim. Nunca é hora de nada. Ninguém fala nada às claras.

- Não é tão simples. Ainda estamos sendo perseguidos. O sol já

está por nascer, preciso mantê-la a salvo até lá.

- Pensei que o sol o ferisse também.

- E fere. Mas não se preocupe com isso. Eu darei um jeito.

- Queria saber mais sobre o meu pai.

- Terei tempo de lhe contar, outra hora, tudo o que você quiser saber.

- Apenas me diga, eu sou... — Melanie não conseguia formular a pergunta — Eu sou uma... Você sabe... uma vampira?

- Não. Você tem genes de

vampiro, mas ainda é uma humana.

- Como isso foi possível?

- Nem todos os vampiros podem ser pais. Seu pai e Cássius conseguiram realizar mudanças fantásticas. Mudanças que custaram a vida de Cássius e quase a de Thomas.

- Quer dizer que... Meu pai está vivo?

- Claro, Melanie! Quem você acha que a salvou dos guardiões de Alexia? Seu pai está por aqui também.

Os olhos de Mel brilharam intensamente. A garota abriu um sorriso do tamanho da esperança que

tinha de encontrar o pai. Seria isso possível?

Ariela arrastou-se até um canto mais escuro, na tentativa de se manter longe dos olhos dos vampiros. Rania já estava de pé, lutando com um deles. O outro puxou Julian pela perna e colocou-o perto de onde a espada estava cravada na parede. O vampiro retirou a espada e levantou-a para cravar no peito de Julian, mas, antes de tentar efetuar alguma ação, recebeu um forte golpe nas costas. Angelique era novamente uma loba.

Rania estava muito debilitada; a cada golpe que o

vampiro desferia-lhe, ela perdia sangue, e suas forças diminuía. O vampiro, percebendo sua fraqueza, empurrou-a contra a parede; pressionando-a, e cravou suas presas no pescoço de Rania. Depois, começou a sorver seu sangue. Ariela viu Angelique farejando e tentando mover Julian com o focinho. A loba não estava interessada no que acontecia com a húngara. Ela também não simpatizava com a vampira; seu desejo era ficar em silêncio e escondida. Mas não se perdoaria se não tentasse algo em favor de Rania. Ariela, esgueirando-se, chegou até onde estava a espada

caída no chão, perto do outro vampiro; pegou-a. Ela levantou-a, apesar de pesada, caminhou até onde estava o vampiro com Rania nos braços e desferiu o golpe, acertando na parede. O vampiro olhou para trás e, com um olhar malévolo, encarou Ariela. Ela soltou a espada.

- Desculpe. — pediu ela, abaixando-se e tremendo.

- Vou acabar com você. — disse o vampiro, levantando-se e seguindo em direção à Ariela.

- Por favor! Não... Eu peço mil desculpas.

O vampiro agarrou o pescoço de Ariela e aprontou-se

para mordê-la. Chegando bem perto do alvo, ele parou subitamente.

- Sangue ruim, garota. – disse o vampiro – Não sei se poderá chamar de sorte, mas por causa dele viverá ainda mais algum tempo.

Ariela não compreendeu palavra alguma dita pelo vampiro, apenas viu a loba pular em cima dele. Angelique mordeu o pescoço do vampiro, quebrando-o. Ariela foi ao chão, aos berros. A menina-loba aproximou-se dela e farejou-a; Ariela exalava o cheiro do medo e de algo diferente que confundia a loba. Sua vontade era atacá-la de imediato. A menina não colaborava,

ficando quieta. E arrastava-se para trás, gritando. A loba abriu a mandíbula, revelando seus grandes dentes.

- Angelique!

A voz do primo quase não saiu, mas a loba identificou quem a chamava: seu amado Julian. Ela correu em sua direção e ficou rodeando-o, eufórica. Julian precisava se recuperar para ir atrás de Melanie. Precisava se transformar.

A noite já não era tão escura. O sol estava pronto para nascer e, com ele cada vez mais próximo, aumentavam as chances de Melanie.

Ela encontrava-se debaixo de um majestoso pinheiro, de frente a um vampiro. Nem em um dos sonhos mais loucos que já tivera, poderia ter imaginado algo assim. Camuel considerou que aquele local tinha uma boa visão de todos os lados da região onde estavam. Isso facilitaria para ele constatar se alguma ameaça estivesse próxima.

- Isso parece tão confuso... - disse Mel – É tão difícil aceitar essas coisas absurdas!

- Como o quê?

- Começando por você, um vampiro. Você bebe sangue humano; como consegue?

- Por necessidade, Melanie. Se não bebermos, morremos. Assim como você, se não se alimentar.

- Mas é estranho. Tirar a vida de uma pessoa para sugar-lhe o sangue. É... É... – Melanie não conseguia terminar a frase.

- É monstruoso; eu sei. Já fiz muito disso, mas hoje não.

Melanie ficou olhando-o, esperando mais esclarecimentos. Camuel percebeu seu olhar cheio de dúvidas.

- Hoje somos divididos em muitas funções dentro do que chamamos de organização dos vampiros. Não bebemos mais sangue

direto da fonte. Temos outros meios de coletá-lo, sem que ninguém precise morrer.

- Assaltos a bancos de sangue?

- Não. – Camuel riu, contido – Digamos que temos nossos próprios bancos de sangue.

- Aquilo que vocês beberam no depósito. Aquilo era sangue mesmo?

Camuel acenou em positivo. Ele sentia que essa sua necessidade causava aversão em Melanie, mas não podia evitar. O que ele gostaria que ela entendesse era que seu esforço estava sendo sobrenatural.

Ela era uma fonte muito atrativa, e ele evitava vê-la dessa forma. Melanie, de sua parte, não se sentia confortável com o fato de Camuel beber sangue humano, mas o que havia passado em sua mente foi o fato de que seu pai também tinha tal necessidade. Como aceitar algo tão fora dos padrões? Isso era mais do que pecado; era inadmissível.

- Não sou o monstro que você imagina. – continuou Camuel – Tenho minhas falhas como qualquer um. Ninguém é perfeito todo o tempo.

- Não precisa se justificar para mim, Camuel.

Camuel tinha dúvidas em sua mente. Quando imaginou o futuro de Melanie, não foi dessa forma. Sua parte ele cumpriu nos planos de Alexander, mas acreditava que sua recompensa seria outra. Pelo que havia notado, o garoto-lobo estava merecendo toda a atenção no seu lugar.

- O que você sente pelo lobo?

- Julian? - Melanie tinha brilho nos olhos ao pronunciar seu nome
- Nem sei dizer.

Ele passou a ser muito importante para mim. Muito mesmo.

- Você o ama?

- Por que essa pergunta agora?

- É tão difícil assim de responder? É só dizer se ama ou não.

Camuel não tinha medo de nada. Mas a resposta de Melanie, ele pareceu temer. Mesmo assim, precisava da confirmação. Só que essa resposta final não seria naquele momento. E, quando Camuel percebeu a presença de Alexia, já era tarde demais. A vampira estava se direcionando ao encontro deles.

- Agarre-se em mim. – pediu ele, com urgência.

Melanie demorou alguns

segundos para entender a ordem; quando se moveu para executá-la, Alexia já a tinha em seus braços.

- Camuel, socorro! - Melanie gritou.

O vampiro saltou em uma desesperada propulsão atrás de Alexia, não permitindo que se afastasse. Alexia deixou à mostra suas presas mortais, para que Camuel soubesse que por elas teria seu fim, se as seguisse. Melanie mantinha suas funções motoras imóveis; a presença da vampira deixava-a paralisada de medo.

- Agora você não me escapa mais, animalzinho. – Alexia tinha o

ódio unindo as palavras.

Então, ela desceu até um descampado perto do monte que deu título à cidade. Precisava eliminar Melanie, antes de o sol nascer. A vampira jogou-a no chão. A garota caiu, desorientada.

- Por favor! Me deixe ir embora. – implorou Mel – Não me mate.

Alexia abriu um sorriso, evidenciando suas mortíferas presas.

- Quem disse que vou matá-la, animalzinho? Vou lhe dar um presente.

Alexia abaixou-se e puxou Melanie com força, quase

deslocando seu braço. A vampira aproximou-se da garota e, com o canto dos olhos, percebeu Camuel pronto para atacá-la. Alexia virou-se; com o braço, enlaçou Melanie pelo pescoço, deixando-a como um escudo entre ela e Camuel.

- Solte ela, Alexia! – ordenou Camuel – Agora.

- Posso fazer melhor, Camuel. Posso lhe deixar fazer as honras e transformá-la você mesmo. Não é isso que quer?

- Não desse jeito. Se ela, um dia, escolher esse caminho, será por vontade própria. Assim como eu fiz.

- Você pensa que me

enganou, me fazendo acreditar que eu não sabia que já há muito tempo você a vigiava? Eu sempre soube, idiota.

- Não me interessa isso agora. Solte-a, e resolveremos esse impasse nós dois.

- O destino dela está selado. Nasceu com o único propósito: o de se tornar uma vampira.

Melanie ouvia as palavras, mas o medo não permitia que raciocinasse corretamente. Ela só conseguia entender que, naquele momento, sentia uma dor profunda do lado direito do seu pescoço.

- Não! – gritou Camuel.

Ele tentou mais rápido que pôde chegar perto e tirar Melanie do abraço de Alexia. Camuel sofria por ver o sangue da garota escorrer entre os dentes da vampira. Poderia haver tempo de salvá-la, se a tirasse de Alexia. Mas, numa rapidez fora do comum até para um vampiro, ele sentiu seu próprio pescoço sendo perfurado. Thomas sugava seu sangue.

A cada passo dado, era como se a distância aumentasse ainda mais. A sensação angustiante de que Melanie não estava em seu campo de visão deixava Julian mais atormentado. Aonde o vampiro a

levara? Estaria ela segura? Julian corria, com passadas largas, buscando não perder a trilha do cheiro de Melanie. Angelique seguia-o pelo mato adentro. A loba esforçava-se ao máximo para acompanhar o primo, já que Julian parecia voar sobre o chão.

Quando chegaram próximo do monte, o cheiro de Melanie era inebriante. Estava diferente, forte, convidativo. Julian foi tomado por uma sensação difícil de evitar; sentia-se sedento. Angelique aproximou-se e sentiu a mesma sensação. Os dois uivaram, prontos para atacarem uma presa. Se antes

havia uma guerra em seu interior o consumindo, Julian, agora, parecia dominado. Melanie era o seu amor; não sua caça. Foi isso que o movimentou para defendê-la, quando avistou Alexia mordendo-a com voracidade.

O rapaz-lobo, com todo o fervor, lançou-se sobre Alexia, a fim de livrar Melanie de fenecer sob o domínio da vampira. Com as garras afiadas, Julian acertou-a nas costas; a vampira soltou Melanie e deu um salto tomando distância da fera. Thomas viu o ataque do lobo pardo e também soltou Camuel, que caiu inerte no chão. Elegantemente, como

todo bom inglês, Thomas levantou-se e foi até Melanie e seu protetor. No meio do caminho, Angelique saltou sobre ele, mas Thomas, com rápida percepção, desviou. A menina-loba parou perto do vampiro inglês e recebeu um golpe fulminante. A mão forte de Thomas penetrou em seu couro resistente, quase tirando um de seus órgãos para fora. A loba tombou, sem a mínima chance de reação. Julian estava indeciso, não sabia a quem proteger; Melanie ou Angelique? O lobo pardo corria perdido no mesmo lugar, apenas com os olhos fixos nos dois vampiros.

- Não era preciso ter acabado com meus guardiões, Thomas. – disse Alexia.

- Eles estavam mais atrapalhando do que colaborando. – respondeu ele - Você arruma outros, rapidamente.

- Pode até ser, mas não era preciso extingui-los em favor dessa criaturazinha que você tem por filha.

- Eu lhe pedi, Alexia. Eu teria que a iniciar.

- Não queira me julgar. Você cria essas situações e ainda quer dar as ordens. Eu faço o que quero e como quero. Depois de tantos anos, já devia saber disso.

- Se você a matou, vai se ver comigo.

- Confesso que foi tentador tirar a vida desse animalzinho. Mas ela ainda vai ser a garotinha do papai.

- Esse lobo é o filho de Cássius?

- O próprio. Irônico, não é?

- Eles ainda não estavam prontos um para o outro. Eu precisava tê-la preparado melhor.

- Que diferença faz agora? Ela será uma; ele, pelo que se percebe, morre de amores por ela. A profecia está se cumprindo, Thomas.

- Mas não do jeito certo,

como eu planejei. Não pode haver falhas de novo. Já perdi muito tempo.

- Não desanime. Se essa aí morrer, você tem outras para manipular.

- Não, Alexia. Tem que dar certo dessa vez. Por isso, investi muito nesse imprestável do Camuel. E como é decepcionante constatar que errei na escolha do vampiro para essa missão!

Camuel ouvia as palavras do vampiro inglês e desejava liquidar com sua vida, por ter sido enganado por tanto tempo. Thomas, assim como seu pai na antiga Inglaterra,

não se importava em destruir seus filhos em função de uma causa própria. Melanie era um experimento para Thomas, assim como ele poderia ter sido uma refeição para seu pai. Não tinham valor algum.

Camuel tentou se levantar, mas suas forças haviam abandonado o seu corpo. Perdera muito sangue; o vampiro que um dia lhe salvou a vida, há poucos minutos, quase a tirou, em definitivo.

Julian empurrava Melanie com o focinho e corria até Angelique, repetindo o gesto. O lobo pardo não sabia mais o que fazer.

Quem sabe, sua única alternativa seria atacar aqueles que provocaram tudo isso?

- Vamos embora, Thomas. – sugeriu Alexia, percebendo a noite mais clara, agora.

Os primeiros raios de sol começavam a surgir.

- Preciso levá-la comigo. Se ela ficar aqui, vai morrer.

- Então, teremos que matá-lo. – disse Alexia, referindo-se a Julian.

- Não, Alexia. Ele tem que viver, por enquanto.

A determinação de Julian era outra: vingar Melanie e Angelique. Assim, ele correu para onde Alexia

estava e, mais uma vez, jogou-se sobre ela. A vampira esperou pelo lobo pardo e contra-atacou com seus braços fortes. Julian, mesmo maior, era menos forte do que a vampira e sentiu seu corpo tombar, pesadamente, ao chão. Refeito, colocou-se de pé. Thomas viu nos olhos de Alexia sua intenção de tirar a vida do lobo pardo; se isso acontecesse, todo o seu empenho em forjar o cumprimento da profecia seria perdido.

Julian tomava posição para mais um ataque à vampira. Quando o lobo correu para atingi-la, Thomas interceptou-o, batendo forte contra

ele, mas o livrando das intenções de Alexia. Julian foi jogado longe e desmaiou.

Alexia lançou um olhar desaprovador para Thomas. Ele aproximou-se de Melanie e abaixou-se, intencionando erguê-la em seus braços. Então, olhou a alguns metros e viu a figura, cambaleante, de Camuel vindo em sua direção.

- Ainda vivo, Camuel?

- Largue-a, seu verme! Não vai fazer dela sua marionete.

- Perdeu o respeito junto de todo aquele sangue? Esqueceu que ela é minha filha?

- Ela pode ser tudo, menos

filha de uma escória como você.

- Não tenho tempo de discutir com você, agora. Meus propósitos são, justamente, para trazer benefícios para vampiros instáveis e fracos, assim como você. Tornar a nossa raça acima de todas.

- Não vai usá-la para pôr em prática esses seus delírios. Sinto raiva de mim mesmo, por não perceber quem você era. Jamais tomaria parte disso.

- Você serviu ao seu propósito, Camuel. - disse Alexia - Fez tudo como Thomas lhe pediu.

- Alexia tem razão. Está mais do que na hora de descansar. Não

acha? – completou Thomas.

- Como você deve ter feito com Cássius...

- Bom... Ele foi mais perspicaz do que você. Tive que dar a ele outra opção. Pelo que você deve imaginar, ele não aceitou muito bem. Então, está descansando em paz, desde então.

- Não deviam mexer com um lobo enraivecido.

- Todos que cruzaram meu caminho tiveram seu fim. Não sei como Cássius, tão inteligente, não conseguiu ver que eram os lobos que desapareciam cada vez mais. E os vampiros cresciam em graça e

abundância. E você cogitou ser um deles. Você é patético, Camuel!

- Com certeza, não deviam mexer com um lobo enraivecido.

- Está delirando, Camuel. Do que está falando? - perguntou Alexia.

- Deles.

Thomas e Alexia perceberam, enfim, do que Camuel falava ao ver Julian e Alexander seguindo lado a lado ao seu encontro. Os dois lobos rosnavam e mantinham os grandes olhos centrados nos inimigos. Foram se afastando um do outro, milimetricamente, com a nítida

intenção de cercarem os oponentes. Os lobos mudavam os passos, prontos para atacarem a qualquer movimento de fuga dos vampiros.

- Ainda vive meu irmão? – desdenhou Alexia – Você está me irritando.

Os vampiros eram rápidos, muito rápidos, mas os primeiros raios de sol batendo em suas peles pálidas causavam os primeiros efeitos desfavoráveis: suas forças diminuíram, consideravelmente. Thomas entendeu que havia apenas uma chance para fugir dos lobisomens; teria de escapar em um único e rápido salto pela retaguarda.

Ele retirou-se; precisava encontrar um abrigo, urgentemente, para se esconder do sol.

Alexia ardia em ódio por ver Alexander de pé; precisava tomar uma atitude definitiva antes de se esconder. Os lobos concentraram toda a energia nos tendões das patas traseiras, caso precisassem alcançar a vampira em um longo pulo. Alexia sorriu, ciente de que os dois lobos não seriam capazes de a atingirem. Tinha a mais absoluta certeza de que poderia escapar, sem complicações, se precisasse. Teve um momento de lucidez ao constatar os raios de sol sobre a pele do seu rosto. A vampira

sentiu dor. Alexander não escaparia de suas garras, mas não hoje. Virou-se para escapar e, enfim, abrigar-se do sol. Foi então que se deparou com os olhos enraivecidos de Angelique. Alexia sentiu em seu rosto o calor que procedia da boca, inteiramente aberta, da fera. Não teve tempo de mover um músculo e já estava com seu pescoço entre os dentes da loba. A vampira cedeu e suas pernas dobraram-se, ficando suspensa no ar. Os outros dois lobos assistiam ao fim trágico de Alexia.

- Eu falei para não mexer com um lobo enraivecido...

Camuel terminou a frase e

desmaiou, sentindo o rosto e as mãos serem tomadas por bolhas, que queimavam sua pele em função do sol que nascia.

Capítulo Trinta e Dois – Depois do começo

Era como se tivesse sido um ano ou um mês, mas o tempo que se arrastou impiedoso foi de apenas uma hora. Julian acordou nu, no esconderijo que o abrigara em diversas situações. Mas a desse momento era completamente diferente. Quando firmou os olhos,

tentando compreender o que estava acontecendo, Julian viu Angelique e Alexander adormecidos. Julian, ainda com a mente em total confusão, levantou-se e cobriu a prima com roupas velhas que permaneciam por ali. Ele não pôde deixar de notar a enorme ferida que Angelique tinha ao lado do corpo. Felizmente, a prima parecia se recuperar.

Alexander estava todo machucado também, tinha marcas de mordidas por todo o corpo, mas era forte e, certamente, recuperar-se-ia. Quanto à Melanie, ele não conseguia se lembrar com clareza. Lembrou de

tê-la visto nos braços do vampiro Camuel. Depois de seguir seu cheiro, até encontrá-la sendo atacada pela vampira loira. Julian vestiu-se, enquanto seguiu pensando no que acontecera com sua adorável Mel.

De repente, um gemido cortou o silêncio castigador do lugar. E o som que entrou em seus ouvidos poderia ser de Angelique ou, quem sabe, de Melanie em sua imaginação. Só que, ao depositar sua atenção na parte mais escura da caverna, Julian sentiu o coração sobrecarregar de adrenalina. Não era sua imaginação; Melanie estava

ali, deitada e sentindo dores. O menino-lobo foi ao seu encontro, agoniado. Ela estaria bem?

- Melanie, acorde!

As lembranças voltaram intensas e vívidas em sua mente. Mais ainda ao ver, a alguns metros à frente, o corpo de Camuel. Alexia havia mordido Melanie e deixado-a ali para morrer. Ele carregou-a até o esconderijo, e Alexander fez o mesmo com Camuel. Julian limpou todo o sangue da mordida da vampira, mas o líquido vermelho de Alexia já estava em sua corrente sanguínea. Melanie seria uma vampira em breve. Como, então,

poderiam ser felizes? Não poderia existir amor entre eles, nunca mais.

O amanhecer na fazenda revelou toda a devastação da noite mais tenebrosa que ali acontecera. Agnes, debruçada sobre o corpo de Marcus, chorava copiosamente, enquanto os outros familiares retiravam os corpos dos seus, espalhados por todo pátio. Agnes tinha ainda em mente a agonizante sensação de incerteza. Onde estariam e como estariam seus netos? Dentro do alojamento, Flávia também tinha em seu coração um aperto sufocante; Mel ainda não tinha voltado. Ela permanecia

sentada em uma das camas, vigiando o sono de Nicolas. Léo tentava, em vão, acalmá-la.

- Você precisa descansar, Flávia.

- Não. De jeito nenhum. Só depois que minha filha estiver comigo.

- Quando ela voltar, eu lhe aviso.

- Não, Léo. Meu coração está pequeno. Eu sinto que aconteceu alguma coisa.

- Não ajuda ficar pensando no pior. Tenho certeza de que ela está bem.

- Por que eu deixei tudo isso

acontecer?

- Não foi sua culpa. As coisas acontecem porque têm que acontecer.

- Se eu tivesse ignorado o que aquela mulher me pediu, e não tivesse passado nem perto daqui, isso não teria acontecido.

- Mas agora já aconteceu. É tarde para se lamentar. Você precisa se concentrar no bem-estar dos seus filhos daqui pra frente.

- Mas como poderei fazer isso, se nem sei onde minha filha está?

Léo não sabia mais o que argumentar; era doloroso para ele

presenciar o sofrimento daquela mulher. Flávia só teria paz quando colocasse os olhos em Melanie. Não poderia mais ajudar, além de estar ali ao seu lado. Havia aceitado, por hora, os pedidos de Flávia e Agnes para que não convocasse seus colegas da polícia. Por enquanto, estava fazendo vista grossa sobre o ocorrido. Mesmo porque não saberia como relatar ao delegado e aos demais companheiros tudo que se passara naquele lugar.

Um burburinho do lado de fora chamou a atenção. Notou em Flávia a mesma curiosidade. Levantaram os dois e seguiram até a

janela. A visão de Melanie, sendo carregada nos braços por Julian, não foi nada animadora para ambos.

Flávia saiu em disparada do alojamento, seguida de perto por Léo. Agnes correu ao encontro do neto que, custosamente, trazia Melanie, sendo auxiliado por Alexander.

- O que aconteceu? – perguntou Flávia, nitidamente em desespero.

- Ela foi mordida... – respondeu, olhando para Agnes – ...pela Alexia.

- Meu Deus! – lamentou, levando as mãos ao rosto, Agnes –

Leve-a para dentro do alojamento.

- Isso é muito grave? – perguntou Flávia, ainda mais desesperada.

- Não podemos perder tempo. Leve-a agora. – ordenou a matriarca.

Julian, cansado ao extremo, seguiu na direção do alojamento. Todos caminharam atrás dele.

- Vá até a cidade e traga a menina. – ordenou mais uma vez, mas agora para Elias, filho de Aurélio - E traga a enfermeira junto dela.

Elias compreendeu a mensagem e saiu, rapidamente.

- E minha neta? – perguntou Agnes a Alexander.

- Ela está bem, Agnes. Não se preocupe com ela. É uma jovem muito forte e valorosa. Está tomando conta de Camuel.

- Daquele vampiro que aqui esteve com você?

- Ele mesmo. Camuel está ferido e precisa muito dos cuidados da sua neta.

Agnes suspirou aliviada enquanto caminhava, rapidamente, atrás de Julian. O que importava, agora, era a vida da garota que ele carregava.

Mais uma vez, o tempo era

fator decisivo na vida de Melanie. O sangue cancerígeno de Alexia precisava ser extirpado de suas veias, antes de tomar conta, totalmente, do seu corpo. Agnes não era a pessoa certa para fazer esse procedimento; poucas vezes isso se fez necessário e, quando fora feito, os resultados não se mostraram favoráveis.

- O que vai fazer? – perguntou Flávia, abaixada ao lado da cama, passando a mão na cabeça de Mel.

Julian estava de pé ao seu lado. Alexander e Léo observavam tudo de perto.

- Vou tentar salvá-la. –
respondeu Agnes.

- Acho que seria mais
sensato levá-la a um hospital. –
opinou Léo, constatando o estado
lastimável de Melanie.

- Lá não saberão o que fazer
com ela.

- Desculpe-me, mas a
senhora sabe o que fazer? – insistiu
Léo.

- Se ela tem uma chance, meu
jovem, será aqui conosco que irá
conseguir, não em um hospital.

- Você concorda com isso? –
perguntou o investigador à Flávia.

Flávia limitou-se a acenar

positivamente com a cabeça. O que interessava para ela, naquele momento tão difícil, era a filha recuperada ao seu lado. Não importava de que maneira isso seria possível.

- Ok! – deu-se por vencido Léo.

O policial achou melhor se retirar e esperar do lado de fora.

- Julian, vai com o moço e espere lá fora.

- Nada disso, minha avó. Não saio de perto dela.

- É melhor você obedecer à sua avó, Julian. – sugeriu Alexander – Quanto menos gente aqui, melhor.

Você já fez tudo que pôde.

- Não posso abandoná-la.

- Não vai abandoná-la, rapaz. Ela vai ficar aos cuidados da sua avó e da mãe dela.

- Obedeça, Julian. – falou, irritada, Agnes – Agora!

Julian bufou e saiu contrariado, pois sabia que seria consumido pela agonizante sensação de impotência. O tempo andaria mais lento para ele. Alexander fez um sinal para a amiga Agnes, indicando que cuidaria de seu neto. Agnes agradeceu com o olhar. Alexander retirou-se.

- Como a senhora vai ajudar

minha filha? – Flávia tinha o rosto banhado em lágrimas.

- A vampira que a mordeu não é qualquer vampira. – respondeu Agnes, passando um pano molhado na testa de Melanie - Quando um vampiro quer transformar um humano em vampiro, ele morde o próprio lábio, para que seu sangue se misture com o da vítima. Se a vampira apenas a tivesse mordido, sua filha já estaria morta agora, porque perdeu muito sangue. Neste momento, ela vive porque seu corpo está sofrendo uma transformação. O sangue de Alexia está agindo como um vírus potente e muito resistente,

que a cada minuto elimina o sangue humano da sua filha, o transformado em sangue vampiro.

- Como pode ser revertido?

- Durante meus longos anos de experiência nesta guerra toda, apenas soube de relatos que ocorreram dessa natureza. Meu filho Cássius era quem tinha mais conhecimento sobre tudo isso. E, pelo que sei, poucas vezes se pôde reverter o que estava feito. Mas existe uma esperança.

- Esperança é tudo que eu tenho agora.

Agnes olhou na direção da porta e viu Elias entrando. Talvez a

esperança tenha vindo com ele.

A cidade de Monte Seco, a partir dessa data, definitivamente, tomaria outros rumos. Os boatos sobre a fazenda murada tomaram proporções astronômicas. Poucas eram as pessoas que conheciam os reais segredos que os muros escondiam. E estas tinham sua parte nos segredos, porque, de um jeito ou de outro, estavam também envolvidas.

Quando os vampiros invadiram a pequena localidade na noite anterior, Dona Carmélia, a simpática dona da pousada, sabia que muitos daquele lugar, enfim,

percorreriam a reta final de seus tortuosos caminhos. Quando amanheceu o dia, ela solicitou que seu velho amigo da oficina a levasse até a fazenda. No caminho, depararam-se com a filha da vizinha, Ariela, vagando um pouco confusa pela estrada.

Elias aproximou-se do leito em que Melanie recebia os cuidados de Agnes e de Flávia.

- Ela está aí fora. – avisou Elias.

- Como foi tão rápido, menino? – espantou-se Agnes.

- Não foi preciso ir até a cidade. Já estavam vindo para cá.

- Quem estava vindo? –
perguntou Flávia.

Agnes ignorou a pergunta.
Tudo bem que a mulher estava aflita,
mas ela perguntava demais!

- Trouxe a enfermeira? –
perguntou Agnes a Elias.

- Ainda não. Mas já estão
fazendo isso.

- Pede para entrarem.

- Sim, senhora.

Agnes sorriu, agradecendo
ao prestativo garoto. Elias saiu para
finalizar sua missão.

- Quem está aí? – insistiu
Flávia.

- Se você puder esperar só

um minuto, logo verá.

Flávia entendeu que a velha mulher não parecia contente com suas frequentes perguntas. Mas o que ela poderia fazer? Sua filha estava sobre aquela cama entre a vida e a morte. Precisava saber de todas as possibilidades.

Agnes ficou com a atenção voltada à porta, na expectativa da chegada dos que entrariam por ela. Isso não demorou muito a acontecer. Dona Carmélia entrou, trazendo certo alívio ao coração de Agnes. Flávia acompanhou a aproximação da dona da pousada.

- Agnes, vim saber como

você está.

- Nada bem, Carmélia. Como você mesmo pode constatar.

- Sinto por todos que você perdeu.

- Já perdi muita gente que amo nesta vida. E lhe digo uma coisa, jamais irei me acostumar com isso.

As duas abraçaram-se. Dona Carmélia, seguidamente, aproximou-se de Flávia e abraçou-a também.

- Como ela está? – perguntou Dona Carmélia, olhando para Melanie.

- Não sei como responder à senhora. Meu coração quer acreditar

que ela esteja bem, mas minha razão me desmente. – respondeu Flávia.

- Ela vai ficar, tenho certeza.

Não é, Agnes?

- Estamos esperando isso.

Mas a garota não tem muito tempo.

- Foi isso que minha neta disse. – confessou Dona Carmélia – A insistência dela em vir aqui foi um dos motivos de termos vindo tão cedo.

- Sua netinha está aqui? – perguntou Agnes.

- Está lá fora com Ariela.

- Sabe a importância dela nisso tudo?

- Sei, minha amiga. Mas

como ela poderá ajudar?

- Somente o sangue dela tem o poder de eliminar o sangue da vampira do corpo desta garota.

- Por isso ela está aqui.

Flávia estava totalmente perdida com a conversa das duas senhoras. Agnes não gostava de suas indagações, mas ela obrigou-se a perguntar.

- Como a senhora sabe de tudo isso, Dona Carmélia?

- Quando vi você entrar de novo pela minha porta, lembrei-me de tudo que aconteceu com a sua família, de quando sua irmã morreu, e que você foi embora com a

criança. Até da velha empregada que também morreu logo em seguida.

- Isso que é estranho... Foi um telefonema dela que me fez vir até aqui. Como é possível?

- Personificação de voz, querida. – respondeu Agnes – Um velho truque de vampiro.

- Alguém queria sua filha aqui. – completou Dona Carmélia.

- Mas por que tudo isso? Justamente com a Melanie!

- Porque, como você mesma sabe, o pai dela não é um pai comum. – continuou Agnes – Portanto, o sangue dela é mais raro do que os raros. E só o sangue de

alguém igual a ela poderá ajudá-la.

- Raíssa? – perguntou Flávia.

- Minha filha, a mãe da Raíssa, teve o mesmo destino que sua irmã. Apaixonou-se por um vampiro, engravidou dele e morreu ao dar à luz. Eu fiquei arrasada, perdida, como você ficou. Agnes me ajudou a superar essa perda e a lidar com minha neta.

- Por que a senhora não me falou sobre isso antes? Eu teria dado meia-volta e desaparecido com meus filhos.

- Entenda, Flávia: ninguém esperava que algo assim fosse acontecer. E eu tinha medo de lhe

falar alguma coisa, e você me considerar uma velha maluca.

Agnes avistou Elias apontar na entrada. Ele sinalizou que a enfermeira da cidade já estava na fazenda.

- Vamos deixar a conversa para depois. – pediu Agnes – Agora precisamos salvar a vida desta criança.

Flávia tinha muitas dúvidas, mas as palavras de Agnes eram as mais verdadeiras a serem ditas naquela hora. Salvar Melanie era o mais importante.

A inquietação de Dona Carmélia era totalmente aceitável;

permitir que coletassem sangue da neta era algo, no mínimo, preocupante. Mas a vida de uma jovem estava em perigo, e isso precisava ser considerado. Não era uma jovem comum; era uma garota igual à sua neta. Quantos iguais a elas poderiam existir em todo o mundo? E, se fosse Raíssa deitada naquela cama, precisando de ajuda? Seria Flávia capaz de fazer as mesmas concessões que ela fazia? Dona Carmélia martirizava-se em pensamentos, mas aceitara o pedido de Agnes para retirar um pouco do sangue da pequena Raíssa.

A enfermeira fez a coleta.

Raíssa, sempre sorridente, tinha noção do que estava se passando com Mel. Apesar da pouca idade, a menina compreendia que ambas eram pessoas diferentes, especiais; e que só ela poderia fazer isso pela garota que se hospedara na pousada da avó.

A enfermeira entregou para Agnes a seringa com o sangue de Raíssa. Imediatamente, a mulher aproximou-se da cama de Melanie. Julian, vendo tudo de fora, entrou para acompanhar os procedimentos de perto.

- O que eu lhe falei, Julian?
— perguntou Agnes.

- Para que eu ficasse lá fora. Mas me desculpe, vó. Não saio de perto dela nem que me tirem à força. Por favor, me deixe ficar aqui com ela.

Agnes olhou para Flávia, pedindo permissão para a presença do neto. Julian acompanhou seus olhos na direção de Flávia.

- Eu suplico, por favor, não me peça para sair. – disse ele, olhando para Flávia – Preciso ficar aqui segurando a mão dela, para ela saber que eu não a abandonei.

Flávia não teria coragem de pedir para que Julian se retirasse. Ainda mais, vendo tanta devoção da

parte do rapaz. Alexander contou que Julian carregara-a sozinho, uns dois quilômetros, mais ou menos. Não permitiu que Alexander a carregasse, mesmo quase pedendo as próprias forças.

- Pode ficar. — autorizou Flávia.

Julian esboçou um sorriso triste e agradeceu com os olhos. Flávia percebeu que ele tinha o mesmo olhar da avó. O homem-lobo abaixou-se, beijou a testa de Mel e sussurrou em seus ouvidos:

- Você vai voltar para mim, Melanie. Eu estarei aqui, bem do seu lado, quando você acordar. Você vai

ficar boa, eu sinto... Sabe por que eu sei disso? Porque eu a amo por hoje e por toda a vida.

O tempo corria, e Agnes precisava prosseguir. Flávia olhou a seringa na mão da mulher e tremeu.

- Tem certeza de que isso é o certo? – perguntou ela – Não é mais perigoso ainda?

- Se não tentarmos alguma coisa, sua filha morre. É isso que quer?

- Não. Claro que não. Mas é complicado para mim imaginar uma situação dessa longe de um hospital.

- Pense bem. Não vou fazer isso contra a sua vontade. Se você

preferir, pode levá-la daqui para um hospital. Mas acredite: só o sangue pode trazer a salvação.

Flávia engoliu em seco. O maior dos seus medos, o de perder um filho, estava diante do seu rosto. Talvez Léo tivesse razão, e Melanie devesse ser levada a um hospital. Mas as situações inimagináveis que ela acompanhou, na noite anterior, jamais seriam aceitas por um médico, ou por qualquer pessoa, que não as tivesse presenciado. Precisava acreditar na mulher que os acolhera na situação mais difícil que já tiveram.

- Fazendo isso, ela sara?

- É o que eu espero.

- Ok! Que Deus nos ajude.

- Preciso que levante a camiseta dela. – pediu Agnes.

- Levantar a camiseta? Mas onde você irá aplicar?

- No único lugar que fará efeito; no coração.

Flávia levou as mãos ao rosto. Estava sentindo o seu coração espremer-se. Isso estava ficando intolerável.

- Ou é no coração, ou não conseguiremos trazê-la de volta.

Flávia fechou os olhos e respirou fundo. Não poderia declinar agora. Ela olhou para o

rosto de Mel e passou a mão pelos seus cabelos.

- Te amo, filha. Me perdoe, se estiver errada.

E ergueu a camiseta da filha; Agnes entendeu como um sim. Julian segurou forte a mão de Melanie e colou-a em seus lábios. A senhora passou a mão pelo peito da garota e identificou o lugar certo para aplicar o sangue salvador. Com todo o cuidado, ela perfurou a pele e introduziu, lentamente, a agulha. O sangue de Raíssa começou a descer pela seringa.

Capítulo Trinta e Três – Mas você nem vai saber

Quando tudo começou, Melanie acreditava que perderia suas preciosas férias, mal ela sabia que poderia perder muito mais. Sempre teve a sensação estranha de que alguém a vigiava, ou de que estava predestinada a ser ou a fazer algo muito especial. Jamais imaginara que se tornar uma vampira e estar apaixonada por um lobisomem fariam parte desse contexto.

Flávia manteve, furtivamente, segredos tão valiosos e só os revelou quando não existiam

mais alternativas. Segredos que traziam respostas, mas nem sempre precisas ou verdadeiras. O mundo de Mel era falso. A mãe que ela imaginava ter não era sua mãe biológica. O pai que ela tanto desejou conhecer não era nem um pouco o que ela esperava que fosse. Era um vampiro. Mas não um vampiro qualquer e, sim, um dos piores que poderia existir, um monstro. Mas, quando Melanie conheceu aquele garoto tão lindamente devotado, seu mundo criou asas e voou para uma realidade com o qual ela jamais sonhara. Voou para os braços de

Julian.

Durante quase uma semana, Mel recebia em seu coração um pouco do sangue de Raíssa e, em seus lábios, todo o amor de Julian. Até que seus olhos abriram-se em uma tarde de sol. E o sol não queimou sua pele, nem feriu seus olhos. Melanie era a mesma garota humana que pôs os pés em Monte Seco.

- Nossa! Nossa! Nossa!
Você acordou. – disse, feliz, Ariela.

Melanie, ainda um pouco confusa, conseguia identificar o rosto redondo da amiga. Ela quis se mover, e Ariela interveio.

- Nada disso, mocinha. Fique aí deitadinha. Recomendações quase médicas.

- Onde eu estou? – perguntou ela, com a boca seca.

- Na fazenda, ora!

- Estou com muita sede.

Ariela prontificou-se, pegando uma jarra com água que estava na mesinha ao lado da cama. Ela encheu um copo e ajudou Melanie a beber um pouco.

- Quanto tempo eu dormi?

- Quase foi para o Guinness, bela adormecida. Você ficou assim durante uma semana.

“Uma semana?” – pensou

Melanie – “O que teria acontecido durante todo esse tempo?”

- Onde está todo mundo?
Minha mãe? Julian?

- Ai, meu Deus! Coitado dele. – Ariela levou uma das mãos à boca.

- O que aconteceu? – perguntou, preocupada, Melanie.

- O pobre não desgrudou daqui desta cadeira todos esses dias. Ficava aqui a vigiando noite e dia, esperando você acordar. Mas, hoje, a sua mãe e a avó dele pegaram no pé do coitado para que ele fosse descansar um pouco. E olha a surpresa aí; você acordou, bobona!

Melanie não saberia calcular o tamanho da felicidade que sentiu naquele momento. Julian, seu amado Julian, esteve ali ao seu lado por todo esse tempo. O que mais ela poderia desejar?

- Sua mãe e seu irmão estão ótimos. – continuou Ariela – Seu irmão está se dando bem com as outras crianças, e sua mãe você sabe... Aquele policial já veio aqui, uma três ou quatro vezes, com a desculpa de ver você. Mas nós sabemos muito bem em quem ele veio botar o olho.

Melanie sentia o corpo dormente, mas isso não era

problema. Ela divertia-se com a empolgação de Ariela contando os fatos como se fosse a Revista Contigo.

- Depois você vai ver como está a casa da avó do Julian. Está ficando melhor do que era. Quer dizer, antes não era grande coisa, estava bem acabadona. Mas, agora, com ajuda das pessoas da cidade, está ficando linda! E como são as coisas, menina! O povo está pensando que foram uns baderneiros que botaram fogo nela e ficaram solidários. Se bem que eu acho que a maioria queria a chance de vir até aqui, para saber melhor dos

detalhes.

Melanie deu-se conta dos barulhos que vinham do lado de fora. A reconstrução da casa parecia estar a mil. Ela esticou o pescoço em direção à porta, tentando vislumbrar alguma movimentação a respeito disso. Viu algumas pessoas passando com ferramentas, tábuas, carrinhos de mão cheios de tijolos e outros materiais de construção. E viu uma garota de costas que chamou sua atenção. Quem seria ela? Jovem, esbelta, corpo bonito e cabelos castanho-escuros, abaixo dos ombros.

- Quem é aquela?

Ariela saiu da cadeira e olhou para a direção que Melanie indicava.

- Aquela de calça jeans e blusinha verde?

- Essa mesmo.

- Você não a está reconhecendo?

- Não. Senão, não lhe teria perguntado.

- Ah! Deve ser pelo cabelo. Foi Camuel que sugeriu. Disse que realçaria os olhos dela, e ela ficaria mais bonita do que já é. Essas coisas... Imagine que ela não iria acatar as sugestões; depois disso, ficou toda faceira...

- Quem é ela, Ariela? –
cortou Melanie.

- Esqueci-me de dizer quem é, não é? Aquela é a Lava Girl... Quer dizer, ex-Lava Girl, Angelique.

- Angelique?! Nossa, mas está tão diferente!

- Ela mesma. E está dizendo por aí que agora é uma nova mulher. Ela até me inspirou com esse discurso todo. Hoje mesmo eu falei pra ela que vou começar uma nova dieta, a dieta da lua. Não sei por que ela riu.

Impossível não rir,
considerou Melanie. Dieta da lua tem tudo a ver com uma loba mesmo.

- E Camuel e os outros que estavam com ele? – perguntou Mel, evitando usar a palavra vampiro. - Estão bem?

- Faz alguns dias que não sei mais nada deles. Mas você sabe, vaso ruim não quebra, minha filha. Apareciam aqui todas as noites. Acho que ficavam de dia no esconderijo do Julian, ou lá no velho seminário. O tal Camuel andava cheio de desculpas de que os comparsas da tal loira falsa, a Alexia, poderiam voltar e isso e aquilo. Mas ele vinha mesmo para ver a Angelique.

- Falando de mim, Ariela? –

disse Angelique, entrando – Bem, eu espero.

- Óbvio. Quando que eu falo mal de alguém?

Angelique aproximou-se da cama.

- Você está bem? – perguntou ela para Melanie.

- Já tive dias melhores.

- Eu olhei lá de fora e percebi que você havia acordado e mandei avisar sua mãe e o cabeçudo do meu primo. Ele recomendou que, se você piscasse o olho, era para chamá-lo. – Angelique olhou para Ariela - E não ficar enchendo você com conversa fiada.

- Opa! Nem vem. Eu só estava passando os detalhes mais importantes para a Melanie.

- Ariela estava me contando sobre Camuel e os outros. Pelo que entendi, não estão mais por aqui.

- Sumiram de repente. – revelou Angelique – Alexander, Camuel e todos os vampiros.

Nisso, um grupo de pessoas sorrindo invadiu o alojamento. Agnes, Nicolas, Raíssa, Eliézer, Wladmir, Léo, Dona Carmélia, Flávia e Julian. Dentre todos os sorrisos do grupo, o de Julian foi o mais radiante. Os olhos de Melanie encontraram-se com os dele, e o

ambiente encheu-se do amor recíproco que sentiam. Julian quase atropelou as mulheres antes de se ajoelhar junto à cama. Novamente, ele entrelaçou seus dedos com os de Melanie, beijou seu rosto delicadamente e assoprou palavras em seus ouvidos.

- Você voltou para mim, Melanie! Então, voltei a ter a minha vida de novo.

Mel não conseguiu responder; as palavras pararam em sua garganta. Ela apenas confirmou com os olhos que seus sentimentos alcançavam os dele.

- Oi, meu amor. – disse

Flávia, com lágrimas de alegria –
Você não imagina o quanto me
deixou angustiada!

- Imagino sim, mãe.
Esqueceu que sou sua filha? Sei bem
como você é.

Além da incerteza quanto à
melhora de Melanie, outra
preocupação de Flávia era a
insegurança sobre os sentimentos da
filha para com ela. Melanie, agora,
sabia que era filha de Fernanda e,
não, dela. Como reagiria? As
palavras da filha, naquele instante,
foram mais do que consoladoras;
pareciam terapêuticas.

- Como se sente, querida? –

perguntou Agnes.

- Hum, com fome, com sede, cansada de ficar deitada. - disse Melanie, rindo.

- Não podia ser diferente. – completou Léo – Coisas típicas de uma adolescente.

Melanie ficou feliz de rever o rosto sorridente de Léo. Estava barbeado, cabelo com gel e camisa num tom azul-claro, combinando com a calça jeans. Parecia um garotão. Era mais do que certo que toda aquela produção tinha endereço: os olhos de sua mãe.

- O que aconteceu de verdade? – perguntou ela.

- Creio que teremos muito tempo para deixá-la a par, Melanie.
- respondeu Agnes.

- Isso, filha! - completou Flávia. - Agora você precisa descansar.

- Sem chance. Segundo a Ariela, estou deitada aqui há uma semana. Já descansei demais; não acha?

- O que você precisa saber por hora é que está a salvo. - continuou Agnes - Alexia não irá mais lhe importunar. Quanto aos seguidores dela, por enquanto, parece que desistiram. Mas não sei se será assim tão fácil se livrar

deles. Devem estar só dando um tempo para se recomporem.

- E, quando isso acontecer, Wladmir estar esperando.

Todos riram da sinceridade do russo. Ariela riu alto e pensou: “Hum... Se ele fosse mais novo... E mais baixo também... Ah! E um pouquinho mais bonito...”

- Não vão contar o grand finale? – provocou Angelique.

- Posso contar? Deixa! Deixa! – pediu Ariela, quase pulando.

Flávia sorriu e sinalizou que sim.

- Então, amiga. Sabe onde

você vai morar? – Ariela fechou os punhos na expectativa de que Melanie não acertasse e não se conteve - Aqui mesmo em Monte Seco!

Mel olhou para Julian e deu de encontro com seu sorriso largo. Olhou para Flávia pedindo confirmação.

- Bom, só por um tempo, eu acho. – revelou Flávia – Perdi meu emprego em Curitiba e arrumei um aqui no laboratório do hospital.

- Vai mexer com aqueles potinhos de coleta. Credo! – disse Ariela, com cara de nojo – Eu ouvi a conversa com aquela enfermeira.

Melanie nem prestou muita atenção; depois do “só por um tempo” da mãe, concentrou-se em Julian. Ficar perto dele era a melhor novidade que poderia lhe acontecer. Quando cruzaram seus olhares, mais uma vez, Melanie e Julian entenderam que precisavam conversar a sós. Tinham muitas palavras a dizerem um para o outro. Muitos planos a serem feitos. E aquela multidão toda ao redor de Melanie não permitia que isso fluísse.

- Julian, preciso sair desta cama. – decidiu-se ela - Você me leva para dar uma volta?

- Não, mocinha. – adiantou-se Flávia – Tem que ficar deitadinha.

- Mãe, por favor. Não faça isso comigo. Eu estou bem, e Julian me ampara se eu precisar.

- Ela tem razão. – concordou Julian – Eu cuido dela; prometo.

Flávia olhou para Agnes solicitando ajuda. E a avó sorriu para os dois.

- Acho que não tem problema. Ela parece bem. Mas apenas aqui no pátio.

A mãe cruzou os braços; ela considerava que a mulher proibiria e não daria permissão. Julian não

perdeu tempo e, com todo o cuidado, auxiliou Melanie a levantar da cama. Léo deu um cutucão de leve em Nicolas e sinalizou a porta de saída; o garoto piscou para o policial e fez o mesmo com as demais crianças. Léo puxou Flávia pelo braço e conduziu-a até a porta. Ela caminhava discutindo com si mesma. Os demais também foram se retirando, dando espaço para que Mel pudesse sair. Julian arcou seu corpo e permitiu que Melanie laçasse seu pescoço, e ele segurou com delicadeza a sua cintura.

- Pronta para um novo começo?

- Pronto para tudo que vier!
— respondeu ela, dando os primeiros passos.

- Este é o primeiro dia até o fim das nossas vidas. E, em nenhum deles, me permitirei ficar longe de você.

- É uma promessa?

- Sim; é uma promessa.

Julian completou a frase ciente dos acontecimentos da lua cheia, mas estava disposto a cumprir a promessa a todo custo. O amor e o cuidado que sentia por Melanie tinham que ser maiores do que sua maldição de família.

Os dois atravessaram felizes

o pátio da fazenda; ali, muitas pessoas tinham seus afazeres na reconstrução do lugar. Melanie olhou em direção à rodinha de crianças que brincavam felizes. Não existiria melhor lugar no mundo para uma garota estar.

Raíssa percebeu Melanie e Julian passando abraçados e sentiu o amor que exalava dos dois. Ela sorriu e aproximou-se de Eliézer, o filho caçula de Aurélio que, dali a alguns anos, seria um garoto-lobo. Ela beijou sua face.

- Quando a gente tiver a idade deles, Eliézer, vou casar com você.

FIM